

PATRÍCIA MELO



FOGO-  
FATUO

ROCCOINHA

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

PATRÍCIA MELO

FOGO  
FATUO

ROCCO HIA

Para Jane Belucci, que iluminou este caminho.  
E para Johnny, sempre.

# SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

## [Prólogo](#)

## [Parte 1](#)

- [1](#)
- [2](#)
- [3](#)
- [4](#)
- [5](#)
- [6](#)

## [Parte 2](#)

- [1](#)
- [2](#)
- [3](#)
- [4](#)
- [5](#)
- [6](#)
- [7](#)
- [8](#)

## [Parte 3](#)

- [1](#)
- [2](#)
- [3](#)
- [4](#)
- [5](#)
- [6](#)
- [7](#)
- [8](#)

9

Epílogo

Créditos

A Autora

# PRÓLOGO

“Imagine as estrelas ao redor”, diz Fábio Cássio à jornalista, apontando a montanha de pico alto que domina a paisagem. “Digo sempre: ela é a minha Artesonraju particular.”

A jornalista é jovem, não tem experiência, e sorri para esconder a ignorância.

Eles estão sentados na varanda da casa em Campos do Jordão, onde “o ar puro dá comichão nas narinas”, diz Olga, a mãe do ator, uma viúva hiperativa, que acaba de colocar chá e bolo de amêndoas na mesa de apoio. Enquanto serve os dois, ela fala que o grande talento do filho é este: o de ver estrelas onde não existem. “Ele é assim: enxerga o símbolo da Paramount Pictures no que, para nós, é apenas uma montanha da Mantiqueira.”

Para a moça, o chá está ótimo. E o bolo uma delícia. “Fale mais sobre essa sua qualidade”, ela diz.

“Acho que é o lance de ser filho único. Cresci sozinho”, ele responde. “Cara, sempre achei meu mundo muito mais interessante e mais rico do que o mundo de vocês. O mundo real. O mundo do IPTU. Odeio IPTU. Odeio oficina mecânica, loja de material, essas coisas reais, inflação, Down Jones, passo mal se tenho que entrar no mundo das filas. Meu mundo sempre foi outro.”

Olga concorda: “Totalmente outro.”

“Lembro que meus amigos na escola não perdiam a Punky Brewster na televisão, lembra da Punky Brewster? Você não é do tempo da Punky Brewster. Eu era diferente. Adorava a Punky, mas nunca fui plateia, cara. Eu ia para o quintal e montava meu próprio programa de televisão, o He-Man e seus convidados, eu fazia o papel do apresentador, o do próprio He-Man, e também o dos convidados: a princesa do universo, She-Ra, e todos os Masters of the Universe, além do pessoal do Thundercats e da Caverna do Dragão, e, óbvio, Punky Brewster. Sem falar da turma do Chaves, que, na minha opinião, é o Chaplin sul-americano.”



Faz uma pausa para ressaltar o que tem a dizer: "Chaves é coisa muito séria, cara." E conclui: "Foram anos exercitando minha imaginação, investigando as minhas possibilidades. Tudo isso, num plano lúdico. Eu não tinha nem 10 anos, mas o trem já estava andando, já havia ali, naquele momento lúdico, um ator em busca de personagens. Lembro que gostava especialmente de representar o episódio 'Chaves em Acapulco'. Você está rindo, mas a verdade é que tudo isso me deu muito repertório e uma técnica própria de interpretação."

A admiração explícita da moça incendeia a verve do ator, ser admirado, paparicado, ser observado, fotografado, tudo isso o estimula, está tão à vontade que decide fazer algumas revelações: seus fãs não imaginam que o duplo b de Fábio é devido a "um lance cabalístico" que ele não sabe explicar, "porque cabala é uma parada muito doida, sem conhecer aramaico, você jamais vai perceber a complexidade do todo". A jornalista solta um "uau!" e pergunta se Fábio fala aramaico. "Ainda vou me dar esse luxo de presente", ele diz, pensando que antes terá que aprender inglês. "Mas só depois que minha peça sair de cartaz."

"O interessante", diz a moça, "é que você fez *A ferro e fogo*, e agora está fazendo *Fogo-Fátuo*. Fogo é o seu elemento?"

Ele nunca tinha pensado nesta coincidência. Fogo lá e fogo aqui. Mas ele é ar. Libriano. Com ascendente em câncer. "Como Jeff Goldblum, sabe aquele ator vesgo? O cara é completo: o cara canta, o cara toca, o cara é foda! Mas tem isso também: o que alimenta o fogo?"

"Madeira", ela diz, insegura. Ele começa a rir. "Madeira não é elemento astrológico. Estou falando do meu signo. O ar do libriano alimenta o fogo, ar, sonho, magia. Por outro lado, a água do câncer controla o fogo."

Ela já tem o início da matéria na cabeça: vai comparar o efeito daqueles olhos azuis com o de uma porrada no meio da fuça. O problema será dizer isso de um modo elegante. "Você simplesmente não entende aquela beleza toda", vai dizer. E vai descrever o corpo dele assim: "uma arquitetura perfeita de músculos, com um tórax que parece o escudo de um guerreiro medieval, fincado como coroa

num par de pernas de tirar o fôlego.” Para quebrar a informalidade da matéria.

Ela não consegue deixar de admirá-lo, que homem, que dentes, que simpatia, e esse é o tipo de comportamento que “destrava alguma coisa” dentro dele, “só pode ser isso”, ele diz. “Você me faz querer falar.” Agora, por exemplo, ele quer contar a história do teste que marcou profundamente a sua vida de ator.

“O Alfredo Marcos, que hoje me dirige na peça, era o responsável pelo cast. Eu queria muito o papel do sindicalista homossexual, era uma nova produção da Rede Espetacular que prometia bombar no horário nobre. Fui chamado para o teste. Quando cheguei ao estúdio, encontrei uma fila que dava a volta na esquina. Nunca tinha visto nada parecido. Você sabe: mundo real, filas, odeio isso. Travei total. Esperei cinco horas até chegar a minha vez. Quando entrei no set de gravação, já havia outro ator me esperando. Ele levou o dedo à boca, pedindo silêncio. Nisso, notei que a equipe técnica já estava gravando. Esperei um, dois minutos, até que o ator, depois de pigarrear, tirou um maço de cigarros do bolso e perguntou se eu fumava. Eu disse não, sem entender patavina do que estava rolando. Nisso, o Alfredo Marcos, que eu não conhecia até então, saiu de trás das câmeras dizendo ‘muito obrigado, seu teste acabou’. Eu fiquei ali, sem chão, ali com minha calça vermelha novinha, comprada para a ocasião, o sindicalista homossexual fervendo dentro de mim, as falas decoradas, os trejeitos de bicha de armário estudados, havia esperado uma eternidade, e recebo uma chapaletada na cabeça tão grande que em vez de reclamar, de perguntar sobre a cena que haviam me mandado estudar, em vez de reagir, de fazer qualquer coisa, virei as costas e fui embora, não sem antes agradecer, com toda a educação que dona Olga me deu. Hoje, que somos irmãos, Alfredo diz que fez o mesmo com todos os candidatos – na verdade, ele copiou o teste do Dustin Hoffman em *A primeira noite de um homem* –; ele queria um ator que se revoltasse, que clamasse por seus direitos, que o obrigasse a gravar a cena proposta pela equipe de produção, e, como não fiz nada disso, ele concluiu que eu não estava preparado para o papel de

sindicalista. Lição que aprendi e que passo adiante: não adianta desejar a fama. Você tem que lutar por ela.”

Olga intervém para dizer que o caminho de seu filho até o sucesso foi muito penoso. “Primeiro porque a profissão de ator no Brasil é hereditária. E nesse sentido Fábio é um pé-rapado. Ele é ator porque nasceu ator. E, depois, meu filho tem um defeito horrível, escreva isso aí: ele é bonito. E aqui, diferentemente dos Estados Unidos, os diretores têm preconceito contra a beleza. A beleza no Brasil é sinônimo de mente rasa, é sinônimo de falta de talento. Como uma pessoa pode ser bonita e ainda por cima saber atuar? Isso é como ser cantor e ator. Não aceitamos. Escritor e ator? Nunca. Nos Estados Unidos, se você é ator e cantor de hip hop, muito bem, você é o máximo. Mas o brasileiro caipira não aceita os híbridos: você é bonito ou você é bom. Se é bom e feio, ótimo, a feiura faz o contrapeso para o talento. Tem que ter resultado zero, essa é a fórmula nacional:  $+1 -1 = 0$ .”

Se há algo que motiva Olga, é a gargalhada do filho. Quando ele começa a rir, e rir do que ela está dizendo, ela se sente como se tivesse duas, três bocas para dizer tudo o que pensa: “Às vezes, claro, esses diretores ficam impressionados com a beleza de um ator. Dizem: tirem a camisa e vamos gravar. Então você grava 200 capítulos, descamisado e, se tudo der certo, se as empregadas domésticas – que agora não são mais domésticas, porque o Brasil está finalmente deixando de ser escravocrata –, se as telefonistas de telemarketing gostarem da sua cara, do seu papel, talvez você vire um galã. Com permissão apenas para isso: para ser o bonitão, o par romântico da gostosona. Com muita sorte, depois de 10 anos gravando sem camisa, talvez você consiga o papel de vilão – geralmente reservado aos feios, você sabe, atores de teatro xexelentos. Mas, antes que isso aconteça, você tem que ser muito bonzinho, sofrer muito, de amor, claro, e, se fizer isso bem direitinho, eles nunca vão reclamar por você estar vendendo iogurte para intestino preguiçoso. É esta a vida de um ator televisivo. E aí do galã, aí do galã que decide encarar um Shakespeare no teatro. O Brasil não aceita isso. Presta atenção: para fazer Hamlet neste país, para ser aceito como Hamlet, você tem que ser um ator horrível.”

Aí, seu Hamlet é bom. Aí você convence. Mas se você é bonito, pronto, não é Hamlet. É farsa. É pretensão. Bonito é péssimo. É charlatão. Não ria: a beleza sempre foi um fardo para Fábio. Fosse americano, teria se transformado automaticamente num Brad Pitt. É esse o país em que vivemos, onde até beleza é desvantagem.”

Fábio só para de rir quando a mãe começa a acertar as contas com os críticos de teatro. Não é um bom caminho, ele pensa. Mas ela não consegue deixar o assunto de lado. Está farta do que andam escrevendo sobre o filho nos jornais. Está com eles até as tampas. “Ratos”, ela diz. “Por acaso a repórter teve a oportunidade de ler alguma destas críticas? Eles não respeitam nada. Até o grande Drieu la Rochelle foi reduzido a pó. O amigo antisemita do Man Ray: é assim que descrevem o autor da peça do meu filho.”

Agora a jornalista está confusa, *Rain Man*? O filme? Melhor nem perguntar. A mulher na sua frente arregala os olhos, furiosa: “Dizer que Fábio está risível no papel de um suicida? Por quê?”

“É uma comédia?”, responde a moça, insegura.

“Querida, não é uma questão de gênero, mas de princípios. Para esses jornalistas de dentes verdes, a ideia de conflito existencial, de suicídio e morte não se coaduna com a beleza do meu filho. Fábio Cássio só pode ser galã de novela das oito. Só pode ser feliz. Não pode interpretar um suicida, não estamos nos Estados Unidos, onde Marylins Monroes se matam de verdade. Aqui só os feios se matam. Essa é a mentalidade da nossa crítica. O pior de tudo é que esses vermes têm de fato o poder de acabar com a carreira de um espetáculo. São esses arremedos de crítico, esses piolhos do jornalismo, que se formam em universidades com nomes tão estrambóticos como FAMECISP ou ESUCOM que acabam por não permitir o surgimento de uma Broadway nacional. A crítica no Brasil é política de terra arrasada. Sempre digo para meu filho: ‘Sabe aquele projeto na gaveta? Que nunca vai adiante? Ele é a alma de todo crítico brasileiro.’”

É neste ponto que a repórter decide encerrar a entrevista: “Podemos fazer algumas fotos no jardim?”

Agora a revista, com Fábio Cássio na capa ao lado da mãe, está nas mãos das senhoras que chegam em bandos ao foyer do teatro Alexandre Herculano. De cima dos seus saltos, frenéticas, elas procuram por Olga.

Nem mesmo Cayanne, a mulher do ator, uma nissei recém-alçada à condição de celebridade graças a sua participação em *As gatas e os nerds*, é capaz de fazer sombra à matriarca. A presença de Olga no foyer faz parte do sucesso da temporada. Ninguém sabe exatamente como a moda começou, mas agora é assim: não basta àquelas mulheres supermaquiadas, frequentadoras de comédias escatológicas, ver Fábio Cássio ao vivo. O autógrafo e a fotografia tirada no celular também não são suficientes. É preciso também conversar com Olga, tirar fotos com ela, para o programa ser completo.

Por isso, o público se frustra com sua ausência naquela sexta-feira chuvosa. O prenúncio da tragédia, no entanto, vem mais tarde.

Logo após a entrada do ator no palco, seguida do mesmo coro fremebundo de mulheres na plateia, que estalam uníssonas, como se fossem uma sinfonia de bolhas numa panela de água fervente, há um longo silêncio, desses que acabam se tornando perigosos num teatro.

“O que esta besta está inventando?” pergunta Alfredo Marcos, da coxia, estranhando a novidade. Alguns tosse, as cadeiras rangem, e finalmente alguém grita “começa!”. A produção, temendo o pior, puxa aplausos, que acabam numa ovação histérica, com gritos Lindo! lindo!, e o espetáculo tem início com o personagem se drogando num banheiro infecto de um café parisiense.

Segundo escreveu depois um crítico presente, cuja opinião sobre o espetáculo foi alterada com a tragédia, “havia algo que transcendia o texto e que fez com que a performance contida e profunda de Fábio Cássio não deixasse nada a desejar à atuação de Maurice Ronet no filme *Trinta anos esta noite*, com roteiro e direção de Louis Malle, baseado no texto de Drieu la Rochelle”.

A percepção da produção foi outra. Até o meio do espetáculo, Fábio estava desconcentrado, esqueceu algumas falas, desrespeitou as marcações de Alfredo Marcos.

Soube-se mais tarde – e foi a própria Olga quem contou a história, no depoimento que prestou na delegacia – que naquela tarde Fábio ficara muito abalado com a morte de Godzilla, um pastor-alemão adotado por Cayanne no canil do bairro, depois de ter sido amarrado na traseira do carro do antigo dono e arrastado por vários quarteirões.

“Pode a morte de um animal de estimação desencadear um quadro depressivo grave?”, pergunta-se na imprensa no dia seguinte. Especialistas debatem o assunto, especulam, mas nada consegue esclarecer o que de fato se passou naquela noite de sexta-feira.

Faltavam 20 minutos para as 10, quando Fábio começou o monólogo final da peça. O suicídio é um fim quase previsível para um texto que começa com a frase “sempre me acusei de ser eu mesmo”<sup>[1]</sup> e tem a morte como tema central. O público não se surpreendeu quando Fábio Cássio tirou o revólver do armário e, sentado no chão de seu quarto, de costas para a plateia, estourou os miolos. Veio o blecaute final e os aplausos começaram.

Muitos espectadores ficaram impressionados com a realidade da cena, “cheguei a ver o sangue jorrando”, declarou uma vendedora de telemarketing.

Foi uma senhora sentada no meio da primeira fila quem acionou o alarme. A palma de suas mãos já estava ardendo de tanto aplaudir quando ela sentiu o cheiro de sangue. Abaixou o olhar e viu no seu tailleur novo uma gosma avermelhada e pontilhada por algo que parecia uma geleia branca. Dias depois, os peritos confirmariam que o material era um pedaço do cérebro de Fábio.

---

<sup>1</sup>. Drieu la Rochelle.

# PARTE 1

Não é câncer ou insuficiência renal. Não é coração. É outra coisa, ela pensa, é uma fortuna de 12 bilhões de neurônios começando a ser dilapidada. É também uma doença metafísica que, para alguns, vem junto com a aposentadoria. A rapidez com que tudo acontece é assustadora: num dia, você é o chefe da casa. No outro, anda de pantufas, sem objetivos, esquecendo coisas, e de repente já estão enfiando pílulas na sua boca, controlando o que você gasta, o que você come. Pelo menos com seu pai foi assim. Aos poucos, o velho foi se curvando, encolhendo, apagando. É disso que ele vai morrer em breve. Na verdade, já está morrendo. Dia após dia, ela o vê apodrecendo, como uma árvore centenária que só precisa de uma boa tempestade para tombar. Seu censor interno vem apitando há tempos: está chegando o dia. Ela odeia ter ciência do fato, mas tem. Por esta razão inventou aquela viagem. O pretexto são os 80 anos do patriarca. Para ela, porém, é uma despedida secreta. Não quer que ele se vá sem isso: sem conhecer aquela terra, aquela arena, sem ouvir todos aqueles cantores.

Da mesa onde está, Azucena Gobbi vê os pais saltarem do elevador e caminharem em direção oposta ao restaurante. Damaso avança em passos mínimos, inseguro, os olhos miúdos grudados no chão. A mãe vai na frente, com sandálias ortopédicas que fazem seus pés parecerem maiores.

Quando Azucena se levanta para resgatá-los, os turistas das mesas ao lado se viram para olhá-la. Não é bonita. Mas tem um tipo atlético, longilíneo, e olhos azuis que desviam a atenção do nariz com o ossinho saltado que ela tanto odeia.

Com um aperto no coração, ela se dá conta, mais uma vez, de que aquele homenzinho lá na frente, seguindo a esposa como um cachorro obediente, não tem mais nada a ver com o delegado de Guarulhos da sua infância, o velho leão carcamano – como era



conhecido na cidade. “Pai”, ela diz, aproximando-se pelas costas. “É do outro lado”, indica.

Agora, com Damaso apoiado no braço direito, ela volta para o restaurante, seguida pela mãe, que reclama do ar-condicionado.

O dia foi intenso. Logo cedo, Washington, delegado titular da Central Paulista de Homicídios – onde ela coordena o Setor de Perícias –, telefonou para checar o calibre da arma que matou três policiais no centro da cidade. Estou de férias, ela teve vontade de responder. Mas conhece bem a engrenagem que entra em movimento em tempos de crise, quando aumenta o número de homicídios na cidade. Já aconteceu outras vezes: o governador toma conhecimento dos índices negros e começa o dia dando porradas no secretário de Segurança, que, num efeito dominó, pressiona o delegado titular, e este, por sua vez, mete as botas na equipe da Central. Mas o botão play da engrenagem é a imprensa. E a imprensa está dando o maior destaque para a matança de policiais que vem ocorrendo na cidade.

“Agora os caras estão de sacanagem: começaram a comparar São Paulo à Colômbia”, disse Washington. Poderia ser pior, ela sabe, poderiam falar em estado falido, não falta muito para chegarem lá. Washington é obrigado a baixar todo dia no gabinete do secretário para prestar contas. “Como se São Paulo fosse pior do que o resto do Brasil, e não o contrário. Como se matássemos mais. Não somos João Pessoa. Não estamos no Rio de Janeiro. As facções criminosas daqui estão acéfalas. Não há um comando unificado. Que história é essa de falar em guerra? Esses escrotos”, ele disse, referindo-se aos jornalistas. “Esse bando de alarmistas estão fodendo a minha vida.”

Na entrada do restaurante, ela nota um senhor grisalho, acompanhado de uma mulher bem mais jovem. “É o regente da *Aída* que vimos ontem”, cochicha no ouvido do pai. A ópera é a única coisa capaz de injetar algum ânimo no velho. Por um momento, o rosto de Damaso se ilumina. Na comemoração de aniversário, estão incluídos ingressos para *La Bohème* e *O Barbeiro de Sevilha* na arena de Verona.

Não foi possível reunir todos os Gobbi. Giulia, a irmã caçula, vai mal no curso de biologia e permanecer em Guarulhos nas férias da

universidade é seu castigo. Na realidade, se Giulia não fosse uma boa estagiária na perícia da Central, Azucena pensaria duas vezes antes de descartá-la da comemoração. Humor ácido, radiância juvenil e um jeito saltitante de surgir e desaparecer de cena fazem da garota um eficaz antídoto contra a pasmaceira dos encontros familiares e um verdadeiro contrapeso a Ana, a irmã do meio, em início de gravidez, que acaba de se juntar a eles no restaurante. O zumbi do celular. É esse o apelido que Azucena lhe deu na viagem. A Central está entupida de pessoas como Ana, gente sem estamina, embotada, que não consegue tirar os olhos da tela de seus celulares, gente que tecla o tempo todo, tecla enquanto fala com você, tecla enquanto dirige a viatura, tecla enquanto carrega o cadáver, gente que tecla mais do que vive, mas o caso de Ana, ela pensa, com sua alienação, sua monumental falta de assunto, parece próximo à idiotia.

Prometeu a si mesma não se irritar com ela, nem com a mãe. Mas tem sido difícil. Quando o garçom vem tomar o pedido, Jandira dá um show à parte. Fala português pausadamente, num tom acima do necessário, como se estivesse diante de uma criança surda. Confere cada prato, preço, faz conversões do euro para o real e, por fim, declara estar sem fome.

Desde que chegaram, Azucena notou algo inédito: Jandira se comporta como se o marido não estivesse presente. A inversão de papéis é clara: agora que o leão perdeu os dentes, a dona de casa quer se vingar de uma longa vida de submissão.

Quando os pratos chegam, Damaso está identificando as fotos que cobrem as paredes: Callas, Franco Corelli, Mirella Freni, Carlo Bergonzi Pavarotti, Renata Tebaldi, Ghena Dimitrova, Giuseppe di Stephano e Maria Caniglia. Está alegrinho, a memória lúcida, certamente é o vinho se espalhando no sangue, ela pensa, enchendo outra vez a taça do velho. Jandira avisa: vai contar tudo para o doutor Alceu. Repete a ameaça cinco, seis vezes, durante o jantar: "Se ele tiver outro ataque de amnésia, o problema será seu." Não foram muitos episódios. Quatro, e bem pontuais. Num domingo, ele esqueceu o caminho de casa, ao voltar do jogo de gamão na praça. Em outra ocasião, esqueceu Jandira no cinema.

O médico foi bem claro: "Seu pai não tem Alzheimer. É outra doença, chamada velhice."

A mãe não aceita a decadência do marido. Se fosse perita, pensa Azucena, já estaria resignada. Os peritos envelhecem rápido. Os delegados também.

"Feliz aniversário, papai", ela diz erguendo a taça e se esforçando para criar um clima de celebração naquela noite.

Antes de saírem para a arena, toma coragem, vai até a mesa ao lado e pede um autógrafo ao regente. A jovem no microvestido que acompanha o maestro, meio de pileque, dá um beijo ao lado da assinatura. São amantes, Azucena percebe.

"Ela também quis autografar", diz ao pai, ao mostrar o papel arrancado de sua agenda, onde se lê: "*To Damaso, most sincerely, Gilbert Wannick.*"

As ruas da cidade estão tomadas por japoneses, coreanos e russos. São turistas. Não estão ali por causa das óperas. Querem se divertir, e a ópera é uma espécie de torre Eiffel que devem conhecer e fotografar. Acorrem à arena, em rebanhos, esperando ver efeitos cênicos, desfile de tropas vencedoras, engolidores de fogo, prisioneiros etíopes, elefantes e cavalos, ou qualquer cena grandiosa.

Ana e Jandira vão à frente, parando nas esquinas onde africanos, recém-chegados à Itália, vendem réplicas de bolsas da Gucci e da Prada.

Azucena e o pai caminham de braços dados. Ele não entende como o regente da ópera a que assistiram na noite anterior foi capaz de colocar o coro de costas para a plateia. De onde vem uma ideia dessas?

"Do diabo", diz a filha. "Não dava para ouvir nada."

Momentos depois, a família está acomodada na plateia. São 16 mil pessoas na arena, e cada uma delas segura uma lanterna ou um isqueiro aceso, criando um efeito grandioso. Quando o palco é transformado no café Momus e a choldra parisiense entra em cena, trazendo bandeiras, bicicletas, pernas de pau, balões, fogos de

artifício e todos os recursos para levar o público ao delírio, Azucena olha para o lado e vê que o pai dorme.

Fábbio observa sua imagem no grande espelho do elevador. Mãos no bolso, olheiras. O que está acontecendo, ele não sabe dizer, mas há um clima bem estranho no ar. Sua cabeça parece uma caixa de abelhas. Porventura, sua mãe teria razão sobre o cachorro? Um cão de feiura espantosa que grunhe em vez de latir? Talvez o bicho emane energias nocivas. Que têm a ver com aquelas fotos nojentas. Com as mentiras de Cayanne. Uma coisa é certa: Cayanne está mentindo adoidado. E a história já começa a vazar. Naquela manhã, dando um rolê pelos sites dos famosos, encontrou uma foto da mulher, passeando nos Jardins, uma flecha vermelha apontando para o dedo anular, sem aliança. O veneno logo abaixo, em letras vermelhas: "Ela está solteira?"

De repente, ele se dá conta de que não acionou o ascensor. É só ver sua imagem em espelhos que fica assim, paralisado. Vai precisar de uma tonelada de pepinos para retirar aquelas olheiras. Mas o cabelo está bem cortado, admite.

Garagem, ele pressiona. Regra de ouro: não adianta tratar bem os jornalistas. Se hoje eles querem mostrar o charme do seu estilo de vida, sua coleção de relógios e sua receita de risoto com pera e taleggio, amanhã só vão se acalmar depois que flagrarem você vomitando na sarjeta.

A mãe insiste que ele consulte um advogado. "Se é para separar, é melhor não deixar carne no arame farpado. Proponha um acordo de sigilo e não deixe que ela saia sem nada. Mulher rancorosa é maledicente."

Na garagem, dá de cara com um homem usando uniforme da segurança. "Você é novo aqui?", pergunta, desconfiado.

O rapaz não tem cara de segurança. Parece mais um desses fães fodidos da academia do Djavan. E se não for somente impressão, e se estiver de fato sendo seguido? Dias atrás teve um sonho

impressionante: um velho sádico, como o que viu naquelas fotos, surgindo nos bastidores do Alexandre Herculano para dizer: “Estou aqui para cobrar.” Sinistro.

Entra no carro, acopla o celular no sistema de som e dá partida. *I want a girl with fingernails that shine like justice*. Enquanto atravessa as ruas do bairro Higienópolis escuta John McCrea cantar *Short skirt, looooooooooong jacket*. Devia mostrar a canção para sua psicanalista. O que espera desse relacionamento? Ela perguntou na última sessão, depois que ele teve coragem de revelar que não consegue sequer uma ereção meia bomba com Cayanne. *I want a girl with smooth liquidation*. Lá estava Vera de novo com o papo da ausência de paridade: ele, bem-sucedido, Cayanne, no papel de coadjuvante, ele, com uma supermãe protetora, ela, rejeitada pela família. “É uma assimetria histórica”, ela disse. O que ele gosta em Vera são as palavras que ela usa. Tem notado: a psicanálise é um mar de palavras e expressões novas. Lúdico. Adora essa. E zona de conforto. Causam grande efeito nas entrevistas. E Vera sabe explicar as coisas. “Falta de paridade é Cayanne caindo no precipício e você passando num avião. Conhece a música?”, ela perguntou. “Ou Cayanne irrompendo do bolo na sua festa de aniversário.” *She is fast and thorough*. Ele não teve nada a ver com aquilo, foram seus amigos que prepararam a surpresa no seu aniversário. Seu erro foi não ter enfiado Cayanne de volta no bolo de isopor. Fez tudo errado, é verdade. Caiu no golpe da “boceta mágica”, e não exigiu nada da garota nem mesmo que ela jogasse fora a agenda cheia de nomes de executivos que frequentavam o café Image. Regra de ouro: nunca se case com uma vadia.

No farol, uma menina que vende doces o reconhece e começa a dar gritinhos. A caixa escapa de suas mãozinhas pequenas, balas, bombons e chicletes se esparramam no asfalto. Ele manda beijos, mas não abre a janela. Da última vez que deu autógrafo em farol, acabou sendo assaltado.

No arranque, teme amassar os doces da garotinha, mas o que pode fazer? A questão, ele pensa, a questão é que sente saudades, morre de saudades daquela Cayanne lá de trás, aquela Cayanne do começo, disponível e cheia de energia, que saía nas fotos ao seu

lado, correndo no calçadão, jantando nos restaurantes do Leblon e sambando nos camarotes da Sapucaí. Ele nunca vai se esquecer da maneira como ela olhava para ele. Um olhar de fé, de adoração, como se ele fosse um super-herói. Foi por isso que ele começou a apresentá-la como “minha mulher” antes mesmo de saber quantos anos ela tinha. Cadê aquela Cayanne? Que fazia seu pau parecer um trem assassino, uma flecha desbravadora, onde está aquela Cayanne? Aquela Cayanne que topava as maiores loucuras? Djavan, o canalha, disse tudo a seu respeito: “Ela é boceta da mãe natureza.”

Dói lembrar da noite em que entraram de mãos dadas na passarela vermelha do Grande Prêmio da Televisão Brasileira. Naquela gala, coalhada de fotógrafos, foi como se estivessem subindo ao altar, se casando de verdade. O casal mais bonito da noite, eles escreveram nos dias seguintes. Em toda revista, todo site, em todo lugar se lia: o casal mais bonito da noite. Que não trepa há mais de dois anos, ele completa, involuntariamente. E aumenta o volume. *And sharp as a tack*. O que ele recorda daquela fase é que as coisas não aconteceram como um processo. Não foi assim: três, dois, um, nada de contagem regressiva. Foi quase um susto, as gravações da novela mal tinham começado e, pluf, a magia sexual desapareceu. De uma hora para outra. Para ele, apenas. Assimetricamente. No início, achou que seu desejo estava apenas soterrado embaixo da tonelada de cenas que tinha que gravar diariamente, mas o tempo passou, e as coisas só pioraram. Foi sua a péssima ideia de bancar o voyeur, e logo com Djavan. Ali foi o início da derrocada. Agora chegaram à fase “mentira deslavada”. Ela mente que vai viajar. E ele mente que vai ao médico para falar de disfunção erétil. Mais volume. *I want a girl with eyes that burn like cigarettes*.

O telefone toca, é sua tia. Não atende. Sabe perfeitamente o que a doida vai dizer. Sabe como ela vai atacar Cayanne com sua metralhadora de palavras. Não está nem um pouco a fim de escutar. Oportunista. Vagabunda. E conselhos, como se ele não soubesse, como se ele precisasse da experiência da tia para aprender a superar o fim do casamento.

*Looooooooooooong jacket.*

Quando John McCrea acaba de descrever a mulher ideal, ele se dá conta de que há uma Toyota SUV azul na sua traseira. Aumenta a velocidade, faz sinal para entrar na Rebouças e a Toyota o segue. Muda de pista, em direção oposta, mas não consegue se ver livre do caçador. Estão tentando assustá-lo, ele pensa, avançando o sinal, bem no início da Paulista. Pelo retrovisor, vê que a SUV não consegue fazer o mesmo. Do motorista, ele só consegue ver a barbicha.

Cauteloso, passa duas vezes na frente do número 57 da rua Haddock Lobo para checar se está seguro. Da terceira vez, entra pela garagem do edifício Champs-Élysées, usando o código enviado para o seu e-mail, e estaciona na vaga do apartamento 505.

Quando salta no quinto andar, Melanie está esperando no corredor, com shorts curtíssimos e sandálias de salto. Ela o puxa pela mão para dentro do apartamento e vão direto para o quarto.

É a quinta vez que se encontram. A primeira foi na festa na casa do jogador Nico Sousa, que ele conheceu no quadro "Eles versus Elas" do programa de domingo da Rede Espetacular. Havia um montão de garotas contratadas para a festa de Nico, todas muito bonitas e donas de um book largado em uma agência de modelo qualquer da cidade, mas ele gostou do jeito que Melanie dançava, de olhos fechados, girando e cantando e batendo palmas de forma ritmada, como se não houvesse mais ninguém naquela pista. "Eu tomei ácido", ela contou mais tarde, depois de tê-lo masturbado no banheiro, e cobrado 500 reais por um boquete, dinheiro que ele teve que sacar às pressas num caixa automático.

Desta vez, ele deixa as notas de 100 no criado-mudo, antes mesmo de tirar a roupa. Não está acostumado a pagar. Quando tem que pagar, sente-se um tanto humilhado. A verdade é que desaprendeu de ser cobrado. Se você é famoso de verdade, as pessoas ficam doidas para que você apareça no restaurante delas. Na loja delas. Ficam malucas para que você use as roupas que elas fabricam. Imploram para que você tenha o novo modelo de telefone que estão lançando. Imploram para que você aceite tudo o que elas



podem oferecer. Em troca, você só tem que parecer íntimo. Dar uma paradinha na festa deles, e deixar os fotógrafos trabalharem. Também é bom você dizer, quando enfiam o microfone na sua cara, que adora tudo aquilo, aquele relógio, aquele design, aquele blazer, aquelas pessoas.

O sistema de permuta é uma das grandes vantagens da fama. Nenhum de seus amigos da Rede Espetacular paga por móveis, roupas, cortes de cabelo, ou viagens. Mas as prostitutas não fazem parte do sistema de permuta das celebridades. Elas cobram seu preço, e Melanie vale cada centavo. Primeiro, porque não é nada diferente das atrizes que conhece. É tão bonita como Andriessa Velaskes e Virna Borges, para dizer o mínimo. Na verdade é até melhor que elas, porque não abandonou a escola na quinta série. Além de ser uma deusa do sexo. Boceta linda, toda depilada, só mesmo um fiozinho de pelos no púbis, como o bigodinho de Hitler. Sua boca é praticamente um aparelho perfeito de sacanagem: lambe, sorve, cospe. Fala obscenidades em seus ouvidos. Ela se esforça de verdade, é ágil, monta a cavalo, grita, puxa os cabelos dele. Mete as unhas. Geme. De quatro, arrebita as ancas. E depois desmonta, ajoelha, faz qualquer negócio. E, no final de tudo, ainda diz quase carinhosamente: "Que fofo, seu pau é cor-de-rosa." É nesse momento, exausto e encharcado de suor e desânimo, olhando para seu pênis desidratado como uva-seca, que ele a afasta com delicadeza, e desiste.

Agora estão lado a lado. A vantagem de pagar é essa, ele pensa. Não tem que sentir culpa, nem explicar nada. E ainda por cima pode inverter a situação e perguntar por que uma menina linda... "Sem essa", ela responde. E arremata: "A vida é muito complexa, cara. Sai dessa."

São 3:10 da manhã e ele está com fome. Não quer se sentar sozinho a uma mesa de restaurante, e também não está nem um pouco a fim de voltar para casa. "Vamos comer um cachorro-quente na Lanchonete Paulista?", pergunta.

Melanie concorda, mas avisa que o "taxímetro continua rodando". No carro, ela o impressiona com seus conhecimentos sobre hot dogs. Explica que Baby é "um dog animal com molho de tomate

feito com tomates de verdade”, e que “os melhores hot dogs são os do General Prime Burger, preparados com a salsicha Eder. Você conhece a salsicha Eder?”

Ele tem a impressão de ter feito propagandas para salsichas, mas não lembra se eram Elder. “Eder”, ela corrige, antes de explicar que “o melhor pão é o do Pedrinho Dog, na São Bento. Você conhece o Pedrinho Hot Dog?” “Não”, ele responde. Ela ri à beça: “Paulista que não conhece o Pedrinho Hot Dog! Cara, em que planeta você vive?” Planeta Espetacular, ele pensa. Mas não responde.

Um frenesi toma conta da Lanchonete Paulista quando os dois entram e escolhem uma mesa ao fundo. Notívagos semiembriagados e recém-saídos de baladas-tecno começam a se cutucar. “É ele.” Alguns até se levantam para espia-lo. “É ele mesmo!” O garçom vem correndo e, na ânsia de servi-lo, quase tropeça nas próprias pernas. Vai pedir autógrafo, ele sabe. A situação faz com que ele se lembre do bóson de Higgs. Por isso decide que está cansado de ouvir Melanie pregar sobre salsichas e decide ensinar o que sabe sobre a partícula de Deus. “Imagine que este local está cheio de elétrons e átomos”, ele diz. “Odeio átomos e elétrons”, rebate Melanie. Mas isso não o desestimula. “Eles, os átomos sem função, estão na Lanchonete Paulista, bebendo cerveja, comendo hot dog, sem muita razão de ser. Então, eu, o bóson de Higgs, entro em ação e o que acontece? Tudo ganha um novo sentido, porque sou o centro das atenções, entendeu? Há uma nova orientação para os átomos e elétrons, que querem me fotografar e pedir meu autógrafo.” Ele tenta contar da maneira como viu os cientistas no YouTube usando o exemplo de George Clooney, mas na verdade teme não ter entendido bem a metáfora e não sabe exatamente no que resulta a euforia dos átomos diante do ator americano. Nesse sentido, a chegada do gerente é providencial. A presença do ator “é uma honra para o nosso estabelecimento”, ele afirma, cheio de cerimônia. Tem a aparência bem-comportada e respeitável dos pedófilos, ele pensa. Sempre pensou que os pedófilos fossem descabelados, mas agora sabe: eles mantêm cada fio de cabelo no lugar. Pelo menos, foi isso que ele viu naquelas fotos.

Alguém na mesa ao lado toma coragem e vem pedir um autógrafo, abrindo o caminho para os que estavam pensando em fazer o mesmo.

Enquanto assina seu nome em guardanapos de papel, folhas de Zona Azul e velhos recibos perdidos em fundo de bolsas, é tomado por um profundo sentimento de bem-estar. Está aí algo que faz com prazer: autografar.

Os Babies chegam, acompanhados de batatas fritas. Melanie está impressionada com o assédio. “Eu não gostaria de ser famosa”, ela diz, sem nenhuma convicção. Desse tipo de papo furado, ele tem preguiça. Todo mundo quer ser famoso, e quem fala o contrário está mentindo. A fama é a verdadeira cidadania, a cidadania real do ser humano, ele pensa. Sem a fama, você é como aquelas pessoas do auditório, aquelas pessoas que aplaudem e mandam beijo para quem está em casa, assistindo no sofá. E que formam filas, nos dias de semana. A verdade, ele pensa, é que fazer sucesso é melhor que foder. Mas isso não diz para ninguém. Muito menos para Melanie, cujo nome verdadeiro ele nunca vai saber.

Ele levanta os olhos do sanduíche, quer chamar o garçom para pedir outra Coca-Cola, e vê o barbicha da Toyota, à sua direita, disparando cliques numa máquina fotográfica digital. Só pode ser ele. Quem o contratou? O homem parece o encanador que esteve no seu apartamento, dias atrás. Ou foi na academia do Djavan que ele viu aquele bode? Se estão querendo intimidá-lo, não vão conseguir, ele pensa. Com o sangue pulsando nas têmporas, levanta-se, e vai em direção aos flashes. Sabe que não deve agir, chega a parar no meio do caminho, chamando ainda mais a atenção dos fãs, ao mesmo tempo em que é fotografado em cliques sucessivos. Finalmente parte para cima do homem, sorrindo, porque sabe que sempre sobra uma foto, e ele não quer aparecer arreganhando os dentes. Enquanto tenta apagar o arquivo da máquina que agora está em suas mãos, tem o cuidado de falar baixo porque é bom que a conversa não saia dali: “Avisa aqueles putos que não tenho medo.”

Os garçons se aproximam, como se quisessem protegê-lo, mas ele sabe que estão só se divertindo. Escândalo de ator é sempre um

show especial. O gerente chega esbaforido, tenta acalmar os ânimos, leva-o de volta para sua mesa. Mas nesta altura, nem lhe passa pela cabeça comer hot dogs. Abre a carteira, já sabendo que não vão cobrá-lo. Era só o que faltava, pensa, enquanto faz a pantomima. “É uma honra para a nossa casa”, diz o gerente-cara-de-pedófilo, depois de pedir desculpas pelo incidente.

Melanie leva o sanduíche na bolsa, mas ele só pensa em sair dali o mais rápido possível. Perdeu completamente o apetite.

A pelagem preta e brilhante é o que restou da tragédia. Depois de ter sido arrastado pelo antigo dono por dois quarteirões, quase não se pode mais dizer que Godzilla ainda é um cachorro. Parece uma anomalia, uma clonagem malfeita de um torso com cabeça de unicórnio. Tem um “troço” no meio da testa. Só abre um olho. Não rabeia nem rosna. Anda com dificuldades, arrastando o que restou da pata esquerda, e qualquer movimento brusco o deixa atrofiado de medo. Ele achou que acabaria se acostumando com o monstro, mas ultimamente não consegue encarar o animal. Levanta-se do sofá e tranca Godzilla no lavabo.

Depois volta para o computador e continua o trabalho que começou de madrugada. Abre arquivo por arquivo, checa seus conteúdos e copia os que lhe interessam num pen drive. Inclusive as malditas fotos. O resto é apagado. A última coisa que precisa na vida é de um programa espião coletando informações dos seus e-mails e agenda. Ou um hacker. Já aprendeu a lição. Agora tem suas próprias armas.

Deveria tentar dormir, mas continua sem sono, apesar de serem nove horas da manhã. Quando pega o celular para chamar sua mãe, soa a campainha do telefone fixo.

“Você viu o que saiu no *São Paulo Cultura?*”, pergunta Olga do outro lado da linha.

Ele responde que não e a mãe continua: “Não é capa, está na página três, mas é grande. Meia página. A chamada é: *‘Fogo-Fátuo*

– *O lado intelectual de Fábio Cássio.* Não sei se isso é elogio ou se estão de sacanagem.”

Fábio quer saber se há fotos ilustrando a reportagem.

“Você se maquiando no camarim. E suas declarações estão em destaque: ‘O Fábio Cássio galã não existe. O galã é como um super-herói, só existe na mente das pessoas. O que existe é o Fábio Cássio real, que tem conflitos e leva porrada da vida.’ A que você estava se referindo?”

“Esqueça.”

“Outra: ‘Eu me doeie ao personagem de Drieu la Rochelle. Temos em comum essa inquietação. E não gosto de envelhecer. Como ele.’”

“Está em destaque?”

“Mais uma: ‘Meu próximo desafio é Shakespeare. Cada vez que leio *Hamlet* é como se Shakespeare estivesse me convidando para uma parceria.’”

Isso o faz pensar que precisa ler Shakespeare. Ao menos *Hamlet*. Ou o mercador-não-sei-o-quê. Nos tempos de cólera.

Os dois conversam mais um pouco sobre a matéria antes que Fábio conte do episódio com o fotógrafo.

“Acho que consegui apagar algumas fotos”, ele diz.

Ficam em silêncio por um instante, e depois combinam de almoçar juntos no Ritz da alameda Franca.

O barulho vem da cozinha. Fábio acorda num sobressalto. São 11:30 da manhã. Uma pequena mala está junto à porta. Ele se levanta, descalço, e encontra Cayanne em frente à geladeira, com um copo de água na mão.

“Você está indo dormir ou acordando?”, ela pergunta, depois de fazer uma careta divertida.

“Estava esperando você.”

Cayanne tem uma cabeleira volumosa, brilhante, com pequenas mechas clareadas artificialmente, no mesmo tom acobreado da sua pele. Os olhos asiáticos no rosto brejeiro causam o mesmo efeito que um Papai Noel de calção de banhos. É um choque. Para Fábio,

é exatamente neste estranhamento que está a beleza daquela mulher.

“Tenho uma novidade”, ela diz.

“Como foi em Marília? Vocês fizeram as pazes?”, ele pergunta, querendo saber até onde ela é capaz de seguir adiante na mentira.

“Por minha mãe, já estaria tudo bem. Mas meu pai é cabeça-dura. Ele ainda acha...”

“Que você é uma prostituta”, completa Fábio, num ímpeto. Imediatamente, percebe o erro de sua tática. Tem que evitar confrontos se não quer que ela saia por aí dizendo que ele é broxa. É incrível, ele pensa, o que essas putas dizem, depois da separação. Quando ela vira as costas, ele a segue pela casa, pedindo desculpas.

Na sala, com uma voz que demonstra cansaço, ela diz, com toda a clareza, que quer a separação. É um troco, ele pensa. Pelo “prostituta” que sem querer deixou escapar. Agora ela está fazendo um discurso enorme sobre como está farta de “tentar tudo e não conseguir nada”. Farta de tentar e fracassar. Farta de ser chamada de puta sempre que eles brigam. Farta de tentar colar aquele casamento, de tentar ser modelo, de tentar ser atriz, de tentar conseguir o perdão dos pais, está se esforçando ao máximo, dando “tudo de si” e finalmente quando “chego em casa superfeliz para contar que fui escolhida para *As gatas e os nerds*, tenho que ouvir o meu marido me chamando de vagabunda”.

Um blá-blá-blá muito comovente, ele pensa, para quem não sabe que ela é uma puta de uma mentirosa. Quer ver até onde ela consegue levar aquela farsa adiante, e segue se desculpando, dizendo que gostaria de ter ido a Marília, gostaria de conhecer os pais dela, ajudar na reaproximação. “Não dou a mínima para o fato de eles serem sitiantes pobres.”

Ela suspira, que papo é aquele? “Você por acaso ouviu o que eu disse? Fui selecionada para um reality show, que na verdade não é um reality show, é uma experiência de vida”, ela diz.

“Primeiro quero saber como vão os morangos do seu pai”, ele insiste.

Ela franze os olhos, como se aquilo fosse uma brincadeira.

“Seu pai não planta morangos?”, ele pergunta.

“Qual o seu interesse nisso?”

“Gosto de morangos. Quero saber se a safra vai ser boa.”

Ela não responde, evita os olhos dele.

“Seu pai perdeu todo o morango”, ele grita, de repente, chutando para longe um banquinho marroquino, cheio de pedras que a consultora do feng shui orientou a colocar ali.

Ver os corais e cristais caídos lhe dá um péssimo presságio, e imediatamente ele se joga no chão para recolhê-los. Agachado, olhando-a de baixo, conta que localizou o número de telefone da família na lista de assinantes de Marília e falou com a mãe dela. “Foi surreal”, ele diz. Eu me apresentei: “Moro com sua filha, dona Irina. Muito prazer.” Ela já sabia de tudo. Claro que não foi por você. Há três anos e meio sua mãe não tem notícias suas. De vez em quando, uma vizinha do sítio aparece com revistas, e ela se tranca no banheiro para ver nossas fotos, escondida do seu pai.”

“Você não fez isso.”

“Foi ela que me contou dos morangos.”

Ela apoia a cabeça entre as mãos.

“Você não vai me dizer nada?”, ele grita.

“O que você quer que eu diga?”

“Onde você esteve nestes três dias?”

“Então me responda: você foi ao médico como me prometeu?”

Lá vem o papo de disfunção erétil novamente, ele pensa.

“Você não foi ao médico. Claro que não. Você não está nem aí para mim. Para nossa vida.”

“Você estava na casa do Cláudio.”

“Do que você está falando?”

“Do Cláudio, meu produtor.”

“Meu Deus! Foi sua tia quem inventou essa história? Você agora fala com aquela vaca?”

Fábbio sente uma vontade louca de dar um tabefe em Cayanne. É o que ela merece. Mas esbofetear Cayanne, depois de ter brigado com o barbicha, não parece uma boa ideia. Não quer ser como certos atores que ficam conhecidos por espancar babás e fotógrafos.

“Vamos deixar uma coisa bem claro”, diz Cayanne, “Cláudio está me ajudando com os contatos dele.”

“Vamos deixar outra coisa bem claro: o Cláudio tem uma etiqueta na bunda onde está escrito: ‘produtor do Fábio Cássio’. É isso que ele é. Os contatos que ele tem são os meus contatos. Sem mim, ele não é nada.”

Ao ouvir o barulho do cachorro arranhando a porta do lavabo, Cayanne se levanta.

“Eu ainda não acabei”, diz Fábio.

“Que barulho é esse?”

“Senta aí, porra.”

Cayanne vai até o lavabo, abre a porta e Godzilla sai mancando. “Você trancou o Godzilla?”, ela pergunta, perplexa. “Você tem coragem de trancar esse cachorro no escuro, depois de tudo o que ele passou? Tem alguma coisa errada com você”, ela diz. “Você não está bem da cabeça.”

Cayanne deixa a sala, levando sua mala de mão.

Fábio tenta alcançá-la, mas tropeça em Godzilla, e, quando chega ao quarto, ela já trancou a porta.



“Este país está mudando, é verdade. Prendemos um ou outro corrupto. Temos sistemas de cotas. Registramos empregadas domésticas. Mas também não é tudo isso. Não somos uma Dinamarca. Ninguém aqui chama preto de afrodescendente. E estamos muito longe de respeitar uma vaga para deficiente físico. Eu, você, todo mundo estaciona em vaga de paraplégico. Foda-se o ‘proibido parar’. Não me venha dizer que fui afastado por causa de uma vaga para aleijados. Ok, eles têm prioridade, o rapaz estava certo, e eu, errado. E eu dei dois tabefes no cadeirante por ter me xingado. Tudo bem, não devia ter feito isso. Não foi coronhada, como se falou no jornal. E também não foi por isso que eu caí. Este foi o pretexto. Caí porque alguém tinha que queimar na fogueira da imprensa. Você sabe, esses jornalistas estão fazendo o cidadão acreditar que vivemos em Gaza. Até os cariocas estão horrorizados com a violência em São Paulo. Imagine você, o esculacho. Foi por isso que caí. Agora somos Gaza. São Paulo é Gaza sem tirar nem pôr. É guerra. Os bandidos comandam a cidade. Minha queda não tem nada a ver com os tabefes no cadeirante. Mostrei nossos dados para o secretário de Segurança. Temos, sim, um aumento no índice de homicídios. Aumentaram também os crimes de encomenda. Perdemos alguns homens, tudo isso é verdade. Mas quem disse que notícia tem a ver com verdade? Você não tem ideia das fotos que ilustram as bobajadas que esses vermes escrevem sobre violência. O secretário pega o jornal pela manhã e me demite para não ser demitido.”

O telefonema veio no meio da madrugada de sábado, e foi o próprio Washington quem acordou Azucena para contar a novidade. Logo depois veio a chamada da superintendente da Polícia Científica, pedindo que ela antecipasse a volta ao Brasil. “É uma solicitação do secretário de Segurança”, disse a mulher.

Após fazer as malas e reagendar seu voo, ela toma café com a família no restaurante do hotel. Já relatou a demissão de Washington, explicou como será o resto da viagem sem ela, na verdade terão apenas mais dois dias na cidade, explica. O pai, no entanto, quer mais detalhes, o que está acontecendo?

“Para que você quer saber? Sua filha está indo embora, é isso que importa”, responde Jandira, sem paciência.

Um turista na mesa ao lado olha para eles com ar de desprezo. Não há como lhe tirar a razão, pensa Azucena. A mãe é estúpida com o marido. Fala alto. Mas Azucena desenvolveu uma forma de lidar com isso também. Está seguindo as orientações da nova campanha contra violência no trânsito em São Paulo. Atenção, motorista! Não vá logo sacando sua arma. Conte até dez. Contar até dez ajuda, garantem os especialistas. Faz o mesmo com Jandira, um, dois, três, e quase funciona. O problema agora é a mancha roxa que vê no braço de Damaso. Será que Jandira vem dando no pai os famosos beliscões mais doloridos que picadas de marimbondo?

Na infância, seus próprios braços viviam repletos de hematomas, ia para escola de mangas compridas, mesmo no verão. Fazia de tudo para que Damaso não percebesse as manchas em seus bracinhos. E, quando ele as descobria, até os vizinhos conseguiam escutar as brigas do casal. Naquelas ocasiões, sentia pena da mãe. E ódio de si mesma. Foi preciso um bom tempo para que a raiva fosse colocada no seu devido lugar. Foi só depois de casada, depois de ter suas filhas, que começou a lembrar da violência de Jandira, dos tapas que levava, por nada, tabefes na cabeça, nos braços, de repente, com a maternidade, o passado veio à tona, e foi impossível não perceber que estava destilando um velho ódio, um ódio retroativo, ódio que por muito tempo ficou encaixotado e escondido em algum porão dentro dela, e que foi liberado quando finalmente se viu mãe de duas meninas, duas garotinhas adoráveis, contra quem seria impensável cometer uma violência como a que sofreu. O fato de Jandira se dedicar às netas como jamais se dedicou às próprias filhas é, sim, um atenuante, ela sabe. Mas o que conta naquela altura da vida, ao ver a mãe comer um pedaço de queijo com a mão, e repuxar os lábios, deixando à vista a falha do pré-molar, é a

percepção do ridículo que é uma mulher, na sua idade, ter problemas com os pais. Passou dessa fase.

Por isso fica olhando para Jandira, sem dizer nada, e de repente vem a lembrança de quando completou 15 anos, do anel de brilhante que ganhou, na verdade uma poeirinha de diamante, que lhe pareceu uma joia de outro mundo, e que a fez, num ímpeto de gratidão, agarrar a mãe num abraço apertado. Rompante de afeto não é definitivamente a marca registrada da família. Abraçar, beijar, isso não é linguagem para os Gobbi. Mas ela só entendeu isso de verdade naquela noite, aos 15 anos. Foi como se abraçasse uma árvore seca, sem seiva.

A irmã pergunta, num sussurro: "Temos mesmo que fazer isso?"

Azucena já perdeu o fio da meada.

"A ópera. O papai já viu duas", diz Ana.

É disso que se trata. "Os bilhetes estão comprados", responde Azucena.

"Posso vender. Na arena tem filas enormes de gente atrás de ingressos."

Azucena entrega para a irmã as passagens e passaportes, que retirou do cofre, explica que na segunda-feira uma van irá levá-los até Milão e que ela estará no aeroporto em São Paulo para esperá-los no desembarque. Por fim, diz: "Vocês vão levar o papai à ópera, estamos entendidas?"

O tempo está nublado e a temperatura mais agradável do que no dia anterior.

Depois do café, Ana e a mãe saem para conhecer a casa de Julieta, e ela aproveita o tempo que lhe resta para se sentar com o pai nas cadeiras de lona embaixo de plátanos, no pátio do hotel.

Quando estão sozinhos, Damaso é outra pessoa. Pergunta sobre o incidente com Washington.

"Você o conheceu no Grupo de Operações Especiais, lembra?", ela pergunta.

"Mais ou menos. Ele ficou pouco tempo comigo."

“Ele andava tomando ansiolíticos, sem receita médica. E bebendo muito. Agora é aguardar para ver quem vem aí. Espero que a Perícia não tenha problemas.”

“E Giulia?”, ele pergunta.

Ela sabe que o pai tem muitas expectativas em relação ao estágio que a menina está fazendo na Central. Tirando o fato de não ter respondido aos seus e-mails desde que chegaram a Verona, Giulia vai muito bem. É isso que diz ao pai.

Depois, retira da bolsa o relatório que Washington lhe enviou naquela manhã. Fala: “Dá uma olhada nisso. Acabei de receber. Duzentos assassinatos nas últimas três semanas. Muitos policiais militares mortos. Em serviço. Ativos e aposentados.”

Ele olha o documento, sem muito interesse.

“Parece um acerto de contas”, ela continua.

O relatório volta para suas mãos. Aquela matança não desperta o interesse do velho.

Azucena não gostaria de colocar a questão assim, na lata. Mas não há muito tempo: “Minha mãe está machucando você?”

Damaso arregala os olhos: “Claro que não”, ele diz. “Que pergunta mais besta.”

Os dois ficam em silêncio, de mãos dadas, ouvindo o barulho da água que escorre na fonte ao lado. E então Damaso agradece pelo presente de aniversário.

Ao dar um beijo de despedida na testa do pai, sente seu sensor interno pulsando. No fundo, ela pensa, sua intuição é uma espécie de doença. Sofre a crédito o que poderia sofrer em parcela única, se fosse pega de surpresa. Desde pequena, no entanto, tem essa sensibilidade, como se dentro dela houvesse um órgão especial, um sensor biológico, captando a realidade antecipadamente. De repente, o sensor abre a válvula e apita. Não há suores, nem taquicardia, como na síndrome de pânico, apenas a sensação de tragédia iminente. Atenção: seu pai vai morrer. Não volte para São Paulo. Não se mexa.

É com essa sensação no peito que ela deixa o hotel.

A caminho da estação, de dentro do táxi, Azucena ainda vê, numa esquina próxima ao hotel, a irmã e a mãe negociando com um vendedor ambulante. As tais bolsas falsificadas, afinal, vão também para o Brasil.

A viagem até Milão dura hora e meia. Depois, ainda é preciso enfrentar mais 40 minutos de ônibus até o aeroporto de Malpensa. Arrastando a mala pesada, e carregando o computador pessoal na bolsa, chega ao terminal exausta e nauseada.

Quando passa pela vistoria das bagagens, presencia uma cena de humilhação. “A senhora não sabe ler?”, grita o policial à mulher de sarongue multicolorido que cometeu a imprudência de avançar sobre a faixa amarela. As pessoas ao redor, como ela, assistem, constrangidas. Depois do 11 de setembro, os aeroportos se transformaram num local onde os direitos civis ficam suspensos, ela pensa. A negra recua assustada, sem entender o que fez de errado.

É o mês de julho, o terminal está atravancado de bagagens por toda parte, não é fácil chegar ao Duty Free. Vai comprar o perfume que Luís, seu marido, encomendou. Fahrenheit. Isto é novo: desde que trocou a advocacia pelo frigorífico herdado do pai, há três anos, Luís deixou de comer carne e passou a usar perfumes. E a colecioná-los. Curioso o tipo de casal que formam, ela pensa, ao aspergir um pouco da amostra no braço: ela enfrentando os odores de cadáveres, e ele, o de frangos mortos.

Na hora de pagar, sente que há algo errado com os jornais que falam sobre a crise financeira dos países europeus. De onde vem aquele monte de gente? Rússia? De algum país de corruptos? Membros de uma nova lista da revista *Forbes*? Ela é exceção. A inaptidão do marido para fazer dinheiro com divórcios no passado mostrou-se inversamente proporcional a sua capacidade de gerenciar a matança de frangos. Nos últimos anos, Luís aumentou e modernizou o negócio, aproveitando a bolha de crescimento da economia brasileira. Agora, está começando a exportar. Pela primeira vez, ganham dinheiro e podem desfrutar de alguns luxos. Como aquela viagem, por exemplo.

O perfume custa 49 euros. Um bocado de dinheiro para dissimular o cheiro de amônia e sangue que impregna o frigorífico.

Na sala de embarque não há cadeiras suficientes, e as pessoas se amontoam no chão. Azucena telefona mais uma vez para Luís. Está tentando falar com ele desde que deixou o hotel. Imagina que, depois de ter enviado as crianças para a casa da irmã, em Ubatuba, ele esteja no escritório, onde o celular não está coberto pelo sinal. Ao ouvir o tom seguro e entusiasmado da sua voz na gravação telefônica, vem-lhe a ideia de fazer uma surpresa. Enche-se de coragem, volta ao Duty Free e compra o vinho que bebeu com o pai no dia em que chegaram. Gasta mais do que gostaria, mas pensa que assim o domingo ganha uma perspectiva diferente.

Gostaria de falar com Giulia, pedir alguns relatórios para a reunião com o novo delegado, na segunda, porém a bateria do seu celular está no fim. Além disso, não quer que Giulia estrague a surpresa que fará ao marido.

O embarque ocorre no horário. Observando a quantidade de passageiros, ela já sabe que não terá a sorte de ter um assento desocupado ao seu lado.

*Ecco: respiro appena.* No fone de ouvido, ela escuta Callas. *Io sono un' umile ancella.* Um achado melódico de Cilea, simples e sofisticado que, na sua opinião, é melhor que qualquer cantilena interminável de Wagner.

São dezenas de corpos. Mutilados, desmembrados, queimados, perfurados. As imagens correm sucessivas. Sem conseguir dormir, bebendo vinho e tendo ao seu lado uma senhora que antes de adormecer mostrou fotos das netas a caminho da obesidade, Azucena assiste ao slide show do seu arquivo de crimes. Já é um hábito. Aproveita qualquer tempo livre, como aquele, para rever as fotos dos casos ainda não solucionados. Estou conversando com meus mortos, costuma dizer quando alguém lhe pergunta o que está fazendo. Suas próprias filhas já se habituaram. Mamãe está falando com eles, repetem, com os olhos arregalados. Age com as meninas com a mesma naturalidade que, décadas atrás, seu pai lhe mostrava

as ilustrações dos livros de medicina forense que enchem a biblioteca da casa.

Ainda se lembra da primeira vez que viu o cadáver da vizinha, esmagado por um caminhão de lixo, no centro de Guarulhos. Uma posta de carne no asfalto, e a sandália havaiana que foi parar na padaria da esquina. Naquele dia ficou olhando a vítima com a mesma expectativa que olha agora para os seus mortos. Quer que eles falem. Que digam alguma coisa. Que expliquem. Naquela época ainda não sabia que o silêncio dos mortos é apenas uma linguagem, com sintaxe e semântica próprias, como o inglês e a música. Quando aceitou, na juventude, a sugestão do pai de cursar biologia, e mais tarde ao se especializar em criminologia e prestar concurso para entrar na Polícia Técnica, o que tinha em mente era isso, entender aquele idioma.

Num crime, quanto mais o tempo passa, mais difícil é encontrar o assassino. Por isso, é também seu hábito pedir a Jair, fotógrafo da sua equipe, que registre todos os presentes no local da ocorrência. São esses que ela observa agora no seu slide show. Os espontâneos. Ninguém resiste a um crime, pensa ao examiná-los com atenção. Dois rapazes de braços cruzados, fumando. Dá para ver que um está até sorrindo. Não escondem a emoção: estão mesmo se divertindo. Como se tudo fosse um espetáculo, ela pensa. E se o criminoso for ele? Esse que olha o corpo de uma jovem de 16 anos, em adiantado estado de putrefação, jogada dentro da mata escura da serra da Cantareira?

Zonza de vinho, fecha os olhos e sente um arrepio ao ouvir como Callas ataca a última nota da ária.

Acorda dez horas depois com a aeromoça servindo o café da manhã.

O desembarque é rápido, e Azucena mal pode acreditar quando nota que sua mala é a primeira a sair na esteira rolante.

É domingo, e o trânsito está livre. Do táxi, tudo o que vê é excesso: placas, lixo, prédios, outdoors, favelas, painéis, galpões. Décadas atrás, chorou quando o trabalho do pai obrigou a família a se mudar do Bom Retiro para Guarulhos. A cidade lhe pareceu uma paragem provisória, um imenso terminal, onde tudo, das escolas às

igrejas, tinha formato de caixa de sapato com tampa de amianto. Nunca vai se acostumar à feiura de Guarulhos, ela pensa.

Ao pagar ao taxista, nota o carro de Giulia na garagem dos pais, na casa vizinha à sua. Pensa em deixar um bilhete no para-brisa, mas desiste antes mesmo de procurar uma caneta na bolsa. Está cansada demais até para escrever duas linhas.

A carteira e a chave de Luís estão no aparador de entrada, ao lado da foto das filhas, sorrindo na roda-gigante do parque de diversões. Deixa as bagagens no chão e vai para a cozinha.

São as duas garrafas de vinho vazias, na bancada da pia, que a intrigam.

Ela poderia ter visto outros sinais, uma bolsa feminina largada no sofá, uma presilha de cabelos de oncinha e um par de sapatilhas vermelhas, mas agora vai como uma flecha certa para o quarto do casal.

A porta é aberta num tranco. No escuro, seus pés se enroscam nas roupas espalhadas no chão, e ela cai.

Então a luz se acende. Não escuta nada quando Luís, num salto, se mete nas calças e tenta dizer algo. Tudo o que vê é Giulia, sua irmã, tentando fazer a mágica de desaparecer no meio dos lençóis.

No minuto seguinte, Azucena está correndo pela rua. Não sente nada, só o fluxo da sua respiração.

Corre até vomitar.



Ele se chama Otávio, tem dentes muito brancos e orelhas de abano. Tem também canelas de maçarico, o que Cayanne acha um tanto ridículo, sobretudo quando estão semicobertas por bermudas largas abaixo dos joelhos, que não caem nada bem em homens altos e elegantes e destroem homens-toco como Otávio. Homem-tronco, como ela costuma dizer para as gatas concorrentes: Keila, Eveline, Regina e Madlys. E também: Tatiendi e Fernanda. E Brunilde, que foi ejetada já na primeira semana. Todas incríveis. Melhores amigas. Elas morrem de rir com seus comentários sobre o homem-tronco. “Cabeça grande, tronco parrudo, braços desproporcionais, e de repente, da bacia, já surgem os joelhos e pronto, acabou o homem”, ela disse na piscina. “Sabe aquele sujeito que parece estar plantado na terra até o joelho? De bermuda?” As garotas se dobraram de rir. Esse é Otávio, seu parceiro de guerra.

Na semana anterior, ela passou raspando na prova de eliminação, e por este motivo ele a encara com uma expressão de descrença. Ele não quer sair do jogo. Está ali para vencer. Foi Cayanne quem o escolheu como parceiro na primeira temporada do reality show *As gatas e os nerds*, cópia brasileira do *Beauty and the Geek*, do canal americano The CW. “Não se trata de mais um reality show”, explica o apresentador da versão nacional, exibida diariamente no Supersonic Chanel. “É um experimento social.”

As regras são simples: os 16 participantes selecionados, oito gatas e oito nerds, são divididos em duplas e alojados numa mansão neoclássica do Morumbi. Os casais devem se preparar para provas de conhecimento geral e habilidade social que eliminam um par por semana. A gata, com seu talento mundano, prepara o nerd para provas de dança, comportamento e estilo. Em contrapartida, o nerd lhe ensina questões referentes a economia, política e artes. O casal

vencedor sai da casa depois de dois meses com 500 mil reais no bolso.

O dinheiro, claro, é importante. Mas, para Cayanne, o melhor que o programa oferece é a exposição. Quarenta minutos diários de visibilidade, do Oiapoque ao Chuí. E se você assumir que transou com um garoto de programa na frente do seu marido galã de telenovela ou que seu corpo já foi usado como travessa de sushi em festas de executivos que acabam em putaria, pronto, você vira uma celebridade. Pelo menos, foi isso o que Cláudio lhe disse. "Sua história vai chacoalhar o Brasil."

Ela não está nem um pouco disposta a contar o lance do sushi, e muito menos o da transa com Djavan, com Fábio de voyeur. Se fizer isso, tem certeza de que jamais vai ter o perdão da sua família. "Assim, você não vai a lugar nenhum", disse Cláudio, no último telefonema. "Estamos numa fase mais complexa do reality show. Hoje o público se diverte mesmo com um lance mais confessional, entende? Você tem que falar da fase em que foi anoréxica por ter sido molestada pelo seu tio. Tem que apresentar uma história podre. Ganha quem tem o melhor avesso."

"Você está prestando atenção?", pergunta o Homem-tronco.

Os dois estão alojados no quarto azul, ela de short jeans e malha vermelha, deitada de bruços, sobre uma prancheta onde anota com letra de criança a ortografia de certas palavras. Porque tem isso também: provas de ortografia. Perguntam como se escreve eixo. Noção. Versalhes. Holocausto. E coisas que as gatas consideram ainda mais difíceis.

"Foco, especialização e interdisciplinaridade formam o tripé do sucesso profissional", diz Otávio. "Trabalhe seu foco."

Ela está tentando. Mas não é nada fácil. Seu "casamento" "com aquele bostinha" está indo para o espaço. Ela admite que anda um pouco avoada. Deixa de morder a tampa da caneta Bic e continua: "A Segunda Guerra Mundial não é meu forte. Embarque, Churchill, desembarque, Eixo, tem muita coisa para digerir. Acho que prefiro geografia."

Não é verdade. Na semana anterior o tema só lhe rendeu vexame. "O que me confundiu foi a pergunta do apresentador para Gi", ela

explicou depois, quando todos os participantes estavam na piscina coberta, se divertindo: "Ele perguntou: qual o estado que fica abaixo de Mato Grosso do Norte? A Gi respondeu Paraná. Quando ele me perguntou na sequência: qual o estado abaixo de Roraima? Eu pensei: Roraima do Sul. Achei que era uma pegadinha."

Os estudos avançam lentamente, enquanto os outros casais jogam vôlei no gramado externo da casa. Eixo. Nazismo. Fascismo. Mussolini. Hitler. "Esse eu conheço bem", ela diz.

"Você nunca estudou história geral?", ele pergunta.

Ele pode saber tudo, ela pensa. Pode ser o Mr. Crânio da computação. Mas não sabe o que é uma escola rural em Marília. Nunca viu a camiseta da professora Edmila, onde se lia: Hamilton da farmácia para vereador. Nunca sentiu o bafo sem promessa do meio-dia, no caminho de volta para casa. Nem esmagou as estrias de barro seco deixadas pelos pneus de caminhões de gado no asfalto quente da estrada. A perder de vista. O fim do mundo. Cheio de soja. Churchill não chega a escolas do tipo que ela frequentou.

Qualquer um na casa pode notar: ele está vidrado nela. Ela anda, chacoalha, rebola, e ele vai atrás, como se estivesse hipnotizado. Alucinado por suas pernas, ela sabe. Isto não é novidade. Está acostumada a ver o impacto da sua presença nas pessoas ao redor. A beleza atordoa. Ontem, antes de dormir, ele não resistiu: "Olhar para você dói."

Ela admite que ele tem uma grande vantagem: paciência para ensinar. Fábio não é assim. (Nunca vai perdoar o que o ator lhe disse quando decidiu montar a peça francesa. É um tema existencial, ele disse, não adianta explicar. Você não vai entender!) Otávio é o oposto disso. Agora ele pede que ela diga o que significa Eixo. Já foi pior. Ela teve que ler um livro na primeira semana, e esse, sim, foi um grande desafio. *O estrangeiro*, era o título. Jamais vai se esquecer. Chatíssimo. Um árabe com problemas mentais. Ou insolação. Não gosta de ler. O problema com os livros, ela pensa, são as palavras. Ela lê devagar e às vezes inverte as letras, o que, na sua opinião, é pior que trocar o b pelo p como fazem certos retardados. Ela troca qualquer letra por qualquer letra. E tem problemas com várias consoantes.

Ele não dá trégua. Como se escreve eixo? Com x, sh ou ch? E Stalin?

Se ela soletra e-s-t-a-l-e-m, ele é um desastre em dança.

Quando as posições de mestre e aluno se invertem, ela pede para ele se mexer, se soltar, seguindo o ritmo da música, enquanto samba com a destreza de uma porta-bandeira pelo quarto. Ele se contorce em espasmos, sua dança parece mais um ataque de tosse. Ela se joga na cama, num frouxo de riso. Pan, pan, pan, ouça o ritmo, ela diz, pulando a seu lado novamente e pegando suas mãos. Agora ele transpira, como se estivesse numa sauna. Coisinha sem graça, ela pensa. Com estas orelhas, parece um coelho. Coelho-man, ela o batiza. Tem gente que simplesmente não nasceu para brilhar, ela conclui, mas para ficar invisível atrás de uma escrivadinha, pensando em números e outras coisas sem sentido.

É quarta-feira, eles acabaram de almoçar. Pode-se sentir o frisson na casa. É dia do contato. Isso também faz parte das regras: uma vez por semana, as gatas e os nerds podem dar um telefonema de cinco minutos para algum familiar ou amigo. Essa é a única relação que se tem com o mundo exterior. É assim que se conseguem forças para o confinamento, mas sobretudo esta é uma forma do participante saber como está se saindo aos olhos do público. Quem é o mais engraçado? Quem dá mais fora? O mais simpático. A mais gostosa. O mais folgado. O oportunista. Por enquanto, Cayanne ainda é isto: a mulher do Fábio Cássio. As outras gatas – que, como ela, já trabalharam como modelos em feiras de automóveis e em outros lances bem mais sinistros – consideram este fato uma vantagem. Como se Fábio lhe desse um ou dois pontos a mais na competição. Ela também já pensou assim. Hoje sua opinião é diferente. Ao menos uma boa lição ela tirou de seu casamento com Fábio: não adianta você ser o namorado da Madonna. Ou você é a Madonna ou você não é ninguém. Em termos gerais, a fama da Madonna só pode lhe oferecer uma coisa: sombra e água fresca. Você pode até pensar que tem alguma importância, no início. Mas,

depois de um tempo, vai enfrentar a terrível verdade: as pessoas nem sequer aprendem seu nome. Trocam seu nome nas fotos. Pior: não identificam sua foto. Você fica ali, jogada num canto da revista, sem legenda. Na sombra. Você é, no máximo, o fantasma bonito e exótico que caminha sempre um passo atrás, sorrindo para todas aquelas pessoas que não sorriem de volta para você, mas para Fábio Cássio. É isso que você é: uma espécie de cachorrinho fofo que está nos braços da estrela.

Pensar nestas coisas, lixando as unhas na varanda da casa, enquanto os participantes de *As gatas e os nerds* falam com seus familiares, abre as comportas para um sentimento que ela define como “volta ao lar”. Como se a condição de rejeitada fosse a sua verdadeira natureza. Como se desta forma, de fora, ela fosse realmente ela. O eu verdadeiro, ela pensa. O eu fodido de Marília. O eu-real que vendia tomates na feira. Que cresceu e virou um eu-recheio-de-bolos em festa de executivos – definitivamente, este é o ponto mais baixo da sua viagem rumo à fama. Lembra de ter chorado algumas vezes, antes de ser confinada dentro do isopor colorido e entregue para homens que não se importavam de levar um tapa por apalpá-la como se ela fosse uma fruta em supermercado. Por mais absurdo que pareça, é naquela fossa bem profunda que ela nada de braçada. Ali, recolhida na sua insignificância, totalmente em casa, ela se sente subitamente cheia de ódio. Há ódio suficiente para Fábio e toda sua família doente, para Olga, a velha com espírito de velha que pensa ter espírito jovem, e Telma, a tia de Fábio, a verdadeira cobra “em pele de serpente”. Odeia todos eles. Odeia de montão. Odeia muitas pessoas. Muitos lugares. Muitas coisas. Odeia Marília, odeia terra roxa, odeia feira, odeia a tristeza da mãe, está tão cheia de ódio que de repente se sente armada até os dentes e pronta para o ataque. Se fosse um adolescente americano, talvez resolvesse o assunto entrando numa escola e matando uma dúzia de estudantes. Mas aqui, no Brasil, ela pensa, o melhor é ser famosa. É a melhor vingança. Vai ser uma estrela, apresentadora, atriz, o que for. Sempre pensou na própria fama como uma forma de vingança. Quer ver então a cara do seu pai, quando for famosa. A cara de Olga. Sua

fama vai ser uma grande borracha que vai apagar todo o seu passado. A fama será seu marco zero.

Entrevistador: "E como você começou sua carreira?" Cruzo as pernas. Jogo os cabelos para o lado. Eu: "bem, eu ralei muito para chegar onde cheguei. Teve muita gente contra. Muita gente que hoje está aí, nas portas do meus camarins, me pedindo autógrafa". (Risos) Melhor ainda. Nem citaria essa gente escrota. Diria apenas: "um caçador de talentos me chamou para fazer fotos". O que não deixava de ser verdade, exceto pelo fato do caçador ser um pervertido, com uma história de book de modelos que nunca foi avante. Entrevistador: "Como é ser a estrela mais amada do Brasil?" Descruzo as pernas. "Só posso dizer uma coisa: não vivo sem o carinho dos meus fãs."

Com o entrevistador-imaginário-de-plantão, ela também já havia se preparado para a entrevista que daria ao sair de *As gatas e os nerds*: "foi uma experiência maravilhosa. Saí da minha zona de conforto" (foi Fábio Cassio quem ensinou a expressão) – "para enfrentar desafios que me transformaram numa pessoa melhor". Isso pegaria muito bem. Quer sair dali no figurino estrela boazinha estou-adorando-estar-aqui-no-seu-programa. Vai fazer isso e preparar o terreno para depois, numa entrevista exclusiva, anunciar o fim do seu casamento e falar do momento difícil que está vivendo.

As gatas e os nerds que já tiveram seus cinco minutos de afeto telefônico passam por ela com nariz vermelho e olhos injetados. Mas a produção pensou nisso também: você pode chorar se quiser, aquele é o único momento em que não há duas ou três câmeras apontadas na sua direção.

Cayanne é a última a entrar na cabine telefônica. No caminho, uma gata pergunta se é com Fábio que ela vai conversar. Claro, ela diz. Não é verdade. Não quer nada com Fábio desde que ele ficou chutando a porta de seu quarto, chamando-a de vadia. Ela teve que ameaçar o marido, dizer que ia chamar a polícia, e ameaçar de verdade, com uma faca na mão.

Por isso, prefere telefonar para Cláudio, afinal, ela pensa, ele é a única pessoa que está com ela naquele momento. Foi quem a acolheu, naquele dia fatídico. E, se ela está ali, foi porque Cláudio

lhe conseguiu o teste. Cláudio, diferentemente de Fábio, acredita no seu talento e quer ajudá-la. Na verdade, ele quer mais que isso, ela sabe. E ela já deu o que ele quer. Mas ele não vai conseguir um centímetro a mais além daquilo. Jamais vai se apaixonar por um cabeçudo careca que usa calça vermelha e um "ócrão de tartaruga para parecer moderno".

Ao telefone, ele fala: "Você arrasou ontem. Continue fazendo o mesmo. Achamos um caminho. Está dando muito certo. Hoje todos os blogs e sites de celebridades falam em você."

A princípio, ela não entende. A casa, repleta de câmeras, grava os participantes durante 24 horas por dia, e desse material é feito o programa de 15 minutos que vai ao ar todas as noites. Os participantes, no entanto, só assistem ao programa transmitido ao vivo, no sábado, e não ficam cientes do que está ou não gerando polêmica.

"Do que você está falando?"

"O lance do Fábio que você contou ontem."

O que ela disse? Que entre quatro paredes Fábio não era tudo aquilo que as pessoas imaginavam?

"Exatamente. Pegou muito bem. Está gerando uma especulação enorme. Sexual, entende? Alguns sites dizem que você insinuou que Fábio é homossexual."

"Na pesquisa do canal", ele continua, "você é a gata mais odiada. As pessoas estão com muita raiva de você. Acham que você foi grosseira. E oportunista. Você virou a bad girl."

Isso a deixa desconcertada. Não era este seu projeto.

"Eu só falei que o Fábio não é uma Brastemp. Foi isso que eu disse."

"E que ele passa horas em frente ao espelho. Que ele é mimado."

"Isso é razão para me odiarem?"

"Quem se importa com que o público sente? Público é público. O importante é ter público. Você tem que gerar polêmica. Minha querida, confie em mim, conheço este meio. Se você não faz sucesso de um jeito, tem que fazer de outro. Entende o que eu digo? Seguindo o figurino, nem sempre dá certo. Por que você acha que a Drew Barrymore decidiu revelar que foi viciada em drogas?"

“Quem?”

“A garota ET? Você não assistiu *ET*?”

“Do que você está falando?”

“Meu Deus! Como é que eu fui me apaixonar por uma garota que não tinha nascido na época do ET?”

“Claro que eu sei o que é o ET, porra.”

“Meu amorzinho, minha princesa do Oriente, que fofa, você não assistiu ao *ET*? Não tinha cinema em Marília? Não precisa ficar com vergonha! Fofinha! Agora escuta: faça o que eu digo: crie polêmica. Conte os podres da sua vida com Fábby. Isto é bom para o nosso plano. Sua carreira. E bom para nós dois.”

Ela não gosta do jeito que ele fala “nós dois”. Como se houvesse uma sociedade entre eles.

“Você precisa ver a cara com que o Fábby chegou aqui ontem. Fiz um ótimo acordo com ele.”

Agora ela está realmente preocupada: “Que acordo?”

E então seus cinco minutos se esgotam e a ligação é cortada, sem que ela tenha entendido bulhufas do que está acontecendo.

As coisas estão indo muito rápidas. Rápidas demais para seu gosto.



Há cânions de pedras escarpadas e grossas crostas de sal nos leitos secos de rios. De cima, vê-se a beleza. De perto, o horror. Eles seguem silenciosos, sedentos, ouvindo apenas o barulho dos sapatos esmagando a terra esfarinhada. É um deserto. Qualquer deserto. Na história é o deserto de Louisiana, mas ela não sabe como são os desertos americanos, e isso não faz muita diferença. É ali que Manon é abandonada. Dramática, ela se revolta: Não quero morrer.

Antigamente Azucena gostava de fechar os olhos, e imaginar o sol implacável e a força do deserto, enquanto ouvia Callas, Freni ou Caballe cantar *Sola, perduta, abbandonata*. Algumas vezes, chorou. Agora, não chora mais. Faz dias que não consegue chorar. Está seca como o deserto de *Manon Lescaut*, e pode até sentir os nódulos formados pela decomposição de alguma matéria que morreu dentro dela, lá embaixo, no seu âmago, servindo de base para seu vazio. Está oca. E corre. Ouve ópera na esteira, com olhos bem abertos, marcando seus batimentos cardíacos. Não chora e o prazer é duplo: Callas de um lado, e o frisson da corrida, do outro.

É assim que o dia começa. Depois do banho, de calcinha e sutiã, ela se maquia em frente ao espelho. Gosta de rímel, blush, batom claro. Veste suéter de lã azul-marinho, com decote em v, comprado no shopping, na noite anterior, calça jeans, e óculos escuros. Ultimamente, sente-se nua sem óculos.

A caminho da cozinha, passa no quarto de Duda e Vitória, para acordá-las. Não se cansa da visão: duas meninas de cabelos dourados dormindo em paz, alheias a tudo. Nem passa pela sua cabeça a ideia de que possam estar sofrendo. Prefere acreditar que não entendem, o que não é de todo mau. Entender não adiantaria muito coisa.

Na cozinha, prepara o café da manhã. Nescau, pão com manteiga para as meninas e suco de frutas e café puro, sem açúcar, para ela. As meninas querem saber quando verão o pai.

Logo, ela diz.

Há uma velha rotina, que ela mantém mesmo depois da separação. É assim que continua a vida. Com a ajuda das meninas, rega as plantas da varanda. O jardim foi pensado para palmas, agapanto e boca-de-leão, mas o que cresce é capim. E praga. Não tem mãos para plantas. Talvez esteja molhando mais ou menos do que o necessário, e elas definham. Depois, colocam ração para os cachorros. Nego, o labrador, está acabrunhado junto ao portão, à espera de seu dono. A cadela Pink emagreceu. Fareja, procura sinais de Luís. Vão ter que se acostumar. Com o tempo, todos se acostumarão.

O clarão azulado e frenético na janela da casa contígua é constante. A televisão já amanhece ligada. Damaso está assistindo ao noticiário, metido em pijamas, quando ela chega de mãos dadas com as filhas. Cinco pessoas foram vítimas de homicídio em mais uma noite violenta em São Paulo, diz a apresentadora.

Jandira, de penhoar, está na cozinha. Tosse e reclama da burrice da nova empregada. Azucena lhe tira o cigarro da boca e o apaga na torneira antes de jogá-lo no lixo. Tem preguiça de falar para a mãe o que ela deveria ouvir. Tem preguiça também de se juntar à irmã, Ana, e ao marido, Ricardo, à mesa do café. Os dois moram a menos de três quadras, mas estão sempre ali, nas refeições. Teoricamente, ele é personal trainer, mas na realidade cuida da limpeza dos equipamentos de musculação de uma academia do bairro. Ana não faz nenhum uso do seu diploma de nutricionista, nem mesmo para evitar que engorde durante a gravidez. Na visão de Azucena, os dois sobrecarregam a vida de Jandira. Mas é ridículo pensar nestes termos, ela conclui. Ela própria atarefa a mãe sobremaneira. É Jandira quem leva e busca suas meninas na escola e nas atividades extracurriculares. É sobre isso que conversam agora. Azucena passa

o novo horário da aula de natação das filhas, agora que começou o segundo semestre. Sem a mãe, não poderia dedicar-se totalmente ao trabalho, avançando nas noites e madrugadas. Ao menos, paga a faxineira e cuida para que nada falte na casa. E aqueles dois? Que daqui a pouco serão três?

Uni-duni-tê-salamê-minguê. Da janela, vem a voz das filhas, brincando com o velho papagaio trepado na jabuticabeira do quintal. Querem ensiná-lo a cantar, mas a ave repete o refrão de Jandira: "Ai, minha cruz!"

Prepara duas xícaras de café e vai sentar-se ao lado do pai na sala. Enquanto abre seu laptop, ouve o que dizem na televisão: o governo federal está oferecendo o Exército para ajudar o estado a conter a escalada de violência. Azucena toma um gole antes de falar o que sabe sobre o assunto: que o secretário de Segurança não quer aceitar a oferta por achar que se supervaloriza a importância dos traficantes nessa onda de violência. Diz: "É uma armadilha. Aceitamos a oferta e declaramos nossa incompetência. Negamos, e somos os loucos que rejeitam ajuda num momento crítico."

Não é este o tipo de assunto que ele gosta de conversar.

Ela diz: "Veja isso", e abre a sequência de fotos que mostra uma adolescente assassinada na serra da Cantareira. A garota está de sutiã, em decúbito dorsal, braços e pernas abertos. Há também fotos detalhadas que revelam equimoses e lesões ungueais na região do pescoço.

"Vê essa mancha?", ela pergunta. "O que lhe parece?"

Agora ele se anima. Olha a foto.

Há um pontilhado bem visível.

"Dentes? Pode ser uma mordida."

"Foi o que pensei."

"Peça uma ampliação. O que mais você tem?"

"Nada, por enquanto. O perito que atendeu o caso trabalhou em condições difíceis. O resgate foi à noite e chovia muito."

Os dois estão conversando sobre o caso, quando Giulia irrompe na sala, carregando livros, seguida pela mãe, que insiste para que ela tome o café da manhã. Ela caminha em direção à porta, apressada, joga um beijo para o pai e ignora a presença da irmã.

Depois que ela sai, ele pergunta: "O que está acontecendo entre você e Giulia?"

"Nada", ela responde, sem tirar os olhos da tela. Os dois ficam em silêncio, observando a menina morta.

Poucos minutos depois, Azucena está no carro, em frente ao ponto onde Giulia aguarda o ônibus que a levará à universidade. Ela buzina, estica seu corpo pequeno sobre o banco do copiloto e abre a porta.

"Entra aqui", ela diz.

Giulia revira os olhos.

"Estou mandando!"

A moça obedece e, enquanto aguarda o que vem a seguir, mantém o olhar no livro de biologia que está no seu colo: *Como pensamos*, de J. Dewey.

Azucena diz: "É a última conversa que temos sobre este assunto. Vou apenas repetir o que já disse. Você tem duas opções: chame os dois, e explique o que aconteceu. Explique por que eu me separei, e arque com as consequências."

O carro começa a atrapalhar o trânsito, motoristas buzina.

Ela continua: "Mas se quer continuar a viver em paz naquela casa, se quer que eu pague seus estudos, vai me tratar como se nada tivesse acontecido na frente dos nossos pais. Não foi isso que combinamos?"

"Foi", diz Giulia, num fiapo de voz. "Acabou?"

"Da próxima vez que você fizer cena na frente deles, eu mesma vou chamar os dois e contar tudo."

"Acabou?"

"Saia do meu carro."

Giulia salta e bate a porta.

Há um pneu de caminhão descendo o rio, e é com ele que decide apostar corrida. Geralmente compete com latas de refrigerante, sacos de lixo, colchões, toras de madeira e até móveis. Chegou a

vencer uma poltrona, mas geralmente o lixo é o ganhador. Um carro na Marginal naquele horário perde até mesmo dos pedestres.

Na altura do Carrefour, uma moto quase leva seu retrovisor direito. Ela pensa no alívio que sentiria se pegasse o 38 cano curto, que carrega na cintura, e furasse as costas do motoqueiro. Ou a cabeça. É isso o que gosta nas armas: os buracos que elas fazem.

O celular toca, e ela não atende: é Luís. O fim do casamento foi como ela planejou: sem cenas. Vomitou durante dois dias, isolada num hotel perto do aeroporto de Guarulhos. Mal se lembra de como conseguiu tomar banho numa segunda-feira cinzenta e se apresentar na Central para a reunião com o novo delegado-geral. Participou do encontro, como se nada tivesse acontecido, acatou as novas regras e voltou para o hotel, onde continuou vomitando por mais quase um dia inteiro. Foi no meio dessa anabolia que se lembrou de um poema lido em classe pelo professor de literatura no seu tempo de colégio. Não se recorda do poeta. Nem dos versos, só da sua dureza: alguém dizendo que não vai multiplicar a morte, temendo, chorando ou esperando por ela. Tudo o que você terá é o meu corpo, diz o poeta à morte. Decidiu que viveria o fim de seu casamento da mesma forma. Não pediria explicações, nem tentaria entender nada, agora que tinha aprendido a terrível lição sobre casamentos: que eles não têm sentido. Quando deixou o hotel, dois dias depois, e voltou para casa, a tempo de buscar os pais que retornavam da Itália no aeroporto, as crianças já haviam chegado da viagem à praia.

A conversa com o marido foi curta. Já topara com todo tipo de assassino, e com nenhum deles agira daquela maneira, usando as palavras como se fossem pedras que se atiram num cachorro sarnento. Deu ordens para que ele deixasse a casa, que não se aproximasse de Giulia, nem da sua família, e aguardasse um advogado para resolver a partilha e o direito de visitas. Vê-lo chorando só lhe fez sentir mais nojo.

Com Giulia a história foi diferente: era preciso poupar seus pais.

Agora, depois de um mês, não vomita mais. Mas continua nauseada. Ainda está tomando remédios para dormir, porque a pior parte de tudo é fechar os olhos e continuar acordada. Precisa

procurar um advogado de família. Fará isso em breve. No momento, presa no trânsito, só tem uma opção: entrar no Shopping Center Norte e esperar.

É isso o que ela faz. Estaciona, procura um salão, e quando é atendida, explica ao cabeleireiro que quer um corte bem curto.

Uma hora e vinte minutos depois, ela estaciona seu carro em frente à loja de calçados da rua Plínio Macedo e caminha os 400 metros até chegar à CPH.

“Esqueceu o cabelo em casa?”, pergunta Tenório, um barbicha atarracado, com uma pequena pança, que já foi padeiro e escrivão, e atualmente é o investigador com quem Azucena mais gosta de trabalhar. Está saindo do seu plantão.

“Como foi a noite?”, ela pergunta, colocando seu laptop sobre a mesa da sala, grande o suficiente para caber uma escrivaninha e uma poltrona com o estofamento encaroçado.

Tenório dá detalhes: três adolescentes mortos, um soldado abatido a tiros e outro baleado na cabeça num supermercado do Capão Redondo.

“Os laudos?”

“Tivemos um problema com a equipe B. Vininho demorou muito para atender um caso de resistência seguido de morte.”

“Quanto?”

“Doze horas. O homem lá em cima está doido”, diz Tenório, referindo-se ao diretor-geral. “Já telefonou duas vezes.”

Azucena escuta em silêncio quando Vininho lhe explica, pelo telefone, o que ocorreu: falta de viatura. “Não faço milagres”, ele diz.

Antes de subir para o quinto andar, para falar com o diretor, passa na sala de Jair, perito fotógrafo, para requisitar mais material da adolescente morta na serra da Cantareira.

Homens da sua classe social e geração chamam-se Marcos, Renato, Guilherme, Rodrigo, Eduardo. Mas seu nome de batismo é Procópio. Sem Filho ou Neto no sobrenome. Que mãe escolheria uma alcunha tão anacrônica? Que não aceita sequer diminutivo? Promessa?

Seu caso não é muito diferente. Mesmo depois da adolescência, quando conheceu a *Azucena* de Verdi, que inspirou seu pai, continuou a não gostar de seu nome. Procópio não deve ser diferente. É nisso que ela está pensando, enquanto ele insinua que ela não tem pulso para lidar com sua equipe.

Sentado atrás da mesa, ele parece maior. Quando se levanta, é quase uma decepção. É difícil ter simpatia por homens baixos, ela pensa. Além do mais, há algo em sua atitude que a deixa de sobreaviso: ele não a encara. Nem sabe como tratá-la. Senhora? Você? Na primeira reunião – em que ele atacou a estrutura engessada das polícias, como se fosse candidato ao cargo do secretário de Segurança – não foi diferente, a não ser pelo fato de se reportar aos homens com mais deferência. Ela está acostumada com esta atitude. Quando entrou para a corporação, quase não havia mulheres fazendo o seu trabalho. Os homens tratavam as profissionais como imbecis. Certa vez, um perito chegou a lhe oferecer a mão para atravessar a rodovia Fernão Dias. A situação agora é diferente, as mulheres ocupam posições importantes, humanizam os departamentos policiais, mas o mundo policial continua machista e misógino.

Ele faz queixas da equipe e da demora dos laudos, mas ela só entende aonde ele quer chegar quando o assunto passa a ser a falta de espaço do departamento. Na teoria, ele aborda a otimização das investigações e o aumento do índice de casos solucionados. Na prática, o que ocorre é uma ameaça velada de transferir a perícia para o Instituto Paulista de Criminalística e afastá-la da chefia do departamento.

Ela sai da sala sabendo que está pisando em campo minado. Washington era parceiro. Lealdade não é o forte de Procópio. Já se fala nos corredores que, ao demitir o primeiro e nomear o segundo,

o secretário de Segurança trocou um inimigo declarado por um inimigo oculto. É com ele que ela terá que trabalhar.

No final do dia, ela tem uma reunião com o perito odonto-legal da sua equipe para mostrar as novas fotos da adolescente assassinada na Cantareira. Com a ampliação de Jair, é possível ver com nitidez as mordidas na nuca e nos braços da vítima. "Podemos preparar um modelo dessa arcada?", ela pergunta. A resposta é positiva. Azucena pede celeridade no processo, e depois liga para o delegado que cuida do inquérito.

"Por enquanto, não tenho suspeitos", ele diz.

Não há muito empenho para resolver o caso, isto está bem claro. Giulia entra no seu escritório com papéis que ela deve assinar.

Ela lê os documentos, assina sete, oito folhas e as devolve para a irmã.

"Gostei do seu cabelo", diz Giulia, sentando-se no braço da poltrona, com os papéis nas mãos.

Ela não responde. Concentra-se no computador. Não é a primeira vez que Giulia tenta se aproximar.

Giulia fala: "Pensei no que você me disse hoje de manhã. Nós temos que conversar. De verdade."

"Já assinei seus papéis. Caia fora."

"Faz quase um mês que minha vida virou de cabeça para baixo", insiste Giulia. "Preciso contar a minha versão de tudo."

"Você é burra ou é surda?"

Vendo que Giulia não se move, ela se levanta, pega a bolsa e deixa o escritório.

Já passa das sete e ela quer chegar em casa a tempo de jantar com as filhas.



Naquela sexta-feira, Olga chega antes das 11 ao apartamento do filho.

Godzilla está metido embaixo da mesa, o olhar vazio e embaçado.

Ela não gosta do que vê: garrafas vazias de vinho e vodca, taças sujas, duas pontas de cigarro de maconha num cinzeiro da sala. O que está se passando com Fábio? Entre as almofadas do sofá, ela encontra um celular perdido e se irrita ao ver quem o esqueceu ali. Conhece bem aquele número, não é nenhuma tonta, já fez as suas pesquisas.

Antes mesmo de entrar no quarto, já sabe que Fábio dormiu fora.

Desde que Cayanne se internou no reality show *As gatas e os nerds*, Olga aproveita as manhãs em que não dá aula de história geral no colégio Dante Alighieri para visitar o filho. Muitas vezes, ele ainda está dormindo e ela o acorda com uma caneca de leite achocolatado, exatamente como fazia quando ele era adolescente. Tem desprezo por pessoas saudosistas, que envelhecem olhando para trás, mas cada vez mais sente saudade da época em que Fábio era um menino, da sensação acalentadora de saber que o filho estava no quarto ao lado, das manhãs de sábado em que se sentavam juntos ao piano e cantavam músicas dos Beatles, ou de quando ia levá-lo de ônibus para testes de seleção de atores para comerciais de televisão.

Por um momento, a ideia da manhã sem compromissos lhe causa desconforto. Odeia pensar que está transformando seu tempo livre em tempo de espera. Para ir ao trabalho. O que fazer até o meio-dia? Um passeio? Não tem nenhum prazer em sair andando pelo bairro, São Paulo não foi feita para isso. Também não está com a menor disposição para arrumar a bagunça do filho.

Volta para sala e se acomoda ao piano, sentindo-se solitária. Irrita-se com Godzilla mirando-a silencioso e conspirador. Onde está a empregada? Algo está errado, ela pensa, observando o cão, cuja corcova parece uma segunda cabeça, menos torta que a verdadeira. Ele a faz pensar em gárgulas e outras imagens barrocas. Não é supersticiosa. Não obstante, há algo naquele animal que lhe dá arrepios. Os olhos. Dois buracos sem fundo.

Uma ideia volta a brilhar no seu cérebro. Sabe o que deve ser feito.

Sai pela casa, revira armários da despensa e da área de serviço até encontrar uma coleira. Quando está voltando para a sala, ouve o soar da campainha e, ao abrir a porta, depara-se com o filho do porteiro. Ela sabe do que se trata. "Está ali", diz, mostrando a caixa na entrada do corredor, com a CPU e o monitor que Fábio está dando ao rapaz.

Os dois se aproximam do aparelho. Ele pega o teclado, maravilhado. "Está novinho. Posso mesmo levar?"

"Não vai sair de graça", ela diz, apontando para o cão, embaixo da mesa: "Você vai ter que colocar a coleira nele para mim."

O pedido intimidaria até um adestrador, ela sabe.

"O que aconteceu com ele?", pergunta o rapaz, que se chama Richard.

"Acidente."

"Coitado."

"Ele é manso."

Os dois ficam em silêncio, observando o animal, que mantém o olhar fixo, como se os desafiasse.

Demora um pouco para o rapaz tomar coragem e se meter embaixo da mesa. Olga fica próxima, alerta, mas Godzilla não reage em nenhum momento. Baixa as orelhas, e deixa-se dominar com docilidade. Só resiste, travando as pernas, quando é puxado para o meio da sala.

Depois que o jovem vai embora, levando o velho computador que Fábio lhe deu de presente, Godzilla é empurrado para dentro do elevador e, na sequência, arrancado para fora do prédio. É difícil arrastá-lo pelas calçadas irregulares de Higienópolis, mas Olga não

desiste. Acha que Cayanne mantém com aquele cão uma relação doentia. Na verdade, tem uma teoria tripla sobre pessoas que supervalorizam cachorros: é gente que precisa deles para realizar a maternidade ou paternidade perdida, ou pessoas problemáticas que não conseguem viver a experiência da alteridade e precisam do amor incondicional dos cães. O caso de Cayanne é um terceiro: ela se identifica com os cachorros. Não com todos, só com os fodidos como Godzilla, que manca e geme ao ser puxado pela coleira, como se conhecesse seu destino de antemão.

Na altura da rua Sabará, o cão empaca de vez, e ela precisa dar-lhe um chute leve no traseiro para forçá-lo a continuar a marcha. O que aquela gárgula teria feito, para provocar tamanha ira no seu ex-dono? Atacado uma criança? Mais alguns petelecos e agora eles estão na esquina da Consolação com a Piauí.

Sem saber como realizar a segunda fase de seu plano, ela solta a guia da coleira. Não quer correr o risco de ser apedrejada pela sociedade protetora dos animais. Mas nem é preciso pensar. De repente, o cachorro avança em disparada, mancando e latindo, em direção ao caminhão que sobe a avenida a toda velocidade.

Coelho-Man fecha os olhos, respira fundo e declama num tiro só, sem errar uma palavra:

“Florescer – é Resultar – quem encontra uma flor  
E a olha descuidadamente  
Mal pode imaginar  
O pequeno Pormenor  
Que ajudou ao Incidente  
Brilhante e complicado,  
E depois oferecido, tal Borboleta,  
Ao Meridiano  
Encher o Botão – opor-se ao Verme –  
Obter o que de Orvalho tem direito –  
Regular o Calor – escapar ao Vento –

Evitar a abelha que anda à espreita,  
Não decepcionar a Grande Natureza  
Que A espera nesse Dia –  
Ser Flor é uma profunda  
Responsabilidade.”

O parceiro de Cayanne é o único nerd da casa a passar no teste surpresa da semana, que exigiu a declamação de um poema de cor. Ninguém poderia imaginar que os dois versos finais, usados pela emissora nas vinhetas e chamadas do programa de forma exaustiva, fariam tanto sucesso com o público, a ponto de ocupar temporariamente, nas redes sociais, o lugar do “Tu és eternamente responsável pelo que cativas”, de Saint Exupéry.

O feito faz a cotação de Coelho-Man subir bastante. Muitos telespectadores acham que o poema é dele – e não de Emily Dickinson, de quem aliás jamais ouviram falar – e querem saber onde podem comprar seus livros.

Cayanne avalia que a popularidade é conquista sua. “Quem dá bola para poesia que fala de vermes?” Se não tivesse sido ela a grande vencedora da prova Banho de loja, em que as gatas, com ajuda de profissionais de diversas áreas, idealizaram a mudança de visual de seus parceiros, Coelho-Man continuaria sendo apenas mais um “nerd invisível e sem graça”. Foi dela a ideia de “acabar com a festa do macaco”. Pediu que as costas, o peito e até braços e pernas de seu parceiro fossem depilados. O Brasil inteiro ficou impressionado com o homem bonito que surgiu por baixo daquele pelame. O cabelo, cuja aparência lembrava um ninho de ratos, ganhou forma, e as sobrancelhas foram separadas, a fim de valorizar os olhos inteligentes do rapaz. Foi isso que deu uma súbita popularidade a Otávio, que agora é visto não apenas como o gênio da computação, mas também como o nerd mais jeitoso da casa.

Coelho-Man tem uma percepção diferente dos fatos. Ele acha que seu excelente desempenho em todas as áreas está compensando o fiasco de sua parceira, que afirmou que Oriente Médio é um país da Europa Central, e que, numa prova de computação, foi capaz de enfiar o cabo de alimentação da CPU na própria CPU. “Como você

quer que o computador receba energia?” perguntou irritado, depois da prova. Pior ainda foi ela ter afirmado que Confúcio é um filósofo francês.

“Nós vamos novamente para o paredão porque seu cérebro é do tamanho de uma uva”, ele diz naquela manhã de sexta-feira.

Aquilo a magoa de verdade.

A piscina é grande, e fica no centro do jardim de inverno, uma espécie de estufa de vidro, onde estão também as esteiras de corrida e equipamentos de ginástica. As gatas e os nerds passam boa parte do tempo livre ali, não porque querem ficar juntos, mas para evitar que a oposição se articule. Agora que restam apenas cinco casais na disputa, estar ausente significa abrir espaço para conspirações. Coelho-Man diz que nos reality shows os homens se comportam como cachorros: em meio à matilha, até os fracotes arreganham os dentes. Diz que Cayanne deve fazer como ele. Ficar de olhos abertos. Aguçar os ouvidos. E lhe contar absolutamente tudo, porque qualquer informação pode ser útil na guerra. Ele fala: “Temos que ser estratégicos. Temos que usar o ponto fraco de nossos adversários.”

Como ele pode ser tão insensível a ponto de chamá-la de burra e não se desculpar?

“Você tem lacunas horrorosas na sua formação”, ele diz, ao notar que ela não vai parar de chorar tão cedo.

À tarde, a notícia de que Godzilla morreu atropelado dá a Cayanne o direito de telefonar para seus familiares. É Cláudio quem a consola.

Ele ouve a garota contar do atropelamento, fica alguns segundos em silêncio e depois pergunta se ela falou com Fábio.

“Ele me mandou um bilhete ontem, pela produção, pedindo para eu não comentar a nossa íntima vida no programa.”

“Então está tudo explicado.”

“Como assim?”

“Fábio está mais do que puto da vida. Pense comigo. O que você fez para deixá-lo tão furioso a ponto de escrever este bilhete ameaçador?”

“Não foi uma ameaça.”

“Claro que foi. Ele disse: cale sua boca. Por quê? O que você fez? Pense bem. Da última vez que conversamos, eu mesmo aconselhei você a pegar mais pesado. Mas você tem sido elegante. Quando a Madlys perguntou como você se sentia sendo casada com um deus do sexo, você respondeu: ‘Deus podia ter caprichado no tamanho.’ Foi só isso, você não falou em disfunção erétil, nem em marido broxa. A culpa não é sua se as revistas de fofoca estão deitando e rolando. Quando a gente lida com o público, tudo é imprevisível. O que é o público? É um nada. O público é como o vento, sopra para onde quer. De repente, adora o Coelho-Man. Só porque ele recita batatinha quando nasce. Você é sincera e fala que seu marido tem pau pequeno, e pronto, é odiada. Podia ser adorada, pelo mesmo motivo, o público é como uma manada de búfalos quando estoura, pode ir para qualquer lado. Mas você foi esperta, teve a ideia engraçada de promover um concurso de Miss Bumbum, e o público te salvou do paredão, só porque está feliz de ver você esfregando sua bunda na câmera.”

“Não esfreguei minha bunda em lugar nenhum, fui eleita a Miss Bumbum. Por todos da casa.”

“Você está com moral com o público, é isso que estou explicando. Estou dizendo como age o público de forma geral. Eles te amam e te odeiam. Eles te dão o sucesso e te condenam ao anonimato.”

As palavras de Cláudio a confundem. O que tudo isso tem a ver com Godzilla?

“Ele matou Godzilla. Para se vingar. A gangorra inverteu. Você está lá em cima, e ele lá embaixo.”

“A Olga é que estava com o Godzilla.”

“Ele e a Olga são uma pessoa só, minha criança. Comunhão, querida. Sintonia. Como nós dois. Conhecemos o trauma de Godzilla. Sabemos que ele tem pavor de sair de casa. Eles planejaram tudo. Posso até voltar a acreditar em Papai Noel, mas jamais vou engolir a história de que a jararaca Olga, de repente, num ímpeto de generosidade, resolveu levar Godzilla para passear na rua da Consolação.”

Ela não havia pensado na hipótese, mas Cláudio articula os fatos de tal forma que tudo ganha um aspecto assustador.

“Você acha que ela mesma atropelou Godzilla?”

“Meu Deus? Você não vê? Ela levou Godzilla até a Consolação para ser atropelado.”

Cayanne desaba num choro dolorido. Pensar que não estava lá para proteger o cachorro faz com que ela se sinta cheia de culpa. Pessoas que maltratam animais merecem cadeira elétrica. É nisso que ela acredita.

“Minha criança, não chore. Não vou permitir que ninguém estrague a nossa vida. Escuta bem como vamos agir daqui para frente.”

Ela escuta o que Cláudio tem a dizer com atenção, e de súbito pensa no pai, que não fala com ela há mais de três anos. Sente saudades. Os homens da sua vida são muito complicados, ela pensa: “Um me chama de burra. Outro me manda calar a boca. E agora este, careca, pensando que consegue mandar em mim.”

Às 18 horas, Fábio estaciona o carro na garagem do teatro. Quer que o que tenha que acontecer aconteça logo. Patumcatuf. Foi assim que planejou, ele mesmo escolheu o lugar. Para se acalmar, enquanto aguarda, repassa mentalmente trechos de seu monólogo. “Uma noite é um caminho curvo que é preciso percorrer de ponta a ponta.”<sup>[2]</sup>

Parece que está vendo a cena, o caminhão, a avenida, Godzilla morto. Tudo acontecendo ao mesmo tempo, como se o cerco estivesse se fechando. Não é medo o que sente. É raiva. Misturada com tristeza.

As pessoas acham que ser famoso é a melhor coisa do mundo. Ele gosta de ser uma estrela, mas a verdade é que é muito complexo ser Fábio Cássio. Devia ter escutado sua numeróloga: “Você vai precisar de uma barreira de bês para proteção”, ela disse. Três bês. Mas ele não queria ter um nome quase alemão, com tantas consoantes. Agora, o terceiro bê está fazendo falta. O terrível na fama é que ela também tem uma porta dos fundos, ele pensa. E chega a hora em que os fãs querem conhecer o seu lado b, afinal, eles pensam, você não entra na sala da casa deles todos os dias? Então se sentem no direito de espiar sua vida. Claro, quem faz o

trabalho sujo é o paparazzo. Que é o representante do fã. Quando você trai sua mulher, ele está ali, registrando. Se você ultrapassa a velocidade, ele está ali, clique. Se tivesse algo a dizer a um jovem ator, seria isso: cuidado com a fama. E, se ficar famoso, nunca se esqueça disso: a fama faz de você um participante do grande big brother da vida. Você fica exposto 24 horas por dia, ele pensa. As câmeras da fama nunca desligam. Elas ficam de prontidão sobretudo para registrar a sua queda, o momento exato em que você espatifa no chão.

Dez minutos e nada. E então a exaustão, misturada à maconha que fumou para se acalmar, começa a pesar. Como se seu corpo fosse um reservatório, e o sono, a água que o preenche. Tem água pelo pescoço. Um pouco de maconha também. Por isso, a memória está falha. Sono e memória são como goiabada com queijo, ele pensa, juntos funcionam melhor. Principalmente sem maconha. Se bem que queijo funciona bem sem goiabada. Deveria ter dormido à tarde, depois que chegou do veterinário. Deveria ter sido menos agressivo com sua mãe. E comido alguma coisa, pensa, ao ver uma Tucson estacionada mais à frente. É a mesma que chamou sua atenção na avenida Nove de Julho? Na verdade, nem tem certeza se era uma Tucson. "Os drogados são os místicos de uma época materialista." Está invertendo a ordem do monólogo. "Diga a palavra que está de um lado para outro na sua boca: Deus."<sup>[3]</sup> Ou a defesa dos drogados vem antes? É nisso que está pensando quando o reservatório está completamente cheio.

Acorda num sobressalto, cinco minutos depois, com o celular tocando.

"Alô?"

Não gosta do que ouve do outro lado da linha.

Diz: "Você tem 15 minutos para chegar ao meu camarim. Eu não estou brincando."

A porta do camarim está destrancada. Mas ele demora para se preocupar com isso. Fica diante do espelho, pensando que nem



precisa de maquiagem: já está naturalmente destruído. Sua mão está trêmula. "Há dez anos vivo numa mediocridade dourada",<sup>[4]</sup> repete, analisando as profundas olheiras no rosto. Nunca entendeu essa parte do texto. A mediocridade é negra, na sua opinião. O certo seria: há dez anos vivo numa mediocridade negra, mas Alfredo Marcos acha que mexer em texto de autor morto é como dar um tiro nas costas do autor vivo. "Ele não tem como se defender, entende?" Ele entende. Quase entende. Mas não concorda.

Subitamente, nota algo errado na sua bancada. E então se lembra de que não usou a chave para entrar no camarim. A porta não deveria estar trancada? Não foi isso o que combinou com a camareira? "Onde está a Sônia?", ele berra. Alguém mexeu ali. Alguém entrou no seu camarim, e ele tem que dar mais alguns berros até que Cláudio apareça pedindo calma. Diz: "A Sônia pediu demissão."

"Alguém entrou no meu camarim", ele repete. "Você pode me dizer quem fez isso?"

Cláudio corre de um lado para outro, como uma galinha sem cabeça, sem resolver nada, sem saber dizer onde meteram o revólver que ele vai usar em cena.

"A vida não vai depressa o bastante, e eu a acelero. A curva amolece, eu a endireito. Sou um homem, sou dono da minha pele, vou provar",<sup>[5]</sup> ele repassa seu texto em voz alta, até que Cláudio volte com a nova camareira, que também se chama Sônia. "Não entrou ninguém aqui, não senhor", ela diz.

Por fim, a arma é encontrada embaixo da toalha de rosto.

Agora, só precisa se acalmar. E esperar. Deve telefonar para sua mãe. Quer se desculpar pelas coisas horrorosas que lhe disse naquela tarde. Quer que ela saiba que não está nem um pouco chateado pelo fato de ela ter levado Godzilla para passear.

Tragédias acontecem.

22:01. Um homem de cabelos grisalhos e roupas esportivas coloca várias frutas cortadas numa centrífuga, enquanto explica as

vantagens do produto. Azucena bebe vinho, em frente à televisão ligada, pensando que há algo doentio nessas longas propagandas feitas em canais pagos. Na verdade, ela reconhece, há algo patológico no fato de alguém ficar assistindo a intermináveis propagandas de centrífugas. Mas há algo hipnótico naquele troço, ela pensa. Ligue agora mesmo para 0800800800 e ganhe um livro de receitas, grita o apresentador. E uma jarra de sucos.

Ela retira o telefone do gancho e telefona para o delegado que cuida do caso da Cantareira. “Você deve ter aí alguns registros de tentativa de estupro na sua delegacia. Talvez tenha alguma descrição de agressores.”

“Cadê o Sorengo? Por que você não vai comer uma pizza com seu marido em vez de ficar me azucrinando?”

Ela desliga o telefone, desliga a TV, e, quando está indo para o quarto, seu celular toca. É Procópio, pedindo que ela vá atender um chamado no teatro Alexandre Herculano.

“Sabe quem é Fábio Cássio?”, ele pergunta.

Ela não assiste à telenovela, mas não tem como não conhecer um galã no Brasil.

Procópio faz um breve resumo do ocorrido. “Não sabemos se foi homicídio ou suicídio”, ele diz, quase eufórico. “Vai ter muita repercussão.”

A caminho do teatro, depois de chamar a mãe para ficar com suas filhas, ela conclui que Procópio estava feliz ao telefone. A morte de alguém famoso traz muita emoção à vida sem graça da Central.

---

[2.](#) Drieu la Rochelle.

[3.](#) Drieu la Rochelle.

[4.](#) Drieu la Rochelle.

[5.](#) Drieu la Rochelle.

## PARTE 2

A curva nasce no queixo, atinge seu esplendor na altura do abdômen e morre no púbis, são diversas camadas de gordura que, no banho – ela supõe –, devem impedir que ele veja seu próprio pênis. Além de diabético, Jair é hipertenso e tem os joelhos estropiados. “Não é fácil ser gordo. Tenho que comer muito para manter esse bundão”, ele costuma brincar.

Quando Azucena o escala para atender locais de morte, ele avisa: “Se tiver que andar no mato, engatinhar ou subir escadas, demoro o triplo.” Não é exagero. Com a máquina fotográfica em punho, Jair sofre para realizar seu trabalho. Sua lentidão, no entanto, é quase sempre compensada com a apresentação de uma documentação fotográfica cuidadosa e farta.

Ela gosta de Jair. Com fleuma e dinâmica próprias, ele faz o contrapeso necessário para o ritmo frenético do detetive Tenório.

“Por favor, delegado, se afaste do corpo”, ela diz, enquanto Jair aguarda para retomar os cliques.

A interferência de Procópio na perícia a incomoda. É a terceira vez que pede para o homem se distanciar do cadáver, não quer que ele apareça nas fotos que usará no laudo, arriscando invalidar importantes evidências físicas.

Para montar o quebra-cabeça, ela gosta de fazer um movimento de aproximação espiral, de fora para dentro, até chegar ao cadáver. Gosta de ser rigorosa, protocolar. Junto com a equipe técnica e o policial que atendeu o chamado inicial, já localizou as entradas e saídas de emergência, andou pelo foyer, ampliou a área a ser preservada para perícia, incluindo os quatro camarins e os banheiros.

Agora, há menos de um metro do corpo, ela acaba de recolher um estojo de cobre vazio, com a cápsula de espoletamento picotado. No

culote do objeto, lê: CBC ponto. Não consegue ler o calibre. Esqueceu os óculos para vista cansada em casa.

“Giulia?”, ela grita para a irmã, que está ajudando a acomodar as pessoas na plateia para a coleta de informações e depoimentos.

“Mais embalagem.”

Ela lacra a evidência e pede que a irmã a entregue para Tenório.

O cadáver, ela deixa por último. Depois de tantos anos de experiência, ainda hoje se emociona quando examina um corpo. Antes de tocá-lo, pede permissão, mentalmente. Como se fosse entrar numa casa. É um velho hábito. Às vezes, também pede ao morto que a ajude a desvendar o mistério. Conversar com mortos é sua maior habilidade. Um talento inversamente proporcional ao de se comunicar com os vivos. Os mortos têm essa vantagem, ela pensa, não mentem. E jazem desamparados. Gosta de acreditar romanticamente que é esta a razão de estar ali: vai defendê-los.

Agachada junto ao corpo, ela o examina com cuidado. O rapaz é jovem e tem um ferimento na têmpora direita, circundado por zonas de esfumaçamento, com grânulos de pólvora em combustão incrustados na face. Ainda assim, ela consegue vislumbrar a harmonia dos traços, enquanto pensa que morte e beleza formam um par bem desconjuntado. O calibre da arma, que ainda não analisou, deve ser grande, talvez 0.40, ela conclui, ou não teria projetado partes de massa encefálica na plateia. Certamente, ele não encostou a arma na têmpora, mas a manteve a uma distância razoável, de seis a sete centímetros, o que explica o grande estrago e a tatuagem de pólvora.

Como todo homicida, ele tem mãos de águia. Mas ela não está segura de que se trata de um suicídio. Suicidas demoram anos para criar coragem, e boa parte desse tempo é dedicada à pesquisa minuciosa sobre a melhor forma de morrer. Tudo é arquitetado de maneira a evitar erros. Temem se arrepender durante a tentativa, temem falhar e sobreviver com sequelas incapacitantes. Por isso o ato é geralmente consumado rapidamente. Portanto, se Fábio Cássio se matou, ela conclui, foi sem a pressa característica dos atos suicidas. O fato de ele ter permanecido no palco por mais de uma hora – interpretando o papel de um artista deprimido –, antes de

estourar os próprios miolos, faz com que ela pense em duas hipóteses: ritual e martírio, não muito diferente dos praticados por homens-bomba. Ou homicídio.

Tenório surge do *backstage*, com o estojo que Giulia lhe entregou, e se agacha ao seu lado. Diz: "Calibre 0.40."

"Imaginei que fosse isso."

"Acabei de falar com o sargento que atendeu o chamado. Alguma anta da equipe dele levou a arma para o 78º Distrito. É mole?"

"Ainda vou indiciar um desses caras por coautoria em homicídio", ela comenta ao mesmo tempo em que nota algo dentro do bolso do robe usado pelo ator.

Com uma pinça, ela retira dali um pedaço de papel, onde está anotado em letra de mão: 9876.5.9872. Ao lado do número há o nome do ator, escrito mais de uma dezena de vezes, com alguns rabiscos.

Jair apoia-se nos ombros dos colegas para conseguir ajoelhar-se ao lado deles.

"Tem nove números", diz Tenório. "Pode ser um telefone. Aliás, isso parece ter sido anotado durante uma conversa telefônica. Veja os rabiscos."

"Mas e esses pontos? Não é uma forma habitual de se anotar um telefone", ela diz, enfiando o papel dentro de uma embalagem própria.

Jair pega o lacre, coloca-o no chão ao lado do corpo e começa a fotografá-lo.

"Só um narcisista de carteirinha é tão apaixonado pelo próprio nome", ela diz, referindo-se à profusão de assinaturas.

Por um instante, Jair deixa de fotografar: "Sabe aquele lance de sonhar um sonho? Suicida ególatra, para mim, é a mesma coisa."

"Pleonasma", diz Azucena.

"Como?" pergunta o fotógrafo.

"Sonhar um sonho", ela responde.

"É o que estou falando", diz Jair, voltando a fotografar. "Mais narcisista que um suicida, só mesmo um ator. Aliás, nesse aspecto, é impressionante como os atores se matam pouco. Pela lógica, deviam se matar mais."

“Ele faz as sobrancelhas”, diz Tenório, com um risinho nos lábios.

“E mãozinhas manicuradas”, cochicha Jair.

Novamente, ela examina as mãos. Polegar e indicador em posição de empunhadura. Quer retirar o anel de prata que está no anular da mão direita do ator, mas percebe novamente que está sem material para o lacre. Olha ao redor, e Giulia desapareceu de seu campo de visão. O que lhe chama atenção é o desenho no anel. Parece uma rede.

“Esses veados são foda”, cochicha Tenório.

Enquanto ela continua o exame, os dois começam a fazer piadas, abafando suas risadas. Ela não gosta disso. Tenta abstrair. Sabe que não é fácil conviver diariamente com a morte. Cada um ali, inclusive ela, tem uma estratégia diferente para lidar com isso. Quando começou a trabalhar, sentia como se cada cadáver periciado fosse uma espécie de seta apontando para a sua própria mortalidade. Antes de ir para casa, tinha que vomitar. Trancava-se no banheiro feminino da Central para “vomitar o defunto”, como costumava dizer. Demorou muito até conquistar a calosidade necessária para enfrentar seus mortos, mas a verdade é que nunca conseguiu formar uma carapaça de verdade, como Tenório ou Jair. Sua impermeabilidade é precária. Depois que suas filhas nasceram, ela passou a se sentir mais vulnerável. Sobretudo para encarar a dor das mães. Há pouco, quando viu a mãe de Fábio Cássio chegar do hospital para onde foi levada ao saber da morte do filho, veio-lhe à mente a ária de *Suor Angelica*, em que uma mãe chora a morte do seu bebê. *Le tue labbra senza i baci miei, scoloriron fredde, fredde*. A mais terrível das mortes é a chorada pelas mães, disso ela não tem dúvida. Já viu cenas reais muito mais lancinantes que as de Puccini. Uma mãe que fugiu de carro com o corpo da filha adolescente para evitar que a garota fosse enterrada. Outra que se sentou na sarjeta, agarrada ao capacete do filho operário, morto na queda de um edifício em construção.

Portanto, se ela não consegue achar a menor graça nas piadas idiotas de seus colegas, sabe perfeitamente que eles próprios não se divertem com isso. É uma estratégia apenas. Uma forma de rir na cara da morte.

Ainda está examinando as mãos do cadáver quando vê Procópio retornando ao palco, agora trazendo um aparelho celular. Não tem nenhuma razão para gostar dele. Mas pode vislumbrar o motivo pelo qual ele não gosta dela: não tolera mulher em quadro de chefia, e deixa isso bem claro. O que a irrita sobretudo é a forma como ele trata os jornalistas. Puxa-saco. Subserviente. Vai ver que acredita que será poupado, ela pensa, enquanto desloca levemente o corpo à esquerda, procurando mais evidências. A verdade, ela pensa, é que nada mudou desde que Washington foi ejetado: os jornais continuam falando do fracasso da política de Segurança do estado. Estampam manchetes para lá de macabras. Atacam todas as corporações. Dizem que as duas polícias somadas não dão uma. Que não há ferramentas. Que não há Inteligência. Que ninguém presta contas. Falam de uma máfia, nascida dentro do próprio sistema prisional, controlando a atividade criminosa na cidade. E vaticinam: as milícias vão chegar a São Paulo. Esse é o preço que o paulista vai pagar por uma política de Segurança que menospreza o poder do crime organizado, eles dizem. Logo Procópio também estará ardendo naquela fogueira.

Agora, sob a vítima, encontra um projétil semiencajado e deformado. Depois que Jair faz as fotos, ela gasta alguns minutos observando sua superfície, com impressões de raias bem definidas.

“É uma arma semiautomática”, diz, mostrando o projétil preso à sua pinça para Procópio e Tenório. “Preciso de mais lacre.”

Procópio lhe estende o celular e diz: “Aproveita e embala esse celular. É da mãe do ator. Ele telefonou para ela antes de entrar no palco. Deixou uma gravação. Parece uma despedida.”

Ela pega o telefone e ouve a mensagem. “Gostaria que você estivesse aqui esta noite”, diz o ator, com uma voz boa, segura.

Não acha que seja uma mensagem de despedida, e diz isso ao delegado.

“Como é o ferimento?”, ele pergunta, sem considerar o que ela acaba de falar.

“Perfuro contuso, o da direita tem bordos invertidos, com orlas de contusão e enxugo. O da occipital esquerda tem bordos evertidos.”



Tenório diz: “Tecnicamente foi suicídio. A questão agora é se ele sabia que estava se matando.”

“Suicídio-espetáculo é inédito para mim”, comenta Azucena. Conta depois que encontrou no camarim resíduos de algo que foi carbonizado, provavelmente plástico. E que o ator deixou o próprio celular conectado à tomada do camarim para recarregar a bateria. “Um suicida não faria isso.”

“Algum bilhete?”, pergunta Procópio.

Ela nota que o delegado – ainda que faça perguntas para ela – dirige o olhar a Tenório.

“Não”, responde o detetive: “Mas isso não significa nada. Nem todo suicida deixa bilhete. Na verdade, a maioria não faz isso.”

Procópio fica alguns segundos observando o cadáver. Depois pergunta ao detetive: “Você considera a hipótese de homicídio?”

“Uma camareira contou que ele reclamou que alguém havia entrado no seu camarim e mexido nas suas coisas. Já pedi as imagens das câmeras de segurança. Vamos analisar toda a movimentação do teatro.”

Ela acha graça quando Procópio fala sobre “fechar o caso rapidamente”, antes de voltar à plateia para começar os interrogatórios. “Quero mostrar para a população de São Paulo o novo perfil da Central.” O que ele está pensando? Que é um político fazendo discurso em palanque?

Jair faz um sinal para que ela se mova para a direita. “Vou fotografar esse rombo de onde voou o cérebro.”

Tenório se levanta para acompanhar o delegado. Pede que ela faça o mesmo depois de acabar o trabalho.

Ela não tem pressa. Faz o exame residuográfico nas mãos do ator e ainda fica um bom tempo, concentrada, examinando o corpo. Acima do calcanhar, bem na altura de onde passa o tendão de aquiles, há um pequeno círculo, com um desenho que só agora ela nota.

“Parece o número oito deitado”, diz Jair.

“Ou o sinal de infinito”, ela diz.

Mais tarde, enquanto aguarda o carro que levará o corpo ao necrotério, ela volta ao camarim com Vininho, um excelente perito, com todos os vícios do funcionalismo público. Se pode, faz corpo mole. Atrasa com frequência, joga a culpa nos outros, e sabe mentir como um profissional. No entanto, pressionado, trabalha melhor que qualquer outro papiloscopista da sua equipe. Ela o conduz na coleira curta. Quer ter certeza de que ele fez tudo o que ela pediu.

Ao abrir a porta, depara-se com um fotógrafo da imprensa, acompanhado de Giulia.

“Ele é meu amigo”, diz a garota visivelmente constrangida por ter sido flagrada permitindo acesso a um local preservado. “A irmã dele estuda na minha faculdade. Ele só quer uma foto para o site 24 horas.”

Azucena diz: “O que há de errado com você?”

Vininho coloca o fotógrafo para fora, tendo antes o cuidado de apagar as fotos da sua câmera.

“Ele não mexeu em nada. Juro. Fiquei o tempo todo aqui. Foram só umas fotos”, insiste Giulia.

“Pode ir para casa”, diz Azucena.

“Jamais colocaria sua investigação em risco. Não sou irresponsável.”

Ela informa a Vininho que, a partir daquele momento, a garota não integra mais a sua equipe. “Avise a todos.”

Giulia dá um suspiro: “Claro. Você precisa me foder de verdade. Está doendo muito, não é?”

Antes de deixar o camarim, Azucena avisa que não vai assinar o atestado de cumprimento da carga horária obrigatória, que a faculdade de Giulia lhe enviou.

“Você vai fazer eu perder todo o período que trabalhei?”

Do corredor, ela ouve os palavrões proferidos pela irmã.

No banheiro do teatro, lava o rosto aliviada. Ver Giulia todos os dias na Perícia era mais que um fardo. Um pesadelo.

Já passa da meia-noite.

Alguns técnicos do teatro garantem que Fábbo estava nervoso durante a apresentação. Outros afirmam o contrário. Nunca esteve

tão bem, garante a maquiadora. Alguns asseguram que havia mais gente no palco na hora do disparo. Ao menos, na coxia. Outros falam que a invasão ao *backstage* ocorreu após a morte do ator. Alguns garantem que a plateia permaneceu calma todo o tempo. Outros não têm dúvidas de que parte da plateia foi para o palco, e que teve gente que sujou os sapatos de sangue.

Uma senhora da plateia diz que tudo pareceu "irreal". Outro diz ter visto uma peça assim em Nova York. Uma jovencinha vesga conta que ouviu gritos e gargalhadas depois do tiro. A amiga ao lado afirma que isso não corresponde aos fatos. Só se ouviram gargalhadas. "Pensamos que era uma performance", ela diz.

Alguns insistem que o ator caiu para a esquerda. Outros têm certeza de que foi para a direita. Alguém escutou dois estampidos.

A nova camareira relata que sentiu um cheiro de queimado no seu camarim, antes do espetáculo. "Achei até que era alguma macumba." "À tarde, uma mulher de cabelo vermelho veio atrás dele", diz a faxineira. "Não era ruiva, era loira", relata o porteiro. "Veio também um altão. Acho que era um motoboy."

Alfredo Marcos, o diretor da peça, tem certeza de que o ator estava vivendo um momento dramático. "Ele nunca tinha levado uma porrada na vida. E de repente começou a ser linchado pelos críticos. Na semana que vem vai ter a entrega do prêmio Pé na Jaca, o pior dos piores. Estavam dizendo que ele seria o grande vencedor. A crítica brasileira tem uma pegada black bloc."

"Eu apenas senti que ele andava mais nervoso. Atacou um fotógrafo recentemente, vocês devem ter visto a notícia no jornal", completa o produtor Cláudio.

Azucena acompanha o trabalho de Tenório, até que Procópio decide que a coleta de depoimentos vai continuar na Central no dia seguinte. O público e a equipe de produção são liberados.

Procópio fala: "Vou liberar o corpo para o IML."

Quando ela está lá fora, ao lado do rabeção da perícia, aguardando o corpo que vai ser removido, Olga se aproxima. Era exatamente o que estava tentando evitar.

"Sei que meu filho não se matou", ela diz. "Ele não tinha motivos para isso. Alguém colocou as balas naquela arma."

“Esta é uma das nossas linhas de investigação.”

“Ele tem muitas fãs”, prossegue Olga. “Quero que fique bonito no velório.”

Pausa. Ela odeia estes silêncios. Nunca sabe o que dizer. De repente, sente uma pena imensa daquela mulher. Pega suas mãos.

Nesse instante, os agentes saem do teatro trazendo Fábio Cássio na maca de remoção.

Olga fecha os olhos, chora baixinho. É na perita que ela se ampara.

Azucena sente as lágrimas atravessarem a malha fina da camisa que está usando e molharem seu ombro.

“Seja forte.” É isso o que ela consegue dizer para aquela mãe destroçada.

A Marginal está livre, quando ela volta para casa. Deixa o vidro do carro aberto, quer um pouco de vento frio no rosto.

Está com uma sensação estranha, que a faz se sentir no mesmo território de Olga. Também está chorando seus mortos. A imagem do marido e Giulia embrulhados sempre volta à sua mente. Tem pesadelos em que eles continuam se encontrando. O pior de tudo é que sente falta do marido. De um jeito confuso, perturbado, mas sente. Teria sido mais fácil se ele tivesse morrido de verdade. Num acidente aéreo. Uma doença seria ainda melhor. Teria tido tempo de se acostumar com a nova vida, sem aquelas criaturas. Quanto tempo será necessário para que certas ideias parem de rondar seus pensamentos? Quanto tempo para se livrar daquele nó na garganta que lhe deixa um gosto metálico na boca. Ou ela nunca mais será a mesma? Será como aquelas personagens de romances baratos que são abandonadas no altar?

Quando se dá conta está diante da casa que Luís acabou de alugar. Foi seu pai quem lhe contou a novidade. “Ele quer um espaço para poder conviver com as crianças, e este espaço não pode ser um flat.” Seu pai lhe disse isso como quem pede: não crie problemas. Há luz na sala. Sua vontade é entrar de supetão. Tem arma e munição suficientes.

Fica olhando o jardim bem cuidado. No lixo, há a embalagem de uma nova televisão, que lhe enche de ódio. De repente, ela desaba num choro convulsivo. Gostaria de ser como certas mulheres que investigou no passado. Gente que, ao ser traída, se vinga à bala.

Horas antes, Cayanne é chamada na Central de Produção da série *As gatas e os nerds*.

O encontro se dá na sala do diretor numa rua tranquila do bairro Pacaembu. Estão presentes dois produtores, além do próprio diretor.

De pé, com as costas apoiadas na parede, ela chora. Não é o cabelo negro e farto nem os olhos orientais, maquiados numa tonalidade perolada, que chamam atenção. Shorts minúsculos de um lado e saltos altíssimos de outro fazem das suas pernas uma espécie de cabo de guerra, e destacam sobremaneira seus membros inferiores.

Ela assoa o nariz, agora um pequeno pontinho vermelho em seu rosto, e pergunta: "Alguém pode abrir a janela?"

A janela é aberta, e um vento gelado atenua o fedor de cigarro que parece vir do tapete de feltro cinza.

Eles prefeririam que a notícia da morte de Fábio Cássio tivesse sido dada por alguém da família. "Chegamos a telefonar para seu pai", conta o diretor. Não completa a frase. Cayanne sabe muito bem como o velho plantador de couves de Marília deve ter se comportado. Fecha os olhos e com uma voz infantil diz: "Esperava tudo de Fábio. Menos que ele se matasse."

Agora o diretor não sabe como continuar a conversa. Não ousa comentar a hipótese de homicídio, já divulgada. Ela seria suspeita? Como, se não saiu dali? De qualquer forma, odeia ver mulheres chorando.

Apesar do pior já ter sido dito, a negociação ainda não acabou. É a primeira vez que um participante de reality show da emissora vive uma tragédia pessoal durante a temporada, e a decisão de providenciar uma nova gata – se possível com o mesmo tipo asiático – para substituir Cayanne já foi tomada. "Luto não tem nada a ver

com *As gatas e os nerds*”, avaliou o *ombudsman* da emissora na reunião que selou o destino da moça.

Por isso, da maneira mais delicada que encontra, ele pergunta como ela gostaria de se despedir do público.

Ela enxuga os olhos, os cílios postiços se descolam, e uma parte deles fica grudada na bochecha direita, como um grande inseto.

O maior de seus problemas, ela conclui mentalmente, é não ter se casado no papel. Saindo dali, não tem para onde ir. Não tem dúvidas de que terá que brigar com Olga para conseguir entrar no apartamento onde vivia com Fábio Cássio. Sabe perfeitamente que não vai poder contar com o apoio da sogra. Por outro lado, não é prudente se hospedar na casa de Cláudio. Marília também não é uma opção. A roça nunca foi uma opção. Nunca.

O diretor faz um gesto que ela não entende. Ele diz: “Seu cílio.”

No espelho que retira da bolsa, ela se vê com o rosto borrado de rímel. Usa lenço de papel para limpá-lo, mas o resultado fica pior. Agora está parecendo um urso panda, ela pensa. O homem à sua frente continua falando. Mas ela nem consegue ouvir direito. O mínimo que esperava era sair do programa com uma capa na *Playboy* garantida. Pelo menos é o que se diz no meio: antes mesmo de deixar os reality shows, as participantes já têm contratos assinados para posar em revistas masculinas “sérias”. Ela se esforçou ao máximo, mas, pelo jeito, não o suficiente. Pergunta: “Estou sendo despedida?”

O temor da direção é exatamente que a conversa descambe para a questão trabalhista – não porque a moça tenha razão, mas porque este é o tipo de distorção que a imprensa adora explorar. Como quem pisa em terreno minado, ele explica que ela não é formalmente contratada, e, por isso, não pode ser demitida. “Embora você não tenha sido tecnicamente eliminada, imaginamos que é uma questão de bom senso.”

Não é só a tristeza que a consome. Está zangada também. Eles usam mil argumentos, falam de inevitabilidade, em caso de força maior, mas a realidade é que ela não perdeu o jogo, e está sendo eliminada.

É quase um tique, antes de falar, a moça afasta a franja dos olhos: "Sabe como eu me sinto? Como se a vida estivesse matando meu único coelho com duas cajadadas: me levam o Fábio Cássio e me tiram o programa. Ao mesmo tempo."

O que chama a atenção do diretor a ponto de ele incluir, na semana seguinte, a informação no depoimento na delegacia, é a rapidez com que Cayanne se recompõe. Não faz meia hora que o marido morreu e ela já está fazendo um balanço dos prejuízos.

"Vai ser muito triste para você, ficar aqui, fingindo que nada aconteceu", ele diz. "Nosso programa é alegre."

"Eu sou profissional", ela diz. "Sei separar minha vida privada do meu trabalho."

Isso também é relatado, mais tarde, na Central.

A essa altura, um dos produtores já deixou a sala e está reportando o diálogo para instâncias mais altas.

Surge um debate paralelo: aqui, ela defende sua permanência. Tem certeza de que esta é também a vontade de Fábio Cássio "esteja ele onde estiver. A única homenagem que posso fazer ao meu marido", ela diz, "é vencer".

Lá, entre as gravatas, o tom é de perplexidade. "Como não haviam considerado esta hipótese antes?" Se divórcios de celebridades são produtos altamente rentáveis em todos os meios de comunicação, por que o luto de Cayanne não pode ser explorado? Num programa que, ainda por cima, não está nada bem das pernas?

"Com todo respeito", diz a gravata vermelha com bolinhas pretas, "a tristeza dessa estrela japonesa pode ser uma tremenda alavanca para nossa audiência."

Alguém argumenta que ela não é japonesa.

"Nem celebridade", rebate um terceiro. "Pelo menos nesta semana. Há gatas melhores, segundo nossas pesquisas."

Ao mesmo tempo em que Cayanne muda de estratégia e passa a implorar por sua continuidade no projeto, o responsável pelas pesquisas de audiência da emissora expõe sua teoria para o grupo que toma as decisões. Ele diz, depois de acender um cigarro: "Eu ainda acho que o que deve nos orientar nesse momento é a velha fórmula do sucesso da revista *People*, que encontrei num livro



interessante: 'Jovem é melhor que velho; bonito é melhor que feio; rico é melhor que pobre; televisão é melhor que música; música é melhor que cinema, qualquer coisa é melhor que política, e nada é melhor que uma celebridade recentemente falecida.' Essa moça, em termos técnicos, é quem detém os direitos sobre a morte de Fábio Cassio. A morte dele já a transformou numa celebridade."

As gravatas concordam. Produtores e jornalistas de outras emissoras e jornais já estão telefonando para perguntar se ela vai deixar o programa.

A gravata verde é a mais resistente: "E se não for um suicídio?"

"Homicídio é melhor que suicídio", diz o especialista.

Outra questão, de caráter subjetivo, é levantada pelo mesmo acionista. "A permanência de Cayanne", ele diz, "não é totalmente justa com os outros participantes, já que ela vai estar naturalmente em destaque."

"E quem é que está preocupado com justiça, Palhares?", ironiza a gravata vermelha. Não estavam fazendo um experimento social?

A reunião é encerrada.

Agora, o produtor retorna à sala onde está Cayanne, carregando o superintendente da emissora a tiracolo. Ele se apresenta à moça com um aperto de mão firme, impressionado com o fato de ela ser mais bonita ao vivo.

E diz: "Desde o início, era o nosso desejo que você continuasse no programa. Entenda nossa posição: queríamos que você se sentisse livre para viver seu luto privadamente."

Por fim tudo se acerta. As mudanças são pequenas. Ali mesmo criam uma nova estratégia que, trocada em miúdos, consiste em inserir chamadas durante a programação da emissora, dando enfoque à coragem de Cayanne, que, apesar do sofrimento, "decidiu ficar".

"Faremos uma espécie do Dia do Fico, entende?"

Ela não sabe o que é o "dia do figo", nem sabe se escutou direito, mas concorda. O importante é ficar.

O pessoal do figurino é orientado: daqui em diante, ela só usará preto. Miniblusas, minissaias, biquínis, tops, tudo preto. Em respeito ao falecido.

Horas depois, ela está no estúdio, maquiada, dentro de um microvestido preto, sem mangas, para uma gravação extra.

“Chore se quiser, chore à vontade”, orienta o diretor, já com a câmera ligada.

Ela quer chorar, mas e o rímel? Diz: “Meu coração está conectado ao de Fábio Cássio. Sei que, lá de cima, ele está torcendo para que eu continue minha luta. É trabalhando que vou superar essa tristeza. É por isso que estou aqui.”

O material vai ao ar na manhã e tarde do dia seguinte. O espectador adora, sobretudo o momento em que ela junta as mãos com se fosse rezar e pede: “Orem por ele. Orem por mim.”

Medidores de audiência indicam um aumento de dois pontos na programação matutina, só por conta de Cayanne. Todos querem ouvir o depoimento dela. No espaço de oito horas, o site oficial de *As gatas e os nerds* sai do ar, devido ao aumento de acessos.

Quem não está nada feliz são as outras gatas. “Ela está numa posição privilegiada: é viúva. Você não pode concorrer com uma pessoa que acabou de perder o marido”, diz Eveline.

“Estamos ferradas”, reclama Madlys: “A partir de agora, quando vencermos Cayanne numa prova, seremos odiadas pelo público.”

Durante o dia – e antes do programa ir ao ar – cresce a insatisfação na casa. A solução é deixar que o público decida.

Antes do jornal das 13 horas, o apresentador anuncia:

“Cayanne já decidiu. Agora só falta você. Ligue para 0800-3554411, se você acha que ela deve continuar na casa e dividir conosco este momento difícil, e disque 0800-3554422, se pensa que será melhor para Cayanne sair do programa.”

O público decide que ela fica.

Mas, antes mesmo que isso aconteça, a produção “libera” a ida de Cayanne ao velório e enterro do marido, enfurecendo os outros participantes. “Ela está sendo tratada de forma especial. É privilégio o que está recebendo.”

Com medo de que a insatisfação interna se transforme numa crise real, a produção recua e aceita a reivindicação do grupo.

Assim, todos são liberados para ir ao velório e enterro de Fábio Cássio.

A maquiadora é boa, mas não faz milagres. Os orifícios de entrada e saída do projétil foram preenchidos com cera necrofílica e cobertos com base reativante, depois que os ossos da caixa craniana e a pele da face foram reconstruídos pelo embalsamador.

Olga, ao lado da maca, olha os agentes funerários prepararem o filho no caixão. Nota que o inchaço do rosto desapareceu, assim como o do abdômen.

O que a martiriza é o fato de não ter atendido o celular quando Fábio lhe telefonou. Talvez pudesse ter feito algo. Mas o quê? Isso ela não sabe responder. Ao menos, pensa, nossa despedida não seria uma briga idiota por causa de um vira-lata. Estremece, só de pensar no cachorro demoníaco.

Ao tocar os cabelos do filho, lembra-se do dia em que seu marido, promotor público, usando um terno puído e amarfanhado, desabou sem vida sobre uma pilha de contas atrasadas na mesa da cozinha, enquanto ela cortava batatas para o jantar. Durante muito tempo, substituiu a dor daquela perda por um sentimento de indignação e revolta, como se a morte do jovem cônjuge fosse traição e não fatalidade. Lembra de ter lido, em algum livro que retirou da biblioteca do Dante Alighieri, algo que a marcou para sempre. “Piedade nunca. A raiva é tudo.” Desde então segue a filosofia deste autor, cujo nome não se lembra. É assim que ela reage desde aquela época. O marido morreu e ela ficou entupida de ódio. Agora está novamente tomada pelo ódio. O rancor, ela pensa, é tudo o que tem para se agarrar. É toda sua energia. Embora não possa provar, sabe quem são os assassinos de seu filho, e lamenta não poder fazer com Cayanne e Cláudio o que fez com o cão. Deplora o fato de o Brasil não ter cadeira elétrica como nos Estados Unidos. A ideia de sentar-se na plateia – como se estivesse na Flórida ou no Arizona – e assistir ao espetáculo do fuzilamento ou eletrocussão dos dois assassinos é quase revigorante.

O homem da funerária tem mãos ágeis e, com gestos rápidos, veste Fábio com o terno cinza-claro com botões de osso de boi, que ela escolheu para o enterro. Ela quer ajudar, mas não se move. Seus braços pesam. Os pensamentos não lhe dão trégua. Não é idiota. Não acredita na Justiça. “Você pode matar à vontade no

Brasil”, dizia seu marido, “só precisa ser branco e ter dinheiro para contratar um advogado.” O falecido Oswaldo gastou a breve vida reclamando das chicanas de um sistema judiciário pró-réu. Faz muitos anos que ele se foi. E o país continua o mesmo. Está farta de ver nos noticiários os assassinos da classe média usando uma série de recursos, de ferramentas e prazos para continuarem livres. Sabe perfeitamente que, ainda que denuncie, ainda que consiga provas, ainda que gaste todo o dinheiro que tem com advogados, Cayanne e seu amante gozarão de liberdade por muitos anos. Talvez se casem e vivam no apartamento que Fábio comprou, usufruindo do dinheiro que o filho deixou no banco.

Gostaria de ajeitar as flores brancas no caixão, mas alguém com uma voz agradável a retira dali, e de repente ela está entrando num carro. Fecha os olhos, sente o peso da noite passada em vigília no Instituto Médico Legal. O barulho do motor entra pela boca, e se instala dentro da sua cabeça. Todo o seu corpo vibra com o ronco da máquina, enquanto o corpo ensanguentado de Godzilla assombra seus pensamentos.

Quando desperta do pesadelo, minutos depois, está diante da igreja Nossa Senhora do Brasil, com o carro cercado de curiosos e fãs. Muitos carregam cartazes com mensagens de apoio. “Estamos com você.” “Fábio Cássio não morreu.”

Uma adolescente histérica de olhos injetados gruda o rosto no vidro da janela, fazendo-a pensar na imagem famosa de Munch. Outra beija o para-brisa, deixando marca do batom impressa no vidro. Antes mesmo que isso lhe sirva de consolo, ela constata que eles também estão lá para o velório: os urubus. É assim que ela se refere à imprensa. Já faz algum tempo que ela entende como eles funcionam. É um círculo perverso este, o da fama. Primeiro eles incensam você, porque você é um rosto bonito que acabou de chegar ao mundinho deles. Falam da sua naturalidade, do seu viço, e convidam você para vender sabonete. Planejam tudo com ciência e detalhe, trilham a via-sacra das capas em que você deve brilhar. E então, quando você atinge o topo, quando ainda nem conseguiu se acostumar à vida nos píncaros, eles já se enjoaram do seu frescor e da sua beleza. Aí, começa o caminho inverso. A desconstrução.

Fazem chacota da sua interpretação. Destroem sua peça. Dizem que o autor era colaboracionista. Dizem que quem monta um texto de um colaboracionista tem minhoca na cabeça. Dizem que sua mãe domina você. Insinuam que você é homossexual. Apelidam sua mulher de miss bumbum. Fazem um escândalo enorme só porque você deu um empurrãozinho de nada num paparazzo filho da puta. Fazem o diabo. Agora ela sabe muito bem lidar com essa gente.

Alguém da paróquia abre a porta do carro. Ela salta e os flashes pipocam. Seu olhar é duro. Ouve tudo o que perguntam, ignora solenemente. Força o caminho entre a multidão, afasta os microfones com violência. Para um mais atrevido, ela fala entredentes: inseto! E empurra quem tenta barrar seu trajeto.

Ao entrar na igreja, ouve um repórter gritar: "A senhora confirma a história do cachorro?"

Vizinhos, amigos e professores do Dante Alighieri já estão ali para recebê-la. Envolvem-na como polvos. Mil abraços. Alguém lhe mostra as coroas de flores que acabaram de chegar. Nenhuma é mais bonita que a sua: "Meu filho adorado, morro junto com você." O rapaz da funerária insistiu para que ela não escrevesse esta mensagem. Mas era isso mesmo que queria escrever. É assim que se sente. Morta.

Um homenzarrão com hálito azedo se apresenta. É o padre que vai rezar a missa. Não entende o que ele está dizendo. Ela largou Deus lá atrás, junto com o marido fulminado, na década de 80. Ele quer consolá-la? Não quer mais nada com Deus. Nem com seus serviços. O importante, ela pensa, é saber onde ficará o caixão. Caminha em direção ao altar-mor talhado em madeira e, por alguns segundos, fica em silêncio olhando a imagem da Virgem com feições indígenas. O bebê no seu colo é mestiço, ela nota, antes de sua cabeça começar a rodar.

Não faltam conhecidos para levá-la para tomar "ar fresco".

Lá fora, o trânsito está confuso, com carros estacionados em filas duplas. Com sua aparição, a multidão se agita novamente. Alguém lhe diz que algumas fãs estão ali desde a madrugada. Muitas vêm de longe, de outras cidades. "Aquela van acabou de chegar de

Piracicaba”, diz o professor de química, o Alves, que faz parte do grupo que a circunda.

Uma gorducha, com cabelos alisados, fura o cerco e fala: “Tenho uma coleção com 305 fotos de seu filho.”

Como agradecer àquela gente? As duas se abraçam. O professor de química tenta apartá-las, porém Olga está gostando do contato. De alguma forma, ela sente, vem dali seu consolo. Outra adolescente se aproxima. E depois mais uma, num movimento crescente que, visto do alto, lembra o de uma célula sendo infectada por vírus.

“Estamos aqui ao lado da mãe do ator que morreu na noite de ontem com um tiro na cabeça”, diz a repórter que consegue se aproximar.

Disso Olga quer distância. Rapidamente força a passagem entre a multidão – agora com a ajuda de alguns PMs – e volta à igreja, já com um plano na cabeça para a missa de sétimo dia: fará santinhos com a imagem do filho. No quarto de empregada de seu apartamento, estão guardadas caixas e mais caixas repletas de cadernos com poemas que Fábio escreveu na adolescência. Talvez use algum de seus escritos, junto com o autógrafo. A ideia, no entanto, não é suficiente para acalmar a sensação de urgência que a consome por conta dos fãs. Tem que agradecer, de alguma forma, àquelas pessoas lá fora. Agora.

“Será que eles estão com fome?” pergunta ao professor de química.

“O quê?”

“Os fãs”, ela explica.

Ele entende que a amiga está confusa, não dormiu a noite toda e quer desvirtuar a conversa: “Não se preocupe. O carro funerário está para chegar.”

Ela abre a bolsa, pega o talão de cheques, assina uma folha, e pede ao amigo para providenciar sanduíches e pizzas.

“Para você?”

“Vamos distribuir. Elas devem estar com fome.”

“Do que você está falando?”

“Big Macs. Quantas pessoas você acha que temos lá fora?”

O professor vira as costas e rasga o cheque.

Por conta do episódio, ele realiza um conclave dos docentes do colégio Dante Alighieri, perto do confessionário, e decide que Olga será medicada com uma pílula de Rivotril – que a professora de matemática traz na bolsa – dissolvida em suco de laranja.

Olga, no entanto, não desiste da ideia, e, antes que o remédio faça efeito, conversa com o pároco. Ela diz: “Tenho que fazer alguma coisa para os fãs. Temos alguma pizzaria aqui por perto?”

O carro funerário, com o corpo de Fábio, chega exatamente no momento em que os coroinhas se instalam nas torres laterais da igreja, que se assemelham aos minaretes muçulmanos, e lançam para a multidão lá embaixo hambúrgueres acondicionados em sacos de papel.

Não fica claro se a confusão é decorrente da chegada do corpo ou da distribuição dos alimentos.

Para afastar os mais exaltados, que cercam o carro funerário com a mesma voracidade com que comem os sanduíches, a polícia usa cassetete e truculência. O chão fica repleto de hambúrgueres pisoteados.

A tarde segue com a imprensa registrando a chegada dos atores que “fazem questão de prestigiar o adeus a Fábio Cássio”.

Quando a repórter coloca o microfone diante deles, dizem: “O Brasil perdeu um grande ator. Eu estava na Bahia quando soube. Fiz questão de vir dar o meu adeus. A teledramaturgia não será a mesma sem ele. Fábio Cássio era um irmão.”

Mais tarde, Olga vai recolher esses depoimentos e passar tardes inteiras ouvindo as homenagens.

Agora, no entanto, ela permanece de pé ao lado do caixão, anestesiada pelo efeito do Rivotril. Só sai de seu estado de embotamento quando vê Cayanne adentrar a igreja, cercada por um bando de mulheres com lábios enormes, quase pornográficos.

Esse é o seu verdadeiro castigo: assistir à assassina chorar, como se fosse uma triste viúva.

Antes de saltar da esteira ergométrica, Azucena nota que, dos cinco noticiários que estão sendo veiculados naquele momento, quatro falam da morte de Fábio Cássio. Num deles, a mãe do ator nega que o filho tenha se matado e acusa o produtor Cláudio Veríssimo de desviar dinheiro da bilheteria da peça *Fogo-Fátuo*, e envolve a própria nora no imbróglio.

Às sete, já está na cozinha, de banho tomado. Por um momento, fica plantada diante da pia, sem saber o que está procurando. Fósforos. A corrida e o banho nem sempre dissipam seu desalento matinal. É nessa hora que a separação atinge em cheio, como se fosse um fato novo. O Homúnculo de Penfield é a metáfora que usa ultimamente para o fim de seu casamento. A dor do membro fantasma. A memória anterior. Seu corpo ainda tem a percepção do marido amputado. As manhãs doem. Voltar para casa no fim de um dia de trabalho dói. Domingos doem. Quando entra no quarto das filhas para acordá-las, dói. O exercício da maternidade solitária dói. Esquentar o leite, colocar a mesa, preparar o café: tudo dói. Agora é assim: sente inveja dos casais que apodrecem naturalmente, como seus pais.

As meninas aparecem vestidas na cozinha, a mais nova com uma boneca nas mãos. Uma não colocou o sapato. A outra não quer comer. São lentas para beber o Nescau. Balançam as pernas finas, silenciosas. Brincam com as migalhas de pão. Já aprenderam a não fazer muitas perguntas. Tem exigido muito das filhas. Às vezes, acha a maternidade um fardo pesado demais.

Busca o jornal na varanda e volta para junto das crianças. No caderno capital, há uma foto de Fábio Cássio, com a manchete: "Morte performática?" Citando Chris Burden e Ana Mendieta, artistas que se mutilaram diante da plateia, o repórter pergunta: "A morte de Fábio Cássio não teria sido uma radicalização deste tipo de



performance?” Ao lado do artigo, a história de Timothy Leary e seu “suicídio interativo” na internet, por conta de um câncer de próstata.

Em seus anos na Central, viu a imprensa cometer todo tipo de cobertura esdrúxula. Mas tratar a morte como projeto estético lhe parece o paroxismo do absurdo. Suicídio performático. E Procópio participa da palhaçada dando uma entrevista patética.

“O caso de Fábio Cássio é complexo”, declara o delegado, “por isso trabalhamos sobre um tripé de hipóteses: homicídio, acidente ou suicídio.”

“Acidente?”, pergunta a repórter.

“A arma pode ter sido destravada acidentalmente.”

“E por que ela estaria carregada? Numa peça de teatro?”

Pobre Procópio. Mal começou e já se mete em becos sem saída, pensa.

Ainda está lendo jornal quando sua mãe entra pela porta da cozinha, de robe e pantufas, reclamando que Giulia pretende abandonar a faculdade.

“Não fume na frente das crianças”, diz Azucena.

“Ela não está indo às aulas desde a semana passada.”

“Se ela trabalhar, qual o problema?”

“Abandonar a faculdade?”

“Por favor, apague esse maldito cigarro.”

Jandira estica o braço em direção à porta para evitar que a fumaça entre na cozinha e com a voz rouca pergunta o que vem acontecendo com as duas irmãs. “Por que Giulia deixou o estágio na perícia?”

Azucena olha o relógio. Está atrasada.

“Peça para ela mesma contar.”

Dá um beijo nas crianças e, ao sair, retira o cigarro da mão de Jandira para jogá-lo no lixo. Isso está virando um hábito.

A escorregadela de Procópio no jornal é o assunto do terceiro andar naquela manhã. O papiloscopista Vininho fomenta risadas de escárnio, levando o exemplar embaixo do braço, para quem ainda não leu “a versão do acidente”.

Em geral, o humor do setor de perícias é infantil e escatológico. Inventam apelidos depreciativos. Zombarias de mau gosto. Às vezes, ela força o riso, não quer parecer crítica. Mas é. Todos são motivo de piada, e a regra é ridicularizar quem está ausente. O covil dos investigadores funciona assim: à base de veneno.

Na sua sala, checa rapidamente os casos do plantão. Um estupro seguido de morte na serra da Cantareira chama sua atenção. A moça foi encontrada num prédio abandonado. Fotos mostram marcas de canibalismo no seio e nas costas. Ela já viu aquilo. Irritada, pega o telefone e liga para o delegado que está cuidando do caso: "Você tem um psicopata serial no seu distrito", diz, colocando as fotos periciais de lado. Dessa vez, o delegado não faz piadas nem sugere que ela vá comer pizza com o marido. "Estou checando todas os registros de estupro da região", ele diz, prometendo que vai mantê-la informada.

Depois, bebendo o café morno que roubou da mesa de Jair, confere o envelope que chegou do laboratório: Caso Cássio, Fábio Urgente. São três novos laudos. Nada como a morte de um figurão para fazer o pessoal trabalhar rápido.

Lê o primeiro e interfone para Tenório. "Os borderôs da peça *Fogo-Fátuo* estão em ordem", diz.

"E a movimentação bancária do produtor?"

"Nada suspeito", ela responde.

"Cayanne? É esse o nome da mulher dele?"

"Isso. Tudo certo com ela também. Quer ver os relatórios?"

"Dê um pulo aqui, quando acabar", ele diz.

Desliga o interfone e abre o segundo laudo, assinado pelo perito em grafodocumentoscopia, que conclui ser "alta a probabilidade de que a vítima Fábio Cássio Salles Silva tenha anotado os números 9876.5.9872 no papel encontrado no robe que usava no dia de sua morte".

Tenório descobrira no dia anterior que a linha telefônica com este mesmo número pertencia a uma criança com deficiência visual, aparentemente sem nenhuma conexão com o caso.

Ainda assim, após abrir o laudo seguinte, com o registro da movimentação telefônica do ator, ela confirma que o tal número não

está na lista de chamadas realizadas ou recebidas nem na agenda do aparelho. Parece mais ser um código, ela pensa. Anexado ao laudo, um ofício da operadora identificando o nome dos proprietários das linhas que aparecem no extrato. Duas pessoas se destacam na movimentação recente: Aline Rossi e Márcio Abreu. Há ligações de Cláudio Veríssimo, o produtor da peça, e uma chamada oriunda de um telefone público nos arredores do teatro. Há também um número registrado em nome de Neide Nascimento.

Ela liga para o Instituto de Identificação de São Paulo – IISP – e fala com Zenaide, famosa pelo seu mau humor crônico.

“Fala rápido”, diz a mulher.

“Preciso que me passe a ficha de algumas pessoas”, pede Azucena.

Minutos depois, Zenaide lhe telefona de volta.

“Márcio Abreu. 39 anos, fotógrafo profissional. Aline Rossi, 18 anos, é de Osasco. Dela não tenho foto. Abra seu e-mail, estou mandando os arquivos para o seu endereço. Só ficou faltando a Neide Nascimento. Tenho 179 pessoas com o mesmo nome aqui comigo, e nenhuma com o RG que você me deu. Veja se a operadora não passou o RG errado.”

Quando vai até a sala de Tenório para lhe dar as notícias, encontra-o no computador, checando as redes sociais.

Nos últimos tempos, este tipo de mídia tem sido uma mão na roda para a Central. Vários criminosos e bandidos se gabam de seus crimes, e muitos até postam fotos. O anonimato será o desejo de consumo da sociedade futura, ela pensa, ao ver o detetive investigar os perfis e conexões de Cayanne e Fábio Cássio.

“Faça uma busca destes nomes”, ela diz entregando o laudo telefônico com os nomes de Aline Rossi, Márcio Abreu e Neide Nascimento grifados.

“Rossi?”, ele pergunta, cismado. “A linha do ceguinho está no nome do pai dele. Gabriel Rossi!”

As coisas começam a se encaixar.

Nos vários perfis que surgem com o nome de Aline Rossi, uma é estudante de psicologia da Puc, registrada em três comunidades de deficientes visuais.

“A moça também é modelo!”, diz Azucena, olhando a tela por cima do ombro do detetive. Veja se Márcio Abreu está na lista dos amigos dela.”

Não está. Mas segundos depois, num site de fofocas, ele encontra a notícia da briga do ator com um paparazzo. Seu nome: Márcio Abreu.

“Vamos intimar todo mundo”, ele diz pegando o telefone para falar com o delegado.

A diligência na casa do ator está marcada para aquela terça-feira, e ela ainda quer conferir o material fotográfico de Jair antes de sair.

Na sala contígua, encontra o técnico com uma revista nas mãos, comendo um pastel comprado de uma das vendedoras ambulantes que circulam pelo edifício. “Servida?”, ele pergunta.

Ela agradece.

“Estou pensando seriamente no assunto”, ele diz, entregando a revista com a reportagem sobre cirurgia bariátrica que está lendo. “Meu sobrinho fez e perdeu 58 quilos.”

O que ela lê é assustador. Grampear o estômago. Retirar um metro do íleo. Emendar o intestino delgado. “Não é mais fácil fazer uma dieta? Com médico?”

Ele faz cara de descrença, enquanto usa o papel que embalava o salgado para limpar a boca. A ideia de fazer do lixo uma cesta de basquete não dá certo. O papel engordurado fica caído no chão. Ele está muito gordo para se abaixar.

Ela pede o material que vai usar. Jair faz um sinal apontando o indicador para cima. “Está com o homem”, ele diz. “Já telefonou duas vezes perguntando por você.”

No corredor, ela encontra Raul, estagiário que ocupa agora o lugar de Giulia, com mais laudos de Fábio Cássio que acabaram de chegar. A caminho do quinto andar, dentro do elevador, ela passa os olhos rapidamente nos resultados.

Procópio está ao celular quando ela entra na sala. Camisa branca bem engomada, sapatos pretos, de couro, com salto discreto. Uma

tentativa ridícula de compensar a baixa estatura, ela pensa.

Quando acaba a ligação, ele pergunta: "Já temos os laudos das câmeras do teatro?"

"Ainda não."

Ele suspira. Faz questão de deixar claro o seu descontentamento. "Não entendo por que tanta demora."

Ela tem vontade de rir. São mais de 80 investigações por mês. Se a temperatura sobe, como naquela semana, mais gente vai para rua, mais mortes. Início de mês também. Há uma equação que qualquer iniciante da Central conhece: dinheiro no bolso é igual a mais consumo de álcool, que é igual a mais homicídios. Será que ela tem que explicar isso para ele?

Então Procópio coloca sobre a mesa uma série de fotos que mostram as mãos de Fábio Cássio.

"Queria que a senhora olhasse isto", ele diz.

Ela fica em silêncio, observando o material. Costuma dar atenção especial às mãos. Na sua opinião, é pelas mãos que se conhece um homem, mesmo na morte. As do ator parecem as de um estudante de filosofia. Translúcidas. Homem fraco, ela pensa. Assexuado. Seu ex-marido tem mãos quadradas, de homem prático, viril. E Giulia, sua irmã, mãos cônicas, com dedos longos: sensualidade. Onde está sua cabeça? Ela se pergunta, voltando a se concentrar no trabalho. De repente, sente seu rosto ficar vermelho. O anel com o desenho reticular que ela esqueceu de lacrar.

Procópio parece ler seus pensamentos: "Nesta foto Fábio está com anel." E indicando outra foto: "E nesta, sem anel. Imaginei que o anel estivesse na perícia. Fiquei surpreso ao saber que sumiu."

Só o que pode fazer é admitir sua falha, e faz isso de uma forma que lhe parece digna.

"Se a senhora comete uma barbaridade como esta, o que devo pensar dos seus subalternos?"

Sua equipe não tem nada a ver com seus erros. É isso que ela quer dizer, mas ele não deixa.

"Esse caso é estrategicamente importante para a secretaria de Segurança. O próprio secretário me telefona para saber do andamento das investigações. Será que devo ligar para ele agora e

contar que a senhora permitiu que nosso ilustre cadáver fosse roubado em pleno local da morte?”

“Tenho esperança de que na diligência de hoje...”

“Esperança?”, ele pergunta, colocando as mãos na cintura. “Vou dizer ao secretário que você tem esperança. Ele tem responsabilidade. Eu tenho uma coletiva com 17 jornalistas daqui a pouco. Realmente, estamos muito bem. Quando sair, peça, por favor, para dona Nilza vir até aqui.”

Ela não está acostumada a ser tratada daquela maneira. Fica parada, sentindo-se uma idiota. Estende as mãos com os envelopes que Raul lhe entregou. Diz: “Acabei de receber mais alguns exames. O residuográfico...”

Ele a interrompe novamente: “O residuográfico deu positivo, com indícios de cobre no antebraço direito. E o toxicológico: cocaína. Mandei alguém da minha confiança ao laboratório.”

Aquilo ela não pode tolerar. Um de seus peritos já a havia alertado sobre certos investigadores de Procópio que estavam indo pessoalmente ao laboratório para solicitar resultados de exames do caso Fábio Cássio.

“Não gosto da sua atitude”, ela diz.

“Problema seu.”

Ela se exaspera: “As provas técnicas sou eu que produzo.”

“Então produza. Coloque aqui na minha mesa os laudos que faltam. Descubra o que aconteceu com este anel. Preciso de algo consistente para falar com a imprensa.”

“O tempo da polícia não é o tempo da imprensa.”

Ele se senta na cadeira giratória, com um sorriso cínico nos lábios. “Vocês são lerdos”, diz. “Estão acostumados com o ritmo de Washington. Toda vez que preciso de alguém da perícia, ouço a mesma conversa: ‘Estão almoçando.’ Nunca vi perito almoçar tanto como aqui. A impressão é que vocês ganham para almoçar.”

Ela deixa a sala furiosa. Sobretudo consigo própria. Abriu flanco, permitiu que o delegado crescesse em cima dela. É só uma questão de tempo, ela pensa, e ele me tira daqui.

Quando a viatura entra na rua Maranhão, ela vê a aglomeração. Há flores e velas na calçada diante do prédio onde o ator morava.

Duas equipes de reportagem bloqueiam a entrada do edifício. Tenório vai à frente, forçando a passagem.

Uma repórter consegue entrar na sua frente.

“É verdade que Cayanne está envolvida na morte de Fábio Cássio?”

“Ela vai ter que deixar *As gatas e os nerds?*”, pergunta outro.

Jair, com seu corpanzil, afasta os microfones. No elevador, o zelador, magro com um bigodinho ralo, sobe com o grupo, reclamando da multidão. “Isso aqui agora fica assim, cheio de gente. As moças choram, cantam. Ontem tinha até um rapaz vendendo água. À noite, depois que eles vão embora, a calçada fica cheia de porcaria.”

“Entre conosco”, ela diz, quando a porta do apartamento é aberta. O homenzinho, no entanto, permanece no hall.

“A madame vai desculpar, mas eu espero aqui. Nunca entrei em casa de defunto.”

“Depois vem aquele papo estranho de que sumiu isso, sumiu aquilo”, reclama Jair, quando já estão no interior do apartamento.

Há algo de recepção de hotel na decoração, ela pensa. Nenhum toque pessoal, tudo novíssimo, tudo combinando com tudo. Fotos de Fábio Cássio estão por toda parte, começando pela parede atrás do sofá, onde alguém pintou um retrato do ator *à la* Andy Warhol, em cores berrantes. Cayanne também tem sua galeria no corredor. Um ensaio sensual ao ar livre, certamente para alguma revista masculina. Tudo na casa remete a um narcisismo para lá de patológico, ela pensa.

O primeiro quarto, à direita, está equipado com aparelhos de ginástica. No armário lateral, ela conta: 80 pares de tênis.

Não é raro achar remédios para depressão na casa de supostos suicidas. Nas prateleiras do banheiro, ela só encontra cosméticos e perfumes importados.

“Fizeram uma faxina aqui”, queixa-se Vininho, saindo do quarto ao lado. “Não tenho como colher impressões.”

Azucena entra no dormitório e, enquanto olha as gavetas da cabeceira, ouve Vininho conversar com o zelador no hall. No lado direito, encontra um folheto de propaganda de uma clínica urológica. Disfunção erétil, ejaculação precoce, queda de libido? Bioquímica da ereção. Saiba onde está o seu problema. Em meio às moedas e canhotos de cheque, duas caixas de Viagra indicam que o casal tinha problemas na cama. Na outra cabeceira, um único livro: *Como conseguir tudo o que você almeja*. Do mesmo autor de *Dez mantras do sucesso*, está escrito na contracapa.

“É foda”, diz Vininho ao retornar. “A mãe dele fez faxina aqui.”

No armário onde fica a televisão, ela encontra uma caixa, com bijuterias. Ali, ela se detém por um bom tempo, em vão, à procura de algo que tenha o mesmo padrão do anel desaparecido.

As roupas de Cayanne ocupam quase todos os armários do quarto. Estampas de oncinha, cores berrantes, shorts e minissaias. “Se tudo isso for competência sexual”, ela diz para Jair, que está fotografando o ambiente.

“Aqui tem mais sacanagem”, ele comenta, apontando a estante com muitos títulos pornográficos.

Azucena se aproxima, pega alguns exemplares. A pornografia sempre lhe pareceu tediosa: sexo sem sonhos. Embaixo dos CDs encontra um papel dobrado. É a nota fiscal de um Honda Civic comprado há poucos dias, numa concessionária da avenida Sumaré.

“Qual a marca do carro do Fábio?” pergunta a Vininho.

“Hyundai. Consegui algumas digitais no console que não são dele, nem da esposa. Lá, pelo menos, ninguém passou lustra-móveis.”

Azucena: “Ele acabou de comprar um Honda Civic. Zerinho.”

Tenório, no banheiro da suíte, ouve o que ela diz. “Como é que é?”, pergunta, aparecendo na porta.

Ela vai até ele, entrega a nota. “Acho bom você dar um pulo na garagem. Veja se o carro está lá.”

Fica mais um tempo olhando as estantes. Dentro de um livro encontra uma foto antiga de Fábio, pré-adolescente, sentado numa cadeira de praia, ao lado de uma loira bonita, um pouco mais velha que ele. Atrás uma dedicatória rabiscada.

“Essa moça estava no enterro?”



Jair se aproxima, pega a foto. "Não me lembro de ter visto. Acho que no laboratório consigo recuperar o que está escrito embaixo deste rabisco", diz.

"Alguém no teatro contou que uma mulher tentou falar com o Fábio no dia da sua morte", ela lembra.

Mais tarde, no caminho de volta à Central, ela recebe o telefonema do laboratório.

"O raiamento do projétil encontrado no palco coincide com o da pistola 40 recolhida pelos policiais."

Até aí, nada de novo, ela pensa. "Preciso que você rastreie a munição. De onde ela vem?"

Isso eles ainda não sabem dizer.

Às seis horas da tarde ela telefona para a mãe, avisa que vai demorar. "Acho melhor as meninas dormirem aí."

Quer rever o arquivo eletrônico que Jair instalou no seu laptop com fotos do enterro de Fábio. Pede para Raul lhe comprar um sanduíche de queijo.

Depois da troca de turno, fecha a porta do escritório, abre a gaveta e retira uma taça e uma garrafa de vinho. Coloca *Il Trovatore* no seu computador. Adora a versão de Ricardo Muti. Tempos acelerados, agitados, verdianos. É assim que gosta de ver seus mortos. Em paz.

À meia-noite, liga para Jair. "Acordei você?"

"Não, estou preparando o laudo do caso Marinês."

Ela sabe do que ele está falando. Marido mata a mulher com golpe na cabeça e joga o carro encharcado de álcool com a esposa morta numa ribanceira. Foi ela mesma que notou a ausência da chave de contato no painel do veículo.

"Abre no arquivo do Fábio Cássio. E vai na foto 14."

"Estou nela."

"Viu?"

"Essa ruiva?", ele diz.

"Isso. Reconhece?"

“Não. Quem é?”

“A mesma mulher da foto que encontramos no quarto dele.”

“A loira. Será?”

“Vai para a foto 57, do enterro. Em segundo plano, você consegue ver Cayanne e ela. Dá para ver bem.”

“Onde?”

“Amplia a imagem, do lado direito. Parece que elas estão discutindo.”

“Cacete! É ela mesmo. Ruiva, ficou ainda mais bonita.”

“Amanhã, cheque as imagens da câmera de segurança do teatro.”

“Vou fazer isso.”

“E mande alguém da nossa equipe registrar a missa de sétimo dia.”

Acorda às seis horas, sobre a mesa de trabalho, com o telefone interno tocando.

“Tem um rapaz aqui querendo falar com a equipe que está investigando o caso do ator, doutora.”

Ela já cansou de pedir para que não a chamem de doutora.

“Tenório já chegou?”, pergunta.

“Não. Nem o dr. Procópio.”

“Espera 10 minutos e manda ele subir aqui para minha sala.”

Rapidamente, ela guarda a garrafa de vinho vazia e a taça suja na gaveta. Vai para o banheiro com sua bolsa, lava o rosto, escova os dentes e passa batom. Na bolsa, sempre traz uma camiseta extra e desodorante. Assim, ao menos, se sente mais confortável.

“Sente-se, por favor”, diz Azucena, quando um homem de olhar inteligente entra na sua sala.

Sem cerimônia, ele se acomoda na velha poltrona, cuja cor não é mais passível de identificação.

Ela vê o brinco de pedra na orelha direita do rapaz, que chama atenção pela falta de coerência com o resto do vestuário, simples e discreto.

“Qual é o seu nome?” pergunta a perita.

“André Luís Salvador.”

“O senhor tem algo a nos dizer?”

“Eu vim me entregar. Eu matei Fábio Cássio.”

Na faixa de pedestres, dois negros miúdos se aventuram num malabarismo estropiado, jogando bolas de plástico em cascata, sem conseguir mantê-las no ar. Antes que o sinal abra, abordam os motoristas, pedindo esmolas.

Luís Sorengo, dentro do carro, ignora os apelos. Não quer patrocinar vagabundagem nem consumo de crack. Aumenta o volume do rádio e escuta a notícia da queda do secretário de Segurança do estado de São Paulo.

O trânsito avança lento ao redor da praça do Rosário. Quem segue o fluxo em direção à rua Getúlio Vargas tem tempo para acompanhar o tédio das pessoas no interior do Rei do Café: a atendente gordinha boceja enquanto esfrega o balcão; como uma ave no poleiro, o homem de boné, plantado em seu banco, assiste à velha televisão fixada no alto da parede; o cliente ventrudo paga a conta e de repente já está no farol, muito antes dos motoristas. O sinal abre, os carros não saem do lugar. Luís coloca os óculos de sol e olha o relógio: está atrasado. Enquanto um esmolambado oferece balas, ele escuta com interesse o imbróglio na área de Segurança e conclui: é a crônica da degola anunciada. Afinal, sempre que o governo arrocha traficantes, há uma guerra entre policiais corruptos e bandidos.

Não adianta dizer “não” ao magricela que se propõe esfregar o vidro do seu carro com um trapo sujo. A solução é usar sua técnica de descarte: ligar o limpador de para-brisa.

Quando o locutor começa a citar números de latrocínio e roubo, ele muda de estação. Na época em que ele e Azucena cursavam a Faculdade de Direito e varavam as noites estudando ao som de Eric Clapton, gostava de imaginar seu futuro de advogado num escritório moderno – o nome Sorengo & Associados grafado na porta de entrada – como uma preparação para a vida política. Ele se via

trilhando o rumo de alguns criminologistas célebres do país, que se alçaram a cargos na área de Segurança, depois de encherem os cofres com casos midiáticos.

Todavia, agora que os pobres também comem frango, seu interesse pela área de Segurança é pontual: sabe que a troca de comando na secretaria vai manter sua ex-mulher ocupada. É tudo de que precisa. Que ela esteja afundada em trabalho quando a bomba explodir.

Na parede que delimita o estacionamento da Bambolê – natação infantil – há um painel gigante com o desenho de macacos e girafas se divertindo num tobogã aquático.

Luís Sorengo estaciona na vaga 6, pensando que suas filhas são vítimas precoces de propaganda enganosa. Salta do carro, apressado.

O espaço reservado para os pais é quente e úmido. Não há outro homem no local. Embora a calvície precoce o faça raspar a cabeça com lâmina de barbear, ele tem seu charme, e as mulheres costumam notá-lo. No momento, prefere pensar que é admirado por ser um pai participativo. Tem se esforçado, não é fácil: as crianças de hoje têm agenda complexa, atividades variadas, e a rotina no frigorífico não lhe permite muito tempo livre.

Encosta o rosto no vidro que separa o local da piscina, acena para as filhas. A mais nova o olha com expressão de súplica, estende os braços e ameaça chorar. Sua vontade é resgatar a menina, mas não ousa desobedecer à jovem professora, que, discretamente, faz sinal para que ele se afaste.

O banco de madeira, no fundo da sala, é reservado para marinheiros de primeira viagem. São postos ali, de castigo, para não atrapalharem os filhos. Até aquele momento, seguiu o exemplo de seu próprio pai: provedor e ausente. Agora, no entanto, está tentando mostrar a si mesmo – e sobretudo à ex-mulher – que é capaz de cuidar da parte menos metafísica da paternidade. Levar e buscar. Estar presente na aula em que elas tentam não se afogar. Amarrar os cadarços. Dizer “coma com a boca fechada”. 2,5ml de novalgina, em caso de febre. Contar histórias educativas. Nem

sempre consegue. Está ansioso, confuso. Sabe que não deve incomodar as crianças com certas perguntas. Nem se lamentar. Mas lamenta e faz perguntas. O que a mamãe falou para vocês? A mamãe tem dormido no trabalho? A mamãe tem bebido muito? Por enquanto, ele pensa, com a cabeça apoiada na parede e as pernas largadas, sem nenhum conforto, por enquanto, o quadro geral é apenas ruim. Mas vai se agravar. A verdade vai começar a minar, vai sair daqui e dali, pelas frestas, vai romper comportas. Sua irmã vai saber. Seu sogro vai saber. Jandira. Alguns sócios do Clube Recreativo de Guarulhos. E os vizinhos, cujas antenas já estão captando o sinal da derrocada. Finalmente vai ficar claro para toda gente por que, de repente, ele comprou uma moto vermelha e passou a usar camisetas agarradas ao corpo. Todos poderão ouvir o clique do engate perfeito: um quarentão deslumbrado por uma jovem de 22 anos, cuja beleza faz o bairro inteiro sangrar. Sua cunhada ainda por cima – que aliás ele viu crescer –, o que o coloca no mesmo patamar dos cro-magnons. Quem vai acreditar que foi ela – num domingo tedioso, enquanto a família assistia unida ao jogo do Palmeiras – quem o puxou para dentro do lavabo, e enfiou na sua boca uma língua gelada, com gosto de maconha?

Seu telefone toca. É o advogado, para quem já deixou mais de cinco recados naquela manhã. Ele diz: “Acabei de falar com o oficial de justiça. Azucena vai ser citada hoje, na delegacia.”

Luís se levanta, agitado. Hesita um momento. Sua vontade é a de interromper o processo. A decisão que está tomando enterra de vez a possibilidade de reconciliação com Azucena. Por outro lado, é necessário agir. Afinal, não quer apenas a metade dos frangos como saldo dos quase 15 anos de casamento. Se não tomar uma atitude, além de perder parte do patrimônio, vai perder as filhas.

“Hoje?”

“Isso.”

“Tem mesmo que ser hoje?”

Ele está preocupado com o contra-ataque. Não está lidando com uma dona de casa qualquer. Conhece o poder de fogo da ex. Ela é praticamente casada com toda a estrutura da Central. Ela simplesmente terá todo o suporte dos catadores de vestígios e

investigadores do estado na hora do revide. Não descarta sequer a possibilidade de um matador de aluguel à espreita no escuro. “Morto ao reagir a uma tentativa de assalto”, diriam os jornais. Mesmo no plano doméstico, os recursos de Azucena são imensos. O que ela vai fazer? Contar aos quatro ventos como encontrou o patife na cama com a cunhada? Proibir as filhas de verem o pai?

A resposta do advogado é “Sim, tem que ser hoje. Não mandamos na Justiça”. A decisão, portanto, está tomada. A guerra pela guarda das meninas vai começar.

Desliga o telefone. As crianças, enroladas em toalha com capuz, seguem a professora, desajeitadas, como um bando de pinguins coloridos.

Minutos depois, Luís Sorengo, de joelhos no deck do vestiário, guardando os maiôs na mochila de plástico da Disney, é invadido por uma sensação vertiginosa de fracasso. Ao seu lado, a filha mais velha penteia os cabelos da caçula. Será que vai conseguir poupá-las do sofrimento quando o juiz obrigá-las a escolher entre o pai e a mãe? Ele sabe: os juízes agora fazem isso: ouvem as crianças. Perguntam a elas: “Você prefere a mamãe ou o papai?”

“Você está chorando, papai?”, pergunta a filha, confusa. “É conjuntivite”, ele diz, enquanto acomoda a pequena em seu colo.

A verdade é que ele pode fazer muitas coisas pelas filhas, pode até morrer por elas, ele pensa, enquanto caminha em direção ao carro. Mas não pode impedir que elas sofram na vida. Nem pode sofrer por elas. Não pode também controlar a parte contrária. Autoacusações e súplicas não surtem efeito, sua ex-mulher não tem talento para perdoar. E, agora que tudo está acabado, ele se vê repetindo seu mais recente padrão de comportamento: atacar pelas costas. Arrancar as meninas da mãe. Pelo jeito, é só isso que sabe fazer ultimamente: trair as pessoas que ama.

Lá fora, o dia continua bonito. Céu limpo, claro. Níveis de poluição impróprios. Dez horas e 40 minutos. Pode ficar mais hora e meia com as filhas, e não tem ideia do que fazer com elas.

Entra no carro, sem destino. É difícil ser pai numa cidade como Guarulhos. Não há parques, só shopping centers, e ele odeia a ideia da dobradinha hambúrguer-compras, Barbies e batatas fritas.

Quando era pequeno, seu pai o levava às granjas que forneciam aves para o pequeno frigorífico da família. Naquela época ainda havia criação de galinhas poedeiras. Elas ficavam soltas, ciscando nos terreiros, e era divertido colocá-las para correr. Agora, as granjas são locais deprimentes e as galinhas bem cedo têm seus bicos fritos em chapa quente para que o canibalismo não se consume nas gaiolas superlotadas.

O trânsito piora, e ele acaba indo com as filhas para o frigorífico, onde Edna, a nova secretária, consegue distraí-las com um conjunto de canetas coloridas. Gosta de Edna, moça prestativa, com um par de olhos atrevidos e belas pernas. As pernas, ele evita olhar. Está murcho demais para isso. Seus olhos, enquanto caminha pela linha de produção, estão cravados nos próprios mocassins, que precisam de graxa. Depois que foi pego com a calça na mão, seu desejo simplesmente desapareceu. Evaporou também a vontade de correr na São Silvestre e de colocar aparelho nos dentes. A idade do lobo durou pouco, afinal. O perigo extremo que lhe parecia um poderoso estímulo sexual, de repente virou anafrodisíaco.

São 11 horas e ele está diante da mesa de desossa. O mistério da queda da produtividade, a seu ver, está ali, é nisso que ele tem que se concentrar: 22 segundos para desencarnar um frango. Seu pai nunca foi bom no balanceamento da linha, não tinha ambição, e acabou seus dias limpando sozinho o sangue do abate clandestino. Com ele é diferente. Não vê a menor graça em ser mais um carniceiro que paga regularmente suas contas. O dinheiro é a única satisfação que a matança de frangos pode lhe dar. Seu talento é saber implementar pequenos ajustes no processo de produção, que garantem alta eficiência. Por isso agora cronometra discretamente o trabalho dos funcionários.

Subitamente, o inspetor da área de degola automática, um sujeito sem pescoço e com grandes orelhas, aparece na sua frente, pega-o pelo braço e o leva até as nórias, onde os frangos são pendurados. Ele diz, apontando energicamente o indicador para as aves: "Elas estão vivas na hora do abate."

O assunto já foi discutido anteriormente. Luís permanece em silêncio alguns minutos, observando o avental do inspetor. Há menos



sangue do que o habitual. “Isto não é abate”, continua o inspetor, “é sacrifício.”

A briga é velha e Luís está cansado. Seu cunhado, marido de sua irmã e contador do frigorífico, manda diminuir a amperagem da carga usada na eletroinsensibilização dos frangos para economizar energia. Na outra ponta, o inspetor denuncia o sofrimento dos bichos. O país realmente está mudando, ele pensa. Quem se importava com o que sentiam as galinhas na época de seu pai?

Da sua parte, considera a ideia de abate humanitário risível. O mercado das carnes é cruel, e não são alguns volts a mais que acabarão com o sofrimento dos animais. Além disso, não pode se livrar do cunhado. Já perdeu a mulher, corre o risco de perder as filhas. Não quer perder a irmã. Só o que pode fazer é despedir o inspetor da degola, que, além de ser inflexível, vem lhe causando comprovado dispêndio de energia. Porém, não está disposto a dar um tiro no pé. Primeiro, vai encontrar alguém para substituí-lo. É assim que agem os bons empresários.

O inspetor insiste, argumenta: “E se a sociedade protetora dos animais fizer uma manifestação na porta do frigorífico?”

Seria uma ameaça?

Edna aparece na ponte do mezanino: “É hora de levar as crianças”, ela diz. Salvo pelo gongo. Essa sim é uma boa secretária.

Ouve-se a música da calçada. *La ran la lera. La ran la la.* É o velho com sua mania de ópera. *Figaro... Figaro...* Pelo menos, ele pensa, enquanto aguarda – depois de tocar a campainha –, pelo menos está livre de árias na sua nova casa. *La ran la lera.* Jamais gostou daqueles cantores que parecem arrancar a voz do púbis. *Figaro... Figaro.* Defecam a voz, ele pensa. *Eccomi qua.* Prefere a voz *in natura*, João Gilberto, que canta como quem dorme.

Ao escutar os passos trôpegos da sogra, lembra dos domingos mortais, *Tutti mi chiedono, tutti mi vogliono, donne, ragazzi*, no final do almoço, *qua la parrucca, presto la barba*, o velho e Azucena se aboletavam na sala e, como se fossem da maçonaria, *Son qua, son qua*, louvavam o grande arquiteto, Verdi. *Per carità.*

A velha, pelo jeito, está com problemas para abrir a porta. “Cadê a chave?”, ela pergunta. Mais passos. Mexe no trinco e nada. Cinco minutos de espera. As crianças começam a reclamar. “Ai minha cruz!”, grita o papagaio, no quintal. E então Jandira surge, trazendo consigo o cheiro da casa: bife, velhice. E cigarro.

“Por que não almoça conosco?”, ela pergunta. Como não gostar da velha? Foi ela quem conseguiu convencer Azucena a deixá-lo ver as crianças. A questão é que não está disposto a correr riscos. *Figaro... Figaro!* E se Giulia aparecer? Ultimamente, seu lema na vida é “não piore a situação”. Se não pode fazer nada para melhorar, mergulhe na inação. Desapareça. Não afundar na merda, ele pensa, já é uma grande conquista. Além do mais, de que adianta se apegar ao papel de genro ideal? A partir de agora, é só uma questão de tempo. Logo Jandira também vai estar no time dos que o chamam de canalha.

Os dias seguintes são cheios de expectativa, mas nada acontece. Ao contrário do que imagina, Azucena não dá sinal de vida. Que ela foi citada, ele tem certeza. Mas por que o silêncio? Na quinta-feira, a sogra comunica que a aula de natação das crianças foi cancelada por causa de uma epidemia extemporânea de piolhos. Uma manobra? A telefonista da Bambolê natação infantil confirma a informação.

Na sexta-feira à noite, está saindo do frigorífico, no seu carro, quando é surpreendido por Giulia. Numa súbita acrobacia, ela rola do banco de trás e se posta ao seu lado, fazendo com que ele perca momentaneamente o controle do automóvel. É ela quem consegue puxar o freio de mão e evitar a colisão num dos pilares da garagem.

Empertigada, com os olhos brilhantes, ela diz: “Sabe como entrei no carro?”

É a terceira vez que se encontram nos últimos dias. Na verdade, não sabe mais o que fazer para que ela o deixe em paz. Teme estar sendo seguido por algum detetive amigo de Azucena. Nos seus pesadelos, há investigadores por toda parte. Gravam suas conversas. Filmam seus movimentos. Mexem no seu lixo. Na hora

certa, vão desmascará-lo no tribunal, na frente de todos. Essa será sua punição: a vergonha pública é a guilhotina dos tempos modernos.

Giulia repete várias vezes a palavra surpresa, mas seus pensamentos estão indomáveis. Gostaria de pedir ajuda. Talvez um amigo lhe ensinasse como enfiar um pouco de juízo na cabeça desmiolada de Giulia. Mas quem? Na separação deu-se conta: não tem amigos. Só volta a prestar atenção na garota no momento em que ela vira de costas e puxa a camiseta para o alto, deixando visível a tatuagem acima do cós:

*LS&GG – Forever*

Agora ele transpira, lívido. Olha as iniciais dos dois nomes – o dele e o dela – numa caligrafia que mais parece arame farpado – sem saber o que dizer. O que é aquilo? A prova do seu crime? Vodu? Deus do céu, ele pensa, estou mesmo muito fodido.

Com os pés no console do carro e braços atrás da nuca, ela abusa de maneirismos – “meio que”, “tipo assim” – para contar como encontrou “Pablo Dellic – o tatuador mais fodão do Brasil”. As tatuagens, ela explica, “têm um lance mágico do caralho”. A palavra “tattoo” “meio que vem do taitiano ‘tatu’”, cujo significado é: profecia.

“Você não gostou?”

Ele não responde.

Então ela começa a arrancar o esmalte das unhas com os dentes. Conta que abandonou a faculdade e que precisa urgentemente de dinheiro. “Você pode me arranjar qualquer parada no seu frigorífico?”

Uma lasca de esmalte verde vai parar na sua careca. Ele já achou graça na falta de modos de Giulia. Agora, apenas se irrita: é nojento.

Ela diz: “Você está parecendo uma múmia. Será que minha irmã, além de te proibir de foder, cortou sua língua?”

Ele responde com outra pergunta: “Você ouviu alguma conversa na sua casa sobre a guarda das crianças?”

Giulia se endireita no banco. “Aquela vaca entrou com uma ação?”

“Como você sabe?”

“Não sei de nada. Você está dizendo isso.”

“Eu entrei. Acho que ela já foi intimada.”

A gargalhada de Giulia é escandalosa. Ri e aplaude, como se estivesse numa plateia.

Ele se sente mal. Não quer fazer parte de nenhum clube dos inimigos da mãe de suas filhas. Não gosta da forma como Giulia se refere à irmã.

“Aquela mulher merece”, diz Giulia, aproximando-se com ar muito sério. “Ela sempre tratou você como um banana.”

Não é verdade. Mas ele deixa que ela pense o que quiser.

Giulia se aproxima mais. Dá-lhe um beijo no rosto. “Você odiou a tatuagem?”, pergunta num sussurro, que o faz estremecer.

Ele não responde, evita olhá-la.

“Fala alguma coisa, cagão!”

Falar o quê? Ele quer que ela vá embora. Só isso.

“Puta que pariu”, ela diz, descendo do carro. Bate a porta, com força. Conforme caminha, a camiseta curta deixa transparecer pedaços da tatuagem. Outro arrepio.

Ele espera que ela entre no elevador, liga o carro e vai embora.

Ela foi correta. Poderia ter feito tudo a seu modo. No entanto, avisou Procópio, aguardou sua chegada ao departamento, e agora, como recompensa por sua lealdade, o delegado quer que ela deixe a sala para conduzir sozinho o depoimento de André Luís Salvador.

“Só falo na presença dela”, diz André, ao entender o que está ocorrendo. Talvez o rapaz acredite que ela possa evitar que Procópio lhe enfie umas bofetadas nas fuças. Ou que ela é incapaz de participar de uma ação truculenta. Seja o que for, Procópio tem que engoli-la, e isso a satisfaz.

Sentada diante de sua mesa, assiste à oitiva, em silêncio. O rapaz tem um olhar apertado, de míope, e um sorriso patético grudado no rosto. Desempregado, vive com a mãe. Nega alcoolismo. Nega uso de drogas. Nega problemas psiquiátricos. Há três anos foi mandado embora do teatro Três Estrelas, onde trabalhava como sinalizador, “por conta de intrigas”. A demissão lhe causou revolta e “enxaquecas”. Gostava do teatro porque ali conheceu “muitos atores muito mais importantes que Fábio Cássio, como Neiva Leal”. Mesmo desempregado, mantém o hábito de aparecer nos teatros, nos finais de semana, para tentar conseguir ingressos gratuitos de última hora. Foi desta forma que assistiu a *Fogo-Fátuo*. Conheceu Fábio Cássio após o espetáculo, quando foi cumprimentá-lo no camarim. “Geralmente”, diz, “sou bem tratado nos bastidores, muita gente ‘do meio’ sabe que tenho uma coleção de autógrafos, já dei até uma entrevista para a revista *Glamour*.”

Ela nota a boca cheia com que ele fala “do meio”, como se fizesse parte de um clube secreto. Fábio Cássio não foi exceção, ele conta. Tratou-o bem, no início. E ele gostou tanto do ator que voltou mais cinco vezes. Tem muitas fotos do galã, que faz questão de mostrar. Na última vez em que foi ao camarim ocorreu algo estranho, ele conta. Logo depois de parabenizar o ator, ouviu o mesmo sussurrar

para duas pessoas de preto “tirem esse maluco daqui”. Tendo se recusado a sair, foi retirado à força por um funcionário que não sabe descrever. Pior: na frente de outras celebridades, como a Mara Wânia, da novela *Amor aos pedaços*. Explica que, logo depois da humilhação, numa noite de insônia – mal que o acomete desde a infância –, veio-lhe de repente à cabeça o pensamento de que se quisesse se vingar do ator, sem sujar as mãos, ali estava uma oportunidade de ouro. A ideia não o deixou mais em paz. No início, pensava no crime apenas na cama, como quem “conta carneirinhos”, mas com o tempo percebeu que “era aquilo mesmo que queria fazer”, pois “sentia muita raiva”. De forma histriônica, relata como, semana após semana, meteu-se na plateia e avaliou os obstáculos. Esteve no camarim mais duas vezes, e, mesmo o ator tendo sido simpático, “já era tarde demais”. Preparou tudo como se fosse um “espetáculo”. No dia do crime, entrou sem ser visto pela porta principal do teatro por volta das 17 horas, acessou os bastidores pela plateia vazia, adentrou o camarim de sorrate e carregou a arma que matou o ator.

A história não é contada cronologicamente. André avança e recua no tempo, hesita, confunde. Diversas vezes o delegado o interrompe. Um erro, ela pensa. Quer desligar a fonte, fechar o dique? Deixa o homem jorrar. Há detalhes conflitantes, peças que não se encaixam. É nisso que ela está interessada. Espera que ele avance bem na narrativa e então pergunta de supetão: “Como era a arma que você carregou?”

“Uma pistola calibre 40.”

“Isso todo mundo sabe, está nos jornais. Quero que você me descreva esta arma.”

“Não sou especialista no assunto. Era uma arma. Preta. Normal.”

“E onde você comprou munição?”

“Numa loja perto da minha casa.”

“Onde?”

“Em Pardinhas. Não sei o nome da rua.”

“Você chegou na loja e disse o quê?”

“Disse que queria munição para uma pistola calibre 40.”

“E?”

“Eles me venderam. Foi isso.”

“Você tem o recibo desta compra?”, ela pergunta.

“Não lembro se me deram recibo.” Pausa. “Acho que joguei fora.”

“Jogou fora? Ou não lhe deram o recibo?”

“Joguei fora.”

“Onde?”

“O quê?”

“Você jogou fora o recibo?”

“Na rua. Da janela do ônibus.”

“Ônibus? A loja então não era perto da sua casa?”

“Mais ou menos.”

“Você disse que era perto.”

“Para ir a pé é longe”, ele diz, passando a mão no cabelo, de um jeito cuidadoso, como certas senhoras que usam laquê e não querem estragar o penteado.

“Você tem registro para arma de fogo?”, pergunta Azucena.

“Não.”

“Mesmo assim a loja lhe vendeu as balas.”

“Vendeu.”

“Você sabe que munição é produto controlado?”

“No Brasil? Ninguém leva isso a sério.”

“Você está enganado. No Brasil, se leva isso a sério, sim. Não se vende munição sem registro de arma. Ninguém lhe vendeu nada.”

André a encara, desafiador. Começa a rir. Ela continua: “Você nem estava no teatro no dia em que ele morreu, não é verdade?”

Agora Procópio se levanta, a pega pelo braço e a leva para fora da sala. No corredor, ele diz: “Você está me atrapalhando.”

“Não foi ele”, ela fala.

“Pode até ser um maluco. Mas isso não significa que ele não cometeu o crime. Temos que investigar o que está dizendo.”

“Não perca seu tempo. Ele só quer aparecer no telejornal hoje à noite com a tal coleção de autógrafos.”

Procópio não quer ouvir: “Você está liberada. Eu finalizo o interrogatório”, diz, voltando para a sala onde André aguarda.

Ela fica no corredor, irritada, como vai trabalhar se ele a expulsa da própria sala?

Elvira, a negra manca com os tornozelos inchados, salta do elevador com uma bandeja de brigadeiros. Um pouco de açúcar vai até lhe fazer bem, ela pensa, caminhando em direção à mulher.

Naquela tarde, ela só deixa os técnicos do laboratório em paz depois de conseguir o complemento do laudo balístico de Fáblio Cássio. O resultado, além de confirmar que está certa sobre André, traz dados novos: a bala que matou o ator foi comprada por uma empresa de vigilância patrimonial chamada Concórdia.

No dia seguinte ela vai com Tenório até o local. Apesar de não ser atribuição sua, gosta de participar das oitivas. Tenório, por respeito ou preguiça, deixa que ela conduza a conversa. Ela tem seus meios de conseguir a verdade. A prática tem mostrado que quem fala a verdade numa conversa trivial sente dificuldade em mentir quando o assunto se torna sério. Por este motivo, costuma iniciar as entrevistas com questões mundanas, pessoais, hobbies, time de futebol e outras bobagens; às vezes passa da conta e se vê bajuladora. É assim – contra seu temperamento – que conquista a empatia de criminosos. Naquele caso, no entanto, é diferente. O gerente da empresa, um homem de orelhas grandes recheadas com volumosos chumaços de pelo branco, os recebe numa sala onde uma coleção de armas enfeita as paredes, e vai logo mostrando um papel que registra a saída dos cartuchos numerados.

Sua versão é a de que, dois dias antes da morte do ator, eles receberam um telefonema do próprio Fáblio, pedindo as balas para serem usadas numa sessão de fotos que ilustrariam uma matéria que o ator faria sobre a peça.

“Quem falou com ele?”, ela pergunta.

“Eu mesmo. Já havíamos conversado algumas vezes. É nossa a arma que ele usava na peça. Temos a chamada do teatro registrada no nosso bina. Tudo isso já foi discutido com nosso advogado.”

Por incompetência da unidade militar que atendeu o local da morte, a arma ainda não havia sido periciada. Ela não sabia dessa informação.



“Vocês emprestaram a arma e a munição?”

“Se a senhora olhar no programa da peça, aparecemos como apoiadores.”

“Foi ele quem pegou a munição?”

“Não. Combinamos que ele mandaria um motoboy para buscar. E foi assim que ocorreu. Veríssimo recebeu o motoboy.”

“O produtor?”

“Não, o pai dele. Marcelo Veríssimo. É um dos sócios da empresa.”

Ela e Tenório tentam não demonstrar espanto com a revelação. No levantamento feito pela equipe do detetive, não constava o nome de Veríssimo. E, no depoimento no dia do sinistro, Cláudio nem sequer tocou no nome da empresa do pai.

“Não é suspeito?”, ela pergunta no caminho de volta.

Ainda no carro, recebe o telefonema de Procópio.

“Que história é essa de Concórdia?”

Ele foi xeretar com o pessoal da balística, ela sabe.

“Posso saber por que não recebi esse laudo?”, ele pergunta.

Ela explica que não teve tempo de informá-lo. Não é verdade. É o troco. Não consegue ser parceira de alguém que a expulsa da própria sala.

Alguns de seus técnicos estão atolados no cipal dos laudos do caso dos quatro policiais assassinados durante a semana. Para ela, que orienta os trabalhos, a maioria das vítimas – e, quando fala em maioria, ela refere-se a “99,9 por cento” – é marginal do mais alto escalão, executado por estar quebrando algum tipo de pacto com a marginália. A pergunta sem resposta se repete a cada novo caso: o que um agente da corporação fazia, à paisana, durante a madrugada, em favelas tão perigosas como a do Ceilão ou Tradecenter?

Quando ela entrou para a polícia, São Paulo vivia uma onda bárbara de criminalidade. Já então se falava em guerra civil, e ela achava isso ridículo. Ainda hoje, num quadro mais grave, ela considera a definição absurda, e quando lê os jornais pela manhã

tem a sensação de que estão falando do Rio de Janeiro, e não de São Paulo. Tratam as centenas de grupelhos criminosos, com interesses múltiplos, como se fossem as poucas facções cariocas, organizadas, com lideranças fortes e foco. Pelo rumo dos fatos, ela pensa, não vai se surpreender nem um pouco se o secretário de Segurança acabar adotando uma política de ocupação das favelas, como no Rio, para agradar à mesma classe média que apoia pena de morte.

Por conta do novo surto de violência, a semana avança lenta na Central. Na sua visão, Procópio não é organizado, estratégico ou agregador, e talvez seja por conta disso que as equipes de investigação e perícia acabam batendo cabeça nos inquéritos abertos.

Naquela quinta-feira, ela está exatamente tentando acelerar alguns processos, quando Jair entra na sua sala acompanhado de Tenório.

“Seu zíper está aberto”, ela diz.

Ele não se incomoda com a observação.

“Gordo e zíper aberto são um casal inseparável”, diz o detetive, com um pacote de biscoito de polvilho nas mãos.

Jair: “Você pode ir à minha sala?”

Ele tem novidades sobre as imagens do circuito de segurança do teatro Alexandre Herculano. Tenório já viu o material, já discutiu com Jair e diz isso a ela.

“E acho que avançamos”, completa Jair, quando já estão em sua sala. Aponta para a tela. “Cinco pessoas procuraram Fábio Cássio no dia em que ele morreu.”

Ela puxa a cadeira, senta-se junto ao computador.

“Quatro já prestaram esclarecimentos”, diz Tenório.

“Gostaria de ter as transcrições das oitivas”, ela comenta. “Não tenho conseguido acompanhar os depoimentos desta semana.”

Jair: “A câmera que fica de frente para a porta do camarim de Fábio estava quebrada. As imagens que tenho aqui são da câmera do corredor, não têm ângulo, e são de baixa definição.”

Na tela do monitor aparece a imagem de um homem com barba rala.

O detetive pergunta: "Lembra do Márcio Abreu? O fotógrafo? Vimos juntos uma nota que saiu na imprensa sobre uma briga entre ele e Fábio na Lanchonete Paulista."

"Interessante. O que ele foi fazer no teatro?"

Tenório: "Ele disse no depoimento de ontem que vendeu para o Fábio as fotos que fez na noite da briga. Coisa de maluco. Mas chequei o saldo bancário dele. Confere com o que diz."

"Fábio estava com esta garota nas fotos de Márcio Abreu", continua Jair, colocando na tela a imagem de uma moça com roupas justas e umbigo de fora.

"Aline Rossi?", ela pergunta. "A do Facebook?"

"Isso. Falei com ela também. Parti das informações da Zenaide, e olhe só. Para Fábio Cássio, ela era Melanie", diz Tenório. "O número misterioso que encontramos no robe está explicado. Aline usa, como código de segurança da porta do flat onde atende seus clientes, o mesmo número do celular do irmão cegueta. Fábio andava saindo com ela, por isso estava com o tal código no bolso do robe."

"Ela e Márcio se conhecem?"

"Os dois dizem que não. Não caíram em contradição em nenhum momento."

"E o que ela foi fazer no teatro?"

"Pegar os óculos de sol que esqueceu no carro dele. Vininho encontrou digitais dela no console do Fábio."

"Terceira visitante. A ruiva", diz Jair, colocando a imagem da mulher que já é familiar a todos. "Consegui descobrir a frase riscada na dedicatória da foto que encontramos na casa de Fábio. "Da sua tia gostosa", é isso que ela escreveu.

"O nome dela é Telma, e ela é irmã de Olga. Fábio é seu sobrinho."

"Temos mais informações?"

"Temos. Eu mesmo falei com ela, depois que o Jair me mostrou esse material. Trabalha numa companhia de turismo. Disse que foi ao teatro porque Fábio queria fazer uma apólice, e queria seu aconselhamento."

"Se tiver um seguro na jogada, as coisas começam a ficar interessantes", ela diz.

“Já estou fuçando esta história.”

“Cláudio Veríssimo também foi ao camarim. Três vezes”, diz Jair.

Ela pergunta: “Ele já depôs?”

Tenório: “Ainda não. Está alegando problemas de saúde.”

“Quem é esse?”, pergunta Azucena, referindo-se ao homem de boné e óculos escuros que aparece na imagem, sem muita definição.

“É aqui que o bicho pega. Procópio quer me convencer que esse vulto é André Luís Salvador”, diz Jair.

“Ele viu esse material?”

“O cara não sai do meu cangote.”

“Não é André”, ela fala, depois de ampliar a imagem. “André não tem esse porte.”

“Em imagem ruim, cada um vê o que quer. Ele insiste que é André.”

“E esse sinal na mochila?”

Ela está se referindo ao desenho gráfico, que aparece na bolsa que o homem da imagem carrega nas costas: uma linha amarela, no formato de um hexágono cortado ao meio.

“Se desse para enxergar...”, diz Tenório.

“Tem algo escrito em volta...”, ela nota.

Os três ficam por algum tempo em silêncio, observando a imagem.

“O pai do Cláudio Veríssimo já veio depor?”, ela pergunta.

“Já”, ele diz. “Muito bem assessorado por um advogado que não deixou ele abrir a boca. Repetiu a versão do gerente e não me deu nenhuma informação sobre o boy para quem ele entregou a munição.”

Outro silêncio. Ela está cismada com a imagem na mochila.

“Não pode ser esse homem?”

“O boy?”, pergunta Jair.

“Vamos investigar as companhias de motoboys que trabalham para o teatro e para Concórdia”, ela sugere. “E imprima essa imagem para mim, Jair. Antes, veja se consegue ampliar esse desenho na mochila.”

A notícia boa da semana chega no dia seguinte, vindo diretamente da serra da Cantareira. Uma balconista conseguiu escapar de uma tentativa de estupro e deu queixa na delegacia da região. A partir da sua descrição foi feito um retrato falado do agressor. Com o material em mãos, Azucena vai até a sala de Procópio e pede que ele seja distribuído.

“Antes que ele faça outras vítimas”, ela diz, contando a seguir sua suspeita de que há um estuprador serial na área. “Já vi laudos de três casos similares, feitos por peritos diferentes. Ele morde as mulheres, temos um molde da arcada.”

Procópio é gentil. Oferece-lhe café.

“Creio que devemos centralizar a investigação”, ele declara. “Avisar à Seccional, assim os distritos de circunscrição ficam cientes. A partir de agora, você cuida de todos os casos.”

Logo ela entende aonde ele quer chegar com tanta deferência.

“Preciso da sua ajuda”, ele diz. “No máximo até amanhã tenho que ter em mãos uma reconstituição da versão de André Luís Salvador sobre a morte de Fábio Cássio”, continua, enquanto coloca adoçante artificial na xícara que depois oferece a ela. “Com seu laudo, posso fechar o caso no mais tardar no sábado. Isso será muito bom para nós.”

Nós quem? Ela tem vontade de perguntar. Responde: “Seria imprudência. Há muitos flancos abertos na investigação.”

“Sei do que você está falando”, ele diz. “Tenório me contou algumas coisas. Mas você mesma viu as imagens de segurança. André está ali.”

“Não temos certeza.”

“Meu Deus! Estou dizendo que ele assinou a confissão.”

Ela o interrompe: “Não sei em que circunstâncias André fez isso.”

Subitamente o clima entre eles muda. “Você esteve na oitiva quase até o final”, diz Procópio, com ar espantado. “Só precisamos da reconstituição.”

“Ok, entendi. Mas só faço uma reconstituição se eu mesma conduzir uma nova oitiva. É assim que trabalho.”

O olhar furioso de Procópio diz tudo, ela sabe. Se pudesse demiti-la, é o que faria. “Você está complicando as coisas”, ele diz.

Ela não se abala. Deixa a sala, lembrando que, quando saiu da Academia, há mais de 20 anos, também era assim, cheia de razão e autoridade. E também achava que sabia blefar. Foi preciso dar com os chifres no poste para aprender a lição. Procópio ainda não conhece limites, ela pensa. E ela não é paga para lhe ensinar nada.

Domingo é um dia difícil. Ela mal abre os olhos, e já quer voltar a dormir. Tem vontade de mergulhar, desaparecer na espuma do colchão. Talvez o desânimo seja apenas o efeito colateral da separação, ela pensa. Ou do Frontal, que anda tomando sem receita médica. Deveria sair com as filhas para algum parque, limpar a casa, passear com os cachorros, mas não tira sequer o pijama. Depois do café da manhã, coloca um filme infantil na tv para divertir as meninas e volta para o quarto, carregando seus mortos no laptop.

Naquela manhã, enquanto vasculha seus arquivos, lembra de ter lido, há muitos anos, a história de uma mulher cujo rádio novo passa acidentalmente a transmitir a intimidade sórdida dos moradores do seu prédio. Irene é seu nome. Jovem, feliz. Logo, o espanto genuíno dela, diante da penúria e maldade dos vizinhos, é substituído por uma curiosidade mórbida e paralisante que vai, lentamente, corroendo sua inocência e seu impulso vital.

Seu catálogo de crimes, ela pensa, não é muito diferente do rádio de Irene. Transmitindo o horror do mundo. A borra da vida. Talvez a Central esteja acabando com sua vontade de viver, da mesma forma que as traições, mesquinhas e o esgoto matrimonial dos vizinhos deram cabo de Irene. Talvez a culpa do fracasso de seu casamento tenha sido somente sua e do seu rádio podre. Não é uma pessoa normal, com um trabalho normal. Passa domingos avaliando as migalhas deixadas por assassinos. O que a intriga naquele domingo é a imagem na mochila do homem misterioso. Imagem que, ampliada, lembra um olho fechado, de forma estilizada. Pode ser que o gerente da Concórdia tenha falado a verdade sobre o boy que foi buscar a munição na empresa. Mas que empresa de entrega rápida teria um olho fechado como logotipo de sua marca?

Na segunda cedo, tomando café na cozinha da casa dos pais, é surpreendida pela manchete no jornal. "Preso o suposto assassino de ator." A foto mostra André Luís Salvador sorridente, atrás das grades. "Eu já havia pensado em matar o governador", declara, como se fosse uma celebridade confessando ter fumado maconha.

"O que deu nesse cara?", pergunta a Tenório, no celular.

"Acho bom você não bater de frente", responde o detetive. "Esse delegado tem agenda própria, quer mostrar serviço a qualquer preço."

Ela ainda está lendo a reportagem, quando Damaso surge na cozinha, arrastando os pés em pantufas encardidas. Senta ao lado da filha.

"Quer saber o que diz o jornal?", ela pergunta.

Ele não parece interessado. "Agora temos o nosso Chapman matando o nosso John Lennon", ela diz mostrando a matéria.

Ele pega uma xícara de café. Ela diz: "Cada país tem o Chapman que merece. Esse é mais fajuto que meu falso brilhante."

Ela nota que as unhas do pai estão grandes, saca uma tesourinha da bolsa: "Posso?"

Ele gosta da atenção, oferece a mão direita. Diz: "Vou vender nosso terreno em Monte Verde."

A terra é pequena, não deve valer muito. "Você não me disse que precisa de dinheiro", ela comenta.

"Giulia vai estudar inglês em Boston."

Azucena olha para o pai. "Boston? Como prêmio? Por ter abandonado a faculdade?"

"Achei que você fosse gostar da notícia", ele diz.

Com um gesto, ela pede a mão esquerda do pai.

"Não vou permitir que Giulia vire balconista de shopping center", continua o velho.

Azucena levanta os olhos: "Não há nenhum problema em ser balconista de shopping center."

"Você nunca me contou o verdadeiro motivo da sua separação."

Ela poderia inventar mais mentiras sobre o fim de seu casamento. Melhor ficar quieta, pensa.

Antes de ir embora recolhe os chinelos do pai, atravessa a cozinha e vai para a área de serviço, no fundo do quintal. “Desce Giulia!”, grita o papagaio.

Pega um balde, despeja sabão em pó, coloca as pantufas dentro com água do tanque.

A mãe aparece na porta da cozinha: “Você conhece alguém na Polícia Federal. Giulia não tem passaporte.”

Ela conhece um monte de gente na Polícia Federal. Mas não vai pedir nenhum favor. A irmã que entre na fila, como todo mundo. É isso que ela diz para a mãe antes de sair, acrescentando depois que o pai precisa de pantufas limpas.

Procópio passa por ela, sem cumprimentar. E quando ela sobe até a sala do delegado, carregando um pacote de laudos que evidenciam que o caso de Fábio Cássio não pode ser fechado, não consegue ser recebida. Mais tarde, ela fica sabendo de uma reunião na diretoria para a qual não foi convocada. Começou a fritura, ela sabe. Assim é o funcionalismo público. Vai ser chutada para qualquer buraco, pensa, porque não consegue ficar quieta como Tenório ou Jair. Seu sangue ferve quando vê o descaramento de Procópio falando sobre Fábio Cássio.

Mas, durante o dia, o vento começa a soprar no sentido contrário. Primeiro, a notícia aparece num site de ocorrências policiais: a mãe de André declara a inocência do filho, alegando que o rapaz sofreu traumatismo craneencefálico há cinco anos e desde então já confessou diversos crimes que não cometeu.

Mais tarde, o delegado da 34ª telefona para confirmar o boato. “André é conhecido da delegacia. Maluco. Adora aparecer nos jornais.”

Em menos de duas horas, a Central se enche de jornalistas.

“Nós erramos, sim, qual o problema?” A frase dita num impulso por Procópio, depois de empurrar um dos repórteres durante a soltura de André, se propaga como um vírus, e logo está em toda parte. O problema, dizem os jornalistas de vários meios, é a ineficácia da Polícia Civil. O problema é a desfuncionalidade da Polícia Civil. De repente, a inoperância da Polícia Civil parece ser o



único assunto da imprensa. E André se esbalda com a fama súbita, contando para quem se interessar como enganou a polícia.

Naquele mesmo dia, Procópio é afastado. Azucena assiste a tudo com indiferença. É assim a vida na Central. Um dia, as coisas estão negras. No outro, muda tudo. Não necessariamente para melhor.

Quando sair dali, vai dizer o diabo, pensa Cayanne. Vai dizer: Você tem que escalar o Everest todo dia. Vai falar: O jogo não é para amadores.

A verdade é que os sobreviventes estão sempre no olho do furacão. E a lógica do programa é perversa. Não interessa o quanto você se sai bem nas etapas anteriores – não existe “ontem” para o telespectador. Não importa que seu “marido” tenha acabado de morrer com um tiro na cabeça. E o fato de o público amar ou odiar você também não significa muita coisa. A cada rodada, tudo pode mudar: é sempre possível subir mais um degrau, mas o mais provável é que você despenque e seja eliminado.

Naquela manhã, ela faz a sua parte. Enquanto Gloria Gaynor canta “It’s raining men” no aparelho antiquado que a produção providenciou, Cayanne requebra o quadril com as mãos serpenteando para o alto, como se tivesse um bambolê na cintura. Ela segue o ritmo, é magnética, bate palmas e, de repente, arranca a camiseta, ficando apenas de top, para mostrar a Otávio o que deve ser feito.

“Mexa-se”, ela diz, jogando-lhe a blusa.

Otávio continua parado, no meio do quarto. Por vezes, a beleza daquela mulher, borboleteando ao seu redor, tem o mesmo efeito que um gás paralisante. Como se a beleza dela fosse uma espécie de flecha indicando a sua própria feiura. Ela é radiante. Ele, transparente. Ela ilumina. Ele apaga. Essa é a química entre eles: água e óleo. Ele sabe: mulheres como ela não são feitas para homens como ele. E agora ela, que se movimenta com a graça de um cisne, pede que ele ignore toda a sua insignificância física, toda a sua falta de jeito, e chacoalhe suas pernas finas de cachorro viralata?

Finalmente ela se cansa e se joga na cama.

Otávio se flagra lembrando que, durante o jogo da verdade, na noite anterior, em volta da fogueira acesa no gramado da casa, as gatas, animadas por uma rodada de quentão, fizeram duras críticas à Cayanne. Disseram: “Você não é a Madonna brasileira para fazer do seu luto um reality show.” Acusaram-na de empestear a casa com uma atmosfera mórbida e lamurienta. Falaram que ela deveria, espontaneamente, por respeito ao Fábio e ao público, deixar o programa. Cayanne escutou as diatribes de cabeça baixa, sem reagir. E de repente olhou para ele, um olhar de súplica e desespero, como se fosse uma criança que pede amparo diante de uma situação desconhecida. É desta garota indefesa que ele se lembra. Uma pessoa que não tem nada a ver com o vulcão sexual que há pouco deitava lavas no quarto. Ele a defendeu. Não foi a primeira vez. Tem defendido Cayanne, nos últimos dias. É por esta razão que agora é impopular na casa. Ninguém mais se recorda que ser flor “é uma profunda responsabilidade”.

“O que diz a letra da música?”, ela pergunta, depois de ajeitar a cabeça entre as almofadas coloridas.

Otávio senta-se na ponta da cama e imediatamente vê os pés mínimos de Cayanne, com as unhas pintadas de rosa pink, afundarem no seu colo.

Ele segue a música: “Está chovendo homens/ Aleluia/ Está chovendo homens/ Amém/ De todas as espécies/ Alto, loiro, moreno e baixo.”

Os dois riem. Ela conta que tem dificuldade para aprender inglês. Já fez um curso no Yázigi, mas as palavras estrangeiras parecem empedrar dentro da sua boca. E ela também troca o *she* pelo *he*. Ela fala: “Dominar línguas é sinal de grande inteligência.” Ao escutar o elogio, Coelho-Man se comporta como um cavalo que ganha seu torrão de açúcar. É assim que ela o trata: de vez em quando deixa cair uma migalha, uma palavra gentil, um olhar. Ou então chora no ombro dele, angelical. São as lambujas que ele aceita, de bom grado.

Para ela, a questão é outra. Coelho-Man não é apenas um homem sem graça. É também um mocosinho assexuado. O próximo desafio é complicado: naquela noite, ele subirá num palco de verdade, numa

casa de show de verdade, e fará, junto com os outros nerds, uma "competição de strip-tease" para uma plateia de mulheres, contratada pela produção. O detalhe importante é que a plateia vota. Junto com o telespectador, a mulherada seleta escolhe quem fica e quem cai fora do programa. E é Cayanne quem deve prepará-lo para a missão.

Ela diz: "Você está preocupado com o strip-tease, mas tirar a roupa não é a parte mais difícil. Nem a mais importante. O complicado, nesta noite, é fazer a plateia olhar para você."

Ele não concorda. "O problema", diz, "é tirar a roupa, sim." Tem vergonha do próprio corpo.

Este tipo de drama, ela não conhece. É verdade que possui muitas desvantagens, ela pensa. Nasceu pobre. Em Marília, uma cidade que não é boa nem para os ricos. Teve que dar um duro danado para escapar de Marília, e se teve algo que a ajudou na vida foi o corpo que Deus lhe deu. É seu capital, seu patrimônio. "Quer uma dica?", pergunta, levantando-se da cama.

Ele faz um gesto afirmativo.

"Coloque um cinto no seu figurino e faça dele um chicote. Açoite o chão. Faça barulho. O pole também ajuda muito. Imagine que ele é sua parceira. Sabe o que eu digo? Simule sexo com o pole. As mulheres ficam doidas com isso."

O ensaio segue pela tarde toda, com algum avanço. E a noite, na casa de show, o pior acontece: vestido de bombeiro, Otávio entra afoito em cena, cabisbaixo, preocupado em tirar o cinto. Na primeira chibatada, tropeça na barra da calça, presa precariamente ao corpo, e pronto, já está parcialmente nu. Estatelado no chão. Quando se levanta, usando meias escuras até a canela e sapatos enormes, mais parece um palhaço. A plateia gargalha, vaia, enquanto ele, dominado por um ataque de paralisia, é rodeado pelos concorrentes, que bailam e se despem com desenvoltura.

Assim é o show business: em cinco minutos está tudo acabado, e Coelho-Man junto com Cayanne estão fora do jogo.

"Nunca ri tanto", ela ouve alguém da plateia dizer.

Chega o momento do adeus. Para quem assiste a tudo de casa, na televisão, a cena é rápida. Sobem os letrados, entra a vinheta

musical, enquanto gatas e nerds despedem-se de Cayanne e Coelho-Man, ali mesmo, no palco onde ocorreu o strip-tease, num clima de camaradagem, como se todos fossem da mesma família. Poucos notam que Cayanne não abraça Coelho-Man. E só ele escuta o que ela lhe diz ao pé do ouvido: "Seu banana, você acabou com a minha vida."

Instalada provisoriamente num flat da alameda Santos, ela tem urgência em aproveitar a fama angariada no programa para escrever um livro sobre cuidados com a beleza. Pensa em posar nua, mas quando lhe perguntarem vai negar. A regra é essa: negar para depois aceitar. É assim que aprendeu, vendo as mulheres que admira. Seu projeto, no momento, é dedicar-se a um curso de atriz. "Acho muito legal a profissão. Fábio queria muito que trabalhássemos juntos", ela fala, afastando a franja dos olhos e encarando a pequena plateia diante de si, no salão de eventos que a gerência do hotel disponibilizou para a entrevista.

Os jornalistas, todavia, não querem saber de seus planos para o futuro. Perguntam se é verdade que foi enxotada do luxuoso apartamento onde vivia com Fábio Cássio pela sogra, dias atrás.

Ela sente o rosto corar. Como eles ficaram sabendo, ela não tem ideia. Agora entende o que significa ter que lidar com Urano opondo-se ao seu Sol. Urano bate sem piedade, não foi isso o que a astróloga lhe disse? Ingenuamente acreditou que o escândalo de Olga, na madrugada de terça-feira, na porta de seu edifício, fosse ficar fora da pauta. Mas agora tem certeza: é o teste de Urano. O que tem a dizer sobre o fato de a sogra estar acusando-a de ter planejado a morte de Fábio? O que se pode dizer sobre isso?, ela pensa. Sente-se como casaco velho em boca de bode. Se deixar o bode come, se puxar o casaco rasga.

Não é fácil manter o sorriso. Já tinha tudo na cabeça. Estava preparada para contar, por exemplo, que é Buda seu Deus, e que a ioga diária lhe dá disciplina e força para superar o luto. Que só come

orgânicos para manter a saúde e que cortou o leite da alimentação. “O leite não faz nada por mim”, gostaria de dizer.

Os repórteres jogam baixo, ela pensa. “É verdade que você estava tendo um relacionamento extraconjugal na ocasião da morte de seu marido?”

Clique. Clique. Alguém bate fotografias.

Uma repórter com a pele feia e cabelo desgrenhado levanta a voz: “O que tem a dizer às pessoas que criticam o fato de ter permanecido no programa *As gatas e os nerds* após a morte de seu marido?”

A ideia de uma coletiva de imprensa realmente não foi boa, ela conclui. Infelizmente não há quem culpar. Ela mesma agendou o compromisso. Sempre teve certo fascínio pela expressão “coletiva de imprensa”. E sua primeira foi logo um fiasco, sem nenhum glamour. O local também não ajudou. Tudo naquele flat tem cheiro de carpete de Marília. Quem não comete erros? Não é por isso que vou ser linchada, pensa, ao se levantar e dar a entrevista por encerrada.

Nos dias seguintes, Cayanne aprende que o jornalismo não é muito diferente do mundo das novelas. Tudo o que os repórteres precisam é de uma boa história, uma fruta suculenta para se espremer até o bagaço. Agora, além de um astro morto, eles têm uma sogra performática acusando a nora de assassina. Momentos decisivos, ela pensa. Enquanto passa os dias no quarto, de calcinha e camiseta, vê a novela da sua vida avançar como uma nuvem de gafanhotos, infestando sites de fofoca, revistas e programas de auditório, com uma velocidade impressionante. Antigamente Cayanne costumava pensar na mãe de seu “marido” como um papagaio de pirata, estrela por tabela, gente que, por ser cabeleireiro ou primo de uma superestrela de verdade, acaba ganhando um verniz de fama. Agora ela entende que estava errada. A sogra é uma atriz nata. Uma verdadeira atriz. Segunda, terça, quarta, todos os dias, de manhã ou à noite, a qualquer hora, em qualquer emissora, lá está ela afirmando: “Meu filho não se matou.” Ela vende sua tragédia da melhor maneira possível. De certa forma, ela pensa, a morte de Fábio é explorada como um produto, um xampu emocional. O público gosta. É sempre bom ver o sofrimento

alheio. Não deixa de ser divertido, ela pensa. Ela mesma não consegue mudar de canal. Quando as bailarinas invadem o estúdio, chamando para os comerciais, o apresentador dominical promete: tem mais depois do intervalo. Ela espera. Mesmo sabendo que Olga vai, novamente, falar da incompetência da nossa polícia. “Até um louco de carteirinha consegue enrolar nossa polícia. Enquanto isso, os assassinos do meu filho continuam soltos. Nem conseguiram chamar aquela mulher para depor.” “Aquela mulher” é ela, sabe.

Não há outra saída senão procurar um advogado para abrir um processo de difamação contra a sogra. Vai ser preciso brigar também pelos bens e dinheiro que Fáblio deixou. O fato de não ter tido um bebê e não ter se casado no papel só piora sua situação.

O profissional que contrata não é excelente, mas é o que pode pagar. Encontram-se no flat, diversas vezes, ele a convence de que sua causa é líquida e certa. Não demora muito e ela percebe que precisa se defender dele também. A caminho da delegacia, aonde vai finalmente prestar depoimento, o homem que parecia distinto, sempre vestido com ternos em tons indefiníveis, deixa a mão boba avançar do câmbio para suas pernas. Sua vontade é desferir-lhe um tapa, mas quem sabe o que pode acontecer no futuro?

O que se passa a seguir, no terceiro andar da Central de Homicídios, também lhe ensina algo novo: jornalistas e investigadores são da mesma laia. O mundo, ela pensa, é muito conectado.

Sua postura é cooperativa, quer contribuir com a polícia. Porém, não consegue deixar de sentir que, antes mesmo de começar a falar, já está julgada e condenada. Só porque, ao saber da morte do marido, continuou a trabalhar? “Isso não é crime”, ela afirma. “Mas não é uma atitude normal”, diz o barbicha. Ele é o pior. Olhos gulosos, conhece bem este tipo de pervertido. Não se surpreenderia se o encontrasse metido num carro com um travesti.

É ele quem conduz o interrogatório: “Vejo aqui que a senhora tem passagem na polícia.” Ela é obrigada a confirmar. Porém, não entende o que um episódio banal como aquele, ocasionado por “um mísero cigarro de maconha”, tem a ver com a morte do marido. O barbicha se apega nisso: “Mísero baseado”. Ela simplesmente não

entende como ele pica e amassa aquelas palavras de forma que agora ela é uma prostituta drogada que pulou do maldito bolo e se casou por interesse. É uma oportunista que estava tendo um caso extraconjugal com o empregado do seu “próprio marido”.

Sua sensação é que ele tem a capacidade de transformar o que ela diz em veneno puro. Está confusa. Gagueja, silencia. Desdiz o que acabou de declarar.

O barbicha se posta ao seu lado, empertigado: “Você afirmou há pouco que não conhecia a empresa Concórdia. Agora diz que conhece.”

“Apenas de nome”, ela responde com um fiapo de voz. Não tem como explicar como uma bala comprada pela empresa que pertence ao pai de seu suposto amante foi parar bem dentro dos miolos de Fábbio. “Sou eu que tem que explicar isso?”, pergunta ao advogado.

Este não ajuda em nada. Só o que faz, ela pensa, além de transpirar em demasia, é repetir que ela tem direito ao silêncio.

O que está acontecendo exatamente? Querem prendê-la? “Fique tranquila”, garante o advogado, mas ela não está nem um pouco tranquila. Já nem tem certeza se deve ouvir o advogado. E se o barbicha tiver razão? Pode mesmo pegar trinta anos de cadeia?

Pelo jeito, está mesmo encrencada: mal sabe escolher em quem deve acreditar. Quem tem razão? O barbicha ou o seu advogado? Deve falar ou ficar quieta?

De repente, se dá conta de que está totalmente sozinha. Sem Fábbio. Sem Cláudio. Sem as gatas, sem os nerds, sem nada.

Tomada pelo medo, cai num choro convulsivo.

“Sou sua fã”, diz uma mulher que de repente aparece ao lado do barbicha – uma loira bonita, com cabelos cortados num estilo moderno. Feminina, nem parece uma policial, pensa Cayanne, ao observar a caxemira rosa em decote v que ela usa. É mais que chique. É simples. Básica. Se tivesse coragem, também cortaria o cabelo.

“Pode me chamar de Azucena”, diz a mulher. “Torci muito por você no programa.”

É isso que a faz parar de chorar. Aceita o copo de água e o lenço que sua fã oferece. Cayanne não é do tipo de famosa que despreza



as fãs, ela não é assim, ela “é o tipo de pessoa que trata bem seu fã-clube”, diz isso à... “como é mesmo o seu nome?” Azucena.

“Adorei seu corte de cabelo, Azucena. Eu sempre digo, não adianta ser bonita para usar cabelo curto. Tem que ter coragem.”

Quando dá por si, já está falando demais, fala de Buda, carreira, antitabagismo, planos para o futuro e intimidades.

Seu advogado não para de lançar olhares horríveis. Por quê? O que disse de errado? Que ela e Fábio estavam brigando muito? Que Cláudio é, sim, apaixonado por ela?

“Não combinamos que você negaria seu relacionamento com Cláudio?”, pergunta o advogado mais tarde, na volta para o flat.

Ela está atônita com tudo o que aconteceu. Foi um pesadelo? Não está entendendo mais nada. Por acaso dizer que dormiu alguns dias na casa de Cláudio é assumir alguma coisa?

“É essa a razão do direito ao silêncio”, explica o homem, antes de deixá-la na porta do prédio. “Quem muito fala muito se enrola.”

Demora só alguns minutos – o tempo de chegar ao flat e ligar a televisão – para dar razão ao advogado. Fica espantada com o que os jornalistas comentam sobre o seu depoimento. Ela é louca, falou mais do que devia? Ou será que sua fã não entendeu nada do que foi dito na delegacia? Tende a acreditar que os jornalistas estão de sacanagem. Sua fã parecia uma ótima pessoa. Só por esta razão ela admitiu ter dormido com Cláudio. E porque era sua fã, a preveniu. “É muito bonita a sua atitude de proteger o Cláudio, mas é bom que você saiba que ele não está tendo a mesma consideração por você.”

Cláudio realmente não está tendo a menor consideração. Não atende sequer seus telefonemas.

Naquela noite, não consegue pregar os olhos. Nem desligar a TV. Gira os canais de zero a 200 e é só isso o que eles dizem a seu respeito: suposta assassina.

Mas o que não sai de sua cabeça e tira seu sono, e também a sua fome, é a lembrança do momento em que deixou a delegacia, quando teve que enfrentar a imprensa e os curiosos. Foi preciso que o advogado e mais dois policiais a escoltassem. Ela já estava dentro do carro, quando ouviu nitidamente alguém gritar: “Assassina!”

Às dez horas da manhã, o relógio digital anuncia: qualidade do ar imprópria. Azucena segue apressada pela Feliciano Marcondes até ultrapassar o velho que, como uma besta, traciona a carroça entulhada de papel. Por um instante, os dois cães famélicos que o escoltam deixam de revirar o lixo empilhado da rua e a observam entrar no sobrado mambembe, em cuja placa se lê: W. Oliveira – Advocacia Familiar: separação/ união estável/ homoafetiva/ inventários/ herança e demais questões familiares.

Washington a espera no alto da escada, mãos no quadril. “Estamos reciclando lixo”, diz, referindo-se aos animais e ao velho na calçada.

O escritório é simples: uma mesa com computador, duas cadeiras e uma estante de metal, repleta de livros técnicos. Através da janela, por onde se vê um emaranhado de fios de telefonia e eletricidade, entram lufadas de monóxido de carbono, liberado pela grande frota de ônibus que circula no bairro.

É a primeira vez que Azucena visita Washington depois que ele foi afastado da Central.

Ele está feliz por receber a amiga. No passado, arrastava um bonde por ela. Hoje sente-se vacinado. De mulher bonita, quer distância. Prefere as normais que, ao menos, vêm sem preço.

Sentados frente a frente, ele comenta sem entusiasmo a aventura de voltar para o direito de família, depois de tantos anos na área criminal. Conta que trabalha sozinho, não tem secretária, assistente ou boy, e que vai a pé ao Fórum, como no início da carreira.

“Quer um café?”, pergunta.

Sem esperar resposta, escancara as portas do armário embutido na parede atrás de si, deixando à vista a pequena máquina de expresso, que chia, apita, ronca e fumega enquanto prepara a bebida.

Ela ainda aceita uma segunda dose, é assim que consegue acabar com o que resta de Frontal no seu sangue, pelas manhãs.

Entusiasmado, ele fala sobre o acordo com o homem com quem brigou no trânsito. Diz: "No sábado, vamos almoçar juntos na minha casa, não é civilizado?"

Ela é boa ouvinte por natureza, mas o trabalho tem levado sua capacidade de escutar ao paroxismo. Está convencida de que investigar é, sobretudo, observar e que não há observação sem silêncio. Quem fala muito, vê pouco. Assim, por força do hábito, não sabe se comportar de outra maneira, mesmo quando está com amigos. Prefere ouvir. Escuta com atenção Washington confessar alívio por ter se livrado do processo. Antes de recolher os copos sujos e jogá-los na lixeira, ele fala: "Só de lembrar que eu poderia ter matado aquele rapaz fico encharcado de suor."

Ela não acredita que ele chegaria a esse ponto. Por quê? "Porque você não é um assassino", ela responde. "Trabalhamos com leis. Temos um ideal ético."

Ele pensa diferente: "A Central é uma máquina de moer ideais éticos. Você vai sendo triturado aos poucos, nem percebe, aquilo vai acabando com sua sensibilidade, você vai perdendo a crítica, os limites, a paciência, a ética, e de repente algum cano estoura lá dentro do seu sistema podre, e você acaba matando um cadeirante por causa de uma bosta de uma vaga para estacionar."

Eles ainda conversam algum tempo sobre o assunto antes que ela lhe entregue um papel que carrega há dias na bolsa.

Em silêncio, esfregando as têmporas com a mão direita, ele lê o documento. Depois diz: "Não sabia que vocês tinham se separado."

Ela dá um sorriso resignado.

"Vocês eram ótimos", ele fala.

"Nem tanto."

"Tem chance de voltar?"

"Zero. Nenhuma."

Mais um silêncio.

Washington: "Posso dizer sem medo de errar que pais que disputam a guarda das crianças com mães exemplares, como você, não querem os filhos. Querem vingança."

“Não sou exemplar, mas ele não tem chance.”

“Engano seu. A Justiça não é mais a mesma. Agora, qualquer juizinho de 28 anos quer ouvir o que um pirralho de 6 anos tem a dizer sobre os pais. Sorengo vai alegar que seu trabalho coloca em risco a vida das meninas. Lembra quando você foi ameaçada pelo telefone? Ele vai usar isso contra você. Elas terão que ir ao Fórum. Terão que escolher entre você e o pai. Você quer mesmo levar isso adiante?”

“Elas vão preferir a mãe, é simples assim.”

“O estrago não será menor por conta disso. A questão não é você, não é o Sorengo. Sei lá o que você aprontou para ele estar com tanta raiva.”

“Você não imagina”, ela diz, forçando um sorriso. Não tem coragem de se abrir, contar o que aconteceu. Será que vai ter um câncer por causa disso? Essa é sua teoria: certo tipo de silêncio acaba se transformando em nódulos cancerígenos.

Washington continua: “Se fosse um cliente qualquer, eu só pensaria no meu bolso. Mas você é minha amiga.”

“Ele não tem a menor condição de ficar com as crianças.”

“Existe uma maneira mais fácil de resolver essa situação.”

Ela suspira, incrédula. Boa solução seria a morte, ela pensa. Se Luís fosse picotado junto com os frangos daquele matadouro. O que ele fez, ela pensa, é imperdoável. Não foi só o casamento que acabou. Ele destruiu sua capacidade de confiar nas pessoas.

“Está pronta para ouvir?”

“Sim”, ela responde, depois de respirar fundo.

À tarde ela é chamada à sala do novo delegado-geral para uma reunião, e se surpreende ao encontrar Leandro Vargas, um velho conhecido dos tempos da faculdade. Na época, ele era 38 quilos mais gordo. Desapareceu no final do curso, pouco antes da formatura. “Mudei para Brasília, me formei e acabei ficando por lá”, conta. Ela jamais o reconheceria. Nem se lembrava de que ele tinha olhos azuis.

“Você está ainda mais bonita”, ele diz, prendendo as mãos dela mais tempo do que ela gostaria.

Só depois que se acomodam, ele pergunta por Sorengo.

“Separamos”, ela diz.

“É mesmo? Que coincidência, eu também acabei de me divorciar.”

Ela não gosta quando a conversa caminha para este lado.

“É uma fase difícil”, ele continua, tentando abrir uma brecha.

Não é a primeira vez que um colega da Central demonstra aquele tipo de abertura e entusiasmo. Ela sabe o que acontece se der corda. No início da carreira, era insegura, atrapalhava-se quando se via nesta encruzilhada. Hoje tira de letra, ela pensa. Nem precisa ser deselegante. É uma questão de atitude, um jeito silencioso de dizer: não vai rolar.

Ele também é elegante, reconhece rapidamente o sinal vermelho. Começa então a falar de suas ideias para a Central. Seu ponto de partida, conforme explica, é a teoria das janelas quebradas, implantada com sucesso nos Estados Unidos. “Veja o nosso metrô”, ele diz, “ninguém picha, ninguém depreda, por quê? Porque é bem cuidado. É limpo.” Por isso, acredita que, colocando uma “certa ordem” nos locais mais violentos da cidade, é possível reduzir até 40 por cento da criminalidade.

Ela ainda não consegue imaginar o que significa “certa ordem” em favelas como a do Paraíso, por exemplo. Novas escolas? Esgoto? Asfalto? A realidade americana não tem nada a ver com a nossa, ela pensa. Também não acredita que a questão da ordem e da lei esteja diretamente relacionada com os altos índices de criminalidade. Por outro lado, é interessante a experiência de ter um superior que discute novas estratégias com a equipe.

É sempre assim, ela sabe: quando muda a diretoria, surgem mil projetos. A maioria não vinga. Ela evita se entusiasmar. Mas não se contém quando ele fala em criar uma central de perícias estadual, de excelência. “Com você no comando.”

“Para todo tipo de crime contra a pessoa?”, ela pergunta.

“Inclusive os crimes socorridos pela PM e Corpo de Bombeiros.”

“E o novo secretário de Segurança? Vai dar o aval?”

Ele acredita que sim. Tem muitos argumentos para convencê-lo. Mas ela está há muito tempo naquele local para acreditar em melhorias institucionais.

Uma hora mais tarde, Azucena está em frente ao único prédio de uma rua movimentada do bairro de Pinheiros.

“O senhor está obstruindo o trabalho da Justiça”, diz ao porteiro. Tenório, ao seu lado, já perdeu a paciência. “Putá que o pariu. Não sou pago para isso”, diz a Jair, que aguarda com o corpanzil encostado numa velha Kombi estacionada em frente ao edifício.

Mais à frente, alguém berra no megafone: “Mangas, mangas docinhas, mangas da fazenda.”

Eles têm em mãos um mandado de busca e apreensão para o apartamento do produtor Cláudio Veríssimo, onde pretendem recolher livros de contabilidade, documentos, computadores, contratos, agendas e todo tipo de material que possa eventualmente ser útil na investigação da morte do ator. O porteiro, todavia, insiste em dizer que só pode permitir a entrada depois de saber quem é o morador que procuram. “Tenho ordem para não deixar ninguém subir sem avisar.”

“O senhor não pode se comunicar com o morador”, responde Azucena. “Isso é uma diligência.”

“Ahn?”

“Ele é surdo?”, pergunta Tenório.

Com um gesto sutil, ela pede para o detetive não se intrometer. E para o porteiro: “Isso é uma diligência, não podemos identificar o apartamento.”

“Até parece que esse paraíba sabe o que é diligência”, comenta Tenório se afastando do portão e se juntando a Jair, cuja camisa pequena demais deixa parte de sua pança translúcida à mostra. Com um Chokito nas mãos, Jair não parece nem um pouco preocupado com o que está acontecendo.

“Você gosta mesmo de se empanturrar, hein?”, pergunta o detetive.

“Mais ou menos”, responde o fotógrafo pericial depois de lambe os beijos.

Finalmente, o portão é aberto e os três são levados até o hall. Quando estão entrando no elevador, o porteiro pergunta: “É por causa do carro que vocês estão aqui?”

No momento seguinte, Tenório sobe sozinho para o apartamento de Cláudio, enquanto Azucena e Jair, acompanhados pelo porteiro, vão até o Metropolitan Park, um estacionamento na quadra seguinte, onde moradores do bairro que não têm garagem costumam deixar seus veículos.

Ao puxar a capa que cobre o carro, deparam-se com um Honda Civic novo.

“É o mesmo?”, pergunta Jair.

“Parece”, ela responde.

Pelo rádio, avisa à Base que encontrou um veículo com as mesmas características descritas na nota fiscal recolhida na casa do ator, e que até então não havia sido localizado. Depois, telefona para Tenório e combina com ele uma estratégia.

O gerente do estacionamento aparece com a chave: “É roubado?”

“Estamos investigando.”

Jair fotografa primeiro a parte externa do automóvel. A ordem da perita é que ninguém entre no veículo, antes que Vininho chegue para colher impressões digitais.

Subitamente, o tempo muda, e nuvens cor de chumbo aparecem no céu. Um vento frio, seguido de garoa, faz Azucena correr até a viatura na esquina para buscar um casaco.

Na volta, vê que o porteiro continua ali, ar medroso, desconfiado. Quer dizer algo, demora para criar coragem.

Ela facilita: “O Cláudio pediu para o senhor não comentar nada sobre o carro, não é verdade?”

Ele faz um gesto afirmativo.

“O senhor vai ser chamado para depor.”

Azucena toca a campainha. Jair está ao seu lado.

É o próprio Cláudio, vestindo jeans e camiseta, quem abre a porta. Tenório, sentado no sofá ao fundo, se levanta. Diz: “Essa é a chefe da equipe de perícias da Central de Homicídios. E Jair, nosso fotógrafo pericial, veio ajudar na busca.”

Eles apertam as mãos.

Cláudio: “Por favor, fiquem à vontade.”

Jair adentra a casa, enquanto ela permanece na sala. Cláudio indica uma poltrona junto a Tenório. Os três se acomodam.

“Cláudio estava me contando sobre a montagem da peça”, diz o detetive.

“Eu dizia que hoje em dia ninguém vai ao teatro por causa de certo dramaturgo, ou de certo texto. As pessoas vão ao teatro por dois motivos: para rir ou para ver gente famosa. Este é o mercado. É isso que venho fazendo. Procuro atores bem-sucedidos na televisão, e os levo para o teatro, e foi assim que surgiu minha parceria com Fábio Cássio. Mas acontece que esses atores de televisão, famosos, quando vão para o teatro pela primeira vez, quando vão fazer seu primeiro Shakespeare, têm uma expectativa imensa, eles chegam ao teatro com a mesma postura de quem entra numa igreja, você está me entendendo? Para eles, ser aceito no mundo teatral e ter uma boa crítica é como entrar no grupo A do campeonato de futebol brasileiro. Eles não colocam apenas dinheiro na produção. Eles se dedicam inteiramente, viram escravos de seus diretores, são aplicadíssimos. Foi o que aconteceu com Fábio Cássio. Ele chegou até mesmo a viajar para Nova York só para ver uma exposição do Man Ray, porque sabia que o fotógrafo era amigo íntimo de Drieu la Rochelle. Você pode imaginar como estava a cabeça do cara. Ele pensava: estou rezando a cartilha que me deram, estou gastando os tubos, estou fazendo tudo direitinho, então só pode dar certo. Só que não foi bem assim. Vocês viram as críticas, por acaso? Não? Um deles escreveu a seguinte manchete: ‘Fábio Cássio: a arte de não interpretar coisa nenhuma.’ Um outro disse que a profissão de ator deveria ser como a de motorista, com licença passível de ser suspensa. No dia da estreia, eu tive o azar de me sentar ao lado de um velho crítico, o pai de todos, que nunca gosta de nada. Sabe o que ele me perguntou? Se por acaso o Fábio Cássio tinha algum



entendimento – ele usou esta expressão –, algum entendimento das palavras que estavam saindo de sua boca. Como você acha que Fábio Cássio reagiu a esse massacre?”, pergunta finalmente, levando a mão à cabeça como se ela fosse um revólver.

Tenório diz: “Curioso é que falamos com a analista dele, dra. Vera, ela não disse nada sobre essa frustração.”

“Vocês precisam entender que não estão investigando a morte de um ser humano comum. Vocês estão investigando a morte de um ator. Ator, para sua informação, não vem do mesmo macaco que nós. Trabalho há anos no meio, sei do que estou falando.”

Tenório retira um cigarro do bolso da camisa e o acende, sem pedir permissão. Cláudio se incomoda, mas não diz nada, continua: “A vida deles não funciona como a sua, como a minha. Essa gente vive cercada de todo tipo de babá: agentes, bajuladores, fãs, babacas, eles adoram isso. Esquece a palavra ‘normal’. Tudo o que existe de naturalidade na vida desses caras é destruído pelo sucesso. Para entender o que estou falando: vocês já viram, nessas revistas de celebridades, matérias em que um casal famoso recebe a imprensa para mostrar como é a casa onde são felizes juntos? Posam na cozinha, no closet, posam com os filhos pequenos, filhos de casamentos anteriores, você pensa: quanta felicidade. Nada mais enganoso. Hoje eu sei: esse tipo de matéria é prenúncio de separação. Pode contar nos dedos, três meses depois, eles estão separados. Já é uma tradição: antes do divórcio, é preciso aparecer feliz na revista dos famosos, talvez porque estas revistas tenham virado o álbum de família dessa gente. Toda a história deles está ali, em diferentes números. Eles são assim. Aparecem correndo no calçadão, despenteados, como se estivessem sendo flagrados. Mas a realidade é que neguinho se descabela e vai correr no calçadão para ser fotografado. Tem ator que só vai correr em lugar onde tem paparazzi de plantão. Assim são os nossos artistas televisivos. Se você não entender isso, vai ficar buscando pelo em ovo.”

Azucena fala: “Mas então me deixa entender: você acha que Fábio Cássio, sem aguentar o fracasso, planejou a própria morte no palco?”

“Eu não tenho dúvidas. Ator deprimido não fica igual a você, quando está deprimido. Não tem essa de ficar em casa, de baixo astral. Ator deprimido bate em babá, é preso em aeroporto por causa de maconha, atropela seis pessoas numa bebedeira, tem chique em avião, entende o que estou querendo dizer? Fábio resolveu se matar. Acontece que até mesmo um possível desejo suicida naquele cara não podia ser menor que o narcisismo dele. Se matar era pouco para Fábio Cássio: ele tinha que se matar no palco. Sei que não é fácil entender a cabeça dessa gente.”

Ela se pergunta se acreditaria no que Cláudio está dizendo, se não soubesse do carro na garagem. Não tem certeza. Retira da bolsa a foto com a imagem do rapaz flagrado pelas câmeras de segurança no teatro e mostra para ele.

“Já expliquei”, diz Cláudio, olhando para a perita. “Foi pelo meu pai que fiquei sabendo desse boy.”

“Não temos certeza que se trata de um boy. O sinal na mochila não diz nada para você?”

“Não. Seja quem for, não foi contratado por mim. Não é da nossa equipe de produção. Não mandei ninguém buscar munição. Isso é absurdo. Repito: só soube desse boy depois do suicídio.”

Finalmente ela pergunta por que o Honda Civic de Fábio está na sua garagem.

O rosto do rapaz enrubesce, e seu corpo adota uma postura tensa. Primeiro, ele diz que foi o próprio ator que pediu para que ele guardasse o novo carro ali. Depois, passa a dizer que foi um presente.

“Por que razão ele lhe deu um presente caro como este?”, ela pergunta.

“Pelo meu trabalho.”

Ela é paciente. A dinâmica do interrogatório é cíclica, tediosa, e, a cada rodada, a versão apresentada por Cláudio vai sendo alterada. “Fizemos um acordo”, ele diz. “Prometi blindar Fábio da imprensa.”

“Explique melhor.”

“A notícia da separação. Ele só queria anunciar o divórcio depois que a peça saísse de cartaz.”

“Isso não faz sentido para quem está pensando em se matar. Além do mais, ele não tinha assessor de imprensa? Por que dar um carro para que você fizesse o trabalho que um assessor faria normalmente?”

Há muitas maneiras de detectar mentiras, e é nisso que ela se concentra. Mentirosos transpiram, hesitam, tossem. Cláudio gagueja. Vira os olhos para cima, como se tentasse lembrar detalhes.

Ela diz: “Sabe o que acontece quando duas pessoas compartilham um segredo? Uma delas abre o bico.”

Cláudio finge não entender.

Ela continua: “Cayanne já esteve conosco, e vou dizer uma coisa: ela não está preocupada com o que vai acontecer com você.” Outra pausa. “Ninguém aqui pensa que você é um assassino”, ela continua. “Vou lhe dizer o que aconteceu: você ficou enfeitiçado por Cayanne. Isso é bem compreensível. O Brasil inteiro ficou fascinado por ela. Cayanne é mulher de mil talheres, e você foi envolvido. Não há nenhum mal em admitir isso.”

Ele ainda resiste.

Ela diz: “Sabe qual o grande problema disso tudo? Seu pai. Seu pai caiu de gaiato nessa história. Você vai levar seu pai para a prisão...”

Só então ele admite que estava tendo “um rolo” com Cayanne. Admite também que o carro foi um “acordo de cavalheiros”. Ele e Cayanne não assumiriam nada até que a peça saísse de cartaz.

Não se pode dizer que ele confessou: caiu em armadilhas. Tenório está contente, atribui a ela o sucesso da diligência. Ela, no entanto, tem uma opinião diferente. Nossa classe média está tão acostumada à ideia de que só pobre vai para prisão, que não se preocupa quando um agente policial bate na sua porta. A verdade é que Cláudio deveria ter calado a boca e chamado seu advogado. Talvez assim não recebesse a ordem de prisão. Pelo menos naquele momento.

O dia seguinte começa muito cedo, dentro da mata da Cantareira. Ela já viu as mesmas cenas em fotografias: a mulher é jovem, está nua, em decúbito dorsal, braços e pernas abertos. Mordidas na parte interna dos braços. Foi o delegado da seccional que a chamou. Ele também está ali, observando o trabalho dos peritos, ao lado do repórter de um jornal do bairro. O que a deixa irritada é a lerdeza dos detetives. Ela não avisou que isto ia acontecer? Não distribuiu um retrato falado do estuprador?

O crime vai aparecer em algum pé de página de um jornal sem importância, ela pensa. Nossa sociedade fica inconsolável quando matam a filha de um dentista, um estudante da classe média, mas não se importa quando as vítimas são pobres.

Ela caminha com cuidado, já pediu que a área fosse isolada.

Um vento frio chacoalha as folhas, produzindo um tipo de ruído que é difícil ouvir na cidade. O céu está encoberto, escuro.

Coloca luvas, e se abaixa ao lado da menina. Dezesseis, 18 anos? Não mais que isso. Abatida em pleno voo, pensa, ao recolher uma pulseira barata cheia de pequenos pingentes que simbolizam sorte.

Com um pote de vidro, coleta uma pequena massa de ovos de insetos na boca da vítima, enquanto explica ao delegado que a presença de moscas domésticas indica que a garota não morreu ali.

Há também larvas da *Cochioma hominivorax* nos ferimentos das pernas. “Ela conhecia o assassino. Deve ter sido morta na casa dele, depois de muita violência. Essas larvas são comuns em casos de maus-tratos.”

Não é fácil carregar um cadáver, ela sabe. Se o assassino traz suas vítimas para a mata, ele mora na vizinhança. Ou, ao menos, trabalha por aqui.

Há uma certa agitação na Central. É o próprio Leandro quem vem contar a novidade: “Cayanne é a única beneficiária de um seguro de um milhão e quinhentos mil reais. Ainda não reclamados. O sindicante da Casabranca Seguros acabou de sair daqui.”

Ela e Tenório já haviam pensado nesta hipótese. O problema é que polícia não tem como bater na porta de todas as seguradoras. Geralmente, são as seguradoras que batem na porta da polícia.

“Vamos dar ordem de prisão ainda hoje”, assegura Leandro.

Ela concorda que há provas suficientes contra Cayanne e Cláudio. Mas, na sua opinião, é importante que várias outras providências sejam tomadas para a instrução do inquérito. “Há muitas peças soltas. Muita coisa que não se encaixa.”

“Por exemplo?”

“As imagens de segurança do teatro.”

“Sabe o que vai acontecer se não fecharmos este inquérito? O governador vai expedir um ofício ao ministro da Justiça, requerendo que as investigações sejam conduzidas por uma autoridade policial federal. É isso que estou tentando evitar.”

Leandro pede ainda que ela dê uma última lida no inquérito. “Não acompanhei o caso desde o início. Quero sua opinião.”

Na despedida, antes de abrir a porta, ele se aproxima, ultrapassa o sinal vermelho. Ela tenta evitar, estende a mão, mas ele é mais rápido e lhe dá um beijo na face direita.

Ela odeia essa história de beijos no rosto. Muita intimidade.

No sábado, Azucena acorda cedo. Fez tudo o que Washington sugeriu.

Os preparativos incluíram uma ida a um abrigo de cães no final da tarde anterior, de onde saiu com duas cadelas pretas.

Agora, pela manhã, é difícil fazer com que as crianças sentem-se à mesa para o café. Cada uma recebeu um telefone celular e, muito espertas, já sabem usá-lo. Para pedirem socorro, se for o caso. As malas estão prontas. Tudo já foi conversado, explicado, há um clima de aventura no ar. E as cadelas devem ir junto.

Antes de saírem, enquanto Azucena coloca as malas no táxi, as filhas despedem-se dos avós, cada uma com seu bichinho no colo.

“Tem certeza de que é uma boa ideia?”, pergunta Jandira, da janela do carro.

Ela não tem certeza de nada. Vai embora vendo os pais amarrotados na calçada, pensando que, se sua decisão é terrível para ela própria, para os pais é quase uma maldade.

Meia hora mais tarde, Sorengo acorda com a campainha tocando e salta da cama.

Ao abrir a porta, depara-se com a ex-mulher e as filhas.

As meninas o abraçam e entram pela casa, correndo atrás das cadelas.

Ele diz: "Você vai viajar? Não posso ficar com as crianças."

"Aqui está a ração", ela fala, entregando o pacote. Completa: "Preciso que me ajude a tirar as malas do táxi."

"Tenho reunião no frigorífico. Quando você vem pegá-las?"

Na calçada, de moletom e descalço, Sorengo retira a bagagem, sem entender o que ela quer dizer com "as meninas podem ficar o tempo que quiserem".

"Como assim?"

"Pague o táxi", ela diz.

Só quando estão de volta à sala, ela explica que não tem intenção de brigar pela guarda das crianças.

Sorengo reclama: "Olha a minha casa. Nem sofá eu comprei. Não tenho estrutura para ficar com elas. As coisas não podem ser decididas dessa forma."

Ela não presta mais atenção ao que ele diz. Vê um molho de chaves sobre a mesa, retira uma delas e pega os documentos da moto, que estão ao lado.

Sorengo: "Quem vai levar as crianças na escola? Não tenho empregada."

Ela já está na garagem: "Não conte com meus pais."

Quando ela dá partida, ele grita: "Eu preciso da moto. Aonde você vai?"

Ela pega a rua à direita, em direção ao shopping. De agora em diante, está livre de trânsito. Tem ainda que comprar um capacete antes de ir para o trabalho. As lágrimas atrapalham a visão, e ela é obrigada a estacionar no quarteirão seguinte. Sua sorte é que trouxe os óculos escuros na bolsa.

À noite, em casa, de banho tomado, ela assiste à prisão de Cayanne ao vivo.

Uma coisa é certa: a nova assessoria da Central já foi contratada. E é eficiente. Um bando de jornalistas e repórteres está na porta do flat para registrar o momento em que Cayanne sai algemada.

Ela tem certeza de que as filhas vão ligar a qualquer momento, mas não é o que acontece. Sem elas, o silêncio incomoda.

Sente-se oca. Sempre que fecha um caso, fica assim. Nunca consegue comemorar a desgraça alheia.

Vire-se. Resolva. Cada vez que o ex-marido telefona pedindo ajuda, ela diz a mesma coisa. Ele não quis a guarda das filhas? Agora que cancele reuniões. Que arranje uma babá. Que se foda dar conta da agenda das meninas. Azucena sente um prazer quase malévolos nessas ocasiões, como o de quem vê o rato caindo na armadilha.

O troco vem no sábado. Ela já está de saída para buscar as meninas para o primeiro fim de semana juntas, já adiantou laudos, abasteceu a geladeira, comprou ingressos para uma sessão de cinema, e então Luís telefona, avisando que está no zoológico com as filhas e que os três só chegarão em casa por volta das duas da tarde.

Ela fica furiosa. Sem pessoal suficiente no seu departamento, não pode se dar ao luxo de alterar sua folga de última hora.

Passa o resto da manhã mergulhada em laudos e inquéritos, tentando não pensar no assunto. Um pouco antes das duas, decide checar se o pai quer acompanhá-la até a casa de Luís.

Encontra o velho sozinho, sentado na cozinha, descascando laranja.

“Sua mãe está com dor de cabeça. Foi se deitar”, ele comenta.

Sem dizer nada, ela vai até o quarto, bate na porta e entra. Jandira está deitada de costas, com seu penhoar puído e desbotado.

“Mãe”, ela chama, sentando-se na cama. Jandira não responde. Ao virá-la, vê que seus lábios estão azulados e seu pulso parou de bater.

Ela está acostumada a encarar o óbito como um processo longo, de falências múltiplas, rico em informações. Agora, longe dos bisturis e do luminol, ela vê a face mais violenta da morte, o golpe súbito da guilhotina sobre o pulsar tênue da vida.



O velório ocorre na capela do cemitério Santa Bárbara. Junto com Giulia, o pai, Ana, Ricardo e mais alguns vizinhos, Azucena segue a pé pelas alamedas até o túmulo comprado às pressas.

Durante o trajeto, não consegue evitar o pensamento de que a mãe subverteu a ordem dos fatos. Quantos Natais foram celebrados como se fossem o “último de papai”? De repente, num ataque cardíaco fulminante, é ela quem vai primeiro.

Quando dois funcionários do cemitério estão descendo o caixão, Luís chega com as filhas. A cada uma ela entrega uma rosa.

Tudo é muito rápido. Depois das flores, vêm a terra, o cimento e a laje.

“Será que ela sofreu?”, pergunta Giulia mais tarde.

“Mãe morreu dormindo.” É assim que Azucena consola os familiares. Como se morrer dormindo fosse uma vantagem.

Azucena pensa que o pai vai desabar. A verdade é que ele desaba só um pouco. Quase desaba. A cada dia que passa, o homem demonstra mais força, ela nota, sobretudo depois de convencer Ana e o marido, agora desempregado, a viver com ele. O bebê do casal vai nascer em dois meses, e isso é um alento para o velho.

Ela sempre imaginou que, numa situação adversa, Giulia seria um apoio importante na família. Nesse sentido, a iminente viagem da irmã a Boston a preocupa. É Ana, no entanto, que começa a colocar ordem na casa. Ela e o marido fazem as compras, cozinham, cuidam da limpeza, se ocupam do bem-estar do pai.

Essa é a vantagem de ter uma irmã e um cunhado inúteis, ela pensa, quando sai para trabalhar.

Num domingo à noite, está com o pai na sala, ele tomando Yakult, de olhos fechados, ouvindo *Il Trovatore*. De repente, ele abre os olhos e diz: “Ela sabia.” Com dificuldade, como se as palavras tivessem que ser arrancadas a fórceps, ele conta que, certo dia, Jandira entrou no banheiro enquanto Giulia tomava uma ducha e viu a tatuagem nas costas da filha. “Giulia acabou contando tudo”, ele diz.

Ela fica em silêncio.

“Por que você nunca nos disse nada?”, ele pergunta.

Mais silêncio. É o melhor que ela pode fazer.

“Sua mãe obrigou Giulia a se submeter a um tratamento a laser para apagar a tatuagem.”

Ela não sabe, não quer saber de tatuagem nenhuma. Agora só o que precisa saber é se o velho quer que a viagem de Giulia para Boston seja adiada.

“Não há o menor sentido”, ele responde.

É ela mesma, a contragosto, quem leva Giulia até o aeroporto no domingo seguinte. Vão em silêncio e despedem-se sem nenhum contato físico, como se fossem conhecidas, e não irmãs de sangue.

## PARTE 3

**É** primeiro de janeiro. Azucena está na cozinha, lavando louças. Por tradição, é na sua casa que a família comemora as festas de fim de ano, um fardo que carrega sem reclamar e que lhe consome madrugadas a fio, com preparativos e listas que se proliferam como ratos. Desta vez, foi necessário um esforço enorme da sua parte para que a celebração fosse o menos triste possível para as crianças. O fim das festas é um alívio.

Naquela manhã, o telefone toca logo cedo. A filha mais velha atende, "é o papai", ela diz, depois de ouvir alguma notícia que a deixa exultante. "Ele quer falar com você."

Enxuga as mãos no avental e pega o aparelho sem fio. O ano nem começou e ele já está sabotando, ela pensa, ao ouvir sua proposta. Tem sido assim nos últimos tempos.

Há uma combinação de que as meninas, em férias escolares, ficariam com ela até o dia dez, mas evidentemente ele não respeita acordos: comprou um pula-pula e quer buscá-las.

Sente-se frustrada. Esperava que, com o tempo, Sorengo se assustasse com a responsabilidade e as aporrinhações da paternidade. Em vez disso, ele equipou a casa, contratou empregada, motorista e organizou uma rotina eficiente para as filhas.

"Vou levá-las ao cinema", ela inventa.

"Por que você não deixa de ser egoísta e pergunta o que elas gostariam de fazer. Só para variar."

Nem é preciso, a caçula já foi buscar a irmã na sala, e agora as duas estão agarradas a sua saia, pedindo para brincar no pula-pula.

Se não quer facilitar a vida de Sorengo, também não aceita vestir a carapuça de castradora. Combina de levar as crianças, com a condição de que elas estejam de volta no final do dia.

No trajeto, estrutura um discurso que vem amadurecendo há algumas semanas: no mínimo, uma guarda compartilhada.

Parece que Luís passou o fim de ano cuidando do jardim, ela nota, ao saltar do carro com as meninas. Lavanda, gerânio-pendente, lantana-chorão, como ele consegue que tudo floresça tão rápido?

Quando toca a campainha, vê duas moças sorridentes saírem de um automóvel que estaciona atrás do seu. É estranho notar que suas filhas se jogam nos braços de gente que ela não tem ideia de quem seja.

Luís abre a porta com uma taça de vinho nas mãos. Do interior da casa vem um farfalhar de festa, risadas, conversas, gritinhos de crianças, há algo fumegante lá dentro, que rapidamente engolfa as filhas, as garotas e Luís.

Ela ainda fica ali, diante das begônias, pensando que afinal o que pode proporcionar às meninas não tem nada a ver com aquilo. Sua vida é regrada, sua casa é monótona, seus pensamentos estão sempre voltados para cálculos balísticos, amostras de sangue, tipos de ferimentos. Trabalha mais do que deve. Há mais mortos na sua vida do que amigos. É preciso reconhecer, ela admite: não é, nem de longe, o que se pode chamar de mãe ideal.

Quando o telefone toca no final do dia, ela sabe do que se trata: as meninas não querem voltar. “O que eu posso fazer”, pergunta Luís, “se elas preferem ficar comigo?”

Na segunda-feira, recebe um telefonema de Arnaldo, velho amigo da época da universidade que, de tempos em tempos, aparece para pedir ajuda em certos inquéritos.

“Acabei de assumir a defesa de Cayanne e tenho algumas coisas para te mostrar.” Ele adianta que foi contratado pela mesma emissora que produziu *As gatas e os nerds*.

Marcam um encontro num bar perto da rua da Consolação, naquela mesma noite.

Quando ela chega, Arnaldo já está lá, falando ao celular. “Só um minutinho”, ele diz.

O local é um ponto de encontro barulhento de jovens advogados e estagiários. Só naquele momento, com o chão vibrando embaixo de seus pés, ela se dá conta do quão isolada tem vivido ultimamente.

Na época em que era casada, ainda tinha alguma vida social. Agora, quem poderia convidar para um vinho numa dessas noites em que não quer voltar para casa? A ideia não é entusiasmante. Seu temperamento não é gregário, muito menos conversador. Além do mais, conhece bem a parte que lhe cabe no exercício da amizade: em seu ouvido derrama-se um monte de lixo doméstico. Será que vai acabar como certas velhas, solitária, vivendo num aposento cheio de migalhas de pão espalhadas pelo assoalho?

Na mesa ao lado, um rapaz de gravata vermelha lhe abre um sorriso. É um flerte? Ela já nem sabe mais como se faz isso. Deve sorrir de volta? Ultimamente tem a sensação de que, sorrindo, seu rosto vai trincar. E cair.

“Quer beber alguma coisa?”, pergunta Arnaldo, depois de desligar o aparelho.

“Uma taça de vinho.”

Ele faz o pedido ao garçom, e na sequência conta que está se separando.

É curiosa a maneira como ele confia seus podres: como se ela não fosse mulher. Será que é isso que está acontecendo? Passou a vida inteira exigindo tratamento de igualdade na Central, e agora finalmente comunga da masculinidade do ambiente policial?

“O que você tem para me dizer?”, ela pergunta, cortando propositalmente a narrativa do divórcio.

O advogado retira da sua maleta de couro um envelope e lhe entrega. Ao abri-lo, ela encontra cinco fotos com imagens de Telma – tia de Fábio Cássio – e Márcio Abreu.

“Coloquei um detetive atrás de Telma. Descobri que ela e o fotógrafo que brigou com Fábio Cássio são amigos. Quatro encontros nas últimas duas semanas.”

Numa das fotos, é possível notar um clima íntimo entre os dois.

Ele continua: “Não há nada nas oitavas sobre este relacionamento. Nenhuma palavra. De repente, parecem um casal de pombinhos.”

“Qual o interesse da emissora em reabrir esse inquérito?”

“Vão produzir uma série sobre Fábbio. Já estão em fase de roteirização, e Cayanne será a protagonista.”

“Essas fotos não refrescam muita coisa. Essa moça está bem encrencada.”

“Você tem que ver o conjunto da obra”, ele diz, tirando um pequeno gravador da sua maleta. “Quero que escute isso. É uma conversa entre Olga e Telma.”

Ele aperta o play.

*Telma: “Você já se decidiu?”*

*Olga: “Não falei para você não telefonar mais?”*

*Telma: “Não estou pedindo muito. Seja razoável.”*

*Olga: “Não pense que eu me assusto com suas ameaças.”*

Outra conversa:

*Olga: “Eu não me importo nem um pouco com o que você pode fazer. Nada vai trazer meu filho de volta.”*

*Telma: “Você sabe o que vou fazer.”*

*Olga: “Claro, isso é bem você. Você sempre foi irresponsável.”*

*Telma: “Tudo tem um limite. Não me provoque.”*

O gravador é desligado. Arnaldo está ansioso: “E então?”

Ela diz: “Só isso?”

“Não é pouco. Elas não estão falando de dinheiro. É outra coisa. Olga está acuada. Há um segredo nessa família. A pergunta que faço é: o que esse segredo tem a ver com a morte de Fábbio? Qual é a relação de Telma com esse fotógrafo?”

“Você teve permissão da Justiça?”, ela quer saber.

“Para a escuta? Claro que não. Estou tentando inventar um novo viés para esta investigação. Isso vai acabar respingando em vocês, e não estou fazendo nenhuma ameaça. Só quero avisar que este caso vai voltar a ter pressão da mídia. Nós faremos isso. Será a nossa estratégia. E só estou aqui porque você é minha amiga. O inquérito tem furos grosseiros.”

O garçom se aproxima com as bebidas.

Ela entende aonde Arnaldo está querendo chegar. Sempre houve negligência nas investigações policiais, mesmo em casos de repercussão. Quando lecionava na Academia de Polícia, costumava assustar seus alunos com estatísticas. Oitenta por cento dos homicídios no Brasil não são apurados, ela dizia. Na hora de cometer o seu crime, siga estas regrinhas simples: não mate brancos, mate no escuro e evite o flagrante. Agindo assim, o risco de pagar pelo que cometeu não chega a 5 por cento. Era isso que dizia aos seus alunos. Isso era real naquela época e é real hoje, ela pensa, e tem, sim, a ver com negligência na investigação. Tem a ver também com uma polícia bipartida, esquizofrênica. Mas ela não é negligente. Não gosta do tom que a conversa está tomando. Diz: "O problema é que há um seguro em nome de Cayanne. Não é preciso ir muito longe num caso como este."

"Chequei a documentação da apólice. A pergunta que não me sai da cabeça é por que Fábio não contratou a empresa da tia para fazer o seguro."

"Telma trabalha com turismo."

"Numa empresa que também atua na área de seguros."

Isso é novo. Ela volta a olhar as fotografias.

O advogado segue em frente: "Na conta telefônica de Cayanne dá para ver que ela e Fábio praticamente não se falaram durante o período do reality show."

"Ela só ligava para o amante. E do telefone da produção."

"Cayanne diz que estava sendo ameaçada por Fábio. Ele estava transtornado pelo fato de ela ter insinuado que ele era broxa."

"Onde estão essas ameaças? Meu pessoal não encontrou nada no computador pessoal dela. Nenhuma mensagem no telefone."

"Descobrimos na conta telefônica dela um número que ainda não conseguimos identificar. É um pré-pago. Cayanne se lembra de ter recebido ligações estranhas, de alguém que não dizia nada, e ficava apenas arfando do outro lado da linha, como um animal cansado. Esse mesmo número aparece na conta de telefone do Fábio. Sei que vocês também andaram pesquisando isso, sem muito sucesso."

"Francamente, não sei como posso ajudar."



“Qual é a do Leandro?”

“Não somos amigos, se é o que quer saber. É com ele que você tem que conversar se quer reabrir este inquérito.”

“O cara não me atende. Ele é sério?”

“Acho que sim. É muito preparado. Talvez lhe falte um pouco de experiência.”

“Por que ele não atende minhas ligações?”

“Como é que vou saber?”

“Ouvi umas histórias bizarras sobre a Central. Parece que tem gente querendo dar uma de Charles Bronson ali dentro.”

“Do que você está falando?”

“Nada, esquece. Preciso que você entregue essas fotos e fitas para o Leandro. Você me ajuda?”

“Que história é essa de Charles Bronson?”

“Ouvi umas histórias no clube de tiro. Pode ser bobagem.”

“Fala.”

“Há um boato de que existe um grupo de extermínio dentro da corporação.”

“O que Leandro tem a ver com isso?”

“Não estou fazendo nenhuma acusação.”

“Citaram o nome dele?”

“Porra.”

“Fala logo.”

“Não, não citaram. Não devia ter aberto minha boca. Pode ser boato. O fato é que o puto não me atende. Só isso me aporrinha. Sério: só preciso que você faça ele receber este material. Temos base para pedir a abertura do inquérito.”

“Checa esses boatos”, ela diz, pegando os documentos e se comprometendo a ajudá-lo.

“Sempre existiu um culto de morte dentro da corporação”, ela diz, enchendo pela segunda vez a taça de vinho.

Já passa das dez, ela e o pai comem a pizza comprada a caminho de casa.

Ela diz: "Pedi uma pesquisa na nossa Central de Informática." Limpa a boca antes de continuar: "Os B.O.s são no mínimo suspeitos, com cenas de morte adulteradas."

Ela quer ouvir a opinião do pai. No entanto, pessoas sendo eliminadas como ratos por agentes policiais não é mais assunto que mobilize o velho. Há muito tempo. "Quer ouvir *I Puritani*?", ele pergunta.

"É tarde. Ana está dormindo", ela diz, colocando a rolha na garrafa de vinho.

"Só o primeiro ato. Fechamos a porta do corredor."

Ela acaba cedendo. De qualquer maneira, está sem sono. Ao abrir a geladeira para guardar a garrafa, toma um susto. São mais de 30 embalagens de Yakult ocupando a prateleira superior. Quem toma aquela quantidade? O cunhado malhador? A irmã grávida?

"O que é isso, pai?"

"Lactobacilos vivos."

No momento seguinte, ela já está com uma bacia de plástico na mão, recolhendo embalagens com validade vencida. "Isso", e aponta para o lixo, agora abarrotado de embalagens, "é exagero."

Ele dá de ombros.

Mais tarde, na sala, escutam o primeiro ato de *I Puritani*, em silêncio. Ele de olhos fechados, o corpo hirto de velho guerreiro. O luto está sendo rápido como uma tempestade de verão. Sem Jandira por perto, o pai rapidamente desabrocha, como uma flor-cadáver. Agora, como no passado, tem escutado mais música. E assistido menos à televisão. Está mais asseado. E tem caminhado pelo bairro. Até os halteres, esquecidos durante anos embaixo da cama, voltaram a ser usados. É curiosa a inversão de papéis que ocorre no crepúsculo de certos relacionamentos, ela pensa. Na velhice, sua mãe se libertou da condição de coadjuvante que sempre lhe coube, e nunca mais perdeu a oportunidade de jogar uma pedra no leão sem dentes em que se transformou o marido. Agora, ele ri por último.

Duas horas mais tarde, ela já está em casa, se arrumando para dormir, quando o pai lhe telefona para dizer que o bebê de Ana vai

nascer. É ela quem tem que levar a irmã e o cunhado para a maternidade.

Dois dias depois.

Tecnicamente, o que Azucena está fazendo é ilegal. Para seguir adiante, teria que esperar que o Ministério Público reenviasse o inquérito ao delegado, por considerar as provas insuficientes. Ou, no mínimo, aguardar que o delegado encaminhasse um novo despacho. Mas isso não aconteceu, e, sem a prática oficiosa a que sua equipe está acostumada, a Central não chegaria sequer aos pífios 5 por cento de resolução dos casos de homicídios.

O maior trabalho foi convencer Tenório. Almoçou com ele, no dia anterior, mostrou as fotos e fitas que Arnaldo lhe entregou. Antes disso, analisou ela mesma o material. Ficou intrigada com uma das imagens em que Olga, ao lado de Telma, aponta algo no chão. Parece uma discussão. Em outra, vê que Telma está saindo de uma clínica dermatológica.

Nada muito consistente, na visão de Tenório. “Caso requentado me dá uma preguiça da porra”, ele disse, depois de avaliar as novas pistas.

Mas agora está ali, ao seu lado.

A sala é dividida em vários nichos, e num deles, atrás da mesa abarrotada de pastas, está Telma, com seus cabelos ruivos presos num coque no alto da cabeça. Ela vai logo dizendo que não pode atendê-los, mas muda de ideia quando vê a foto em que aparece ao lado do Márcio Abreu. “Eu queria comprar as fotos que ele fez do meu sobrinho na Lanchonete Paulista. Quero evitar que sejam publicadas no futuro. Uma precaução.”

Tenório vai direto ao ponto: “Não sabíamos que atuava na área de apólices de seguro. Na sua oitiva, você fala apenas do seu trabalho aqui.”

“Pace é ativa nos dois segmentos, turismo e apólices. Naquela época, eu me dedicava mais à agência de viagens.”

Tenório: "Não entendemos por que seu sobrinho não contratou os seus serviços quando decidiu comprar uma apólice."

"Ele ouvia meus conselhos, mas era muito independente. Aliás, lembro de ter dito a vocês que ele chegou a me pedir conselhos."

O telefone toca em sua mesa, ela atende.

Ao desligar o telefone, diz: "Tenho clientes me esperando. Se quiserem falar comigo, vão ter que marcar um horário com a minha secretária."

É quando Telma se levanta que Azucena nota o curativo que a moça tem acima do calcanhar direito. Seu coração imediatamente começa a bater. Era isso, então, que Olga estaria apontando naquela foto?

Lá fora, enquanto caminham para a viatura embaixo de um sol escaldante, ela pergunta:

"Notou o curativo?"

"Que curativo?"

"Acima do calcanhar. Você não viu?"

"Isso tem alguma importância?"

"Talvez sim", ela responde.

Naquela mesma tarde, na delegacia, Azucena mostra a Tenório o laudo da morte do ator, com um trecho sublinhado: "... tendo na perna direita, logo acima do calcanhar, uma tatuagem cujo formato lembra o número oito deitado..."

"Eu não me lembrava mais disso", diz Tenório.

"Estou tentando falar com Arnaldo, ele deve saber onde fica a clínica dermatológica que Telma frequenta."

"Você acha que ela fez uma tatuagem igual?"

"Acho que ela pode estar removendo a tatuagem."

Os dois, em silêncio, observam o laudo.

Nesse momento, Quá-quá entra na sala. Ele é perito em informática, mas a palavra certa para o que faz só é dita entre amigos: hacker. Há dois dias, Azucena pediu que ele examinasse o banco de dados da Central de Homicídios.

“Tenho novidades”, ele diz. “Pode vir comigo um minuto?”

Minutos depois, diante da tela do computador, repleta de códigos e números, ele apresenta os resultados: “O que me chamou atenção é que, na quinta-feira, três IPs diferentes acessaram nosso banco em busca das mesmas informações.”

Várias janelas se abrem na tela, exibindo fichas criminais de traficantes foragidos. “Isso tem algum significado para você?”, ele pergunta.

Então Arnaldo tem razão, ela pensa. Diz: “São as sete vítimas da chacina de quinta-feira na favela Paraisópolis.”

Quá-quá arregala os olhos, surpreso. “Francamente, me deixa fora disto”, ele diz.

Ela pede que ele imprima as fichas que estão abertas no computador, junto com o histórico de acesso ao banco de dados. Com tudo em mãos, ela sobe para o quinto andar.

“Ninguém aqui é idiota para acreditar em coincidências”, ela diz.

Leandro mantém os olhos no papel com as informações de Quá-quá. Do outro lado da mesa, ela continua: “O boletim fala em confronto, mas foi execução. Minha equipe nem conseguiu periciar o local. Quando chegamos lá, não havia um único cartucho na área. Você pode imaginar: corpos com 15, 20 perfurações de balas, e nenhum cartucho nos arredores? Alguém limpou o local.”

Ele está sentado atrás da escrivaninha, repleta de papéis. Gravata, mocassins sem meias, pernas cruzadas, mais parece um professor universitário, ela conclui, desses que acabam ficando amigos dos alunos. No início, ela acreditou que ele fosse mais um homem de gabinete, sem muito talento operacional. Agora, seu receio é o de estar sob comando de alguém que fecha os olhos para ações criminosas dentro da corporação. Não foi isso que Arnaldo insinuou?

Aliás, o material que Arnaldo pediu que ela entregasse ao delegado continua sobre a mesa, intocado, faz dias. “Acho que

preciso de um café”, diz Leandro, levantando-se. Não é a primeira vez que ele a encara daquele jeito, ela nota. Como se fossem mais íntimos do que são na realidade. Nada disso a agrada.

Ela diz: “Tem mais gente envolvida. Se você permitir, coordeno uma varredura nos terminais da rede externa e interna. Depois cruzamos com os dados das diversas seccionais e B.O.s suspeitos.”

“Vamos pensar no assunto.”

“São ações cirúrgicas. Podemos nos antecipar e pegar o grupo todo. Em flagrante.”

O que ele diz a seguir enterra de vez a sua esperança de que Arnaldo esteja errado: “Nenhum inocente vai morrer, fique tranquila. Não estamos falando de pobres coitados.”

Ela diz: “Da próxima vez que um jornalista aparecer por aqui, conte que nossa equipe desenvolveu um método muito eficaz e indolor para pena capital: tiros na cabeça – com a vantagem de nenhuma testemunha precisar presenciar este ato de violência que o estado está perpetrando.”

Ele não diz nada. Fica ali, parado, um leve sorriso no rosto.

“Trouxe mais novidades sobre o caso Fábio Cássio”, ela diz. “Estão aqui.”

“Tenho, neste momento, 356 inquéritos sob minha responsabilidade. Você quer que agora eu faça o trabalho dos promotores também?”

A realidade, ela pensa ao virar as costas e sair, é que você nunca se cansa de se decepcionar, quando trabalha na Central de Homicídios.

Naquele domingo, ela aproveita a folga para acelerar alguns inquéritos.

Sobre a mesa de jantar, vários laudos de Fábio Cássio. Mas há também outros mortos, uma chacina no Capão Redondo, bastante suspeita, mais uma vítima do estuprador da Cantareira, material da perícia que ela não deveria trazer para casa. Mas tem sua própria teoria sobre justiça: justiça lenta não é justiça.

Quando seus olhos começam a arder, faz uma pausa nas leituras, vai até a casa do pai para ver o bebê de Ana. É a parte boa do dia. A presença cálida da criança em seu colo lhe traz de volta uma velha sensação, talvez a mais próxima que tenha conseguido chegar da ideia de religião. Gosta de sentir os dedinhos minúsculos da sobrinha fechando-se instintivamente sobre o seu indicador. Não consegue também evitar o pensamento – talvez por uma deformação profissional – de que aquele bebê perfeito como uma equação matemática já traz em si a semente da morte.

Logo após o parto, Ana entrou num estado de prostração que a preocupou. Agora com a irmã recuperada, ficou claro que se tratava de uma deficiência hormonal temporária, como havia dito o médico.

Há uma nova energia na casa.

À tarde, ela recebe a visita das filhas. São trazidas por uma moça bonita que se apresenta como funcionária de Sorengo, e aguarda lá fora, no carro. Talvez uma nova namorada, ela pensa, com uma ponta de rancor.

“É sua priminha”, diz, colocando a criança no colo da mais velha.

“Por que ela não tem cabelo?”, pergunta a caçula.

“Você também nasceu careca.”

Mais tarde, na cozinha, comendo o bolo de laranja que comprou na padaria, sugere que as filhas passem alguns dias na casa do avô para “ajudar a tia Ana a cuidar do bebê”. A proposta faz a mais velha

se espreguiçar, com as mãos para o alto, uma atitude artificial, que antecipa a resposta negativa.

Não quer? Ou não pode? A mais nova continua mastigando o quitute, alheia, as pernas finas balançando embaixo da cadeira.

“É seu pai? Ele não quer que vocês fiquem com a mamãe?”

Não é a primeira vez que se vê assim, propondo uma aliança contra o pai. Nem se sente bem fazendo aquilo. Mas Sorengo também tem sido desleal.

O passo seguinte é um erro. Telefona para o ex-marido, se descontrola. Grita e o acusa de boicote. As meninas assistem à cena, lívidas. Vão embora assustadas. É terrível admitir: está perdendo esta batalha.

À noite, ela tenta novamente falar com Arnaldo, sem sucesso. Por volta das 9 horas, vai até a Central. Quer pegar a oitiva de Telma, quer ver recentes inquéritos sobre chacinas, mas descobre pelo plantonista do arquivo que terá antes que pedir a autorização do delegado. “São casos abertos, estou trabalhando em alguns”, ela diz.

“Traga autorização e eu libero.”

“Que merda é essa que está acontecendo aqui?” A mensagem é deixada no celular de Tenório. De repente, ninguém mais atende celular. Nem mesmo Jair.

Não quer voltar para casa, não quer ficar ali, quer sentir que alguma parte de sua vida não está empacada. Telefona mais uma vez para Arnaldo. “Preciso falar com você. Ligue assim que ouvir esta mensagem.”

Acaba retornando ao bar dos advogados onde os dois se encontraram pela primeira vez. Lembra-se de ele ter dito que frequentava bastante o local. No fim de semana, no entanto, quase não há gravatas nem estagiárias de terninhos em mesas barulhentas.

Ela se senta a uma ao fundo, pede um filé ao molho mostarda com batatas ao forno, e escolhe um vinho chileno para acompanhar. Enquanto aguarda, seus pensamentos giram em torvelinhos. Em relação a Leandro, o que deve fazer? Qual o próximo passo? Procurar a Corregedoria? Está mexendo numa caixa de



marimbondos, ela sabe. O que pode fazer agora é coletar dados, munição.

Assim que o garçom traz seu pedido, um rapaz pede permissão para sentar à sua mesa. Ela o reconhece. É o mesmo rapaz que estava ali, da outra vez, com gravata vermelha. Não é um homem bonito, embora tenha um certo charme viril.

“Você voltou”, ele diz.

“E pelo jeito você é sócio do bar.”

“Posso?”

Em outro momento, ela diria não. Mas naquela noite não se importa. Na verdade, uma ideia começa a crepitar no seu cérebro. Ele começa mal, ela não tem o menor interesse em filosofia do vinho. E ele adora vinho, faz cursos sobre vinho, uma verdadeira ovelha do rebanho que estuda vinho, ela conclui, em menos de cinco minutos de conversa. Seu nome é João. Advogado de família. Mas ele tem humor e também um certo magnetismo.

Depois da terceira vez que ela escuta a palavra “linda”, passa o guardanapo na boca, e diz: “Você está tentando me levar para a cama?”

“Caramba. Não quis ser grosseiro.”

“Você não está sendo grosseiro.”

“Devo ter bebido além da conta.”

“É bem frustrante quando um homem senta aí, no seu lugar, e fica empacado no meio do caminho.”

“Como?”

“Você é muito rápido. Gostei do seu jeito.”

“Acho que não estou acompanhando seu raciocínio. O direito de família está acabando com meus, minhas, sabe do que estou falando?”

“Sinapses? Se quer me fazer uma proposta, vá direto ao ponto.”

Ele se levanta com um ar aparvalhado. Ela tem vontade de rir ao perguntar: “Onde você mora?”

“Vamos para a minha casa?”

“Depende. Sua mãe vai estar por lá?”

Agora é ele quem está rindo. “Quantos anos você me dá?”

“Você já disse. Trinta. Minha irmã tem quase isso e vive com meu pai.”

Ele se senta novamente. Mas não por muito tempo. “Não sou quem você está pensando. Não sou um chato bêbado. Quer dizer, estou bêbado, mas não sou chato. Vou ser um cavalheiro e deixar você comer em paz”, diz levantando-se.

“E seu endereço?”

“Você está tirando um sarro com a minha cara?”

“Acho que nos entendemos.”

“Mulher bonita não costuma me dar mole.”

“Qual o seu endereço?”

Ela gosta da gargalhada dele. Parece água em fervura: sussurrada, trepidante.

“Itambé, 1204, apto. 52”, ele diz.

“Meu nome é Wanda.”

“Wanda?”

“Isso.”

“Com V ou com W?”

“Com W. Em meia hora chego ao seu apartamento.”

“Vou esperar, Wanda com W. Não demore”, ele responde, pegando sua taça de vinho e sumindo logo depois, na escuridão do bar.

Ela não tem pressa. Pede um uísque depois de comer. O álcool lhe provoca uma sensação boa de relaxamento. Após pagar a conta, percebe que não está em condições de dirigir. Melhor pegar um táxi.

Pênis descartáveis. Nadando no oceano. Depois da cópula, os machos explodem. Ou desaparecem no mar, com seu sexo inútil boiando até ser comido pela fauna marinha. Desde que assistiu a um documentário sobre a vida sexual dos cavalos-marinhos, tem na cabeça uma ideia clara da vida erótica ideal. Ali, portanto, o projeto é velho e simples como o das éguas do mar: sexo sem vínculos nem consequências.

Sente um raio atravessar seu corpo, de ponta a ponta, ao descer do táxi. É possível ouvir seu coração batendo bem acima do umbigo.

Nas têmporas.

O porteiro informa que João não está em casa. Ela olha o relógio, já faz mais de meia hora, pensa. Está levando um fora? Ou ele não acreditou em sua proposta? Talvez s  estivesse se divertindo com uma solitária que apareceu na frente dele.

Faz sinal para o táxi que dobra a rua, vindo da Ant nia de Queiroz. Já está entrando no carro, quando vê o rapaz caminhando sem pressa na sua dire o.

“Ela vai ficar aqui”, ele diz ao motorista, depois de abrir a porta do automóvel.

No elevador, de mãos dadas, os dois têm um frouxo de riso. “Isso nunca me aconteceu”, ele fala.

Geralmente, a sensa o de estranhamento que ela sente ao entrar em uma casa se dá quando está com seus cadáveres, na cena do crime. Agora, a vítima está viva. Na cozinha. Procurando um saca-rolha.

No computador sobre a mesa, há um arquivo aberto. “Pressupõe-se que a conduta a ser tomada seja a de privilegiar a visita paterna” etc. e tal. Regime de visitas. Ele volta da cozinha com a garrafa de vinho que acabou de abrir, mas ela não quer. Já bebeu bastante. Prefere manter o que lhe resta para aprender algo novo.

Ele pega o controle remoto sobre a televisão. “Você gosta de jogar t nis? Tenho um menu Wii de primeira linha.”

Realmente, a diferença de idade entre os dois   grande, ela pensa, enquanto ele fala de Super Monkey Ball Banana Blitz, Super Smash Bros e Donkey Kong Country Returns.

Ela o enlaça na nuca: “Quero que você me leve para cama”, diz.

No quarto, pede que ele deixe as luzes acesas. Antes do sexo, v  a facilidade com que ele coloca o preservativo. Quantos anos mais jovem que ela? Dez? Doze.

Não   afoito como o ex-marido. Ela gosta do seu ritmo e do seu cheiro. Se não chega aos céus, também não pode dizer que é ruim.

Mais tarde, dentro do táxi de volta para casa, sentindo o vento gelado no corpo,   tomada por uma sensa o de bem-estar, como se tivesse feito uma longa corrida na esteira.

Os cavalos-marinhos têm razão, ela pensa. Pênis descartável é muito melhor do que aquele que vem acoplado a um homem problemático.

Na segunda, com informações que Arnaldo passa pelo telefone, liga para Tenório e marca um encontro.

Quarenta minutos depois, os dois estão na sala de espera da clínica dermatológica de Adriana Beltrão. A agitação de Tenório perturba os outros pacientes. É a terceira vez que ele tenta apressar a secretária.

“O senhor já me falou que é da polícia”, diz a moça, atrás da mesa, com ar de enfado. “Já expliquei. Ela está em consulta.”

A senhora que os recebe, meia hora mais tarde, parece um constructo aos olhos de Azucena. Lábios volumosos.

Tenório não esconde seu espanto. “Parece uma boca independente do rosto. Sabe, tipo boca móvel? Para função chupeta?”, ele comenta mais tarde, num acesso de riso.

Azucena explica por que estão ali. Desenha no seu bloco o símbolo do infinito e o mostra para a médica. Tenório debruça-se sobre a mesa para ver o desenho.

“O que isso pode ter a ver com a morte do rapaz?”, pergunta a doutora.

“É o que estamos tentando descobrir.”

“Minha paciente é suspeita?”

“A tatuagem está dando um novo caminho para a investigação.”

“Não é ético abrir o prontuário de um paciente”, diz a mulher, levantando-se. “Gostaria que fossem discretos.”

No arquivo à direita, ela localiza a pasta de Telma e a leva para a mesa. “Costumo registrar as sessões, para que o paciente veja o progresso.”

O sinal de infinito está bem visível nas primeiras imagens. Ela diz: “Telma se incomodava com a tatuagem quando usava saia.”

Na viatura, de volta para delegacia:

“Você está pensando no mesmo que eu? Um pacto?”, ela pergunta.

Tenório: “Acho que temos uma nova linha de investigação. Vou entregar um relatório para o Leandro.”

Ela não confia mais em Leandro. Na verdade, hoje ela tem uma ideia muito clara sobre delegados, de maneira geral. Se tivesse alguma contribuição a fazer ao sistema policial do país, seria a sugestão de tirar da presidência dos inquéritos os bacharéis em direito. Uma investigação é um processo lógico. E bacharéis, como Leandro, não conseguem, ou não querem, ou não sabem, associar a bagagem jurídica ao pensamento lógico de uma investigação.

“É melhor cercar o assunto pelo lado do Ministério Público”, diz a Arnaldo na primeira oportunidade. “É o que eu faria.”

Quando o assunto é justiça, a palavra mágica que faz tudo funcionar é: visibilidade. Ou: repercussão. Claro, a posição social da vítima também é importante, geralmente é isso que define o grau de prioridade de um caso.

Portanto, quando Arnaldo a avisa pelo telefone, no fim de semana, sobre a veiculação do programa, ela sabe que a roda do caso Fábio Cássio vai retornar à Central.

Ao ligar a televisão, pensa que vai assistir a mais uma aberração, a mais um produto da vertente mais patológica do entretenimento que insiste em estabelecer uma simetria entre fama e infâmia, e tenta produzir, a partir da perfídia e da crueldade, uma espécie de artista às avessas, uma Madonna que não canta nem dança, e cuja arte é cometer um crime bem horroroso para satisfazer o desejo mórbido de uma sociedade cada vez mais violenta.

O que ela assiste, no entanto, é bem diferente do que imaginava. Durante uma hora, Cayanne, de uniforme e sem nenhum glamour, anda pelas galerias do presídio, apresenta “amigas”, mostra como é a tediosa rotina das detentas, fala da quantidade de ansiolíticos e antidepressivos que muitas tomam para “não colocar fogo aqui dentro”, e ensina como se faz um absorvente íntimo com miolo de pão.

Nos dias seguintes, o programa cai nas redes sociais, e se transforma num fenômeno viral. São centenas de visualizações, que fazem os jornais especularem e lançarem os boatos que acabam abastecendo as redes sociais, e gerando mais notícia, num círculo perverso, cuja ironia é evidente: a mesma mídia que demonizou a moça agora quer canonizá-la. Cayanne não é simplesmente suspeita de matar o marido. Ela é também a musa do movimento que reivindica melhores condições para os presídios brasileiros.

Identificação de linha pré-paga  
Oitiva de Márcio Abreu  
Oitiva de Aline Rossi  
Oitiva de Telma Salles Silva  
Oitiva de Neide Nascimento

O elenco de diligências requeridas pelo Ministério Público para ser anexado ao inquérito relatado de Fábio Cássio está sobre a mesa.

A reunião é na sala do delegado. Tenório tem uma expressão cansada, as roupas amarfanhadas, será que dormiu novamente espremido no sofá?, se pergunta. Ultimamente, o detetive tem tido problemas em casa, ela sabe. Mais um casamento indo para o espaço.

Ela evita olhar para Leandro enquanto coloca os documentos periciais sobre a mesa. Diz:

“A linha que os promotores pedem para identificar aparece nas contas de Fábio e Cayanne.

“Eu sei. Seu amigo fez o favor de nos informar”, diz Leandro, referindo-se certamente a Arnaldo.

Ela não gosta do comentário. Por acaso isso é alguma crítica? Não acha que ele está em condições de criticar nada, não ele, que anda gerenciando a pena de morte informal na cidade. É fácil imaginar como funciona aquele genocídio consentido que, a cada dia, a intriga mais. Ela tem visto a maneira como os B.O.s de homicídios múltiplos são preenchidos: cheios de furos. Há até mesmo detetives maquiando homicídios como “remoção de cadáver” e “encontro de cadáver” para impedir investigações.

“É fato”, ela continua, “que já tínhamos essa informação desde o início do inquérito. O que não sabíamos, o que os novos fatos

trouxeram à tona, é que este número aparece também na conta telefônica de duas pessoas que estão na lista de testemunhas: o fotógrafo Márcio Abreu e a estudante Aline Rossi.”

Tenório ri. “Estudante, essa é boa. Agora toda garota de programa é estudante. Na minha época, a gente chamava vadia de vadia.”

Leandro folheia os documentos, cabeça baixa, testa franzida, não gosta do que vê. Ela já viveu essa mesma cena inúmeras vezes, com inúmeros delegados. Eles caem na armadilha: cedem à pressão da mídia, passam por cima de indícios, fecham os casos antes de ter um conjunto probatório, e depois se chateiam porque têm que engolir o segundo round.

Depois de afastar a papelada, ele diz: “Quero ouvir estes dois novamente.”

Tenório: “Márcio e Aline. Já estão intimados. Chamei também a tia do ator, Telma.”

Colocando mais um documento na frente do delegado, ela segue adiante: “Veja que o celular pré-pago está em nome de Neide Nascimento. A companhia telefônica admite erro na coleta de informações do cliente. O RG fornecido na compra não corresponde a nenhuma das 107 Neide Nascimento que levantamos no Instituto de Identificação de São Paulo.”

Leandro olha para Tenório: “E Cayanne? Se o número está na conta dela...”

“Já chequei”, responde o detetive. “Ela afirma que não conhece nenhuma Neide Nascimento.”

Agora o delegado dirige-se a ela. “O seguro de vida?”

Pedi um novo laudo a outro perito grafotécnico. Por segurança.”

“Por enquanto, não vou falar com jornalistas”, informa Leandro, encerrando a reunião.

Quando está saindo da sala com Tenório, o delegado pede para que ela fique mais um pouco.

Não é uma boa ideia. Não é a hora de conversar. E o problema não é somente ele. Está brava consigo mesma. Por que não toma uma atitude? Por que não vai logo à Corregedoria falar de sua suspeita? Anos atrás, faria isso empunhando uma bandeira. Agora, fica empacada no meio do caminho. É este o efeito colateral de uma



atividade que a faz chafurdar no sangue? Inércia? Será que também entrou para o clube dos macacos surdos, cegos e mudos?

“Nossa Corregedoria é reativa”, disse Washington ao telefone, quando ela ligou para pedir conselhos. “Não vão investigar nada. Se quer mesmo ir fundo, tenha provas nas mãos. E depois leve tudo bem mastigadinho para eles.”

A checagem nos computadores antes da matança não era prova. Era indício. Se quiser provas, ela sabe, vai ter de meter a mão mais fundo na lama. Está mesmo disposta a fazer isso?

O silêncio que antecede a conversa é incômodo. Ele acha engraçada a maneira como ela se agarra à pasta, como se fosse um escudo. Diz: “Quero que acompanhe os novos depoimentos.”

“Você já falou isso. Vá logo ao assunto.”

“Você mandou o Quá-quá analisar o padrão de acesso à nossa Central de Informações. Passou uma lista de nomes para ele checar.”

Outra pausa.

Ele diz: “Não pedi para você deixar isso de lado?”

Ela sustenta o olhar. Quer que ele saiba que não a intimida.

“Agora é uma ordem”, ele continua. “Para o seu bem: não se meta mais neste assunto, estamos entendidos? Fique fora disso.”

Ao deixar a sala, ela pensa que, da próxima vez, vai usar o celular para gravar as conversas com Leandro. É o que precisa para ir adiante: fatos.

À noite em casa, estudando os novos laudos e documentos anexados ao processo do ator, nota um dado interessante que havia lhe escapado na primeira análise: as antenas usadas pelo número de Neide Nascimento são compatíveis com as usadas pelo celular de Telma. E se Telma possuir um número frio?

Quando está ligando para Tenório, vê através da janela um carro escuro estacionado do outro lado da rua. Já estava ali quando chegou?

“Alô?”, diz Tenório com voz de quem está mergulhado em tédio. Dá para ouvir o som da televisão ligada. Dá quase para sentir o

cheiro de bife frito, ela pensa. Fala: "Não sabia que você gostava de novela. Abaixa o som dessa porcária."

"Não tem televisão ligada. É minha mulher brigando com minha filha."

Ela ri. Conta sua descoberta, enquanto apaga a luz da sala e observa o carro à frente.

"Pode ser apenas uma coincidência", explica ao detetive, "mas é muita coincidência. São ligações feitas em áreas e horários quase idênticos, o que me leva a pensar que Telma pode ser proprietária dessa linha. Tem algo bizarro nessa história."

"Talvez valha a pena colocar alguém atrás dela. De campana."

Antes de desligar o telefone, ela pensa em contar que há um carro suspeito estacionado em frente à sua casa. Mas é bobagem pensar que Tenório pode protegê-la. Para isso, ela tem sempre uma 38 de cano curto ao alcance de sua mão.

Na manhã seguinte, logo que entra na sua sala, vê o jornal sobre a mesa. Com a xícara de café que pegou na sala de Jair, e mais uma barra de cereal, acomoda-se à sua mesa. Lê: "Os peritos erram, os investigadores erram, os delegados erram, os promotores erram, os defensores públicos erram, e o nosso Judiciário é uma geringonça feita para corrigir erros. Uma geringonça obsoleta, burocratizada, que usa o tempo como combustível. Quem paga o pato são os inocentes." O autor da declaração é Arnaldo, que define a investigação do caso Fábio Cássio como "um cipoal de contradições", e aponta as falhas do inquérito que levaram sua cliente injustamente à prisão. O nome Neide Nascimento aparece no fim da reportagem.

Não faz muito tempo, ela pensa, os julgamentos eram espetáculos públicos. Ver a guilhotina descendo sobre a cabeça dos acusados satisfazia a fome de catástrofe das pessoas. Hoje temos a mesma fome escabrosa, mas o espetáculo deve ser mais público ainda, midiático. Repleto de bisbilhotice e calúnia para, se possível, criar

outro espetáculo, mais apreciado ainda pelo público: o linchamento virtual.

Dedica o resto da manhã ao caso do ator. Cobra laudos, revê documentos e fotografias anexadas ao inquérito. Dá atenção especial às fotos que mostram o anel no anular direito da mão do ator, que acabou desaparecendo no necrotério.

Antes do almoço, Leandro telefona: "Você leu a matéria que deixei na sua mesa?"

"Não sei quem vazou, se é isso que você quer perguntar."

"Neide Nascimento? Na boca do seu amigo? Porra, poderíamos ter saído na frente dele."

"Não falei com ele", ela diz, "mais alguma coisa?"

"Quando eu peço sigilo é para evitar esse tipo de desgaste", ele reclama, antes de bater o telefone.

Nem bem desliga, e o aparelho soa novamente. Desta vez é Paulo, que trabalha no Núcleo de Documentoscopia.

"Você pode me arranjar mais assinaturas de Fábio Cássio para comparação?", ele pergunta.

"Alguma novidade?"

"Surgiu uma dúvida. Se você me fizer isso ainda hoje, posso fechar o laudo rapidamente."

A manhã se arrasta lenta. De vez em quando, uma imagem surge do nada: a nave acoplando-se à base. Um tranco, um arrepio. Onde estará aquele rapaz? Não está totalmente perdida, ela pensa. Ainda sente algum tipo de desejo.

Estão marcados dois depoimentos naquela tarde: Telma e Márcio Abreu. Ainda há tempo para comer algo no restaurante do Careca, ela pensa. Convida Jair para ir junto. "Só se você pagar", ele diz, "já almocei, mas posso almoçar de novo. Faltam sete quilos para eu ser classificado como obeso mórbido." Ela não quer ter nenhuma participação no projeto de cirurgia bariátrica do amigo. Acaba indo sozinha e, quando trazem a comida, já está arrependida. São as mãos da cozinheira, uma mulher forte, de cabelos crespos, que

tiram seu apetite. Mãos vermelhas, como um punhado de carne crua. Semicozidas em fogo baixo. Pensa naqueles dedos coçando, cutucando, esfregando. Uma colônia de bactérias embaixo das unhas. Ela cruza os talheres, com uma sensação de repulsa. O que não deixa de ser absurdo: suas próprias mãos estão normalmente muito mais contaminadas do que a de qualquer cozinheira. De coisas muito piores. Putrescina e cadaverina.

De qualquer forma, só está gastando dinheiro à toa, pensa. Mais uma vez, só prova o arroz. Nem toca no feijão, e o cheiro da carne assada embrulha seu estômago. Vive de tomate. E ovo cozido. E Coca-Cola.

Volta para a delegacia com um chocolate e duas latas de refrigerante na bolsa, com o que pretende tapear a fome pelo resto do dia.

Quando chega à Homicídios, encontra Telma na sala de Tenório, dentro de vestido amarelo-ouro, sem mangas. Há quem diga o contrário, mas a aristocracia de uma mulher está nos braços, e não nas pernas, ela pensa. Os de Telma são enxutos e definidos, provavelmente com ginástica.

Desta vez, Tenório parece encantado com Telma. A moça percebe, cruza e descruza as pernas – ignorante de que seu poder vem de cima – enquanto garante que não conhece Neide Nascimento e que jamais usou outro celular, além do seu. “Quantos aparelhos compartilham as mesmas antenas nesta cidade?”, pergunta, sorrindo. Diz que seu problema com Olga tem a ver com a necessidade da irmã de controlar a vida das pessoas. “É quase patológico. Eu sobrevivi. Mas Fábio era atormentado pela mãe. Ela acabou com a vida de Cayanne. Não me surpreendo que a pobrezinha tenha cometido uma loucura.”

Também tem uma resposta na ponta da língua para justificar a remoção da tatuagem: “Eu era uma espécie de irmã mais velha de Fábio. Logo que apareci com a tatuagem, ele quis me imitar. Ele me admirava, sabe? Depois da sua morte, não podia mais olhar aquele sinal de infinito na minha perna sem chorar. Decidi apagar.”

Sobre o fato de não ter comentado sobre a remoção nas oitavas anteriores, diz: “Também não falei que não fiz primeira comunhão.

Isso piora muito minha situação com vocês?”

No final da tarde, é a vez de Márcio Abreu falar. Agora, é ela quem conduz o interrogatório. De braços cruzados, apoiando a perna direita na quina da mesa, começa a desbravar um campo virgem. Diz: “Gostaria que você nos falasse novamente sobre seu relacionamento com Telma.”

“Não há nada que eu não tenha falado. Telma me procurou para comprar as fotos do sobrinho dela. Foi só isso.”

“Quantas fotos ela comprou?”

“Seis ou sete.”

“Achei que você não tinha cobrado pelas fotos.”

“Não cobre.”

“Há pouco você disse que ela comprou.”

“Não, eu dei as fotos. Ela quis comprar, mas não achei certo cobrar.”

“Por quê?”

“Porque ela já estava sofrendo muito.”

“Você nunca cobra pelo seu trabalho quando vê que as pessoas envolvidas sofrem?”

“É diferente.”

“Por quê? Você já deve ter acabado com alguns casamentos, imagino. Os paparazzi são conhecidos por isso. Seguem celebridades, estão sempre com a máquina pronta para flagrar adúlteros. Imagino que você tenha registrado muita gente pulando a cerca. A publicação deste tipo de material faz muita gente sofrer. Você por acaso já deixou de cobrar nestas situações?”

“Essas pessoas têm vida pública. Se não querem ser expostas, que façam outra coisa.”

“Telma foi uma exceção?”

“Ela perdeu o sobrinho.”

“Você cobra dos seus amigos?”

“Depende.”

“Do quê?”

“Às vezes, tiro fotos por prazer. Nesse caso, não cobro.”

“Então, posso deduzir que foi prazeroso flagrar Fábio na Lanchonete Paulista?”

“Não foi isso que eu disse.”

“Explica o que eu não entendi.”

“Ela não é minha amiga, eu já disse.”

“Então você não cobra de quem sofre, não cobra dos amigos.”

“Não. Não é isso. Não tenho regras. Cobro de todo mundo.”

“Telma é uma mulher bonita. Talvez você tenha se interessado por ela.”

“Ela estava de luto. Muito baqueada com a morte do Fábio.”

“Aqui”, ela diz, mostrando uma foto dos dois bebendo vinho e sorrindo, “ela não parece estar sofrendo.”

Ele coça a cabeça, se agita na cadeira: “Meu Deus! Nosso encontro foi num final do dia. Pedi algo para relaxar, e ela me acompanhou. Foi isso.”

“Você sempre toma vinho com seus clientes?”

“Não. Foi uma exceção.”

“Claro. Geralmente você toma vinho com amigos.”

“Telma não é minha amiga.”

“Não? Estamos aqui pensando que você é leal aos seus amigos a ponto de deixar que inocentes fiquem presos.”

Desta vez, Márcio não responde. Uma ruga profunda surge em sua testa.

“Você deve estar vendo nos jornais. Há uma linha de investigação em curso com fortes evidências de que Cayanne e Cláudio não mataram Fábio.”

Uma pausa longa e ela retoma: “Você conhece Telma há muito tempo, não é verdade?”

Ele continua em silêncio.

“Você ainda tem uma chance de dizer a verdade. É por isso que está aqui. Ela pediu para você mentir, não foi?”

Márcio faz menção de se levantar, mas com um gesto ela o obriga a se sentar novamente. Um pouco aturdido, ele começa a falar. Admite que conheceu Telma muito antes da morte do ator. “Meu encontro com Fábio na Lanchonete Paulista não foi casual. Telma

havia me pedido as fotografias. Ela achava que o sobrinho estava numa enrascada.”

“Agora, quem está numa enrascada é você. Não devia ter mentido para nós”, ela diz. “Há quanto tempo conhece Telma?”

“Há quatro anos. Tivemos um relacionamento. Eu me envolvi.”

“Como o Fábio entra nessa história?”

“Fazia tempo que eu e Telma não nos falávamos. Ela me procurou, pediu que eu fizesse as fotos do sobrinho. Mas não foi um pedido de amigo, fazia tempo que não nos víamos, ela me contratou. No dia combinado, fiquei na porta da casa dele, e o segui pela cidade. As coisas começaram a dar errado desde o início. Fábio me atacou na lanchonete, quando notou que estava sendo fotografado. Ainda assim consegui salvar algumas imagens. Quando fui entregar as fotos para Telma, ela estava furiosa, disse que eu tinha agredido o sobrinho dela, e que ele iria me processar. Disse que não me pagaria. Fiquei com medo de sofrer mais um processo, foi por isso que decidi fazer um boletim de ocorrência. Fábio me procurou logo depois. Ele não havia dado parte à polícia da nossa briga, como a Telma tinha dito, e ainda me garantiu que, se eu retirasse a denúncia, ele compraria as fotos. Marcamos um encontro no camarim dele, mas ele não estava lá. Naquela noite, veio a notícia de que morrerá. Fiquei muito assustado. Recentemente, Telma me procurou para comprar as fotos. Foi isso o que aconteceu.”

“Mesmo sabendo que pessoas inocentes poderiam pagar pela morte do Fábio, você não nos contou a verdade.”

“Quando soube que havia um seguro em nome da mulher dele, achei que estava tudo esclarecido. Tentei não me envolver.”

“Você está envolvido.”

“Não foi Telma. Eu sei disso. Ela pode ser uma mulher instável, mas era louca pelo sobrinho. Fábio era a coisa mais importante na vida dela.”

Antes de dispensar Márcio, ela o aconselha a não sair da cidade sem avisar o departamento.

“Acho que Leandro vai gostar de saber das novidades”, diz Tenório quando os dois ficam a sós.

“Você confia nele?” A pergunta sai de forma espontânea, sem que ela se dê conta.

“No Leandro?”, ele responde. “Claro que sim. Por quê?”

Tenório está surpreso, ela nota, já arrependida por ter feito a pergunta de forma tão escancarada. Tem dificuldade para desconversar.

Mais tarde, a caminho de casa, tem a sensação de estar sendo seguida por um carro azul-escuro. Acelera e muda sua rota. A verdade é que não está se precavendo. Devia estar de carro, com as janelas fechadas, e usando colete à prova de balas. Ao menos, ela pensa ao entrar com a moto na garagem, não há ninguém estacionado na frente de sua casa.



Não há ninguém à vista. A operação dura 15 segundos. É o tempo de saltar do carro, agarrar o lixo que está na calçada e enfiá-lo no porta-malas.

Uma hora mais tarde, ela despeja o conteúdo malcheiroso do saco plástico sobre o chão previamente forrado com jornal velho, enquanto explica seu plano: "Eu mesma faço os laudos, você só vai ter que assinar."

Jair olha para as embalagens de iogurte, hambúrguer e chocolate, sem saber o que dizer.

"Não tem uma fruta", ela afirma.

"Você está falando sério?"

"Cadê o arroz? A salada? Hoje os juízes de vara de família são sensíveis a argumentos deste tipo. Minhas filhas não podem crescer sem legumes."

"Achei que você havia desistido de brigar pela guarda das crianças."

A maneira como Jair a encara faz com que ela se sinta miserável. É pena o que ele está expressando? Como se ela fosse uma dessas mães que enlouquecem depois de perderem a guarda dos filhos? Ela conhece bem aquele olhar. É igual ao de seus vizinhos. Um misto de compaixão e preconceito, como se o fato de não coabitar com as filhas fosse por si só um atestado de desamor e desonra.

"A alimentação deve ser saudável", diz, sem convicção, e se perde na frase, não sabe nada sobre alimentação, só tem comido porcarias, pensa, e completa "cenoura" sem saber como sair daquela armadilha, "brócolis", continua, sentindo-se ainda mais ridícula. Todo o seu discurso soa patético.

Volta para sua mesa, finge procurar algo. Qual a razão para se expor daquela forma novamente? Já pode imaginar Jair comentando o assunto com a equipe, logo todo o departamento saberá que ela

fuça o lixo do ex-marido. Ao virar-se novamente, encontra Jair de joelhos, recolhendo o material. Ele funga, geme, bufa, e ela entende o esforço como um gesto de deferência. Fica grata por ele sair dali sem dizer nada, levando toda a sujeira junto. Só resta o cheiro forte de lixo, impregnando o ambiente.

Pronto. Já deu o vexame do dia. Agora é preciso assinar os laudos que estão sobre a mesa, assina um, dois, três, atende o telefone, assina mais um, e outro, e telefona cinco vezes para Quá-quá, sem sucesso. Ele a evita, ela sabe. Ele já entendeu o que ela quer: arrastá-lo para a Corregedoria, fazê-lo denunciar a súcia do Leandro.

Tenório surge à sua frente e lhe entrega um papel. É a cópia de uma fotografia ampliada: "Consegui identificar Neide Nascimento."

A foto é antiga, datada, como as que se usavam em documentos de identidade. Talvez seja útil, ela pensa. Vai até a porta e grita: "Jair!"

"O celular misterioso que aparece no inquérito do Fábio é dessa senhora", comenta Tenório.

Segurando uma embalagem de nuggets nas mãos, Jair entra na sala e acompanha a conversa em silêncio, sem pressa.

"Como você descobriu?", ela quer saber.

"Olhando a lista dos funcionários afastados da Casabranca recentemente. Um detetive particular que trabalha eventualmente para eles é meu amigo."

Jair não entende o que se passa. Ela explica que Casabranca é a seguradora onde Fábio fez um seguro de vida antes de morrer.

O cheiro de frango começa a infestar o ar. "Servidos?"

"No dia que você souber do que isso é feito...", ela responde, entregando-lhe o xerox.

Tenório prova um: "Minhoca?"

"Mais ou menos", ela responde. E para Jair: "Quem cobriu a missa de um mês da morte do Fábio?"

"O Jurandir. Mas o arquivo está comigo."

"Veja se encontra alguém parecido com esta mulher. Antes, faça uma cópia para mim."

Jair coloca a imagem sobre a mesa, fica olhando e mastigando, mastigando e olhando, como uma vaca concentrada no pasto.

“Quando ela foi afastada da Casabranca?”

“Depois que Fábio morreu. Pela quantidade de ligações que ela fez para Olga, Márcio, a garota de programa...”

“Aline”, completa Azucena.

“Aline, isso, enfim, o que fico pensando é se essa Neide não é aquele tipo de fã psicótica que passa a atormentar o cliente famoso.”

Azucena não concorda: “Um assassino que planeja um crime tão engenhoso como o de Fábio não comete o descuido de ficar telefonando descontroladamente para as pessoas ligadas à vítima. Além do mais, se Neide trabalhava na Casabranca, jamais mataria Fábio um dia depois do seguro ter sido assinado. Não faz o menor sentido. Ela sabe que a empresa desconfiaria de fraude e faria uma investigação rigorosa.”

“Qual é sua teoria?”

“Quem arquitetou esse plano”, ela diz, “usou esta mulher. Usou o telefone dela.”

A cópia da fotografia está agora nas mãos de Aline Rossi.

“Não tenho noção de quem seja”, ela diz. Não conhece, nunca viu. E também não consegue explicar por que o número de Neide está registrado na sua conta telefônica.

Desde que a garota chegou, Tenório mantém-se no canto da sala, falando ao celular. Anos atrás, Azucena teria interrompido a oitiva. Agora faz força para relevar. Continua: “Repare que todas as chamadas foram realizadas na mesma semana em que Fábio morreu. Isso talvez a ajude a se lembrar de algo.”

Demora alguns segundos até que Aline se recorde que de fato recebeu alguns telefonemas anônimos naquela época: “Não dei muita importância. Era uma mulher. Numa das vezes tive a impressão de que estava bêbada.”

“O que ela dizia?”

“Bobagem. Insultos.”

“Você desconfia de alguém?”

“Não”, ela diz.

Não tem namorado, nem inimigos. “E, seja quem for, ligou, sei lá, poucas vezes.”

Tenório escapa da sala bem antes de Azucena colocar um disquete no computador e pedir que Aline ouça as fitas que Arnaldo lhe deu.

A moça faz o que ela pede. Não pode garantir, ela diz, mas acha que a voz de quem telefonava era parecida com a daquelas gravações.

“Era uma voz, assim, fina, como a da que está fazendo a cobrança”, ela diz, referindo-se sem saber à voz de Telma.

Na manhã seguinte, Jair tem novidades e pede que ela vá até sua sala. Os dois estão diante do computador, onde se vê a imagem ampliada de uma plateia de teatro. Neide está bem no centro da imagem, olhos esbugalhados.

“Neide assistiu à última apresentação de Fábbo. Eu mesmo tirei essa foto, logo depois que chegamos ao teatro para a perícia.”

“Dá para ampliar mais?”

A imagem perde nitidez ao ser aumentada. Ainda assim, é possível identificar Neide. Sua expressão é de terror. Exatamente como a das pessoas que a circundam.

“Tem mais”, ele diz, enquanto coloca na tela a imagem de Telma entrando no carro. Uma mulher, com vestido verde, está ao lado dela. Não dá para dizer se as duas estão se despedindo, ou se a mulher de verde tenta evitar que Telma entre no carro.

“Quem está com Telma?”, ele pergunta.

Outra imagem surge na tela. Agora é possível reconhecer Neide, usando a mesma roupa verde. Ela discute com Telma na porta de uma igreja.

Jair diz: “Missa de sétimo dia.”

“Putá que pariu. Elas se conhecem.”

Na volta para sua sala, ela compra uma fatia de bolo de brigadeiro, que estão vendendo nos corredores. É o seu almoço naquele dia. Bolo seco com Coca-Cola quente. Depois de marcar um horário na Corregedoria, recebe um chamado do perito grafotécnico.

“Queria que você olhasse isso aqui”, ele diz, quando ela entra no laboratório.

Junto à parede, há um painel luminoso, onde estão colocadas, em sequência, várias assinaturas do ator retiradas de cheques e documentos diversos.

“A princípio, todos parecem ter o mesmo gesto gráfico”, ele diz, girando o painel de ponta-cabeça. “Veja o que acontece quando inverte grafias.”

Agora ele aponta para as letras s e b. “Há um padrão na ligação destas duas letras, note, ela se repete em todas estas assinaturas.”

Mais uma série de assinaturas do Fábio é anexada ao painel.

Ele diz: “Essas são as que eu retirei do seguro. Compare o s e o b com as anteriores.”

“Tem quebras?”

“Quase imperceptíveis, notou?”

O perito puxa uma lente que aumenta a visibilidade das assinaturas.

“Olha os pontos que forma. Não foi feita num movimento único. E note as letras s e b.”

“Não foi o Fábio que assinou?”

“O perito que fez o laudo anterior acabou de sair daqui. Ele concorda comigo. É uma boa falsificação.”

O delegado e Tenório não estão no departamento para tomar conhecimento das novidades. De qualquer forma, ela sabe o que deve ser feito. Não é sua obrigação, e ela nem tem autorização para isso. Mas vai arriscar.

Enquanto aguarda o café, sentada no sofá cujos braços estão cobertos por lenços coloridos, ela se pergunta quantas vezes já assistiu àquela cena. Há mães, viúvas, filhos, gente que sofre perdas trágicas e consegue se manter dinâmica, engajando-se numa luta feroz pela justiça, indo aos jornais, denunciando, promovendo passeatas, falando com políticos. Você se pergunta: onde arranjam forças? Do ódio, ela sabe. A fúria é a fase inicial do luto, uma preparação para a verdadeira dor. Depois de um breve período, o sentimento de revolta fica poroso, e a tristeza por fim começa a se

infiltrar, líquida, abundante, encharcando os enlutados até a medula. Então eles desmontam. Um desmonte impressionante como um terremoto: envelhecem, entortam, adoecem de um dia para o outro. Alguns morrem. A maior parte não consegue assistir ao momento em que o assassino do ente querido vai para a cadeia. Vida curta, justiça lenta. A mãe de Fábio já pode dar uma aula sobre esse assunto, ela pensa, quando vê a mulher entrar na sala, trazendo uma bandeja com café. Um fiapo de gente dentro do pijama largo e amarrotado.

“Açúcar?”, ela pergunta, depois de colocar a bandeja sobre a mesa de centro, junto ao sofá. As unhas poderiam estar mais limpas.

“Puro, por favor.”

Olga lhe estende a xícara, contando que pediu licença na escola. Fala que quer viajar, mas ainda não sabe para onde. Primeiro vai esperar o encerramento do inquérito, que, na sua opinião, não deveria ter sido reaberto. “Não temos nenhum fato novo”, ela diz.

“Na verdade, temos”, explica Azucena. “Neide Nascimento é alguém que você conhece?”

“Não. Por quê?”

“Há algumas chamadas dela na sua conta telefônica.”

“Não sei quem é.”

“São ligações de 20, 30 minutos. Com quem mais, além da sua irmã, você conversa pelo telefone por tanto tempo?”

“Pode ser a mãe de algum aluno?”

“Não. Neide Nascimento trabalha com seguros, como sua irmã. Foi ela quem fez o seguro do Fábio.”

“Fábio pode ter usado o celular de uma amiga para falar comigo. Meu filho vivia esquecendo o aparelho dele por aí. Não pode ser isso?”

“Pelo histórico das chamadas, só se seu filho tivesse uma relação íntima com essa mulher.”

“Há certos aspectos da vida dos filhos que é melhor os pais não conhecerem.”

Agora vem a parte mais complicada, ela pensa, antes de abrir a bolsa e entregar o novo laudo para Olga. Diz: “Não foi seu filho que fez o seguro.”

Olga se assusta: "Temos um perito que afirma o contrário. Como pode ser?"

"Refizemos os exames por precaução. É uma falsificação muito bem-feita, não foi fácil detectar. Os dois peritos assinam juntos o novo laudo."

"Só Cayanne tem interesse no seguro. Mais ninguém."

"As novas evidências apontam outro suspeito."

Uma pequena pausa antes de seguir adiante: "Talvez você possa dizer algo sobre a tatuagem que sua irmã está removendo. É praticamente igual à do Fábio. Um sinal de infinito."

Está sendo o mais delicada que pode, mas isso não muda o fato de estar fazendo uma acusação. "Sei que não é fácil o que estou lhe pedindo", diz, "mas chegamos num ponto em que só você pode nos ajudar."

Outra pausa.

"Fico imaginando se sua irmã também não tem uma aliança igual à que desapareceu da mão do Fábio."

Aliança, é essa palavra que usa. Pode ser mais clara ainda: "Há algo sobre o relacionamento dos dois que você queira me contar?"

Ela nunca entende isso: ao saltar da viatura, algemado, ele tenta esconder o rosto das câmeras, como se, de qualquer forma, sua foto não fosse estar daqui a pouco em websites e jornais. Assassinos, corruptos, estupradores, traficantes, todos fazem o mesmo. A repórter diz: "Entre os 22 policiais presos na operação está o chefe do setor estratégico da Central de Homicídios, Paulo Hernandez."

Azucena salta da esteira para ouvir o resto da notícia, e se acomoda sobre os lençóis amarfanhados ao pé da cama. "Eles estão sendo acusados de vender informações sigilosas para criminosos ligados à Força da Periferia. A operação – batizada de Norvegicus, nome científico do rato marrom doméstico – foi coordenada pelo delegado-geral dr. Leandro Vargas, que está aqui ao meu lado", diz a repórter.

Na entrevista que se segue, o delegado conta como era o esquema dos policiais que cobravam para informar os traficantes sobre batidas e apreensões de drogas. Relata ainda que o bando executava assassinatos de policiais identificados pelo serviço estratégico da polícia.

Ainda aturdida com a novidade, ela vê a âncora do telejornal, no estúdio, conversar com o secretário de Segurança, um homenzinho sem pescoço, que agita as mãos pequenas e gordas no ar, enquanto explica como é difícil controlar a letalidade da polícia no Brasil. "Nossa classe média é a favor da pena de morte. Ela aprova a execução sumária de bandidos."

O que fica evidente na reportagem é a fina sintonia entre a diretoria da Central de Homicídios e o homem sem pescoço.

A esta altura, ela só pode mesmo concluir que fez uma tremenda cagada. No dia anterior foi até a Corregedoria, na avenida Operária, e denunciou Leandro. Disse ao corregedor: "Ele está acobertando os pés de pato da corporação."



Nas imagens da TV, viu Tenório algemando alguns agentes. Como não desconfiou de nada?

No banheiro, tira a roupa, liga a ducha e sente a água quente correndo pela lombar. Sempre foi orgulhosa de seu talento para perceber sutilezas, conectar diferentes sinais. Agora quebrou a cara. Captou sinais errados. Chegou a conclusões tortas. A questão é: quanto vai lhe custar esse erro?

Minutos depois, está à mesa da cozinha, com uma xícara de café, lendo a correspondência acumulada ao longo da semana. Seu saldo bancário está no vermelho. Em meio a folhetos de propaganda, ela encontra uma carta do advogado de Sorengo, perguntando qual o escritório que a representa. "Meu cliente quer assinar o divórcio e definir a partilha."

Os cachorros, do lado de fora, unham a porta que dá acesso ao quintal. É hora da ração. Achou que não ia dar conta de cuidar deles quando as crianças foram morar com o pai, mas não é o que vem acontecendo. Cada vez mais gosta de estar com os bichos. Troca a água de uma vasilha, despeja a ração na outra. O mais velho tem uma alergia na pata, é preciso tirar o colar elizabetano, que ele vem usando nos últimos dias, para que consiga comer.

Seu celular soa, avisando a chegada de uma mensagem de texto. É Tenório. "Oitiva de Neide Nascimento às dez horas. Preciso de você. Chegue cedo, reunião na sala do Leandro."

Quando sai de casa, na moto, encontra o pai de abrigo vermelho e tênis, conversando com a vendedora de Yakult, na esquina.

Agora ela entende a súbita paixão do velho por lactobacilos vivos.

O clima no quinto andar é de vitória. Ela salta do elevador junto com Tenório, que desfila vaidoso, colhendo elogios. "Você precisava ver a cara do Hernandez", repete, a cada novo abraço. O que a surpreende é ver pessoas que ainda na semana passada estavam puxando o saco de Hernandez no restaurante do careca agora se divertindo pelo fato de Hernandez ter se fodido completamente. "Nunca confiei nesse cara", ela ouve alguém dizer.

O delegado os recebe na sua sala, mergulhado em papéis. Gravata amarela, cheiro fresco de loção pós-barba, apenas levanta

os olhos, quando os dois entram.

“Parabéns”, ela diz, sem conseguir evitar uma sensação de constrangimento.

Ele estica a mão, não para cumprimentá-la mas para mostrar uma escuta. “Retiramos da sua sala. O pessoal do Hernandez estava de olho em você.”

Enquanto o delegado explica que ela esteve sob proteção durante as últimas semanas – “Não notou nenhum carro na porta da sua casa?” –, ela tenta se convencer de que não agiu mal. Não é uma delatora, pensa com seus botões. Fez o seu trabalho. Pouco importa se ele sabe da sua ida à Corregedoria. Tudo poderia ter sido evitado se tivesse sido informada sobre a Norvegicus. Se ela foi apressada, se foi leviana, ele não foi parceiro.

“Primeiro, Hernandez havia grampeado todo o departamento. Segundo, Hernandez sabia que você andava fuçando na Central de Informações e somando dois mais dois. E, terceiro, Hernandez contratou dois marrecos para `quebrar esses seus dentinhos lindos’.” Foi isso que Tenório lhe disse na padaria, minutos antes, enquanto comiam pão de queijo.

Ela vê as coisas de um jeito diferente: machismo puro. Deixaram-na de fora – apesar de ela própria ter dado um alerta sobre a utilização dos dados das centrais para fins criminosos – como se ela fosse incapaz e precisasse ser protegida.

“Porra, mocinha: você ia ficar banguela. Eles iam fazer uma cirurgia expressa nesse seu narigão”, disse Tenório, como se ela ainda por cima fosse mal-agraçada. E quem falou que iam conseguir quebrar sua cara? Por acaso ela não sabe se defender? “E narigão é o seu cu”, ela retruca, quando estão no elevador.

Agora, diante de Leandro, pensa se há uma forma de desculpar-se. Mal ouve o que ele está pedindo: o laudo que determina a idade de um indigente encontrado morto há dois dias. Por que demora tanto para entregar resultados? “Não aceito mais gerúndios”, ele diz. “Estou fazendo, estou providenciando, estou aguardando. O gerúndio está proibido na minha gestão.”

A perícia tem prazos estabelecidos, e ela não está acostumada a ser cobrada daquela forma. Em outra situação, se defenderia. Mas a

verdade é que se sente uma delatora. Foi precipitada. E sobretudo injusta. Se ele sabe, ela pensa, tem o direito de espernear. E, quanto mais ele a critica, mais certeza ela tem de que ele sabe. Só não entende como. O próprio corregedor teria aberto o bico?

“E Fábio Cássio?”, ele pergunta finalmente.

Tenório faz um resumo do caso e ela complementa com a notícia da falsificação da assinatura. “Jair encontrou essas fotos no arquivo”, ela diz, colocando sobre a mesa as imagens de Telma e Neide Nascimento juntas.

“Estamos no caminho de indiciar Telma”, diz Tenório.

“Por que alguém falsificaria uma apólice, sem poder se beneficiar do seguro?”, pergunta Leandro.

“Para comprometer outra pessoa”, ela responde. “Cayanne, por exemplo.”

O delegado se levanta, vai até a janela. Está visivelmente cansado.

Tenório pede que ela exponha sua teoria. Os dois já conversaram sobre o assunto na padaria. Ela então alinhava fatos que ilustram um possível triângulo amoroso entre Telma, Fábio e Cayanne.

Tenório interfere: “Explica direito, se não ele vai logo pensar em suruba.”

“Acho que Telma e Fábio eram mais que tia e sobrinho. O indício mais forte desse vínculo é uma tatuagem que ambos tinham na mesma parte do corpo.”

Leandro ouve tudo em silêncio, evita olhá-la, ela nota. Ela segue falando da sua expectativa de que Olga colabore com a investigação e, quando relata sua visita à casa da mãe do ator, desperta a indignação do delegado.

“Você está me dizendo que invadiu a casa de Olga sem um mandado de busca?”

“Toquei a campainha, ela me convidou para entrar.”

A falta que cometeu não justifica a reação de Leandro, ela pensa. Todo mundo faz isso. Ele pergunta: “Quer desqualificar meu inquérito? Quer que eu leve porrada da Promotoria? Estou tentando fazer um trabalho sério, estou tentando normatizar o departamento, e você age por conta própria, na ilegalidade?”

Tenório tenta defendê-la, Leandro o interrompe: “Estamos falando de procedimentos ilegais. É disso que se trata. Ela não pode sair por aí fazendo o que lhe dá na telha.”

Nilza, a secretária, interrompe a reunião para avisar que Neide Nascimento já está aguardando na sala de Tenório.

“Você fica fora. Estou cansado de corrigir cagada de veterano”, diz Leandro, antes de deixar a sala, seguido por Tenório.

Ela também está saindo, quando nota um elemento novo sobre a mesa: um porta-retratos com a foto de Leandro abraçado a uma loira. Já viu aquela mulher. A lembrança vem rápido: é a secretária do corregedor com quem falou na tarde anterior. Claro, ela pensa. Temos uma sirigaita linguaruda na área.

Mais tarde, ela lê:

“Às x horas do dia tal, mês tal, na Central de Homicídios etc. e tal – onde se achavam presentes fulano e sicrano e eu, escrivão de polícia –, comparece a testemunha NEIDE NASCIMENTO, RG tal, domiciliada em tal lugar. Sabendo ler e escrever, blá-blá-blá, compromissada na forma da lei e inquirida pelas autoridades etc. e tal...”

(...)

Leandro: Há quanto tempo a senhora trabalha na Casabranca Seguradora?

Neide Nascimento: Há seis anos.

L: Em que função?

NN: Sou chefe do Departamento de Vendas.

Tenório: Consta nos autos que você é a responsável pela apólice fraudulenta do ator Fábio Cássio.

NN: Fiz a apólice. A fraude foi revelada depois da morte do Fábio Cássio.

T: Desde quando a senhora está afastada do trabalho?

NN: Desde setembro passado. A investigação sobre a apólice ainda está em curso. Devo voltar após o encerramento do caso.

T: Está claro que a Casabranca suspeita de seu envolvimento na fraude.

NN: Não falo pela empresa.

T: É comum a empresa afastar o vendedor de uma apólice fraudulenta no período de investigação?

NN: Cada empresa tem as suas regras.

T: Estou perguntando sobre a sua empresa.

NN: O senhor vai ter que perguntar isso para a Casabranca.

(...)

T: Sabemos que você é proprietária da linha telefônica 912345638.

NN: Eu usava este número só para falar com clientes.

T: Não usa mais?

NN: Perdi o aparelho. O que isso tem a ver com a apólice?

T: Quando?

NN: O quê?

T: Quando você perdeu o aparelho?

NN: Acho que foi em março ou abril do ano passado.

T: Você perdeu um celular e nem se lembra de quando isso aconteceu?

NN: Era um celular barato. Não entendo o que isso tem a ver com o caso de Fábio Cássio.

T: Você perdeu o aparelho e, diferentemente de todo mundo na torcida do Maracanã, não comunicou o ocorrido à companhia telefônica.

NN: Era uma linha pré-paga, com pouco crédito. O aparelho não valia nada. Por isso não comuniquei à operadora. O que está acontecendo?

T: Vamos combinar uma coisa: quem faz pergunta aqui somos nós.

L: Tenório, por favor, deixa que eu falo com a senhora Neide. Estamos muito satisfeitos com sua boa vontade. Sua colaboração certamente é de muita valia para o inquérito. Realmente há fatos que não a favorecem. No registro de compra desta linha, há um RG diferente do seu. Tivemos dificuldade para localizar a senhora.

NN: Nunca soube disso.

L: Gostaríamos que a senhora desse uma olhada nesses registros. Note que em vez de 337 foi escrito 887 na coluna de registro geral.

NN: Isso é ridículo. Este é um problema da operadora. Não posso responder pelos erros de um atendente relapso.

T: Claro que não. Só queremos que explique por que o seu número perdido aparece diversas vezes nas contas telefônicas do Fábio, dos amigos do Fábio, de várias pessoas relacionadas a ele em junho, julho e agosto do ano passado?

NN: Não fiz essas ligações. Não falei com o Fábio, nem mesmo na época em que fiz o seguro dele.

T: As ligações são um fato. Um fato que coloca você numa situação bem complicada.

NN: Posso ver?

T: O quê?

NN: As contas?

(...)

NN: Se alguém usou esta linha para falar com essas pessoas, só posso concluir que foi Telma Salles Silva. Ela deve ter roubado meu telefone.

T: Desde quando você é amiga da tia de Fábio Cássio?

NN: Fui aconselhada, pelo meu advogado, a não dizer nada, mas, diante deste novo fato, estou disposta a colaborar.

T: Ótimo. Então vamos colaborar?

NN: Estou colaborando. Tenho o direito de ficar calada e, no entanto, estou aqui, sem meu advogado. Não gosto do seu tom.

L: Ficamos satisfeitos com sua postura, dona Neide. Desde quando a senhora conhece a senhora Telma?

NN: Desde a década de 1990. Quando comecei a trabalhar no escritório de contabilidade Fratimes e Associados. Tivemos um relacionamento amoroso durante oito anos. Mesmo depois que nos separamos, continuamos amigas. Só fomos nos desentender recentemente, por conta do seguro do Fábio.

T: A relação entre Telma e Fábio a incomodava?

NN: Incomodava Olga, a mim, não.

T: Em que sentido?

NN: Hoje, olhando retrospectivamente, acho que elas disputavam o amor do menino. Mas Telma sempre achou que Olga explorava Fábio, principalmente depois que ficou viúva. Fábio fazia comerciais e, até que Olga conseguisse um emprego estável, como professora, ele foi o ganha-pão da casa. Quer dizer, Telma também ajudava com o salário de secretária. Mas eram as publicidades que seguravam as despesas de Olga.

L: Vocês chegaram a coabitar?

NN: Durante sete anos.

T: Sete? Achei que tinha escutado oito.

NN: Oito anos de relacionamento, sete anos de coabitação. Quando começamos a namorar, Telma ainda morava com a família, quer dizer, com a irmã e Fábio, que era adolescente.

T: A família sabia do relacionamento de vocês?

NN: Oficialmente não. Mas ninguém ali era burro. O problema é que Telma nunca quis assumir, e isso também tinha a ver com o Fábio, eu acho. Eu ia muito pouco à casa deles, acho que, na verdade, só fui mesmo lá umas três ou quatro vezes, nos aniversários de Fábio.

L: Em que período vocês moraram juntas?

NN: A gente começou a morar junto depois de uma grande briga entre as duas, acho que foi quando Olga pintou o cabelo do Fábio. Olga estava preparando um book dele, sabe, book? Esses livros de fotos que se levam em agências de modelo? Olga vivia nessas agências, Fábio fazia todo tipo de teste, e isso devia cansar o garoto. Quando Fábio apareceu com o cabelo cheio de mechas loiras, Telma explodiu. Brigaram de verdade. Isso foi em meados da década de 1990.

L: Continue, por favor.

NN: Foi isso: Olga expulsou Telma de casa, e, por causa dessa briga, decidimos morar juntas.

T: Telma era muito ligada a Fábio?

NN: Ela se preocupava demais com Fábio. Lembro que, dois ou três meses depois que começamos a morar juntas, Fábio desmaiou enquanto filmava uma propaganda de margarina. O diagnóstico dos médicos foi esgotamento. Depois disso, Telma cogitou entrar na

Justiça com um pedido de guarda do garoto. Aí Olga começou a dificultar o relacionamento entre os dois. Para ter notícias de Fábio, Telma precisava ligar para a escola de sapateado onde ele fazia aulas, para os vizinhos, esperava o garoto na esquina da aula de canto, foi uma fase difícil, eles tinham pouco contato. Na verdade, Telma só voltou a ter um relacionamento normal, entre aspas, com Fábio, quando ele já tinha 23 anos, e aí a gente já estava separada.

T: Quando vocês se separaram?

NN: Há mais de dez anos. Foi uma separação amigável. Eu queria ter uma família, adotar crianças, e ela nunca cogitou a possibilidade de assumir o relacionamento. Por isso nos separamos. Mas continuamos amigas.

T: A Casabranca sabia do seu relacionamento com Telma?

NN: Não tínhamos mais nenhum relacionamento quando entrei na Casabranca.

T: Mas você fez um seguro para uma amiga.

NN: Não. Meu cliente era um ator famoso.

T: Por que Fábio não fez o seguro com ela? Não pensou nisso quando ela foi te procurar?

NN: Claro que sim. Ela me disse que a Pace, a empresa onde ela é agente, não permitia que parentes de funcionários contratassem seguro na empresa.

T: E isso é verdade?

NN: Cada empresa tem seu estatuto. Para nós, da Casabranca, Fábio era um cliente muito interessante. Fizemos um preço especial para ele. Desde o início, ela me avisou que Fábio estava muito ocupado, e que ela seria quem agilizaria a papelada.

T: E você, com tantos anos de prática, não desconfiou de nada?

NN: Não sou sua amiga, me trate por "senhora". O que o senhor sabe do mercado de seguros?

L: Tenório, por favor, deixe que eu conduzo.

NN: Já fiz seguro para muita gente importante, executivos, que por conta da agenda de trabalho, coloca uma secretária ou alguém da família para cuidar da preparação da apólice. Isso é comum. Além do mais, eu não tinha nenhuma razão para desconfiar. Telma não



estava nada contente com o fato de Cayanne ser a beneficiária. A relação dela com Cayanne estava muito ruim, naquela época, muito ruim mesmo.

L: Por quê?

NN: Não sei exatamente o que aconteceu. No início, quando Fábbio estourou com *A ferro e fogo*, as duas ficaram muito próximas, digo, Cayanne e Telma. Na verdade, foi uma fase em que Telma se aproximou muito do sobrinho. Todo fim de semana ia para a casa deles, muitas vezes até dormia lá.

T: É possível que a relação entre Telma e o sobrinho fosse mais que familiar?

NN: Ela gostava do Fábbio como se ele fosse um filho.

T: E Cayanne?

NN: Quero a garantia de que não vou ser indiciada.

T: Você acha que isso é um balcão de negócios?

NN: Senhora. O senhor me trate como uma senhora.

T: Ela está pensando que somos otários, delegado.

L: Deixe, Tenório. Estamos agradecidos pela sua colaboração, dona Neide. Por favor, continue a nos contar o que sabe sobre Cayanne e Telma. É o melhor que a senhora pode fazer para se livrar desse inquérito.

NN: O que eu acho, o que nós, amigas de Telma, suspeitamos, é que ela se apaixonou por Cayanne. Não sei se foi um amor platônico. Não sei se Fábbio percebeu. Mas algo aconteceu, não tenho dúvida. Algo que mudou a relação dos três. De repente, ela passou a odiar Cayanne. E Fábbio passou a evitá-la.

(...)

T: O que eu fico pensando é: por que a senhora aceitou fazer a apólice se percebia uma situação estranha entre eles?

NN: Porque uma coisa não tinha nada a ver com a outra. Eu jamais desconfiei de Telma. Telma sempre foi uma pessoa correta. Jamais achei que pudesse me enganar. Ela me disse que Fábbio estava estressado com a peça, se prontificou a levar o documento para assinar no teatro, esse foi meu erro. Essa é uma regra de ouro das seguradoras: as apólices têm que ser assinadas na presença de um representante da companhia. Levei uma rasteira.

T: É por isso que você foi afastada da Casabranca?

NN: Eles suspeitam de mim. Vim para o depoimento sabendo das consequências. Prefiro ser despedida a ser envolvida na morte do Fábio. Estou aqui para colaborar.

L: Na ocasião da apólice, a senhora checou a assinatura de Fábio?

NN: A assinatura batia com a dos documentos que eu tinha comigo.

T: E quando Fábio morreu no palco? Por que deixou o teatro antes da polícia chegar?

NN: Foi o pior dia da minha vida. Além da tragédia, percebi que a Casabranca estava sendo vítima de uma fraude.

L: A senhora falou com Telma?

NN: Não naquela noite. A primeira coisa em que pensei foi que Fábio tivesse se matado, e por isso tinha feito o seguro, para que Cayanne ficasse bem. Muita gente não lê o contrato, não sabe que, em caso de suicídio, a apólice perde o valor. Achei que era o caso do Fábio.

T: Mas desde o início havia a suspeita de homicídio. A senhora deve ter lido nos jornais.

NN: E ainda assim não me passou pela cabeça que Telma pudesse ter fraudado a apólice. Não fazia sentido. Ela amava aquele rapaz. Como a um filho. Por que iria matá-lo?

T: Pelo mesmo motivo que mães matam filhos. E filhos matam pais. E amantes matam rivais.

NN: Perguntei mil vezes a Telma se tinha visto Fábio assinar a apólice. Ela me garantiu que sim. A verdade é que fui vítima. Fui tão vítima quanto a Casabranca. Fui usada por Telma. Estou aqui para colaborar.

T: A senhora já disse isso.

NN: Foi um erro, eu admito. Mas eu só me dei conta disso quando, algum tempo depois, Telma me telefonou, chorando, e pediu que eu fosse até a casa dela. Eu estava sem carro, tive que chamar um táxi, mas, quando cheguei lá, vi que ela estava bêbada. E continuou bebendo, e a certa altura começou a dizer coisas assustadoras. Primeiro, ela confessou que havia falsificado a

assinatura do Fábio. Disse que o plano dela era levar a apólice para Fábio e acusar Cayanne de falsificação, de forma a causar uma cisão definitiva entre os dois, provando que ela era uma “interesseira ordinária”. Sabe, eu tive que ir ao banheiro para vomitar nessa hora.

T: A senhora também estava bêbada?

NN: Bêbada não. Claro, bebi também, mas eu não estava bêbada. Ela estava bêbada. Tão bêbada que fiquei com medo de deixá-la sozinha. Ela começou a dizer, aos prantos, que tinha matado o Fábio e que ia se matar. Sabe, aquilo era tão absurdo, nem ouvindo eu conseguia acreditar no que ela dizia.

L: O que ela dizia?

NN: Era confuso, eu não entendia, e quando entendia, quando eu fazia perguntas, ela tinha rompantes de choro, nunca vi nada igual. E de repente ela apagou. Não preguei o olho a noite toda. No dia seguinte, quando ela acordou, eu só queria esclarecer as coisas, queria que ela me contasse exatamente tudo o que tinha acontecido. E aí foi pior ainda. Ela negou tudo o que havia dito. Falou que eu estava louca. Rompemos exatamente neste dia.

(...)

Nada mais tendo sido dito ou declarado, blá-blá-blá etc. e tal.

Quando Azucena acaba de ler o documento, Telma já está depondo na sala ao lado.

Ficar fora do caso, restringir-se às suas funções, é o preço por ter ido à Corregedoria, ela sabe.

Não tem mais nada a fazer ali naquela noite.

Mais tarde, numa pizzaria, enquanto janta com as filhas, ela recebe um telefonema de Tenório, dizendo que Telma ainda não acabou de ser interrogada, mas que já está na Central a sua ordem de prisão.

“Daqui ela vai direto para o xadrez”, diz o detetive.

Na manhã seguinte, a campainha soa antes das sete. Ela sabe que é o pai. Na noite anterior, teve um frouxo de riso quando a irmã descreveu a cena: ele e a vendedora de Yakult sentados lado a lado no sofá, ouvindo *La Bohème*. "Você pode me explicar o que está acontecendo?", perguntou Ana.

Agora certamente vai ouvir a versão de Damaso. Ele vai falar de Ana, vai reclamar da forma como ela tratou sua nova amiga. A velha dinâmica doméstica, desta vez com papéis invertidos: o pai quer namorar.

Ao abrir a porta, enrolada no roupão de banho, no entanto, depara-se com Olga.

No momento seguinte, as duas estão acomodadas à mesa da cozinha com uma xícara de café fresco nas mãos. Olga fala devagar, escolhendo as palavras. A história vem gota a gota. Azucena não faz perguntas, não interrompe, apenas ouve, tentando imaginar como tudo aconteceu: são outros tempos, os Salles têm uma existência minúscula numa pacata cidade do interior. Os filhos estão criados, só Telma, filha caçula e temporã, ainda vive com eles na casa de telha de amianto contígua à única farmácia local, o ganha-pão da família. Quando o sol está a pino, o pai começa a beber, e, muito antes de começarem as novelas que entorpecem a cidade, ele já desabou em algum lugar entre o balcão e a cama. A mãe se refaz das longas jornadas solitárias na farmácia com outra droga: soníferos. Seu lazer no domingo é tomar uma dose extra e passar o dia na cama. Assim, Telma cresce solta, "enrolando os pais no dedo mindinho". Aos 14 anos, sai de casa dizendo que vai passar uma semana no sítio de uma colega de escola, mas, em vez disso, viaja com outra amiguinha mentirosa para ilha do Mel, no Paraná. O local não é o ponto turístico que se tornou hoje, mas apenas um vilarejo pobre, com casas esparsas, onde vivem famílias de pescadores. No verão, a ilha

se enche de universitários e barracas de lona, e muitos pescadores ganham dinheiro alugando casebres rústicos para essa gente. De dia, os jovens saem em bandos pelas trilhas, exploram as praias, tomam banho de cachoeira. O programa noturno é acender fogueira, tocar violão, cantar. E beber. Para as duas mascotes, a novidade é fumar maconha que os mais velhos trazem nas mochilas. Certa noite Telma passa mal, deixa a amiga divertindo-se junto à fogueira e volta sozinha para a barraca. No caminho é atacada e estuprada por alguém, cuja identidade jamais conhecerá. Quando volta para casa, passa horas trancada no quarto, mas o pai e a mãe não dedicam muita energia para entender o que se passa. A verdade só é revelada cinco meses depois, quando o médico da cidade descobre que a “doença” de Telma é uma gravidez. Se houvesse condições, fariam um aborto. Mas não havia. O menino nasceu, e é este o grande segredo da família: Fábbio, filho de Telma e de pai desconhecido, é registrado e criado como filho biológico de Olga e de seu marido estéril. Pior: o ator morreu sem saber a verdade.

“O erro dela foi ter fraudado o seguro”, diz Olga. “Mas ela não tem nada a ver com a morte do Fábbio.”

Ninguém deixa de ser suspeito pelo fato de ser mãe, filho ou irmão da vítima, não há esse tipo de lógica numa investigação policial. Não é, portanto, o que Olga diz, mas a forma como diz que faz com que Azucena acredite nela.

Ela pergunta: “Quando você soube que ela fraudou a apólice?”

“Dois dias depois que o Fábbio morreu. Foi ela mesma quem me contou. Cayanne andava aprontando, as revistas estavam cheias de insinuações. Eu jamais chegaria a ir tão longe no meu zelo maternal, mas entendo as razões de Telma. A verdade é que Fábbio não andava dando conta da sua vida amorosa. Era ingênuo demais. A ponto de levar uma prostituta para morar com ele, entende? Hoje, nem sei dizer se Fábbio era frágil, ou se ficou totalmente alienado por conta do sucesso. Ele piorou muito, com a fama. A fama o incapacitou, de certa forma. O Brasil inteiro estava ouvindo Cayanne falar mal dele na televisão, e ele não conseguia tomar uma atitude. Telma não aguentava mais esta situação, tentou tirá-lo dessa enrascada, e fez isso da forma mais burra que alguém pode

imaginar. Ela achou que, exatamente por ser do ramo de seguros e ter Neide como amiga, nada poderia fugir de seu controle.”

Um erro atrás do outro, pensa Azucena, enquanto Olga detalha o plano torto da irmã: contar a Fábio que soubera do seguro por intermédio de Neide. Na farsa que cria, Telma se encarrega de “conseguir” a cópia da apólice para o sobrinho. Mais tarde, depois de analisarem os papéis, tia e sobrinho chegariam à conclusão óbvia: Cayanne seria responsável pela fraude. O epílogo seria inevitável: Fábio se separaria de Cayanne e a apólice seria anulada, claro, com a ajuda da própria Telma. Esse era o plano.

“Acho que Cláudio, de alguma forma, soube disso. Ele e Cayanne colocaram as balas naquele revólver.”

“Você tem provas do que está falando?”

“Mais ou menos”, ela diz.

No final do ano retrasado, diz a velha, alguém passou a chantagear seu filho, ameaçando publicar fotos da intimidade do casal na web. “Sei perfeitamente que as fotos podem ter sido subtraídas do computador do Fábio por um hacker. Mas ninguém tira da minha cabeça que Cayanne estava por trás disso.”

“Por quê?”

“O valor pedido pelo chantagista era exatamente igual ao do bônus que Fábio tinha acabado de receber da emissora.”

“Quem sabia desse bônus?”

“Esse é o ponto: só eu, Cayanne e Fábio. Telma não sabia de nada. Ela fraudou o seguro, mas quem matou Fábio foi a Cayanne. Ela e o amante. Se você checar a conta de Cayanne no mês de dezembro do ano retrasado, vai ver que estou dizendo a verdade.”

“E por que você mentiu para nós? Por que não nos contou antes esta história?”

“Você ainda pergunta por quê? O que você queria que eu fizesse? Eu ia entregar a minha irmã? Depois de ter perdido meu filho? Cayanne já estava na mira de vocês, a justiça estava sendo feita, ainda que de maneira errada.”

É terrível como segredos familiares desencaminham e atrasam os inquéritos, ela pensa.

Olga não quer procurar o delegado. “Depois de tudo que sofri, ainda vou ter que ler na imprensa que Fábio é filho de um estupro?”, pergunta, levantando-se da mesa para colocar a xícara sobre a pia.

A expressão exaurida, suplicante desaparece apenas quando começa a atacar os jornalistas. “Gente pífia”, ela diz, cheia de ódio. “Exploram meu luto. Pelo jeito, tem um monte de gente se divertindo com isso, vivendo a ‘emoção’ da minha tragédia, da mesma forma que adoram ver filmes sobre furacões e terremotos. Deve ser mesmo muito emocionante sentir na pele como é a tragédia de perder um filho, sem que seu filho tenha que morrer para isso. Você tem que me ajudar.”

Azucena não sabe muito bem como vai encaminhar o assunto na Central. De qualquer forma, está decidida a falar com Leandro. “Mas primeiro, você vai me contar tudo o que devo saber sobre o seu filho.”

Na Central, o dia começa bem. A equipe de plantão está eufórica com a prisão do estuprador da serra da Cantareira durante a madrugada.

“Sabe como ele se fodeu?”, pergunta Jair.

Denúncia, ela imagina.

“Numa blitz para pegar bêbados. O cara passou no teste do álcool, mas encontraram o RG de uma das vítimas entre os documentos dele. É como diz o ditado: neguinho atira no que vê e acerta no que não vê.”

Encontra o perito odontológico saindo da sala do interrogatório, com uma caixa com quatro moldeiras de alumínio. Ele explica que acabou de fazer o registro do arco dentário do rapaz. “O mesmo incisivo mal posicionado. A mesma falha do pré-molar direito. Pegamos o cara.”

Pelo visor da porta da sala de interrogatórios, ela observa o rapaz.

Um tipo comum, franzino. Assim, algemado, cabisbaixo, parece totalmente desprovido de maldade.

Depois de passar no laboratório, ela chama Tenório para discutir a análise balística de um crime ocorrido há oito meses. Mostrando o desenho do corpo humano, anexado ao último laudo, ela explica: “O primeiro tiro foi na altura do joelho, o segundo, na coxa, depois outro, na altura do estômago, e por último nos dois seios, primeiro o direito, depois o esquerdo.”

“Filho da mãe!”

Ela continua: “Se a promotoria pretende usar o argumento de que houve deliberada intenção de causar sofrimento na vítima, não vai encontrar nenhuma dificuldade.”

Antes que Tenório se despeça, ela pergunta sobre o depoimento de Telma. “Soube que ela assumiu a fraude”, diz.

“Foi até anticlimático. Ela nem tentou negar.”

“É tão bizarro pensar que, sendo ela quem é e conhecendo como conhece os meandros dos processos internos nas seguradoras, não tivesse levado em conta o aspecto temporal de seu plano.”

“Já vi assassinos mais inteligentes cometerem erros piores.”

“Não faz sentido. Leandro acompanhou o depoimento?”

“Acompanhou. Ele acha que Telma foi calculista a ponto de querer nos induzir a pensar como você.”

“Telma não carregou aquela arma.”

Ele ri. “Entrega logo esse ouro. Sei que a Olga foi atrás de você. Ela telefonou para cá ontem, quando soube da prisão da Telma. Qual é a novidade?”

“Se comentar com alguém que te contei isso, eu nego, digo que você está mentindo.”

“Fala.”

“Telma é mãe do Fábio.”

“Porra.”

“Filho de um estupro na adolescência.”

“Caceta!”

“Você tem que falar com Leandro.”

Tenório tem um jeito curioso de entrelaçar as mãos sobre a cabeça, como se colocasse um troféu bizarro – algo parecido com abacaxi – sobre sua cabeleira.



“É verdade que você denunciou o Leandro para a Corregedoria?”, ele pergunta.

“Tenho alguma chance?”

“Cara, você está muito ferrada.”

Ela suspira: “Você me consegue um extrato com a movimentação bancária de Cayanne de dois anos atrás?”

Quando Leandro chega à Central, Azucena já o aguarda.

“Não tenho tempo”, ele diz, sem encará-la. E para a secretária, de forma gentil: “Por favor, traga a minha agenda.”

Nilza é lerda, não tem como evitar que Azucena entre com o delegado na sua sala e feche a porta atrás de si.

“Não posso te atender”, ele repete. “Marque um horário.”

Ela se senta, sem pressa, pega o porta-retratos que está sobre a mesa e mostra para ele. “Sua namorada fofqueira está certa: fui à Corregedoria e fiz uma denúncia contra você.”

“Se você veio aqui se desculpar, peça desculpas e me deixe trabalhar.”

“Eu lhe mostrei os boletins assinados por aquela gente que você acabou prendendo, e você não me falou uma única palavra sobre a Norvegicus.”

Ele interpreta mal o papel de “muito ocupado”, ela pensa. Nem sabe o que está procurando na escrivaninha. Já abriu e fechou as gavetas duas vezes. Finalmente admite: “Achei que formávamos um time.”

“Que time? Que espécie de time é esse que me bota fora da investigação?”

“Tive que garantir sua segurança e, na minha avaliação, quanto menos você soubesse, melhor seria para todos.”

“Não sei o que faz você pensar que preciso da sua proteção.”

A discussão vai saindo dos trilhos e tomando um rumo pessoal, ela nota. De repente, ele está dizendo: “Quer saber como me senti? Decepcionado. Totalmente decepcionado.” Diz que chegou à Homicídios com um projeto bem definido, e a primeira coisa que fez foi incluí-la no seu plano. Contava com ela para reestruturar a Central. Mais: ela fazia parte do que ele chama de “o meu núcleo

duro". E então descobre que ela suspeita que ele seja um corrupto? Por acaso tem cara de corrupto? Age como corrupto? Não esperava isso. Não dela, porque, afinal, "há quantos anos nos conhecemos?".

"Você também não passou no teste", ela diz.

"Que teste?"

No teste-chefe-ideal, ele tem muito o que aprender sobre autoridade e respeito. Mas é fraco também em muitos outros quesitos. Muita teoria, muito blá-blá-blá. Ela prefere homens práticos. De ação.

"Que teste? Do que estamos falando exatamente?", ele insiste, agora com uma expressão indignada.

Ela continua quieta.

"Nunca testei você. Sempre soube quem é você", ele diz.

"Então espero que não me prejudique por um erro que admito ter cometido."

"Aceito seu pedido de desculpas."

"Vou continuar trabalhando no caso do Fábio", ela diz, levantando-se. "Tenho novos dados. Precisamos conversar."

Nem bem Azucena salta do carro, em frente à penitenciária feminina de Campo Novo, e as lentes de seus óculos de sol já estão embaçadas. O calor parece vir do chão, da nova capa de asfalto que a prefeitura derramou sobre a avenida Pereira Dias.

Modorrento, Jair não consegue acompanhá-la, vai ficando para trás, se arrastando, enquanto ela atravessa a rua e se junta à multidão.

Duas equipes de tv a cabo disputam a calçada defronte à porta do presídio.

“Antigamente, eu só ia para restaurante badalado, pré-estreias, festa de ricos. Hoje, para pegar celebridade, tenho que ficar plantado em porta de cadeia”, diz um cameraman para outro profissional, que ajeita os cabos elétricos antes de responder: “A gente ainda vai sentir saudades do tempo em que, para ficar famoso, era só mostrar a bunda.”

Enquanto aguarda a liberação de Cayanne, ela caminha vagarosamente entre o amontoado de curiosos, gente que está a caminho de casa ou do trabalho e tropeça numa cena de homicídio ou numa gravação de comercial, e ali permanece, por inércia; pessoas que não entendem o que está acontecendo, e ficam esperando, pacientes, como pássaros que pousam em fios elétricos, sem ter nada melhor para fazer.

Em tantos anos de carreira, ela já viu muitos assassinos tornarem-se celebridades momentâneas. Mas é a primeira vez que encontra alguém na posição de Cayanne tentando fazer do velho portão descascado do presídio de Campo Novo um local adequado para uma coletiva de imprensa. De quem é aquela ideia esdrúxula?

Foi Olga quem lhe mostrou o convite aos jornalistas no Facebook de Cayanne.

“Tamanho contrassenso ilude, faz a gente pensar que ela é burra”, disse a mãe de Fábio, “mas o importante aqui é observar até onde ela é capaz de ir para conseguir a atenção da mídia. Sabe esses garotos americanos que entram em escola e matam dez, 20 pessoas? Você acha que isso tudo é ódio? É vontade de virar celebridade. Como Cayanne. Tive certeza de que ela planejou a morte do meu filho, quando ela divulgou que iria continuar no reality show. Ali eu entendi que o projeto artístico dessa vadia era ser a viúva do John Lennon brasileiro. A nossa Yoko Ono. A Yoko Ono do canal 3. Foi por isso que ela matou meu filho, para ser uma viúva por profissão.”

Tenório riu à beça quando soube do comentário. “Alguém vai ter que contar para a velhota que o filho dela não é o John Lennon.”

De repente, o portão do presídio se abre e Cayanne surge dentro de um vestido grande o suficiente para lhe cobrir as virilhas. Ninguém esperava uma cena da Broadway naquele lugar tão desprovido de qualquer tipo de charme, mas a forma como a moça aparece tem mais a ver com água suja sendo jogada para fora da bacia, pensa Azucena.

A atriz-modelo acena e joga beijos, ao contar, de um jeito um tanto confuso, que a prisão foi uma “experiência enriquecedora” e que hoje seu “lado mais intimista é mais profissional”.

O mais bizarro, conclui Azucena, é ver minutos depois, num grande portal de notícias, a imagem da moça (juntamente com ring-girls e misses do Norte do país) com a legenda “Cayanne escolheu um vestido verde para deixar a prisão”. A jornalista parece impressionada com sua forma física: “O peso é o mesmo desde que ela foi detida.”

O advogado que acompanha Cayanne não é mais Arnaldo. “Ontem, ele e toda a corja daquela emissora imunda foram postos para escanteio pelo novo empresário”, contou Olga.

O atual defensor é um sujeito enorme, muito jovem, que não está muito confortável com a performance do rapaz ao lado, um nanico com cabelo espetado usando uma camisa justa e moderninha, que se posta ao lado da atriz e se apresenta como “agente e assessor pessoal de Cayanne – e também do cantor Mello, que inclusive,

peçoal, deixa eu avisar, o Mello vai fazer um show hoje à noite no Samba Maravilha". "Querida", ele diz, "conte para essas pessoas bonitas o que elas podem esperar de você daqui para a frente."

"Funk", ela responde, explicando depois que recebeu do funkeiro Nego Bahia uma proposta para cantar no grupo Chocolatão e está gostando da ideia.

Esticando os olhos, Azucena consegue ler o que o jornalista ao lado escreve no seu bloco de anotações: "Nego Bahia?!"

Um outro repórter, que até agora não havia parado de falar ao telefone, levanta a mão e pergunta: "O que o cantor Mello escolheu como repertório do seu show?"

A partir daquele momento, ninguém ali consegue entender que rumo a entrevista está tomando.

"O que você acha dos presídios brasileiros?", pergunta o site Garota Sarada.

Blog Flagras e Famosos: "Você toparia fazer um ensaio sensual depois desta experiência instigante?"

Do repórter que continua grudado ao telefone: "E 'Você me traiu' que quase foi indicada para o Grammy Latino? Também está no repertório do cantor Mello?"

Site Estrela-guia: "Você tem um palpite de quem matou Fábio Cássio?"

Site Cozinha Rápida: "Que receita você sugere para um jantar a dois?"

O *Jornal da Periferia*: "É verdade que você apanhava do Fábio Cássio?"

"E Cláudio?", alguém pergunta. "Ele está recebendo o mesmo benefício que você e sai da prisão hoje. Vocês estão namorando?"

Aquela cena, pensa Azucena, não é muito diferente das que são vistas em programas de auditório, nos quais calouros são humilhados para diversão da plateia. Certamente alguém naquele local ordinário está se dando ao trabalho de registrar aquela exposição vexatória para o gáudio da choldra; logo mais os internautas vão poder rir à beça com os vídeos que vão cair na rede.

Um fotógrafo magrelo de barba, levemente gago, pede a palavra, "Riroco", diz, e corrige: "Rirroco": "Você gostaria de participar de

outro reality show?”

E então a chuva desaba, obrigando todos a correr em busca de proteção. Em dois minutos, não há mais ninguém ali, nem mesmo Cayanne.

“Putá que pariu”, diz Jair, quando entra na viatura, quase dez minutos depois dela, completamente encharcado. “Você pode me explicar que merda é que estava rolando naquele lugar?”

“Diga que é a Wanda”, ela pede ao rapaz da guarita. Já passa das oito da noite, e ela não quer ir para casa, muito menos voltar para a Central.

Enquanto aguarda, tem vontade de perguntar se muitas garotas aparecem ali, como ela – ou melhor, meninas bem mais jovens, provavelmente estudantes do curso de direito na Getúlio Vargas, com cabelos compridos e reluzentes, de cujas bocas jorram “papai” e “mamãe” a torto e a direito – para se divertirem com o rapaz que mora no quinto andar. O pênis descartável. É assim que o chama, mentalmente.

Quando salta do elevador, ele está esperando no hall, de terno e gravata, descalço.

“Acabei de chegar”, diz, prendendo-a entre os braços.

Desta vez tudo é mais intenso. Talvez porque estejam lúcidos, ela pensa. Fazem sexo mais de uma vez, ela gosta da intimidade que está surgindo, uma intimidade puramente física. Ele é disponível, e isso é mais que suficiente. Ele está ali, quando ela decide aparecer de surpresa. Ele não sabe o seu verdadeiro nome, não sabe que ela tem duas filhas e um ex-marido açougueiro. Não sabe também que sua profissão tem a ver com vermes, venenos, facas, sangue e coisas muito piores.

Saciados, mentem um para o outro. Pelo menos, ela mente um bocado. Esse é o jogo que estabeleceu com o rapaz: nunca dizer a verdade.

Já está pensando em ir embora quando, no meio de uma história divertida que ele conta, relaxado, ela o ouve pronunciar seu nome.

Não o seu nome fictício, Wanda, o que inventou quando se conheceram. Azucena, ele diz, de forma bem clara, e sem se dar conta do que está fazendo. Quando ela pula da cama e começa a vestir seu jeans é que ele percebe o erro.

“Eu soube logo no início”, ele explica.

Ela veste a camiseta. “Onde estão os meus sapatos?”, pergunta. Ele a segue pela casa, banheiro, sala – enquanto ela procura suas botinhas – dizendo que naquela noite, naquele bar, “não na noite que nos conhecemos, a primeira vez que vi você lá. Você estava com Arnaldo. Ele é meu amigo”.

A bota não é fácil de ser calçada: é preciso se sentar no sofá, vencer o elástico lateral, e ela faz isso com raiva, puxando com força, pisando, batendo o pé no chão. Ao lado, mãos na cintura, ele só quer entender por que razão ela está assim, tão furiosa, tão decepcionada, “era inevitável”, ele garante, ou ela imaginava que ele era um trouxa que acreditava nas mentiras que ela contava? “Não estou decepcionada”, ela responde, de pé, pegando o molho de chaves sobre a mesa e enfiando na bolsa que carrega a tiracolo.

Não adianta dar as costas, ela pensa, ele segue falando, e tudo vai ficando pior. Agora, diante do elevador, que demora para chegar, ele diz que conhece também Leandro.

“Meu chefe?”, ela pergunta, desta vez, com o rosto lívido.

Ele confirma.

Com o indicador apontado: “Você contou para o meu chefe sobre nós dois?”

“Para o Leandro?”

“Você contou?”

“O quê?”

Truques idiotas como aquele ela conhece muito bem. Quer tempo para pensar, quer inventar uma desculpa, ela pensa.

“O Leandro é um grande amigo”, ele afirma, abrindo um sorriso que mais parece uma careta.

“Babaca”, ela fala, quando entra no elevador, sem se importar com o que ele está dizendo.

De madrugada, ela acorda com o telefone tocando. É a quarta vez que aquilo acontece na semana: ao atender, só ouve a respiração do outro lado da linha. Durante a investigação de um sequestro, no passado, chegou a ser ameaçada. Já na primeira chamada, uma voz masculina perguntou se ela tinha apreço pela família. Foi exatamente a palavra “apreço” que resolveu o caso. Geralmente, o vocabulário de sequestradores é mais básico, e não foi difícil rastrear a ligação e encontrar o local onde o filho do empresário se escondia, simulando um sequestro. Houve outras ameaças. Ela nunca chegou a mudar sua rotina por conta disso, mas também é verdade que, desde que entrou na polícia, nunca mais se sentiu totalmente segura. Se acorda na madrugada, não consegue mais dormir.

Enquanto rola na cama, inquieta, chega a pensar que é pênis descartável quem anda lhe telefonando no meio da noite. Teria o telefone da sua casa?

É nesse momento que pula da cama decidida a trabalhar no computador.

A página de Cayanne no Facebook tem 12.108 acessos, são centenas de fãs parabenizando-a pela “vitória”. Pelas mensagens ali expostas, ela tem a impressão de que não estão falando do mesmo episódio a que assistiu na porta do presídio. Cayanne também está exultante porque “bombei na internet”, ela diz, listando os 127 links com matérias a seu respeito. Num deles, alguém diz que “Cayanne foi inovadora em termos de reality show, porque não fez o que todas fazem para chamar atenção, não se confessou homossexual, não admitiu bulimia, nem teve ataques histéricos.”

Nada disso, ela pensa. Ela simplesmente “atuou” como suspeita de um crime.

É no blog Sarados e Saradas, entre os 322 comentários postados sobre a reportagem – cujo título é “A garota perigosa sai da jaula” –, que algo lhe chama a atenção. Não é exatamente o que o internauta escreve que lhe interessa, mas a imagem que ele usa como identificação visual: uma pequena aranha estilizada, amarela, sobre o fundo negro. Onde será que ela viu aquela imagem?

Pega o telefone e liga para Quá-quá. “Você está no computador?” “Porra”, ele diz, “não é meu dia de plantão. Estou dormindo.”



“Você tem como saber quem é um internauta por um comentário que posta na rede?”

“Teoricamente sim.”

“Então vai para um computador. Anota o que vou te passar.”

Minutos depois, Quá-quá liga:

“Você não precisava ter me acordado, ele mesmo já se identificou.”

“Não estou vendo nada.”

“Se você clicar na aranha abaixo, vai dar na página dele no Facebook.”

Ela ainda se sente um ogro, quando se trata das novas mídias. Num clique, alcança o perfil do usuário: Djavan Pereira Barroso, 28 anos, modelo e ator.

Não deve estar fazendo muito sucesso, ela pensa, enquanto vasculha o arquivo do rapaz, com fotos que parecem mais adequadas a sites de prostituição. Há também fotos de Djavan treinando jiu-jítsu numa academia. Ali está a aranha novamente, com o logo da empresa. Onde ela viu aquela aranha antes?

Dando um google em imagens, ela consegue o nome da academia: Yellow Poison. Endereço: avenida Angélica, 365. Nada do que está descobrindo esclarece sua dúvida.

Só duas horas mais tarde, depois de correr três quilômetros na esteira ouvindo o segundo ato do *Il Trovatore*, é que a lembrança lhe vem. Ela desliga o chuveiro sem nem mesmo acabar de se enxaguar e vai correndo telefonar para Olga.

“O meu estômago vai ficar desse tamanho”, explica Jair, mostrando o punho esquerdo fechado para Tenório, que acaba de chegar.

A notícia de que finalmente o hospital São Gervásio chamou o fotógrafo pericial para realizar a cirurgia bariátrica já se espalhou pelo departamento, e Azucena já está perdendo a paciência com tantas interrupções dos colegas que aparecem para parabenizar. “Estamos trabalhando”, ela diz a todos que entram ali.

Desde bem cedo está sentada defronte ao computador de Jair, tentando finalizar sua pesquisa.

Tenório diz: “É capaz desses médicos acharem um pinto aí no meio dessa geleia toda”, ele brinca.

“Pode deixar. Se acharem, eu aviso sua mulher”, responde Jair.

Logo que ficam a sós, Jair volta a mexer no arquivo. Ainda demora uns dez minutos para ele encontrar a imagem: “Acho que é isso que você está procurando.”

“Isso mesmo!”, ela responde. “Tem como mexer nessa foto?”

A imagem, colocada no centro da mesa de Leandro, é conhecida de todos ali e tem baixa qualidade: mostra alguém de costas, de boné e mochila. Ela foi retirada do material gravado pela câmera instalada no corredor de acesso ao camarim do Fábio.

“Vejam isso”, diz Azucena apontando para a mochila, onde há o desenho do que parece ser um olho estilizado, com longos cílios.

“Sempre pensamos nesta figura como sendo o boy que pegou os cartuchos na empresa do pai do Cláudio”, ela diz.

“Teve neguinho que queria me convencer que era o André. Lembra daquele cara que apareceu aqui dizendo que tinha matado o ator?”

“Mas cadê a aranha?”, pergunta Tenório.

“Aqui”, diz Jair, colocando uma segunda folha sobre a mesa, com a mesma imagem retrabalhada no computador. Agora, a aba da mochila está fechada e o desenho do que parecia um olho ganha uma parte simétrica invertida de tal forma que o que se vê é uma aranha hexagonal.

“Caceta!”, exclama Tenório, quando Azucena coloca as outras imagens que trouxe impressas de casa.

Leandro está perplexo: “Como você chegou nisso?”

“Cruzando informações”, ela responde, explicando que a ideia lhe ocorreu durante a madrugada, depois de ver um material na internet sobre Cayanne.

“Djavan Pereira Barroso”, ela diz, “é o nome dele. Acho que é um garoto de programa. Ele postou um comentário numa matéria sobre a Cayanne. Agora o melhor: a aranha é o logo de uma academia de jiu-jítsu da avenida Angélica chamada Yellow Poison. Fábio treinou ali durante algum tempo.”

“Fábio fazia jiu-jítsu!”, exclama Tenório.

“Confirmei a informação com Olga. É a mesma academia. Yellow Poison.”

“Caceta”, diz Tenório. “Caceta. Caceta. Caceta.”

“Sou eu”, diz Giulia.

Ela imediatamente reconhece aquela voz infantil.

“Preciso falar com você”, continua a garota, entre soluços.

São quase três da manhã. Azucena ajeita o travesseiro, e se endireita na cama, apoiando as costas na cabeceira. Diz: “Se quer falar comigo, para de chorar.”

A menina funga, assoa o nariz, e faz uma pequena pausa antes de dizer com a voz embargada que está fazendo -17° em Boston.

Silêncio.

“É verdade que papai está tendo um caso?”, ela quer saber.

“Pergunte para ele.”

Silêncio.

“Está nevando”, diz Giulia, agora com a voz firme. Conta que, da janela do seu dormitório, vê o campus da universidade coberto por três palmos de neve. “Só de colocar a cabeça para fora, sinto aquela dor na testa, de quem toma sorvete muito gelado, sabe?”

No espelho em frente à cama, Azucena se vê com o telefone na orelha, a cara amassada e uma expressão de empáfia que deixa sua boca caída, como se fosse uma velha. De repente, isso a incomoda. Nunca gostou das pessoas que vivem magoadas, e ali está ela, a mágoa em pessoa, com sua cara fechada, seu silêncio de pedra e a boca caída de uma senhora ranzinza.

Giulia conta que acabou de fazer uma bateria de exames na universidade e que seu inglês está tão bom que não precisaria

necessariamente cursar o módulo final. “É uma unidade para os chineses e japoneses que querem melhorar a pronúncia.” Conta que Boston é linda e o inverno, um pesadelo. Que tem amigos, gente de lugares como Uzbequistão, de onde ela nunca ouviu falar. Para pagar suas despesas extras, trabalha como babá para os filhos dos professores da universidade nos fins de semana. Tudo vai bem, ela diz, mas sente falta de casa e da família. Diz que pensa na mãe com saudade, mas que agora é mais fácil lidar com o fato de que nunca mais vai poder abraçá-la. “Porque morrer é natural”, ela diz. “Mas o que fiz com você”, continua, “é diferente.”

Silêncio.

“Quanto mais eu penso no que aconteceu, na maneira como agi, quanto mais o tempo passa, mais viva, mais recente, mais absurda fica esta história. Você entende isso?”

Não, ela não entende. Para ela é outra coisa. Com Sorengo é fácil: ela se sente na obrigação de competir com o ex-marido e isso faz do seu ódio um sentimento renovável a cada dia. Por vezes, seu ódio aumenta por outra razão: sente-se bem por ser livre, por não ter que cuidar da borra da maternidade, o que resulta em mais culpa, e ela debita isso também na conta de Sorengo. Já Giulia é um fantasma. Faz parte de um grupo de pessoas que vivem numa realidade paralela. Pessoas vivas para o mundo e mortas para ela.

“Você ainda está me escutando?”, pergunta Giulia.

“Estou”, ela diz.

“Eu sinto sua falta. Sinto falta de casa.”

“O que você quer que eu diga?”

“Será que você vai me perdoar um dia?”

Silêncio.

“Alô? Você está aí?”, insiste Giulia.

“Fale, estou escutando.”

“Posso voltar? Você me paga a passagem?”

Ela suspira, sentindo sua pulsação acelerar. Não quer passar o resto da vida com aquele peso nas costas. Além do mais, sua conta no banco já está no vermelho. Que diferença vai fazer se aumentar um pouco mais a sua dívida?

Ela pensa em mudar de estação, já ouviu todo tipo de teoria sobre violência nos últimos meses, circuitos de ódio, rombencéfalos desprogramados, transtorno de personalidade antissocial, a lista de temas que infesta programas jornalísticos como aquele é imensa. *A cem metros, virar à esquerda*, sinaliza o GPS.

O trânsito está pesado. Ela sai da avenida e vira à esquerda, tentando fugir do congestionamento. No rádio, a jornalista estica os erres para perguntar ao entrevistado se o aumento da violência tem a ver com o destaque que a imprensa dá ao assunto. *Na próxima rua, virar à esquerda*. O sociólogo não concorda: isso é uma tautologia, ele diz, afinal quem vem primeiro: o ovo ou a galinha?

O desdentado que se inclina sobre o para-brisa do seu carro com um pano sujo recebe um “não” bem claro como resposta. Na sua opinião, falta substância ao debate. “Não”, ela repete para o moço lá fora, desta vez mais enfática, como se falasse com uma criança. O sociólogo, no rádio, foca no caso do garoto de 12 anos que matou uma grávida, para depois cair de quatro na armadilha da generalização: nossos assassinos são crianças, ele afirma. O farol abre, ela arranca. Daqui a pouco, diz o intelectual entrevistado, daqui a pouco vamos ser como a Uganda, a Farc, os grupos extremistas: teremos um exército de milicianos pirralhos. *A 200 metros vire à direita*. Na época em que entrou para a universidade, explica o homem, o fenômeno da criminalidade não tinha nada a ver com diversão de pré-adolescentes, era algo que pertencia ao mundo dos adultos. Além disso, continua, havia um acordo tácito entre os batedores de carteira, os trombadinhas, os ladrões e até mesmo os matadores de aluguel, não se matavam mulheres grávidas, não se matavam crianças. *Virar à direita*. Esse é o grande diferencial da epidemia corrente, ele diz, infantes assassinos. Vítimas recém-nascidas. *Virar à direita*. Agora matamos bebês, ele repete três,

quatro vezes. Aos 10, 12 anos já estamos armados, prontos para matar. Matamos criancinhas de colo, grávidas, cegos, idosos, agora é assim, o homicídio faz parte da nossa tenra infância. Que tipo de país é o Brasil, ele pergunta, que transforma seus meninos em assassinos cruéis?

Ela pensa que ele vai chegar a algum lugar, que vai culpar a pobreza, a expansão de círculos de ódio, ou o córtex frontal, mas parece que ele gosta mesmo é de lançar perguntas sem respostas. Uma, duas, três e ela desliga o rádio. *Você chegou ao seu destino.*

A rua é monocromática, repleta de enormes galpões que servem de garagem para empresas transportadoras. Estaciona o carro ao lado de uma delas, em cujo portão de metal corrugado alguém pichou: "Gerson eu nunca te traí." Assim começa seu dia.

Tenório já telefonou avisando que a viatura quebrou no caminho, e ela sabe que vai ter que esperar um bocado até que mandem outro carro.

Caminha uma quadra e a rua já tem outro aspecto: é familiar como qualquer alameda do interior, com o mesmo tipo de construção, os mesmos materiais, resultando na mesma feiura; muros, grades, carros da década anterior socados numa garagem minúscula. A chuva fina não chega a incomodar. Vai andando sem pressa, passa por uma gráfica, uma quitanda, um terreno baldio e um conjunto de casas geminadas até chegar ao número 25 da quadra seguinte, cujo portão está trancado com uma grossa corrente. O que vê através da fresta lateral é diferente de todo o resto. Um pequeno jardim bem cuidado, casa de concreto aparente, o tipo de caixote que os arquitetos sem imaginação costumam projetar. Do lado diametralmente oposto, outro caixote, porém menor.

Por um momento, pensa ter anotado o endereço errado, mas logo consegue fisgar na caixa do correio duas correspondências em nome de Djavan Pereira Barroso. Então é ali mesmo que mora o Yellow Poison do Facebook? Pelo jeito, não há ninguém na casa, ela conclui, ao notar que a correspondência é do dia anterior.

Ainda assim, toca a campainha. Pausa. Toca uma segunda vez, em vão.

Pegando impulso na mureta do vizinho, dá um salto ágil e cai dentro da propriedade. Caminha cautelosa entre os tufos de folhagens ornamentais, será que um dia, ela pensa, vai conseguir que alguma flor vingue no seu jardim esturricado?

Uma moto de 250 cilindradas está estacionada no fundo do terreno. Saca seu celular para fotografá-la e, na sequência, envia a imagem para o e-mail de Jair. “Veja se é a mesma que aparece no sistema de segurança do teatro.”

Na sequência, espia o interior da sala através da janela frontal. A cortina permite que se vislumbre a sala arrumada, sem nenhuma bolsa sobre a mesa ou o sofá.

Checa a porta de entrada, com fechadura simples, rodeia a casa, vê a cozinha pela janela de trás e se convence de que está sozinha. De volta à porta principal, retira da carteira o cartão de desconto do supermercado Olimpo, pensando que finalmente ele vai servir para alguma coisa. Vai enfiá-lo verticalmente na fresta, quando subitamente a porta se abre e um rapaz com cabelos molhados, exalando um perfume cítrico, surge a sua frente.

Não se trata de um homem bonito, ela vai pensar mais tarde, quando estiver no hospital. É mais que isso. É o que alguém chamou de “rosa da beleza”.

“Vejo que deixei o portão aberto”, ele diz, com um sorriso maroto.

“Sou Azucena, da Homicídios”, ela responde, mostrando sua credencial.

Ele sorri. “Djavan, muito prazer.”

“Toquei diversas vezes. Achei que a campanha estivesse estragada.”

“Entre, por favor.”

Nada se encaixa no que ela tinha em mente. Um rapaz vivendo com a mãe doméstica ou manicure, num cômodo alugado em Capão Redondo seria mais próximo do que imaginou. Do lugar de onde ela veio, a “rosa da beleza” não é masculina, e a virilidade é tudo. Homens bonitos como Djavan sempre lhe pareceram um terceiro gênero. É nisso que ela está pensando quando adentra a casa, com o ar aparvalhado. E também precisa de um tempo a mais – para vencer uma espécie de timidez que surge de repente, uma timidez

que tem a ver com a borbulha que apareceu no seu queixo, e o fato de ter pulado da cama atrasada, sem tempo para uma maquiagem básica – e notar que a casa é esquisita, com luz estroboscópica no teto e sofá que lembra a boca escandalosa dos Rolling Stones.

É ali que os dois estão sentados, ela comentando que acha curioso alguém colocar um chicote como enfeite de parede, ele ignorando ou fingindo ignorar que, tecnicamente, o que ela fez tem nome: invasão de privacidade.

“É mesmo um chicote?”, ela insiste, apontando para o objeto.

“Você gosta?”

Há um tom malicioso na voz do rapaz, que ela finge não perceber. “Prefiro cavalos”, diz. E depois: “Estou aqui para lhe fazer umas perguntas sobre Fábio Cássio.”

“Posso lhe oferecer um café?”

Sozinha na sala, ela consegue entender o que há de errado com o lugar. Não é uma casa. Não tem os aromas de uma residência, nem fedor, nem fragrâncias de produtos ou alimentos. Ninguém mora ali. Aquele é um local de trabalho. Da cozinha, ele fala com alguém ao telefone. Ela quer ouvir, mas o som da cafeteira abafa a conversa.

Ele volta com uma bandeja, café para ela, chá para ele. Prefere chá. “Já tenho muita adrenalina no sangue”, diz, “se tomo café fico doidão. Açúcar?”

“Puro”, ela responde.

“Você é como eu. Também não gosto de nada doce”, ele diz, olhando-a de forma direta, bem dentro dos olhos.

É isso mesmo? Está tentando seduzi-la?

Ele diz: “Achei estranho vocês não terem vindo antes.”

“Não foi fácil chegar até você.”

“Se soubesse disso, teria me apresentado. Estive com Fábio horas antes de sua morte. Fábio me ligou naquele dia, pediu para eu passar numa firma de segurança patrimonial...”

Ela o interrompe: “Concórdia.”

“Não me lembro do nome. Fiz o que ele pediu. Ele me pareceu meio perturbado. Peguei a encomenda e levei até o teatro. Se soubesse para que seria usada... talvez pudesse ter evitado.”

“Você não sabia?”



“Claro que não. Ele me falou que faria uma sessão de fotos para uma revista de moda, em que ia aparecer com um revólver numa mão e a bala na outra. Para divulgar a peça. Acreditei. Naquela mesma tarde eu viajei para o exterior. Só fui saber da tragédia alguns dias depois. Fico feliz que o caso já esteja resolvido.”

Não são muitas as maneiras de um suspeito se relacionar com a polícia. Depois do tipo sabe-com-quem-está-falando, o tipo colaborador, o tipo dissimulado, o tipo foda-se é o mais recorrente. Por enquanto, ele não se encaixa em nenhum. É mais que colaborador. Menos que o dissimulado. Ansiosamente simpático, ela pensa.

“O caso não está resolvido. Por isso estou aqui. Quero que me diga mais sobre sua ida à Concórdia.”

Neste momento, uma caminhonete entra de ré, passando pelo jardim, e estaciona no fundo da casa, fora do campo de visão dos dois. Alguém sai do carro, ela ouve o ruído dos passos sobre os pedriscos junto à porta da cozinha.

“É meu irmão”, ele diz. “Continue, por favor, como posso ajudar?”

“Concórdia”, ela repete.

“Já disse tudo. Fiz um favor. Fábio treinava comigo, de vez em quando, na Yellow Poison. A gente acabou ficando chapa.”

“Temos motivos para acreditar que você esteja envolvido.”

Ele não reage. Na verdade, parece bem tranquilo, os braços abertos sobre o sofá. Ela está sentindo dificuldade para se concentrar, como se alguma coisa paralela estivesse acontecendo.

“Na hora que ele morreu, eu estava viajando. Para Miami. Se mexer na minha papelada, devo ter até o *boarding pass*.”

“Gostaria de ver. Desde quando vocês eram amigos?”

“Há algum tempo. Três, quatro anos. Gostei das suas botas”, ele diz.

“O quê?” O barulho lá fora a incomoda. O que está se passando ali?

“Suas botas”, ele repete.

Ela olha para os próprios pés. Suas botas estão sujas. Algo não está bem na sua visão.

“Você ficaria melhor com um modelo mais feminino.” Ele tem uma maneira de falar, de olhar por cima, como se estivesse no topo, ela nota. De repente, toca o joelho dela, como se fosse um gesto natural. “Essas botas”, ele diz, e ela nem ouve o resto. Esse é o problema do terceiro gênero, ela pensa. É tão solidamente convencido da sua superioridade que acaba conseguindo fazer com que você se sinta envergonhada por causa de suas botinhas ordinárias. Ela sente a boca seca, quer que ele se cale, vai se levantar e ver o que está acontecendo lá fora, porque definitivamente algo se passa lá fora. No carro. Ajeita-se no sofá, tentando espantar uma certa sensação de torpor que a invade.

“Esse carro...”, ela diz, apontando lá fora, e então tudo vacila, como se uma onda interior, uma onda negra a levasse para um mundo dentro dela mesma. Ela tem que fazer uma força enorme para vir à tona, ouvindo uma gargalhada, ou é o carro lá fora que acelera? Com dificuldade, como se houvesse areia na sua língua, como se as palavras estivessem grudadas no palato ou nas amígdalas, e ela fosse obrigada a espirrá-las, diz: “Você encomendou aquelas balas. Não foi o Fábio que fez isso. Foi você. Temos registros. Ninguém tem dúvidas sobre o que fez com aquela munição”, ela diz, sentindo mais uma vez a onda engolfá-la. Com um frêmito de terror, ela tenta se erguer, mas nem sabe onde foram parar suas pernas. Só tem tempo de perguntar o que ele colocou no café antes que tudo se apague ao seu redor.

Tenório tem vontade de gritar, de abandonar a viatura, há quase duas horas e meia enfrenta o trânsito pesado da cidade. Liga a sirene, coloca a cabeça para fora, bate com força na porta, e não sai do lugar. “Há dez anos”, ele diz para Leandro, sentado no banco de trás com Jair e Vininho, “há dez anos você ligava a sirene e o Mar Vermelho se abria para o povo de Moisés. Hoje qualquer carro já tem sua sirenezinha embaixo da manga para se safar do trânsito, e o resultado da multiplicação das sirenes”, ele diz, “deixa os motoristas assim, sem urgência, lentos para abrir espaço. É uma

bosta de cidade”, ele diz, “sem solução, só demolindo tudo e construindo outra.”

Ainda levam meia hora para sair da avenida. “Delta-Lunar-Golfe, na escuta?”, chama o rádio.

“Não aguento mais o som dessa merda”, ele diz, “não posso assobiar e chupar cana”, responde no aparelho.

Quando dobram a esquina, Jair avisa que estão na rua certa. “Vai devagar.”

Tenório: “Quando é que a prefeitura vai obrigar neguinho a colocar o número do imóvel de forma visível?”

Há um automóvel estacionado mais à frente.

“O carro dela é aquele ali”, diz Jair.

A viatura para, Leandro salta e vai até o veículo. Depois, checa a numeração das garagens.

“Porra! Atende!”, exclama Tenório ao telefone.

“Já liguei duas vezes, ela não está atendendo”, diz Jair.

O delegado volta para a viatura, bate a porta.

“É mais para frente”, ele diz.

“Deve ser ali, onde está aquele carro”, aponta Jair, indicando uma caminhonete na quadra seguinte, cuja traseira ocupa parte da calçada. Djavan está dentro da caçamba, ajeitando algumas caixas de papelão. Ao volante, o motorista, atento à viatura, dá partida. Djavan dá um salto e se enfia no carro.

“Putá merda! O bonitão é o nosso homem”, grita Tenório, ligando a sirene.

A Toyota arranca em velocidade.

“Me deixa aqui”, diz Leandro.

Tenório apenas reduz a marcha, e o delegado desce. Ele ainda vê Tenório dobrando a esquina atrás da Toyota, antes de entrar na casa, confiante de que a perseguição não será longa. Ninguém vai muito longe no trânsito de São Paulo.

A foto em que ele pisa é de uma menina que não deve ter mais de 8 anos. Há mais três espalhadas pelo chão: garotas e rapazes

fazendo caras e bocas. Cauteloso, com a arma na mão, avança, imaginando o tipo de material que a Toyota levou.

Ao ver a arma de Azucena sobre a mesa, sente um frio na espinha. Uma xícara está caída no tapete, mas Leandro não ousa mexer em nada, quer preservar o local para a perícia.

Devagar, protegendo as costas, entra no escritório, onde há uma mesa com as gavetas reviradas. Do computador, só restam o teclado e a tela. Há ainda pastas vazias, caídas no chão.

Na cozinha, o que lhe chama atenção é um vidro de éter, embaixo da pia. Mais uma vez, é tomado por uma sensação ruim, que faz seu coração pulsar acelerado. Em seguida, atravessa a sala e sobe a escada que leva ao segundo andar, onde há três portas fechadas. As duas primeiras levam a quartos parecidos, com cama redonda, espelhos e câmeras instaladas em pontos estratégicos.

Ao abrir a terceira porta, subitamente estremece com a visão: Azucena, nua, está submersa na banheira, apenas a cabeça para fora da água. É preciso deixar a arma no chão para retirá-la da água e colocá-la sobre o piso de ladrilhos. Depois de checar seu pulso, ele pede socorro pelo rádio.

No asfalto esburacado, a velha viatura chacoalha, quica, vibra, até deixar parte do escapamento numa valeta. Um garoto de bicicleta tem que se jogar na calçada para não ser pego. A longa ladeira que acaba na avenida Paulo Carneiro é a única chance que Tenório tem de se aproximar da Toyota. Ele esmurra o console, grita, vitupera, como se isso ajudasse na velocidade.

Quando a Toyota faz a curva à direita, ignorando o sinal vermelho, um veículo que vem pela avenida freia bruscamente e é atingido na parte traseira.

Os policiais ouvem o estrondo antes mesmo de entrarem na avenida, e Jair pensa que está ocorrendo um engavetamento.

“Caceta, olha aquilo!”, grita Tenório, quando faz a curva.

Logo à frente, a Toyota está abraçada ao poste de eletricidade, prestes a cair. O capô do carro praticamente se partiu em dois.

“Putá que o pariu”, ele diz, desligando a sirene. “Pede ajuda pelo rádio, Jair.”

Quando Jair sai da viatura, poucos minutos depois, já existe uma pequena multidão ao redor de Tenório. Pastas e papéis estão espalhados por toda parte.

“Estão mortos”, ele ouve alguém dizer.

O fotógrafo empurra os curiosos para abrir espaço. Algumas pessoas já têm nas mãos fotos de mulheres nuas. Ouve claramente alguém dizer a palavra “pedofilia”.

“Temos que tirar o material daqui”, diz Tenório, quando ele se aproxima. “Antes que chegue o resgate.”

À noite, a enfermeira pergunta: “O senhor quer que eu coloque um lençol no sofá?”

“Não”, diz Leandro, “só vim ver se ela está bem.”

A mulher remove a cânula da embalagem de soro quase vazia para reconectá-la à nova. Confere a temperatura e a pressão de Azucena e diz antes de sair: “Ela não vai acordar tão cedo.”

“Obrigado, só vou ficar mais um pouco.”

Sozinho, aproxima-se mais da cama. Tem vontade de tocar-lhe o rosto. Não consegue esquecer as imagens que Jair recuperou da câmara de Djavan. Até aquele dia, pensava que a pior coisa que poderia acontecer a um agente era perder um companheiro numa operação. Agora sabe que há algo mais desestruturador. Mais humilhante. Num outro contexto, o problema seria apenas dela. Ele nem ficaria sabendo. Mas, da forma como aconteceu, ele também se sente atingido. É como se aquela violência fosse um ato de vingança. Não foi apenas uma mulher que foi humilhada. Foi uma mulher da corporação. Uma mulher que está sob suas ordens. Queria ter chegado a tempo e podido evitar.

No quarto ao lado, alguém tem uma crise de tosse. Ainda fica alguns minutos observando Azucena dormindo, o corpo pequeno agarrado ao travesseiro. O cheiro adocicado de perfume que ela normalmente emana foi substituído por outro, uma mistura de álcool e antisséptico. É aquela tez que o impressiona. Uma brancura

tamanha que chega a brilhar no momento em que ele apaga a luz para ir embora.

No dia seguinte, ela acorda assustada com o barulho da porta se abrindo. Leandro está chegando, mãos nos bolsos, um sorriso precário no rosto. Ela demora alguns segundos para entender que está no hospital. Fecha os olhos. Não se lembra de nada, mas agora consegue sentir cada parte de seu corpo, não está mais anestesiada por nenhum tipo de droga. Não é difícil entender o que aconteceu.

“O médico já assinou sua alta”, ele diz. “Como está se sentindo?”

Você foi negligente. Você caiu como uma pata no velho golpe Boa-noite, Cinderela. Ela não quer ouvir nada daquilo, por isso fecha os olhos.

Ele diz: “Encontramos uma alta dosagem de Dormonid na amostra do café.”

“Não precisa me explicar. Eu sei o que aconteceu.”

Pausa.

Ele diz: “Telefonei para sua casa, inventei que você foi escalada para uma operação especial. Não quis assustar seu pai.”

Agora ela já está de pé: “Ele, ao menos, foi pego?”

“Morreu na fuga. Enfiou o carro num poste. Apreendemos muito material. Tanto no veículo quanto na casa.”

Outra pausa. Uma leve tontura faz com que ela se sente na cama novamente. E então, com os olhos fixos na janela, diz que quer saber exatamente como tudo aconteceu.

Ele já pensou muito no assunto. Conversou com Tenório, com Jair, aventou a possibilidade de não lhe mostrar nada. Mas sabe que não é justo. Por isso, retira o envelope que traz no bolso e lhe entrega, antes de ir para a janela. Não quer constrangê-la. Não quer ver como ela reage enquanto conta que aquelas fotos estavam na câmera de Djavan, junto com o que foi recolhido no local do acidente.

São oito fotografias, sem nenhum apuro técnico. As mais chocantes são as de sexo oral. Ninguém diz que ela estava dormindo ao ver sua boca enterrada no pênis daquele homem que ela nem

sabe quem é. Em outra, ela aparece escarrapachada na cama, o rosto bem visível, sendo montada pelo mesmo homenzinho.

“Quem é?”, ela pergunta, evitando olhar para ele.

“Proprietário da academia Yellow Poison. Morreu no acidente, junto com Djavan.”

Ela permanece em silêncio.

“Ele estava chantageando Fábio. Você também seria chantageada.”

Leandro continua: “Todos os cuidados foram tomados pelos médicos. Está tudo bem”, ele diz. “Não se preocupe.”

Ela sabe do que ele está falando. Pílula do dia seguinte, exames de HIV e Hepatite C. Pergunta: “Onde estão minhas roupas?”

“Você não precisa voltar ao trabalho. Coloquei toda a sua equipe no caso. Conseguimos muito material. Já estamos adiantando alguns laudos. Tire alguns dias.”

“Por favor, peça para trazerem minhas roupas. Quero sair daqui”, ela insiste, indo direto para o banheiro.

Toda a equipe está trabalhando no laboratório do terceiro andar, em volta da grande mesa forrada de azulejos.

Faz-se silêncio, quando ela entra, seguida por Leandro. É impossível não se sentir como uma viúva recebendo os pêsames no momento em que os colegas vêm abraçá-la. Seja forte, sinto muito, conte comigo, eles dizem. Na verdade, ela pensa, não é o estupro em si que causa tanta comoção. O que seca sua boca, e faz seu coração disparar, o que deixa todos ali espantados é que ela caiu numa armadilha na qual só velhas bichas caem. Parece que pode até ouvir o que seus colegas estão exclamando secretamente em coro: Boa-noite, Cinderela, uma desonra quase tão insuportável quanto a própria violência sexual. E imaginar que aquelas pessoas viram aquelas imagens, vislumbrar o que foi dito às suas costas – e muito foi falado, ela sabe – quase faz com que dê meia-volta. Mas aceitar o papel de vítima é tudo o que não quer.

É esse o seu espírito, quando o delegado pede a colaboração de todos para que o inquérito de Fábio Cássio possa ser concluído em 24 horas. “É um pedido do secretário de Segurança. Ele está a par

dos últimos acontecimentos. Daremos uma coletiva amanhã às 11 horas.”

Depois que Leandro deixa a sala, Tenório se aproxima: “Eu devia ter seguido minhas velhas regras: quando um caso começa a ficar complicado demais, é que tem cu no meio.”

Está tentando ser engraçado? Não funciona, ela não tem a menor vontade de rir. Na verdade, detesta quando o perfil da Homicídios é escancarado daquela forma: homofobia, machismo, intolerância. Às vezes, tem a impressão de que trabalha num boteco ordinário, cheio de gente boçal.

“Por favor, quero começar com as peças mais relevantes”, diz, sentando-se à cabeceira.

O elo que falta, ela conclui, depois de ver o trabalho da sua equipe, deveria estar no computador de Fábio Cássio. No entanto, nada foi encontrado no hard disk do laptop apreendido em sua casa. “Ele deve ter outro computador”, ela diz para Tenório.

Ao telefone, Olga confirma a informação. No próprio dia em que Fábio morreu, ela diz, o filho do zelador passou na casa do seu filho para pegar o computador velho de Fábio. “Fui eu mesma que entreguei.”

“Vou lá”, diz Tenório. “E só volto para esta delegacia depois que conseguir esse computador.”

Ela quase não acredita: são seis da manhã e todos os laudos, inclusive os do velho computador de Fábio, estão prontos. Algo praticamente impensável na rotina do departamento. Pela primeira vez, desde que entrou na Homicídios, pôde contar com a colaboração de toda a equipe, secretárias, assistentes, muita gente varou a noite com ela, pessoas que nem estavam de plantão, gente que apareceu espontaneamente para somar esforços. Não consegue deixar de pensar que foi preciso que ela fosse dopada e estuprada para conseguir avaliar o quão eficiente pode ser seu departamento.



Não foi uma noite fácil. Vomitou três vezes. “Você está exagerando no café”, comentou Tenório. Sua vontade foi a de gargalhar. Depois de tantos anos na Homicídios, nem a contagem de cadáveres empilhados faz com ela passe mal. Já a exploração de crianças coordenada por Djavan é capaz de fazer vir à tona sua segunda natureza. Quando se trata de pedófilos, toda sua ideia de justiça cai por terra. Meninas de 5, 6 anos. Um bebê, praticamente, 3 anos? Não queria que aqueles homens tivessem seus corpos raspados antes de serem entregues a celas superlotadas de haitianos que estão mofando nos presídios. Na verdade lamenta que eles estejam mortos. Gostaria de ter podido matá-los com sua própria pistola. Pensar em como faria isso, pensar tecnicamente em tipos de execução lhe dá uma sensação rápida de alívio. Como um mergulho em água fresca de cachoeira, num dia de verão escaldante.

Seus planos imediatos são um banho quente e uma cama confortável. No entanto, sabe que é impossível ir para casa e voltar a tempo de fazer a reunião com o delegado, antes da coletiva de imprensa.

Pega a sua bolsa, toma um táxi e salta na rua Augusta. Entra numa loja de roupas femininas e compra uma calça jeans, uma camiseta branca, calcinha e sutiã. Na farmácia da esquina compra xampu, desodorante, pasta e escova de dente. Depois anda duas quadras e se registra num pequeno hotel perto da Paulista. A primeira coisa que faz, ao entrar no quarto, é ligar para o pai. Nem ele nem Ana sabem que Giulia aterrissa no dia seguinte, e é preciso garantir que todos estejam presentes quando ela chegar com a irmã. Quem atende o telefone é Ana: “Papai não dormiu em casa esta noite. Sabe, esta história está me deixando louca. Ontem, ele pediu para o Ricardo comprar Viagra para ele, e o pior é que o Ricardo comprou.” As duas riem.

“Amanhã cedo tenho uma surpresa para vocês”, ela diz. “Segure o papai em casa.”

Desliga o telefone, tira a roupa e se enfia embaixo do chuveiro. Com os braços apoiados na parede, sente a água bater nas suas costas, tépida. Não quer pensar em nada, mas não há como evitar.

O que aconteceu de errado, afinal? Por que baixou sua guarda? Ela sente contrações no estômago, ao pensar que ficou enfeitiçada por aquele menino. No fundo, foi isso. Claro que ele a viu pular o muro. Claro que ele sabia que o portão estava trancado. Um esquema como aquele exige um chefe de prontidão. E ele estava de prontidão. O telefonema que ele deu na cozinha, enquanto preparava o café, foi para o Yellow Poison. Eles ainda tiveram tempo de retirar o material mais comprometedor da casa, de dopá-la, de tirar aquelas fotografias com ela, antes que sua equipe conseguisse chegar. Não se lembra de nada, e talvez por isso não se sinta suja, como acontece com as mulheres que passam pela perícia na sua situação. Foi como se a tirassem da tomada. Ela estava ali sentada no sofá, impressionada com a beleza daquele rapaz e de repente, puf, acabou. Será que Djavan também dopava as crianças antes das fotos? Certamente, não. Dá quase para ouvir os gritos de desespero daquelas crianças. Certamente as atraía para casa com alguma promessa. Pensar que, naquele momento, um bando de homens doentes se diverte com as imagens que passaram por sua mão, só aumenta sua vontade de usar a sua arma.

Ao sair do banho, aciona o alarme do seu telefone para duas horas mais tarde, e se joga na cama. Dorme pensando nisso: há mais gente no esquema de Djavan. Muito mais. Ela vai pegá-los um por um. Algum dia.

Quando ela entra na sala do delegado, Tenório está agachado junto à janela, escondendo o cigarro na palma da mão direita e exalando a fumaça através do vitrô mais baixo, o único que se abre com facilidade. No outro canto do escritório, de joelhos, Jair tenta encaixar o plugue do seu laptop na tomada, parcialmente ejetada de um buraco suspeito, repleto de fios podres.

“Você está bem?”, pergunta Leandro.

Ela conhece aquele tom. Da última vez que foi tratada daquela forma estava grávida; e aquilo que aconteceu antes de ontem – e que ainda lhe parece irreal e absurdo – não tem nada a ver com a aristocracia biológica que é a gravidez. Portanto, aquele tom cerimonioso e olhares estatelados só fazem com que ela se sinta um coelho num teste de laboratório. Vai conseguir acionar a alavanca da água depois de tomar um choque elétrico? É isso que querem ver. Como o veneno se espalha e vaza do seu corpo, o que destrói pelo caminho, como as células são asfixiadas e mortas. Eu estava dormindo, tem vontade de gritar. Tem vontade de dizer: não fiquei aleijada. Diz finalmente: “Podemos começar.” Coloca sobre a mesa uma pasta grossa, de onde retira uma foto, onde se vê Djavan mal-ajambrado dentro de um terno que possivelmente pertenceu a alguém com dez quilos a menos, no fundo de um palanque político.

“Quem é esse?”, pergunta Leandro, referindo-se ao homem no centro do palanque.

“Vereador Cândido Araújo. Morreu de overdose há quatro anos e meio. Mas bem antes disso conheceu Djavan numa boate em Salvador. Com ajuda desse político, Djavan veio para São Paulo e montou um site de relacionamentos chamado Caramelo e rebatizado recentemente de estounapista.com. Você tem aí, Jair?”

O fotógrafo ainda se recupera do esforço de ter içado o próprio tronco com seus meniscos arrebatados; bufa e transpira enquanto

posiciona o laptop de modo que todos possam enxergar a tela. “Encontre sua cara-metade”, está escrito no topo da página, ao lado do logo da empresa: duas meias maçãs mordidas formando um coração, de onde “saltam” loiras com grandes tetas e bocas que parecem bico de pato.

Ela continua: “A cafetinagem eletrônica foi para Djavan o que a maconha é para certas pessoas: uma porta de entrada para drogas mais pesadas. O site fisgava clientes, cujos encontros sexuais na casa onde fizemos a diligência eram registrados, sem autorização, claro, com câmeras eletrônicas camufladas. Com esses registros, Djavan chantageava não apenas os clientes, mas as próprias meninas que trabalhavam para ele. Muitas eram estudantes e só faziam programas eventuais. Com a chantagem, ele as mantinha no catálogo da empresa pelo tempo que precisava. Havia também uma oferta de rapazes. Mas em número menor.”

Leandro quer saber como Djavan e Fáblio se conheceram. Ela explica que foi pelo site. “Além de cafetão, Djavan também se prostituía com clientes que considerava especiais. Você está com o depoimento da Cayanne, Tenório?”

O perito se ajeita na cadeira, consulta os papéis que estão diante de si, separa algumas folhas, volta a juntá-las, e mais uma vez a separá-las, sem pressa.

Azucena adianta: “Ontem chamamos Cayanne para esclarecer algumas questões que surgiram durante a análise do material apreendido. Achou, Tenório?”

“Achei. O lance é o seguinte. Veja como é dura a vida de celebridade. O cara está lá em cima, nos píncaros do Ibope, vendendo toneladas de margarina, e então o que acontece?”

“Cronologia”, ela diz.

Tenório: “Já chego lá. Este detalhe é importante: desde o dia em que ficou sabendo que foi escolhido para ser o galã da novela *A ferro e fogo*, Fáblio simplesmente deixou de funcionar sexualmente. É isso o que diz Cayanne. Parece que ficar famoso e ganhar um monte de dinheiro não é afrodisíaco.”

“Leia a parte do bônus”, diz Azucena.

“Vou ler, calma. Há dois anos e sete meses, Cayanne e Fáblio decidiram buscar soluções heterodoxas para o problema matrimonial e contrataram Djavan pelo site. Marcaram um encontro num stripper bar, estou lendo: ‘Um lugar muito doido, com show de sexo ao vivo que parecia uma mistura de malabarismo e aula prática de kama sutra. Ficamos conversando e bebendo cerveja, bebendo cerveja e dando risada até Fáblio ficar totalmente de porre e contar para Djavan sua fantasia: me ver transando com outro cara. Veja bem, era um lance terapêutico, pelo menos na minha cabeça. Era uma tentativa de consertar nosso casamento.’”

“Djavan fotografou os dois?”, pergunta Leandro.

“Não, escuta”, diz o detetive. Volta a ler: “O lance rolou na nossa casa, e não foi legal. Eu estava tensa, e eles também. Achei que a coisa ia parar por ali, mas, uns quatro dias depois, chego em casa e Djavan está lá, bebendo com Fáblio, e assistindo ao futebol. Não gostei. A gente tinha combinado que só faria aquilo uma única vez, e de repente estão os dois ali? Chamei o Fáblio no quarto e mandei ele despachar o cara. Fáblio começou com um papo estranho de que tinha ficado amigo dele, gostei do cara, ele disse, o cara é legal, é inteligente, não está aqui para transar com ninguém, ele é meu amigo. Fiquei besta, o que deu em você?, perguntei. Que lance mais doente, eu disse, que doideira, você me faz transar com um garoto de programa e depois traz o cara para casa e me diz: somos amigos! Quebramos o maior pau, e para piorar tudo, no dia seguinte, quando voltei para casa – sim, eu dormi fora de casa naquela noite –, notei que minha câmera fotográfica tinha sumido, e não foi difícil concluir quem era o ladrão. Sou um pouco desligada, perco muitas coisas, perco óculos de sol, chave do carro, de casa, e Fáblio foi logo dizendo que eu havia largado a máquina em algum lugar. Acontece que não sou desencanada a ponto de perder uma Cannon profissional. Só podia ser o Djavan. Falei para o Fáblio: nunca mais esse cara põe os pés nesta casa. Tempos depois, na mesma semana que Fáblio ganhou um bônus de Natal da Rede Espetacular, começamos a receber cartas anônimas pedindo 50 mil reais – o valor exato do bônus – para que nossas fotos não fossem publicadas na internet. Que fotos eram estas? As da minha câmera! Fotos da

nossa intimidade, que foram tiradas em momentos de curtição. Só então Fábio sacou que eu tinha razão em relação a Djavan. Eu queria chamar a polícia, não me importava nem um pouco se nossas fotos íntimas vazassem. Mas Fábio não quis. Morria de medo do que os outros iam pensar. Pagamos o resgate, assunto encerrado. Não tenho provas de que foi Djavan o chantagista. Mas para mim, só pode ter sido ele. Nunca mais tivemos qualquer contato com este rapaz.”

Uma pasta contendo a troca de e-mails entre Djavan e Fábio é entregue a Leandro. Ele folheia o material: “Fábio tinha um hotmail?”

Azucena responde: “Foi novidade para nós também. Conseguimos recuperar o arquivo deletado de um velho computador que Fábio havia dado de presente para o filho do zelador. Ali, encontramos uma conta hotmail, provavelmente secreta, certamente para que Cayanne não soubesse de seus encontros com prostitutas, que Djavan agenciava. Encontramos também as tais fotos do casal da câmera de Cayanne. Fábio nunca acreditou que Djavan tivesse roubado aquelas fotos. Ele achava que tinha sido vítima de um hacker. Por isso, ao contrário do que dizia para Cayanne, manteve contato com Djavan, inicialmente para comprar drogas. Às vezes, Fábio comprava cocaína para amigos e, em algumas ocasiões, grandes quantidades, talvez para festas.”

“De onde vinha essa droga?”, pergunta Leandro.

“Da Yellow Poison”, diz Tenório, indo para a janela acender outro cigarro. “É aí que a história começa a feder de verdade. Nós já sabíamos que a academia pertence ao rapaz que morreu no acidente com Djavan. Samuel, ele se chama. O que não sabíamos é que Samuel era irmão caçula do Pezão, lembra do Pezão? Traficante que cumpre uma peninha de 112 anos? Droga realmente não devia ser problema para eles.”

Azucena completa: “Quando o Djavan começou a treinar lá, estamos falando de três anos e meio atrás, Samuel já produzia material pornográfico para sites e revistas de pedofilia. Os dois se associaram, juntaram a fome com a vontade de comer.”

“Como Fábio entra nessa?”, pergunta Leandro.

“Como otário”, ela responde. “Sem a menor ideia da sujeira toda. Ele começou a malhar ali, por causa do Djavan, e ficou deslumbrado com o universo do *mixed martial arts*, garotos pobres da periferia que treinavam o dia todo e a noite dormiam num tatame ao lado das vassouras e baldes de limpeza, porque simplesmente não tinham para onde ir. Fábio até pensou em ficar sócio da Yellow Poison, e em três ocasiões emprestou dinheiro para Samuel.”

Ao dizer isso, ela entrega para Leandro o laudo com o resultado do cruzamento de dados de contas bancárias. “Note que Fábio retirava dinheiro das aplicações, por isso não percebemos nada de estranho antes. Veja que há uma correspondência entre os saques da aplicação de Fábio e as entradas na conta de Samuel, que, na verdade, é uma conta conjunta com Djavan.”

Leandro olha a papelada. “E as contas da Cayanne e Telma?”

“Cayanne está limpa”, diz Tenório, apagando o cigarro e depois enrolando-o num pedaço de papel, para enfiá-lo dentro do próprio bolso.

Azucena: “Dediquei maior atenção à Telma, achei que ela pudesse estar envolvida com Djavan de alguma forma, mas agora posso dizer que o problema dela está restrito à questão do seguro.”

“É como diz o ditado: neguinho atravessa a rua e vai pisar na casca de banana alheia”, diz Jair, rindo.

Na sequência, ela explica como Fábio, certa noite, depois de um treino, abriu por engano o armário contíguo no vestiário da Yellow Poison, e encontrou a câmara roubada de Cayanne. “Talvez não tenha sido um engano. Acho que Fábio estava suspeitando de algo. Só que a máquina estava sendo usada para produzir o material de pedofilia.”

“Essa informação vem de onde?”

“Do computador velho de Fábio. Ele tinha um diário ali, que nos deu as peças que faltavam para montar nosso quebra-cabeça.”

Ela não tem estômago para mais uma dose, e desvia os olhos quando Jair começa a mostrar fotos de crianças de diversas idades sendo abusadas por adultos que se escondem atrás de máscaras. Não vai esquecer jamais os olhares daquelas meninas e meninos.

Não é apenas terror o que expressam, mas, sobretudo, a desorientação. Algumas estão dopadas.

“Meu Deus!”, Leandro repete algumas vezes, e puxa para si o laptop. Por um bom tempo só o que se ouve na sala é o barulho das suas mãos no teclado. Antes mesmo de chegar ao fim, ele desiste e fecha o arquivo.

É preciso se refazer daquela experiência, ela sabe. Vai até o console e serve café a todos.

Leandro pergunta: “Como Fábio reagiu?”

“Acho que ele nem teve tempo para isso. Quando Djavan notou o sumiço da máquina, entendeu na hora o que tinha acontecido. E mandou um recado para Fábio. Coloque aí, Jair.”

As imagens que aparecem na tela do computador são semelhantes às que Djavan fez dela própria: feleção, sexo anal, sexo oral. A vítima, no entanto, é o ator.

Ela continua: “Pela data registrada na câmara, essas fotos foram tiradas na mesma época em que Fábio começou a frequentar a academia. Certamente com o mesmo recurso do Boa-Noite, Cinderela. Esse era o *modus operandi* de Djavan e seu sócio. Fábio ficou assustadíssimo quando se viu naquela situação. Djavan propôs a troca do material de pedofilia pelas fotos pornográficas que ele havia tirado do ator. E essa troca ocorreu no camarim, horas antes de Fábio morrer. Se tivéssemos conseguido recuperar o pendrive carbonizado que encontramos no camarim, teríamos visto estas fotos. Claro que Djavan entregou apenas uma cópia, e manteve o arquivo no computador dele.”

“A Promotoria vai fazer a festa”, diz Leandro.

“Há mais fotos desse tipo no computador de Djavan, ainda temos que identificar algumas pessoas que certamente foram ou seriam chantageadas.”

Eles ficam olhando as imagens de Fábio, em silêncio. Leandro remexe nos papéis à sua frente. Relê alguns e-mails. Diz: “O que não entendo é por que Djavan matou Fábio se conseguiu recuperar o material de pedofilia?”

“Tem mais gente no esquema”, ela diz. “Eu e Tenório conversamos muito sobre isso.”



“Calma, não temos provas nesse sentido”, fala Tenório. “Não podemos nos precipitar.”

Ela prossegue: “Algumas peças se juntam na minha cabeça. Esse vereador que trouxe Fáblio para cá. Djavan, no meu entender, montou sua agência de prostituição pensando em atender o círculo de seu amante vereador. Há um arquivo, no computador dele, de clientes que são chamados de Campeão. Quem são os campeões? Políticos. Gente que se sentiu ameaçada ao saber que Fáblio tinha em seu poder fotos comprometedoras. Foi Djavan quem ligou para a Concórdia dizendo que era alguém da produção do espetáculo *Fogo-Fátuo* e encomendou as balas.”

Tenório acrescenta que o funcionário da Concórdia reconheceu Djavan como sendo a pessoa para quem ele entregou a munição.

“Há algum registro da entrada da moto de Djavan na garagem do teatro?”

“Não é o que temos de melhor. Djavan está de capacete e não dá para ver a placa”, diz Jair.

“Mas temos isso aqui”, diz Azucena, colocando um anel sobre a mesa. Lembra do anel que desapareceu da mão de Fáblio? Não sabemos se é o mesmo. Descobrimos que ele simboliza vitória nos campeonatos internos da Yellow Poison. Estava junto ao material apreendido na Toyota. Sabemos agora por que Fáblio chegou ao necrotério sem ele. Alguém se preocupou em proteger a Yellow Poison da investigação.”

“E Olga não sabia disso?”

“Era um anel comum, com significado apenas para os lutadores. Não sei se Olga sabia. Cayanne, por exemplo, não sabia. Olga certamente poderia ter nos ajudado muito mais. Ela sabia muito mais do que disse. Acho que estava tentando preservar a imagem do filho.”

“Temos algumas lacunas”, completa Tenório. “ Os compradores de material de pedofilia são identificados por números. Não sabemos quem são estas pessoas. Temos muitos números e dezenas de campeões. Muita gente do interior. E algumas de Brasília.”

Os quatro ficam mais algum tempo conversando sobre a possibilidade de chegarem a algo maior, e da necessidade de um trabalho de inteligência para desenrolar todos os fios, todas as conexões.

Azucena diz: "A questão mais delicada é como você vai conseguir fechar o inquérito do Fábio e abastecer a imprensa sem comprometer nossa investigação futura."

"Não me peça para deixar o inquérito aberto."

"Pelo contrário, acho importante que você dê o caso como encerrado. Podemos continuar a investigação no bojo de uma operação maior", diz Azucena.

Tenório concorda: "Mesmo porque, venha o que vier, nada vai mudar o fato de que foi Djavan quem matou Fábio. Ao menos foi ele quem carregou a arma."

"Se houver um mentor intelectual, e acredito que haja, nós o acharemos a tempo de incluí-lo no processo", conclui a perita.

Leandro pede que selecionem as provas que serão anexadas ao processo, e encerra a reunião.

Ela já está de saída, junto com Jair e Tenório, quando ele a segura pelo braço. "Fique mais um pouco", diz, fechando a porta com ar grave, de quem tem algo importante a dizer.

Há algo que ela gostaria de escutar. Tem autocrítica suficiente para saber que merece a coordenação da nova operação antipedofilia que começou ali mesmo a ser engendrada.

Ele diz: "Espero que você me desculpe pelo que aconteceu. De alguma forma, eu me sinto responsável."

Não. Ela não quer ouvir aquele papo. Não àquela hora. Não depois de passar a noite em claro.

"Ligue, se tiver alguma dúvida", ela diz ao sair.

À noite, na cama, ela assiste ao telejornal.

"Reviravolta no caso de Fábio Cássio", diz a apresentadora.

A imagem da Toyota destruída enche a tela. Locução em off: "O diretor-geral da Central de Homicídios, Leandro Vargas, acredita que

Djavan Pereira Barroso, vítima do acidente automobilístico ocorrido ontem de manhã, seja o assassino do ator Fábio César. No acidente, morreu também Samuel Rosa, sócio de Djavan e cúmplice no homicídio – que foi intencionalmente disfarçado de suicídio. Segundo a polícia, a dupla era proprietária da academia onde o ator treinava e estava chantageando Fábio César. O ator decidiu denunciá-los para a polícia, e por este motivo foi morto. Com as novas descobertas, ficam livres das acusações o produtor Cláudio Veríssimo e a mulher de Fábio César, Cayanne. Já Telma Salles, tia do ator, detida na penitenciária de Barrados, continuará presa para responder à acusação de falsificação de identidade.”

Apresentadora ao vivo: “Você vai saber de mais detalhes do caso Fábio César no especial sobre o ator que começa às 23 horas. Não perca.”

Azucena faz um zapping. Com exceção de dois canais evangélicos, todos comentam a notícia. Ela quer ver como Leandro se saiu na entrevista, mas quem aparece mesmo é Cayanne. A moça diz que perdoa os assassinos, e promete um show de funk como “você nunca viram”. Num único canal, aparece a figura pálida do secretário de Segurança comentando a eficiência da Polícia Civil, mas quem se interessa pelo secretário de Segurança?

Uma coisa ela nota com satisfação: a palavra pedofilia não é citada sequer uma única vez.

“Alô, galera de Campinas que ama o Fábio César e quer ver a estrela dele brilhar forte no céu: vou cantar aí também. Dia 27, no Balacobaco. Te espero lá”, diz Cayanne, no momento em que ela desliga a televisão.

## EPÍLOGO

O homem do tempo errou mais uma vez. A previsão para o sábado era de tempo nublado com chuvas esparsas, mas o dia amanheceu ensolarado.

Ela entra na Marginal sem pressa. Em dez minutos estará no aeroporto internacional de Guarulhos. No banco de trás, as filhas brigam por causa de um vaso de flores comprado às pressas para ser entregue à Giulia logo mais. Ela não ouve nada. Está pensando ainda no que aconteceu há pouco, no que disse ao ex-marido quando pegou as crianças na casa dele: que preparasse os papéis do divórcio. Ela os assinará. "E os da partilha?", ele perguntou. Assinará também. "Você não vai colocar um advogado para cuidar disso?", ele insistiu, desconfiado. "Não", ela disse. "Mas e suas condições?" Não tem condições, "tem uma coisa que se chama lei", ela explica.

O que não sai de sua cabeça é a imagem do ex-marido plantado na calçada, tentando antever por qual flanco seria atacado. Que parte do frigorífico teria que perder? Qual era a estratégia? Sua expressão denotava mais desespero do que medo.

Ela não está preocupada com o que ele pensa. Não está sendo generosa, nem fazendo cena. E também não há nenhuma armadilha. O mais difícil, o mais complicado, ela já superou. Já se habituou a exercer aquele tipo de maternidade de fim de semana. Maternidade telefônica. Sem rotinas. Como se fosse avó. Ou pai. Nem é tão mau assim. Na verdade, tudo se resume a isso: hábitos.

No momento em que Giulia desponta descabelada e sorridente na porta do desembarque e suas filhas correm para abraçá-la, ela se dá conta de que algo realmente está mudando na sua vida: não é que está mesmo com vontade de abraçar aquela diaba?

FIM

*Copyright* © 2014 by Patrícia Melo

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, negócios, organizações, lugares, acontecimentos e incidentes são produtos da imaginação da autora ou foram usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, acontecimentos, ou localidades, é mera coincidência.

Direitos desta edição reservados à  
EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar

20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

[rocco@rocco.com.br](mailto:rocco@rocco.com.br)

[www.rocco.com.br](http://www.rocco.com.br)

“As frases de Drieu la Rochelle citadas pela autora foram extraídas do romance Fogo-Fátuo, traduzido por Geraldo Galvão Ferraz, e publicado pela Brasiliense, em 1984.”

Coordenação Digital  
LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital  
JOANA DE CONTI

Revisão de arquivo ePub  
ANA CHRYSOSTOMO

Edição Digital: novembro, 2014

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M486f

Melo, Patrícia, 1962-

Fogo-fátuo [recurso eletrônico] / Patrícia Melo. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2014.

recurso digital

ISBN 978-85-8122-491-6 (recurso eletrônico)

1. Romance brasileiro. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

14-16762 CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

## A AUTORA

Patrícia Melo é escritora e dramaturga. Suas obras estão traduzidas na Inglaterra, Alemanha, França, Espanha, Holanda, Grécia, China, entre outros países. *Ladrão de cadáveres*, seu romance anterior, ganhou o Deutscher Krimi Preis e foi escolhido pelo jornal Die Zeit como o melhor romance policial publicado na Alemanha no ano de 2013. Da autora, a Rocco também publicou *Acqua Tofana, O matador* (adaptado para o cinema como *O homem do ano*, 2003), *Elogio da mentira* (ganhador do Deutscher Krimi Preis em 2008) *Inferno* (ganhador do Jabuti), *Valsa negra*, *Mundo perdido*, *Ladrão de cadáveres* e *Escrevendo no escuro*.



# Table of Contents

[Folha de Rosto](#)

[Dedicatória](#)

[Sumário](#)

[Prólogo](#)

[Parte 1](#)

[1](#)  
[2](#)  
[3](#)  
[4](#)  
[5](#)  
[6](#)

[Parte 2](#)

[1](#)  
[2](#)  
[3](#)  
[4](#)  
[5](#)  
[6](#)  
[7](#)  
[8](#)

[Parte 3](#)

[1](#)  
[2](#)  
[3](#)  
[4](#)  
[5](#)  
[6](#)  
[7](#)  
[8](#)  
[9](#)

[Epílogo](#)

[Créditos](#)

[A Autora](#)